

STU WEBER

COMPANHEIROS DE LUTA

A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE
PARA O FORTALECIMENTO DO CARÁTER
DOS HOMENS DE DEUS



Shedd
publicações

A masculinidade não é uma tarefa pequena. Não é fácil ser um homem hoje. Não é fácil ser o esposo e o pai que Deus nos chama para ser nesta cultura de hoje, que rapidamente se desfia e esfarrapa.

E isso nos traz ao tema deste livro, pois nestes dias de confusão o caminho à masculinidade completa serpenteia a porta da amizade – de homem para homem.

Como, porém, um homem aprende a ser homem, esposo, pai, provedor e protetor – rei, guerreiro, mentor e amigo completos? Ao caminhar lado a lado com outros homens que são tudo isso. Você aprende a jogar bola, jogando bola.

A masculinidade é um esporte de equipe. Nós, como homens que vivem em uma cultura tragicamente desorientada, precisamos vivenciar o poder edificador de vida que Paulo chamou de "meu irmão, cooperador e companheiro de lutas" (Fp 2.25).

Já é tempo de atendermos ao chamado do Rei Supremo para compartilhar a comunhão com ele. Já é tempo de os homens de Deus se chegarem à mesa dele e, na companhia de homens, beberem até o fim a nova compreensão de seu Reino e entenderem exatamente o que é preciso para apreciar o papel do homem neste reino.

ISBN 85-88315-46-7

9 788588 315464

Shedd publicações

Literatura que Edifica

Homens | Crescimento espiritual

STU WEBER

COMPANHEIROS DE LUTA

A IMPORTÂNCIA DA AMIZADE
PARA O FORTALECIMENTO DO CARÁTER
DOS HOMENS DE DEUS

TRADUÇÃO
Hope Gordon Silva

Shedd
publicações

Originally published in English under the title:
All the King's Men by Stu Weber
Copyright © 1998 by Stu Weber
Published by Multnomah Publishers, Inc.
601 N. Larch Street. Sisters, Oregon 97759 USA

All non-English rights are contracted through:
Gospel Literature International
P.O. Box 4060, Ontario, CA 91761-1003 USA

1ª Edição - Agosto de 2006

Portuguese translation

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SHEDD PUBLICAÇÕES LTDA-ME
Rua São Nazário, 30, Stó Amaro
São Paulo-SP - 04741-150
Tel. (0xx11) 5521-1924

Vendas (0xx11) 5666-1911
Editorial (0xx) 5521-1924
Email: sheddpublicacoes@uol.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos,
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves
com indicação de fonte.

ISBN 85-88315-46-7

Printed in Brazil / Impresso no Brasil
Impressão e acabamento: *Imprensa da Fé*

TRADUÇÃO - Hope Gordon Silva
REVISÃO - Regina Aranha
DIAGRAMAÇÃO - Edmilson F. Bizerra
CAPA - Julio Carvalho

Dedicado a

Owen Raynor
1942-1987
Humano, fiel, forte
e
A meu amigo de muitos anos
John Holmlund
que, como seu xará,
está sendo transformado
de um filho do trovão
em um filho de Deus...
e
a todos aqueles outros homens bons que pensam
em se unir à fraternidade de
GUERREIROS TERNOS

Mazinho Rodrigues

Sumário



Agradecimentos 9

1. O que os idosos lembram
Juntos é Melhor 11

2. Um conto sobre três amigos
Vínculo forjado na necessidade 21

3. Cavaleiros enferrujados em uma terra hostil
Não é fácil ser um homem hoje 35

4. A respeito de fortes em árvores e verdadeiros amigos
Quebrar o gelo e começar 49

5. Rumo à terra alta
Quando a amizade prevalece sobre a lógica 63

6. Homens de verdade andam de braços dados
A teologia da amizade (Parte 1) 81

7. As maiores saudações da história
A teologia da amizade (Parte 2) 93

8. O começo da viagem
Quatro indicadores na estrada da amizade masculina (Parte 1) 107

9. Toda rodovia perigosa precisa de cerca de proteção
Quatro indicadores na estrada da amizade masculina (Parte 2) 126

10. O coração de um amigo genuíno
Porque alguns homens são amigos verdadeiros 143

11. Amigos verdadeiros falam
Ir além da conversa miúda 157

12. O maior matador de homens do faroeste
Não foi o caubói solitário 171

13. Amigo é quem age como amigo
Escolha seus amigos com cuidado 185

14. Pegadas grandes
Deixe uma trilha que os amigos possam seguir 201

Apêndice A: Davi e Jônatas revisitados
Homens de verdade permanecem lado a lado 215

Apêndice B: O que é preciso para alcançar os homens
Fortalecer a minoria silenciosa da igreja 241

Agradecimentos



Três famílias de amigos me animaram a escrever este livro –

Minha família de seis — meus melhores amigos de toda a vida, obrigado Linda, Kent, Ryan, Blake e Jami Lyn

Minha família da igreja — companheiros de alma no Bom Pastor, decididos a "aprender juntos a viver como Cristo"

Minha família da Multnomah — "parceiros" na causa do Reino — são muitos nomes para mencionar aqui, mas tenho os rostos de todos eles na memória. Vocês são a definição de "equipe"!

E meu agradecimento especial a três admiráveis amigos do quadro de obreiros da Igreja da Comunidade do Bom Pastor: Denny Deveny, pastor de ministérios de aconselhamento, colega presbítero e amigo pessoal, cuja orientação deu forma à essência dos capítulos 8 e 9 que tratam dos marcos na estrada da amizade; Barry Arnol, pastor de extensão global e ministério dirigido aos homens, cujo discernimento e capacidade claramente fortaleceram partes-chave deste livro; e Steve Tucker, administrador da igreja, que ficou ao meu lado para ajudar a cumprir os prazos. Obrigado, rapazes. Gosto demais de fazer parte do mesmo time de vocês e de chamá-los de meus amigos.

E um obrigado super especial a Larry Libby. Você realmente é o melhor editor/amigo que um autor pode ter. Falo sério! Meus agradecimentos por andar de braços dados comigo.

Stu Weber
Portland, Oregon, EUA

CAPÍTULO 1

O que os idosos lembram

Juntos é melhor



Havia um homem totalmente solitário; não tinha filho nem irmão.
Trabalhava sem parar!

ECLESIASTES 4.8

Que distância percorremos naquele dia? Nunca vou saber. Depois de tantos morros, depois de tantos quilômetros, depois de tantas mudanças de direção no meio do mato fechado e dos pinheiros magros, tornamo-nos máquinas de correr, levantando um pé depois do outro, depois do outro, depois do outro.

Até que tudo começou bem. O ritmo estava certo. Éramos jovens. Éramos fortes. Éramos soldados. Até entusiasmava de um modo meio engraçado. As tropas se moviam bem. Encontramos nosso ritmo. Mas o sol subia cada vez mais alto no céu metálico, as mochilas cortavam nossos ombros, conforme andávamos nossos rifles ficavam cada vez mais pesados, e a estradinha de terra se estendia à frente, sem-fim.

Nós corríamos todos os dias, mas isso era diferente. Já suávamos desde a hora em que saíramos dos beliches antes do amanhecer, mas agora a umidade escorria de cada poro do corpo. Bem, esse era o estágio de treinamento físico da escola de tropas de assalto do Exército, e nós já esperávamos o esforço. Até sentir exaustão. Mas isso não era nenhuma corrida para animar pais e mestres no treino de esporte.

Isso saíra de um pesadelo.

Corremos em uniforme completo de campo de batalha. Mochilas carregadas. Capacetes. Botas. Rifles. Tudo. Como sempre, a palavra de ordem fora: "Vocês saiam juntos, fiquem juntos, trabalhem como uma unidade, e *voltem juntos.* Se não voltarem juntos, nem se dêem ao trabalho de voltar!".

Para um rapaz da terra das macieiras, do estado de Washington, o calor do sul da Geórgia fazia-me sentir como se tivesse um poncho de lã encharcado em cima de minha farda. O sol batia escaldante em nosso capacete, queimava o metal de nossos quase obsoletos M-14s, lançava agulhadas quentes na pele exposta da nuca. Corríamos em um terreno ondulado, chutando nuvens de pó fino que fazia arder os olhos e enchia a garganta de pó.

Em algum ponto do caminho, em meio a uma neblina de dor, sede, e canseira, meu cérebro registrou algo estranho em nossa formação. Duas filas à minha frente, eu notei um soldado fora de sincronia. Era um ruivo grande, ossudo, chamado Sanderson. Suas pernas se moviam, mas não em sintonia com a dos outros. Depois sua cabeça começou a pender de um lado para o outro. O rapaz lutava. Estava quase perdendo. Alguém mais notou?

Sim, alguém tinha notado.

O soldado à direita de Sanderson, sem perder o compasso, estendeu o braço e pegou o rifle do homem em apuro. Agora um dos Rangers levava duas armas. A dele e a de Sanderson. O ruivo grandão melhorou por um tempo. O pelotão continuou em frente, ele continuou com o queixo mole, os olhos parados, as pernas se movendo como pistões. Contudo, depois a cabeça começou a balançar de novo.

Dessa vez, o soldado à esquerda estendeu o braço, removeu o capacete de Sanderson, o pôs debaixo do seu braço, e continuou a correr. Vale qualquer sistema para continuar em frente. Nossas botas batiam na estradinha de terra em perfeita sintonia. Tron-tron-tron-tron-tron-tron.

Sanderson sentia dor. Dor de verdade. Ele estava se entregando, caindo. Mas não. Dois soldados atrás dele levantaram a mochila que ele tinha nas costas, cada um pegou uma correia da mochila com a mão livre. Sanderson reuniu as forças que ainda tinha. Aprumou os ombros. E o pelotão continuou a correr. Todo o caminho, até a linha de chegada.

Saímos juntos. Retornamos juntos. E todos nós ficamos mais fortes por isso.

Juntos é melhor.

O fato é que não existia "soldado solitário" na escola de treinamento dos Rangers. Se caíssemos, cairíamos juntos. Se sobrevivêssemos... era porque estávamos de braços dados.

A vida fica pesada às vezes, não fica? A estrada se estende lá adiante, mais e mais, e nem sempre nos deparamos com surpresas boas nas curvas da estrada. Não é fácil ser um homem hoje. Não é fácil ser o esposo e o pai que Deus nos chama para ser nesta cultura de hoje, que rapidamente se desfia e esfarrapa. Nós tentamos, encontramos nosso ritmo por um tempo, mas, às vezes, o peso

das responsabilidades machuca nossos ombros, e a corrida é muito cansativa. Às vezes, parece que tudo está acima do que podemos suportar. Sentimos os joelhos fraquejarem e tememos cair... muito, muito longe da linha de chegada.

A liderança é uma grande responsabilidade. A liderança é um desafio pesado. A masculinidade não é uma tarefa pequena. E isso nos traz ao tema deste livro. Estou convencido de que nestes dias de confusão o caminho à masculinidade completa serpenteia a porta da amizade — de homem para homem.

Quando Deus disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18), ele não estava brincando. E eu penso que ele tinha em mente muito mais que apenas o casamento, por melhor que seja o casamento. Foi a declaração abrangente de um princípio. Nós homens crescemos muito bem na companhia de homens. A solidão é o inferno, e os homens não foram feitos para isso.

Sim, nós estamos e devemos estar dispostos a morrer por nossa esposa e por nossos filhos. Eles são nosso osso e nossa carne. Mas nós ansiamos em ter alguém *com* quem morrer. Um amigo, um colega soldado, um irmão. Um homem pode e precisa arcar com os encargos do casamento e com a responsabilidade familiar. Mas ele é muito mais eficaz nessas tarefas quando caminha ao lado de, pelo menos, um amigo homem, com ombros igualmente largos acostumados a carregar cargas semelhantes.

Há riqueza a ser saboreada nas amizades masculinas... como uma refeição substancial cozida sobre a fogueira de acampamento em uma frigideira de ferro, e saboreada por dois homens famintos na hora em que as estrelas começam a surgir no céu. A amizade entre homens é algo especial. Difícil de descrever, mas importante de se vivenciar. Difícil de definir, mas que é parte integrante do homem tanto quanto os dedos da mão. A presença da amizade — ou a ausência dela — marcará os nossos dias até deixarmos este planeta.

Afinal, do que os idosos lembram? Quando os idosos sentam na varanda e refletem sobre a vida, que passou depressa, que pontos de referência surgem em sua memória como um marco da passagem dos anos? Que eventos surgem do azul nevoento dos tempos passados? Muitas vezes são lembranças forjadas na época em que os homens se postaram ombro a ombro e enfrentaram trabalho pesado, privação, poucas possibilidades, e perigo... juntos.

Pouco tempo atrás, eu fiz o enterro de um comerciante bem conhecido em nossa região. Ele fundou uma empresa de construção muitíssimo bem-sucedida — um dos gigantes da região. Os hospitais e *shoppings* que ele construiu pontilham a paisagem. Mas, ao contrário de alguns que chegam à estatura desse homem, o negócio não era "tudo" para ele. A família e o país ocupavam vastas áreas de seu coração. Depois de passar alguns dias com sua família e amigos antes de fazer o

culto, eu me vi desejando tê-lo conhecido. Ele impactou as pessoas. Ele deixou pegadas grandes.

Ele foi atuante e era bem conhecido por gostar de competição e por ser um vendedor hábil. Ele tinha memória fotográfica, sua mente para engenharia era brilhante. Mas ele nunca perdeu seu coração de operário... o amor pelo trabalho físico, por suar a camisa, pelo exercício ao ar livre em qualquer clima. Ele fez fortuna à moda antiga.

Como ele amava as cores pátrias: o vermelho, o branco e o azul de sua terra! Ele serviu na Segunda Guerra Mundial, lutou contra pilotos camicases no Pacífico e, poucos anos depois da Segunda Guerra Mundial, retornou às forças armadas para lutar na Coréia.

O mais notável é que o homem tinha um coração sensível. Foi excessivamente generoso. Contudo, seus amigos me disseram que nunca confundíssemos essa bondade com fraqueza. Ele simplesmente não tolerava palavras negativas sobre sua família ou sua bandeira.

O auditório da casa funerária estava completamente cheio. Os seis convidados especiais que conduziriam o féretro sentaram-se na primeira fila. Eram homens honrados, bem-sucedidos por mérito próprio. Dois deles, em particular, chamaram minha atenção. Um tinha olhos que se estendiam e prendiam a pessoa — poços fundos que faiscavam sob pesadas sobrancelhas. O outro era um homem grande, de 1,92 metros e uns 113 quilos, que aparentava uma força incomum para sua idade. Mas mesmo com esse tamanho e essa força, não tinha uma fisionomia dura. Ele parecia pensar em alguma coisa.

Conforme o espírito do homem que se homenageava, o culto teve tanto elementos mais leves quanto de reflexão profunda. Lembrou-se de seu espírito e também havia um profundo sentimento de perda. Não é sempre que nascem homens como este. Na frente do auditório, no centro, havia uma placa de metal dourado com a fotografia dele e, logo abaixo, a bandeira dos Estados Unidos dobrada em forma de triângulo.

No final da cerimônia, os condutores honorários do féretro ficaram de pé, tiraram a flor da lapela e passaram em fila diante do corpo do amigo. Um a um eles chegaram, viraram-se, e saíram pelo corredor lateral antes das pessoas ali reunidas. O terceiro homem era o que tinha os olhos poderosos. Ele parou diante do retrato e da bandeira. Apenas um segundo. Humildemente, com desejo óbvio de não chamar atenção, aqueles olhos se aprofundaram na imagem do amigo. Pareceu que o tempo tinha parado. Devagar, sem ostentação nenhuma, ele ergueu a mão direita até a fronte em uma continência precisa, militar. Meu coração saltou no peito. Quase saí da minha cadeira! Que gesto para fazer para o amigo! Um velho guerreiro saúda o camarada tombado.

Provavelmente, há anos nenhum dos dois fazia continência. Mas tudo o que viveram juntos voltara... à tona. Ninguém que estava no pequeno auditório aquele dia se esquecerá disso.

O quinto carregador honorário era o homem grande. Ele chegou, hesitou, virou-se, deu três passos... e ali na frente de centenas de pessoas, esse homem enorme não pôde mais se segurar. Um soluço explodiu de seu peito. Não foi um choro. Apenas um único soluço estrangulado. Mas falou alto e claro: *"Este era meu amigo. Nunca mais serei o mesmo".*

O que passava pela mente e pelo coração daqueles homens ao ficarem de pé diante da lembrança do amigo? Depois, eu consegui atravessar o lugar a fim de chegar até o homem de olhos de aço que fizera a continência precisa. Quem era esse homem intrigante? Eu me apresentei e perguntei sobre seu relacionamento com o homenageado. Eles eram amigos, certo... e mais. Eles eram sócios. Soldados, colegas. Tinham estado ombro a ombro por metade de suas vidas.

Suas palavras foram simples e poucas — mas de muito peso.

"Nós estávamos juntos no comércio há mais de trinta anos", ele me disse. "Nos bons e maus momentos!" Por um momento, seus olhos pareceram perder o foco. Ele olhava para trás, para uma longa estrada sinuosa. Ele via de novo as subidas e descidas... os bons tempos e os maus momentos... os dias de escassez e os de abastança. Ninguém tinha dado nada para esses homens. Eles fizeram tudo juntos. Os olhos focaram de novo, e ele disse em voz baixa: "Ele cuidava da área externa. Eu, do escritório".

Uma frase sucinta. Trinta anos destilados em oito palavras. *Como foi? Nós nos tornamos sócios, nós maximizamos o lado forte um do outro, e nós cobrimos o lado fraco um do outro. Ele fez a parte dele, eu fiz a minha, e nós puxamos aquela velha carroça juntos.*

Fiquei no pátio, depois da cerimônia, à beira da roda de amigos. Dois acenderam cigarros. Eu escutava.

Sobre o que conversam homens mais velhos, desconfortáveis em velhas jaquetas esportivas e gravatas, do lado de fora de uma casa funerária? O que eles lembram quando um do grupo vai embora?

O que homens idosos lembram sentados no banco do parque no sol da manhã ou no alpendre da frente ao crepúsculo? Que lembranças dançam nas brasas quando os idosos se inclinam e arrumam o fogo? O que lhes vêm à lembrança?

Eles se lembram de trabalhar lado a lado. Dias tempestuosos em serviços difíceis. Tempos de crise em que um amigo inspira o outro. O trabalho conjunto nos campos na época de colheita, correndo contra o tempo que muda, trazendo um outono precoce. Suportar a chuva fria e o mato molhado nas encostas

íngremes de uma montanha coberta de névoa. Fazer andar o caminhão teimoso no caminho longo e cansativo através de sete estados. Lutar para entregar antes das quatro da manhã a matéria sobre um assassinato, depois sair para comer presunto e ovos em uma lanchonete que fica aberta a noite toda. Combater até à exaustão física em uma linha de fogo mortal em um *canyon* estreito e ressequido. Agüentar a volta ao porto em uma embarcação frágil de pesca em meio ao temível vento forte que começou de repente. Destrinchar o difícil quebra-cabeça de engenharia que é o projeto e a construção de um edifício muito alto. Montar, no último minuto, uma apresentação inesperada de venda para um cliente difícil — e, contra todas as probabilidades, fechar o negócio. Vasculhar os montes e os vales com lanternas e holofotes em uma noite muito fria à cata de cordeirinhos paridos em um mundo duro, que não perdoa.

Eles se lembram da guerra e de lutarem juntos. Lembranças de dois homens agachados em uma trincheira, em que só cabem os dois, na selva de uma ilha destruída por granadas. Ou o "pum, pum, pum, pum" de tiros disparados do convés contra os camicases suicidas. Ou o salto na água, até a altura da cintura, da praia Omaha, sabendo que há pouca esperança de viver mais uma hora. Ou de se agarrar à tênue linha da sanidade em meio ao caos e ao terror da casa de máquina, abaixo do tombadilho, de um porta-aviões sob ataque inimigo.

Pergunte a um homem idoso o que ele lembra do passado. O que ele lhe contará? Pegue-o no momento certo — em um momento de lucidez — *e ele lhe contará de alguém que entrou em sua vida em um momento de dificuldade e dor profunda.* Ele lhe contará de quando o caminhão de mudança que parou em sua porta, e apenas um homem com problema de coluna e um sorriso grande e familiar apareceu para ajudar. Depois, ele lhe falará sobre esse homem. Falará sobre o dia em que o pai teve um ataque cardíaco, e um amigo do trabalho passou o braço em volta de seu ombro e disse: "Saia daqui. Entre no carro e vá para casa. Eu escrevo seus relatórios". Ele falará de quando estava sem trabalho e sentia vergonha de pedir ajuda, e um amigo lhe disse, "Aqui tem um pouco de dinheiro para você superar essa fase. Você me paga quando estiver empregado". Em seus momentos mais francos, ele falaria da vez em que fracassou tão miseravelmente que sentiu como se ninguém pudesse gostar dele de novo — muito menos amá-lo —, mas um amigo nutria os dois sentimentos por ele.

O que faz os idosos sorrirem enquanto olham as fotografias amareladas do passado?

São as coisas loucas que fizeram juntos. Quando dois homens tentaram tirar um alce grande de um vale profundo. Quando o pai e o filho andaram em suas motos Harley em meio a uma tempestade com raios e trovões, e os dois riam alto sob a chuva. Quando dois amigos pegaram um trem de carga e, às duas da

madrugada, foram deixados em meio do nada. Quando dois parceiros de futebol fizeram o pior jogo de sua vida — no mesmo dia — e ainda riram disso na velha sede do clube.

Afortunados são os homens que chegam à velhice com uma mala velha cheia de lembranças. Tenhamos pena das almas que arrastam os pés em direção ao crepúsculo da vida sem lembranças de risos compartilhados, de cargas divididas, de riscos mútuos e de sonhos conjuntos.

É a amizade que toca a música, que serve o café e que abre as janelas do ônibus nessa viagem ao longo da vida. Claro, você poderia viver sem isso, mas... por quê?

Escute...

Surgiu tão grande amizade entre Jônatas e Davi que Jônatas tornou-se o seu melhor amigo (1Sm 18.1).

Nós dizemos: "Uau!". Eu queria ter um amigo como esse. Esses dois homens tiveram o tipo de amizade duradoura que nós todos queremos ter. Ah, nós brincamos —, às vezes, de maneira desajeitada — sobre "amizades de homens", mas lá no fundo isso não é motivo de brincadeira. Todos ansiamos em ter um camarada, um amigo homem, que vá até o fim conosco. Todo soldado precisa de seu colega Ranger. Todo piloto de caça precisa de seu homem da asa. E todo homem precisa de um amigo homem.

Deus nos dá pelo menos três agentes de crescimento para habilitar-nos a passar a média de setenta anos que vivemos neste velho mundo: sua Palavra, seu Espírito e seu Corpo. E quando estamos mais confusos, quando a vida nos pressiona ao máximo, muitas vezes o Corpo dele — "Deus com pele" — o contato com um amigo — é mais eficaz em nos levantar, tirar o pó, e nos pôr de volta na rota. Os homens precisam de homens para pôr a masculinidade de volta ao magnífico curso original que Deus projetou.

Os homens aprendem a ser homens na companhia de homens, prestando atenção, desfrutando de espírito fraternal... de braços dados. Alguém já disse: "Passar a tocha da hombridade é uma tarefa delicada". Creio que essa tarefa se realiza melhor nas angústias misteriosas e, às vezes, desajeitadas, mas sempre modeladoras de alma, das grandes amizades.

Este é um livro sobre esse tipo de amizade. Não é mais uma mensagem do tipo acusatório: "Você-precisa-de-um-amigo". A maioria de nós conhece muito bem esse tipo de coisa. É mais que isso. Este é um livro sobre uma dinâmica incomum e poderosa que acontece quando dois ou três homens andam de braços dados e os espíritos em uma amizade duradoura.

A amizade masculina não é só mais um item a ser acrescentado a uma lista de responsabilidades já impossível de cumprir. É o *meio* de cumprir a lista. A amizade masculina não é apenas uma conveniência como uma malha de lã

que o deixa "confortável" em um dia que provavelmente você poderia passar sem usar malha. É mais do que isso. Ela promete uma liberação incomum do poder de Deus.

INSTÂNTANEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Eu era um seminarista, de 25 anos, tentando ordenar o sentido de ministério em um mundo sem heróis. Ele era um supervisor de construção, de 65 anos, e ex-chefe de polícia, ex-chefe de segurança, ex-comandante de base de operações e ex-veterano condecorado de duas guerras. Foi engenheiro do exército e construiu portos e pistas de pouso da Normandia até Berlim, estradas e pontes por toda a Coréia e sobreviveu a inúmeras cirurgias que enfraqueceram seu corpo, antes vigoroso. Para mim, ele era um herói real.

Cada vez que nos encontrávamos, a cada xícara de café javanês, eu fazia perguntas. E depois só escutava ele falar. Fazia perguntas sobre os homens. Sobre os valores. Sobre o discernimento. À medida que o inverno dava lugar à primavera, ele compartilhou suas histórias, e eu me esforcei muito para merecer o seu respeito. Por causa do alcoolismo da esposa, ele e ela foram rejeitados pela igreja da pequena cidade em que viviam. E embora ele fosse filho e neto de pastores batistas, há muitos anos ele não ia à igreja.

Certa manhã quando terminamos de tomar nosso café, ele ficou quieto, acendeu o cachimbo, e apenas olhou para mim por um momento. Ele disse: "Eu já avisei minha família que eu posso não sobreviver a essa próxima cirurgia. E que se eu não sobreviver, quero que você faça o meu enterro. Você é um moço respeitável, e eu me orgulho de conhecê-lo".

Meu amigo sobreviveu. E acho que, por causa da nossa amizade, houve alguma reconciliação em sua família. Eu creio que há muito valor em escutar a história de um homem mais velho sem fazer um julgamento rápido da vida dele.

Imagine um grande automóvel atolado na areia. Nada acontece quando um homem apenas empurra a traseira do carro com a força de suas costas e de suas pernas. Talvez dois homens o mexam um pouquinho para a frente. Mas três homens empurrando juntos sentem o peso ceder, e os pneus saem do atoleiro. Três homens desatolam o carro, e o põem de volta na estrada. Alguns

de nós temos feito força contra problemas irremovíveis e frustrações guardadas há muito tempo. Todo dia empurramos, fazemos força, cerramos os dentes e firmamos os calcanhares, mas nada não se mexe. Nada parece mudar. Será que nosso bom Deus *permite* esse tipo de situação em nossa vida exatamente para que aprendamos uma verdade básica: algumas cargas requerem mais que a força de apenas um homem. Só conseguimos lidar com alguns problemas quando dois ou três amigos juntam seus ombros aos nossos.

Juntos. Todas as vezes, temos que fazer do jeito que Deus ensina.

Como um homem aprende a ser homem, esposo, pai, provedor e protetor —rei, guerreiro, mentor e amigo completos? Ao caminhar lado a lado com outros homens que são tudo isso. Você aprende a jogar bola, jogando bola. A masculinidade é um esporte de equipe. Você e eu, como homens que vivem em uma cultura tragicamente desorientada, precisamos vivenciar o poder edificador de vida que Paulo chamou de "meu irmão, cooperador e companheiro de lutas" (Fp 2.25). Já é tempo de atendermos ao chamado do Rei Supremo para compartilhar a comunhão com ele. Já é tempo de os homens de Deus se chegarem à mesa dele e, na companhia de homens, beberem até o fim a nova compreensão de seu Reino e entenderem exatamente o que é preciso para apreciar o papel do homem neste reino.

Prepare-se para, por fim, observar suas maiores preocupações e mais intratáveis problemas desatolarem da areia. A partir do momento em que anda de braço dado com um ou dois irmãos, você nunca mais verá os obstáculos da mesma forma que antes.

Continue comigo, companheiro de armas. Você verá o que tenho em mente.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Tanto o Antigo como o Novo Testamentos deixam claro que nós, como homens, não somos responsáveis apenas por nós mesmos. Deus também pôs nossa esposa e nossos filhos sob a nossa responsabilidade. Você leva essa responsabilidade a sério? Você os lidera? Você os lidera com confiança e compaixão — ou mais com clamor e gritaria? Sua família *quer* realmente segui-lo?

2. Diz-se que você precisa *ser* amigo para ter um amigo. Quem, neste momento, precisa de você como amigo? (Nós raramente somos eficazes em algo sem investir nenhum esforço nisso. Não fique surpreso se você descobrir que precisa *pensar* um tempo sobre essa questão de achar um amigo de verdade e também de se tornar um.)

De braços dados

1. O que os homens idosos lembram?
2. Você constrói lembranças com amigos que já andou de braços dados aos seus: Você tem camaradas assim? O que você mais aprecia neles?
3. Quando pensamos na imagem *global* do homem brasileiro viril, em geral, nós pensamos no tipo forte, caladão, auto-suficiente que não precisa de amigos nem de relacionamentos — o tipo de homem forte como o verdadeiro "caubói solitário" dos filmes. Mas, na verdade, a maioria é mais como o homem forte solitário. Você se sente sozinho, com vontade de ter um amigo com quem pode sempre contar, que o atende quando você chama? Quando é que você mais sente isso?
4. Neste capítulo aprendemos que "a amizade masculina não é só mais um item a ser acrescentado a uma lista de responsabilidades já impossível de cumprir. É o *meio* de cumprir a lista". O que essa declaração significa para você?
5. "Algumas cargas requerem mais que a força de apenas um homem". Deixando de lado por um momento, as crises de vida óbvias, a que "cargas" essa frase se refere? Você sabe de alguém que esteja passando por uma dessas situações "pesadas" no momento, para quem você ou seu grupo possa ser um amigo?
6. Recentemente, alguém demonstrou verdadeira amizade por você? Às vezes, nós homens sentimos apreço por alguém, mas temos dificuldade em expressá-lo. Você ainda não demonstrou para esse amigo o quanto ele significa para você? Como você pode demonstrar isso? Quando você demonstrará esse apreço?

CAPÍTULO 2

Um conto sobre três amigos

Vínculo forjado na necessidade



O amigo ama em todos os momentos; é um irmão na adversidade.

Provérbios 17.17

Nesse momento, penso em dois de meus amigos mais próximos. Os dois se conheceram no curso secundário; eu cheguei alguns anos mais tarde. Eles logo se tornaram amigos. Eles se amam. Confiam um no outro. Com eles era todos por um e um por todos. Mais que qualquer outra coisa, eu queria usufruir dessa fraternidade. E eles me receberam.

Neste momento, estou pensando sobre a última vez em que nós três estivemos juntos.

Depois de anos de amizade, criando famílias, passando férias e feriados especiais, caçando, fazendo refeições, e de nos telefonarmos, estávamos juntos de novo. Os três amigos.

Nosso reencontro aconteceu no alto de um morro, na parte leste do Oregon, na manhã do primeiro dia da estação de caça a veados. Como já fizéramos muitas vezes antes, nós três e nossos filhos caçávamos juntos. Como *nunca* fizéramos antes, aquele grupinho de pais e filhos ficou de pé, formando um círculo silencioso em meio aos pinheiros e juníperos, com os chapéus nas mãos, e o coração apertado. Enquanto o sol atingia o cume dos morros, olhávamos John tentando desesperadamente trazer o corpo de Owen de volta à vida.

Mas o procedimento de ressuscitação não adiantou. Owen já tinha partido, abatido por um enfarte fulminante. Nosso amigo morreu na nossa frente, com apenas quarenta e poucos anos. A fraternidade era testada — embora de um jeito que ninguém queria —, mas a "união" assumia uma nova dimensão. E

agora o céu tem uma antecipação até mais rica para nós dois que ficamos para trás.

Como começou essa união tão inestimável, vitalícia? De modo bem simples. Não foi sempre tão profunda. Mas a união aumentou. De um encontro momentâneo passou a uma amizade madura, fora de toda proporção com seu início modesto. Contudo, em outro sentido, começou do mesmo modo que terminou (por enquanto, do lado de cá do céu), em um momento de necessidade, de dor, e de confusão.

Uma amizade nascida na necessidade

As amizades nascem, enriquecem e se aprofundam em momentos de necessidade e de vulnerabilidade. Quando estamos exauridos. Quando o fogo da coragem está queimando baixo. Quando se despedaçam os sonhos que alguém acalentava há muito tempo. As amizades que brotam nesse tipo de solo são do tipo duradouro. Como o carvalho enraizado bem fundo que suporta mil tempestades e, a cada dia, fica mais forte.

John e Owen se conheciam há vinte cinco anos, desde o segundo grau, a época em que aparecem os prenúncios de barba. John economizou, trabalhou, e juntou dinheiro para comprar aquele ícone de masculinidade, seu primeiro carro. Era um Ford V-8, ano 1952, com a frente achatada. Imaginem, ele ficara de olho no carro durante semanas, ganhando coragem para pechinchar com o vendedor. Por fim, entrou devagar na loja, tentando parecer despreocupado, com o dinheiro, ganho a tanto custo, esquentando no bolso de trás das calças. Bastava o revendedor olhar uma vez para o John para ter certeza de que podia manter o preço que constava da placa de venda do carro. O desejo transparecia nos olhos do garoto. As mãos dele tremiam. Esse rapazinho não ia embora a pé.

E não foi. Saiu dirigindo aquela beleza clássica com o bolso vazio, e o coração explodindo de orgulho. O que ele não sabia era que fora trapaceado por um vendedor desonesto. Menos de vinte e quatro horas após a compra, o carro quebrou.

Depois dessa ocorrência, John era o retrato da desolação, sentado na calçada, com a cabeça nas mãos. A capota do amado Ford aberta, e o espírito do rapaz lá em baixo. As perspectivas de John pareciam desanimadoras. Não tinha dinheiro, nenhuma habilidade mecânica e nem conhecia ninguém com vontade de ajudá-lo — e muito menos com a perícia necessária. Ele estava humilhado, abatido e zangado, como só um adolescente fica.

Então apareceu Owen, três anos mais velho e bastante mais sábio sobre como lidar com essas carruagens. Na verdade, eles se conheceram nesse momento, junto ao Ford avariado.

"Isso não é um problema, John", disse Owen com um piscar de seus olhos azuis. "Nós *consertamos* isso."

Owen acabara de reconstruir seu próprio Ford e sabia o que fazer. Ele até tinha um eixo de manivela e pistões extras na garagem de sua casa. Rebocaram o Ford até a entrada de carro da casa de John, e naquele mesmo dia consertaram o motor. Juntos. Assim começou uma amizade que duraria durante toda a vida — e além dela. Essa foi uma amizade que tocou outras vidas (como a minha) e, no fim, afetou a vida das esposas, dos filhos, das igrejas que freqüentavam, da comunidade e das gerações por vir.

E como se iniciou?

Em um momento em que caíram as defesas.

Em uma momento de necessidade.

Em um momento em que um jovem olhou pela janela de sua casa, tomou uma decisão rápida, assinalou a virada com a seta de luz, freou o carro, e de bom grado entrou no mundo e no coração contundido de um outro jovem.

John e Owen. Noites e fins de semana. Juntos durante semanas inteiras. Arrastando-se embaixo daquele carro, ralando as mãos, gemendo e rindo, ligando o rádio, bebendo Coca-cola, acertando as varas e os pistões do carro. Por fim, o carro ficou pronto. Deram a partida, *e o motor tinha congelado.*

Sim, mas a amizade esquentara. Os dois meninos olharam um para o outro, deram de ombros, e, com nova determinação, puseram mãos à obra de novo. Desmancharam e rejuntaram. Coletor de óleo, óleo, plugues. Transmissão, engrenagens e parafusos. Então, depois de costurar os últimos pontos e encerrar a cirurgia, seguraram o fôlego, deram a partida, e — *eureca!*

Aquela amizade, nascida em uma hora de aperto extremo, fluiu durante toda uma vida de paixões compartilhadas. John apresentou as motocicletas para Owen. Owen apresentou os aviões para John. Os dois se apresentaram a mim. Foi demais!

John resumiu tudo isso em uma breve frase no culto do funeral de Owen.

Ele disse: "Ele foi um servo e foi meu amigo".

É assim que amizades significativas começam, não é? Servindo um ao outro. Um tirando o outro do aperto. Interessando-se pelo outro. Estendendo a mão. Entrando nas trincheiras sujas em que, às vezes, a vida "arrebenta uma vara". O que teria acontecido se Owen tivesse seguido em frente, passando direto pelo adolescente triste sentado na calçada ao lado de seu carro quebrado em seu grande momento de desaponto e tristeza? *Nada* teria acontecido. Nenhum compartilhar de dor. Nenhum consolo. Nenhum riso. Nenhuma alegria. Nada de silêncios camaradas. Nada de experiências compartilhadas ao longo dos meses e dos anos. Nenhuma antecipação mais elevada de nossa reunião além dos limites da própria vida.

Mas Owen não deixou o momento escapar. E aquele momento tocou a eternidade.

Suponho que a alusão seja bastante simples. Estenda a mão em sua hora de necessidade! E estenda a mão a outros homens no momento de necessidade deles. Deixe que o calor e a pressão de suas dificuldades o levem diretamente à amizade.

Falar em "calor" fez-me lembrar alguém que, há pouco tempo, tentou me entusiasmar em relação ao processo chamado de "solda a frio". Existe uma substância pastosa que se passamos em dois pedaços de metal, e os deixamos grudados de um dia para o outro, o resultado é uma "solda" mais ou menos equivalente à solda a calor. Meu informante disse que podemos bater essa junção com martelo que ela não se solta.

Bem, talvez seja verdade. Acho que seria prático para colar uma pá ou para montar uma tesoura de poda para uso temporário, mas será que você confiaria sua vida a um avião consertado com solda a frio?

Esse rapaz "que vos fala" não confiaria não. Quero uma solda em que os dois pedaços de metal se fundem pelo calor azul-branco incrível de um arco elétrico ou pela chama cautéria de um maçarico de gás. É preciso calor para fundir o metal. E as melhores amizades são fundidas pelo calor e pela urgência da adversidade.

Você diz: "Homem, eu queria ter uma amizade como aquela". Mas lá dentro do seu coração você pensa que talvez não tenha o que isso exige. Sim, você tem. Você tem o que é preciso. Você tem *necessidade.* Um machucado. Uma luta. Uma dor. Um lugar vazio. Um peso cortando seus ombros. E talvez — só talvez — você tenha a coragem de aceitar o risco e ser vulnerável diante de outra pessoa. A determinação corajosa de transformar sua necessidade no início de uma amizade.

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Eu já sofria de depressão. Depois esse problema intestinal, para o qual já tenho predisposição, me pegou e eu fiquei parado em casa, olhando para as paredes. Sentia-me totalmente sozinho. Chorava horas inteiras. Parado, não sentia mais nada.

Eu me levantava lá pelas duas da tarde, comia um pouco, ficava em pé até por volta das 19:00 horas, depois deitava de novo e dormia até o meio-dia, ou mais, do outro dia. Minha esposa foi uma grande ajuda, grande mesmo, estava sempre ao meu lado.

Um dia, sem mais nem menos, meus dois amigos ligaram e perguntaram se podiam vir me visitar. No momento, fiquei apavorado, não podia conversar, não queria ver ninguém a não ser minha esposa. Qualquer coisinha me fazia começar a chorar. Velhas recordações de me dizerem que eu era um "fracasso, péssimo, não tinha jeito, era uma vergonha, abandonado, sem valor, você acabará na sarjeta, como seu pai" rodavam em minha cabeça e me deixavam ainda mais deprimido.

Meus amigos vieram. Sentaram e logo disseram: "Nós nos importamos. Nós não entendemos por que isso está acontecendo, não faz sentido para nós, mas nós nos importamos". Depois um deles disse: "Eu passei por algo semelhante. A dor fica intensa, não fica? Não importa o que aconteça, eu dou valor a nossa amizade, e eu o ajudarei como puder. Pode chorar! Não faz mal. Se eu pudesse pegar um pouco da dor, eu pegaria. Nós vamos carregar um pouco dela para você, está bem?"

Fique firme, rapaz. Há um moço lá adiante. Ele está procurando por você. Mas você tem que levar o coração na mão... e estender a mão.

Assim como Jônatas a estendeu para Davi. O jovem príncipe de Israel admirou o filho de Jessé em seu momento brilhante de conquista e glória. Mas seus corações foram fundidos nos longos dias de perigo, de risco e de dor compartilhada, quando Davi disse: "Estou a um passo da morte" (1Sm 20.3).

Pense sobre as palavras que Davi disse a Jônatas depois da morte de seu amigo nas colinas sangrentas do monte Gilboa. São palavras que brotaram do fundo de uma alma que tentava ultrapassar o próprio muro da morte para se conectar com o irmão de alma.

> Como caíram os guerreiros no meio da batalha! Jônatas está morto sobre os montes de Israel. Como estou triste por você, Jônatas, meu irmão! Como eu lhe queria bem! Sua amizade era, para mim, mais preciosa que o amor das mulheres! (2 Sm 1.25,26).

Aí está... Davi o disse. Ele disse isso por todos nós. Sim, o amor de um homem por sua dama é incrivelmente rico. Não há nada na terra igual. Ainda

assim... há uma qualidade na amizade masculina que é reservada para a fraternidade. De homem para homem. De irmão para irmão. Ombro a ombro. Há algo aí que não se pode descrever. Um tipo de elo, um tipo de entrelaçamento de almas, um elemento magnífico que é "sentido", lido mais nos espaços em branco que nas próprias palavras. Só aqueles que já se sentaram à távola redonda, à mesa nobre, entre iguais, compromissados com a causa a qualquer custo, sabem o que é isso.

C.S. Lewis fez isso.

> Em uma amizade perfeita — quando o grupo todo está junto, cada um fazendo aparecer tudo que há de melhor, mais sábio ou mais engraçado nos outros. Esses são os momentos preciosos; quando quatro ou cinco de nós depois de um dia duro de caminhada chegamos a nossa casa; quando nossos pés estão estendidos para sentir o fogo, e nossos copos estão perto do cotovelo; quando o mundo inteiro, e algo além do mundo, abre-se a nossas mentes à medida que conversamos; e ninguém exige, ninguém reivindica nada da outra pessoa, todos são homens livres e iguais como se nos conhecêssemos há apenas uma hora, enquanto, ao mesmo tempo, somos envolvidos pela afeição amadurecida pelos anos de convivência. A vida — a vida natural — não tem nenhuma dádiva melhor para nos dar. Quem pode tê-la merecido?[1]

Isso o faz sentir fome desse tipo de amizade? Você foi *feito* para esse tipo de amizade. Mas o fato é que muito raramente vivenciamos esse tipo de amizade neste mundo fragmentado e falido. A amizade é a melhor dádiva da vida natural. A amizade calorosa, compromissada, firmada em rocha firme, amizade do tipo "eu-vou-até-o-fim-com-você".

Você lembra a minissérie de televisão Os Pistoleiros do Oeste? Era a saga de dois homens, Woodrow Call e Gus McCray. Ambos eram fortes. Mas eram mais fortes juntos. Homens com um compromisso sólido como rocha um com o outro. Claro, os dois eram excêntricos e teimosos. Um sempre duvidava do que o outro dizia, mas nunca questionavam a amizade que sentiam um pelo outro. Em termos de alma, eles sabiam que um morreria contente pelo outro. Eles enfrentariam qualquer tempestade um pelo outro. Eles iriam até o inferno ou ao alto-mar um pelo outro. A linha de fundo do relacionamento tornou-se a frase: "Eu dei minha palavra". E muitos estado-unidenses assistiram — fascinados, descrentes, talvez com um pouco de cinismo, mas tocados por um anseio silencioso — Woodrow Call arrastar o corpo de Gus McCray por quase cinco quilômetros para enterrá-lo "debaixo das nogueiras-pecãs, no local dos piqueniques, porque: 'Eu dei minha palavra'". E ponto final.

Talvez os Estados Unidos tenham questionado essa promessa. Jacó não teria questionado. Quase vejo o velho patriarca pedir ao filho que jure que levaria seus ossos de volta por toda aquela distância para enterrá-lo em casa, "com meus pais" (Gn 47.30). E José fez isso sem titubear. Embora fosse necessário um ato do Congresso (autorização do faraó) para fazer isso (veja Gn 47.29-31, 50.1-14). Isso significa alguma coisa, não é mesmo? Havia algo entre esses dois homens que se entendiam. E as pessoas ficaram em volta admiradas, vendo um homem deslocar uma comunidade inteira, "a comitiva era imensa", apenas para completar um relacionamento.

Talvez até tenham ouvido José declarar: "Eu lhe dei minha palavra".

Eu anseio por esse tipo de compromisso em uma amizade. Dar isso e receber isso. Você também anseia por isso?

Como voa o ganso selvagem

Escrevo estas palavras sentado à mesa de uma cabana aconchegante à beira da vastidão inculta de Eagle Cap, no nordeste do Oregon. Há pouco, alguns gansos canadenses passaram pela janela. Majestosos, graciosos, poderosos grasnadores, eles deslocam-se pelo desfiladeiro do ribeiro do Urso, a caminho de... algum lugar. O Criador excedeu-se nesse pedaço de mata. E aqui, como em qualquer lugar em que a imagem dele está clara, ter alguém com quem estar junto é melhor.

Gosto demais das estações aqui. Primavera, verão, outono, inverno. Cada estação pinta seu mural com cores, e fragrâncias, e texturas características de suas paletas distintas. Mas minha estação favorita é o outono. A cada outono o tempo muda. Pode-se cheirá-lo no ar. O vento ganha força. A temperatura cai. E o ganso selvagem responde a algum chamado que o faz subir aos céus.

Sinto uma expectativa especial em relação à temporada de caça ao ganso, própria dessa temporada. Assim, a cada outubro, um pai, um amigo e uns dois filhos nossos se dirigem ao rio Deschutes para encontrar-se com aquele ganso. Na realidade, *gansos.* Centenas, até milhares de gansos se deslocando para o sul, como fazem há séculos, pela rota do Pacífico.

A metade do divertimento está no ritual de preparação para a caça. E a outra metade do divertimento está na amizade e na comunhão — a ponto de a caça quase se tornar uma coisa secundária. Sair da cama às 3:15 horas (Ui!). Homem, isso é uma loucura. Será que é mesmo? Faróis acesos na entrada de carro às 3:45 horas. Jogamos no carro os chamarizes, as espingardas de caça e o lanche de almoço. Temos de manter o velho Zipper, o cão labrador preto, longe dos lanches. Todos estão sonolentos na saída para a viagem. Logo adiante na estrada, tomamos o café da manhã no carro-restaurante de Jake (será que

trocam o óleo daquela grelha alguma vez?). E bem antes do amanhecer estamos na foz do rio Deschutes. As estrelas piscam no céu escuro sem nuvens. O frio chega aos ossos, mas os corações estão quentes, e a caminhada de uns dois quilômetros não nos deixa congelar. Pomos os chamarizes na água. Ficamos agachados ao lado do rio, de tocaia. O dia raia. *E lá vêm eles...*

É bem excitante ver aquelas aves grandes se acomodarem para um pouso na água. Mas a emoção de vê-los voarem alto, bem alto no céu de outono, naquela formação típica dos gansos é maior. Eles sabem o que estão fazendo quando voam essas distâncias transcontinentais. Como eles conseguem voar essas distâncias? A resposta em uma palavra: *juntos.*

Juntos. É uma das palavras mais poderosas da língua portuguesa. E os gansos sabem tirar todo o benefício da união. Eles parecem saber instintivamente que a vida é um esporte de equipe.

Os biólogos, especialistas em vida selvagem, dizem que a formação em "V" que os gansos utilizam em seu vôo, de fato, aumenta em pelo menos 71% a distância que conseguem voar em relação à distância que percorreriam voando sozinhos. Na verdade, quando cada ave bate as asas, ela cria uma corrente de ar ascendente para a ave que está imediatamente atrás dela. O ganso, quando está por si mesmo, sente uma resistência ao avanço do vôo que faz com que anseie pelo bando. Quando a ave que lidera a formação cansa, simplesmente fazem rodízio, a líder vai para o fim da formação, e outra ave passa a liderar o bando.

Cavalos de tração têm, ainda que em terra, uma dinâmica semelhante. A função dos cavalos de tração é puxar. Há alguns anos, em uma feira, em uma cidade do centro-oeste, o animal campeão puxou um trenó carregado com 2.000 quilos. O cavalo segundo colocado puxou 1.800 quilos. Alguém propôs que arreassem os dois cavalos juntos para ver quanto conseguiam puxar como equipe. Juntos puxaram 5.400 quilos!

Portanto, deixe-me perguntar o óbvio. Se nossos amigos cobertos de penas sabem, e nossos animais de quatro patas vivenciam isso, por que nós somos tão lentos para aprender que juntos é melhor. Em especial, quando há a pressão de uma dificuldade. E temos à frente uma carga pesada para carregar.

Alguns homens já entenderam isso. Em momentos de necessidade e de vulnerabilidade, eles procuram outros homens. Eles aceitaram o risco e fizeram alguns amigos. E mudaram o mundo deles! O poder da amizade, a força de duas ou mais pessoas ajuda-o a voar mais alto e por mais tempo, a puxar cargas maiores, e a ser o homem que Deus o criou para ser.

Juntos, os homens podem mudar o mundo.

Veja o exemplo de Paulo, o apóstolo. Pensamos nele como um tipo de gigante solitário. De fato, ele foi um gigante. Mas não era sozinho. Parece que

ele nunca ia a lugar algum sozinho. Paulo sempre andava com um amigo. Paulo jogava em equipe. Se não era Timóteo, era Silas. Ou era Epafrodito ou Áqüila e Priscila. Ou Estéfanas, Lucas, Fortunato, Acaico, Epafras ou João, também chamado Marcos.

Esses rapazes amavam um ao outro. Paulo os tinha como *irmãos* que marchavam um ao lado do outro, que lutavam juntos durante a vida toda, que se arriscavam juntos, até "quase morreu por amor à causa de Cristo". Eles tinham um ao outro na mais alta estima (veja Fp 1.15-30). E se *conheciam* profundamente.

Novamente, C. S. Lewis escreveu:

> Não conhecemos ninguém tão bem como o nosso "camarada". Cada passo da jornada conjunta testa a qualidade dele; e compreendemos totalmente os testes porque nós também somos testados... Você não encontra o guerreiro, o poeta, o filósofo ou o cristão olhando fixo em seus olhos — é bem melhor lutar ao lado dele, ler com ele, argumentar com ele, orar com ele...[2]

É assim que você descobre a verdadeira amizade. Exatamente no empurra, no puxa e no estresse das batalhas da vida. É por isso que todos nós precisamos de um amigo que caminhe ao nosso lado — casamento, família, profissão, caráter, valores. Um amigo que testa nossas qualidades intrínsecas e nos fortalece em nossas vocações.

Eles se recusam a andar sozinhos

Voltemos, um momento, ao apóstolo Paulo. Sim, Paulo detestava andar sozinho. Se entendi bem minha Bíblia, o fato é que em uma ocasião o poderoso missionário desistiu de uma oportunidade missionária muito promissora porque não quis enfrentá-la sozinho.

Não era do feitio do missionário veterano deixar passar uma chance de ministério, não é mesmo? Esse obreiro *vivia* para trazer homens e mulheres a Jesus. Mas ele chutou a oportunidade porque não conseguiu achar um amigo para acompanhá-lo.

O que foi, Paulo? Solidão? Desânimo? Exaustão? Precisava de apoio? Precisava de alguém para escutá-lo? Precisava das orações de um irmão?

Qualquer que seja o motivo, o fato é que o apóstolo poderoso deu para trás. Ele saiu da linha de frente, como o ganso líder sai quando cansa. Arrumou as malas e saiu da cidade. Ele não conseguiu lidar com isso. Não naquela ocasião. Não sozinho.

Você percebe isso em suas palavras. E o que não está explícito, lê-se nas entrelinhas.

> Quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo e vi que o Senhor me havia aberto uma porta, ainda assim, não tive sossego em meu espírito, porque não encontrei ali meu irmão Tito. Por isso, despedi-me deles e fui para a Macedônia (2Co 2.12,13).

Ele não encontrou seu camarada, portanto, cancelou o plano. Juntos é melhor.

E Jesus não era diferente, por único que ele fosse, por gigante que ele fosse. Ele escolheu não andar sozinho. O Senhor insistiu em ter um grupo. Ele já começou seu ministério com uma equipe. "Escolheu doze, designando-os apóstolos, *para que estivessem com ele*" (Mc 3.14).

Jesus iniciou com uma comunidade. Uma pequena fraternidade. Ele quis que esses camaradas aprendessem a viver juntos. Antes que pudessem pregar, eles tinham que "estar com" ele e uns com os outros. E quando, por fim, ele os mandou sair para pregar, insistiu que fossem, pelo menos, "de dois em dois". Jesus disse-lhes que precisavam de malas, ou de cartão de crédito, ou de um par extra de meias. Mas que eles *precisavam* de um companheiro. Ele lhes disse para não ir se não fossem acompanhados de outra pessoa. Disse-lhes para que saíssem juntos e voltassem juntos.

Jesus começou e terminou dessa maneira. Quando o Deus feito homem concluiu seu ministério terrestre, ele o fez junto com sua comunidade. Em sua última noite com os rapazes, acho que o coração de Jesus quase se despedaçou ao ver que eles se esforçavam para perseverar com ele. Foram momentos importantes. Ele estava perto do fim. E ele queria que seus amigos o acompanhassem. Quando somos pressionados pela situação queremos que os companheiros de alma estejam ao nosso lado. No início. No final. E nos intervalos que, às vezes, são de despedaçar o coração.

Jesus não queria ir sozinho. Às vezes, acho que os anjos ministraram a Jesus em alguns de seus momentos difíceis porque nenhum dos camaradas dele estava lá.

O Senhor queria que seus amigos, especialmente o grande pescador, estivessem com ele no fim. E ele disse isso de maneira clara para os apóstolos. Ele disse para Pedro: "Vocês não puderam vigiar comigo nem por uma hora?". *Pedro, você não conseguiu me fazer companhia justo nesta noite mais que em todas as noites? Você não podia me oferecer um ombro em que eu pudesse me encostar um pouco? Você não pôde ficar comigo, meu amigo? Apenas saber que você estava firme ali comigo significava muito para mim.*

Apenas poucas horas antes daqueles momentos sombrios no jardim, ele reunira sua comunidade de cavaleiros enferrujados ao redor da mesa. Com palavras carregadas de emoção, ele disse: "Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer" (Lc 22.15).

Imagine a cena. Ele olhou os amigos sentados ao redor da mesa, ele deixou que seus olhos encontrassem os deles, um de cada vez, com o afeto amadurecido pelos anos. A seguir, ele disse aos apóstolos: "Não comerei dela novamente até que se cumpra no Reino de Deus" (Lc 22.16).

Vocês significam o mundo para mim. Tanto é assim, que eu não farei isso de novo até que estejamos juntos outra vez. No mundo verdadeiro. Na Casa de meu Pai.

O relacionamento com os amigos significava tanto para ele que decidiu negar a si mesmo a mais significativa celebração da história (a Páscoa devia ser celebrada "por todas as [...] gerações") até que eles todos estivessem juntos de novo. Isso é muito importante! Jesus sabia que é melhor estar junto dos amigos. Jesus era homem, o viril homem humano, e ele não queria estar "sozinho".

De fato, os momentos piores de vida de Jesus foram os momentos em que estava sozinho. Até seu Pai o deixou sozinho por um momento, quando ele estava pendurado na cruz. Foi um inferno.

Caminhar sozinho é um inferno. Os homens não foram feitos para viver sós.

O nome da brincadeira

Com três meninos em casa, Linda e eu temos passado a maior parte de nossa vida adulta ou comprando comida e outras coisas para casa ou assistindo eventos esportivos de nossos filhos. Há algum tempo, a Lindy, só por brincadeira, somou o número de jogos realmente organizados que assistimos ao longo dos anos. Ela chegou a um total de, pelo menos, 1.800 jogos. Eles já jogaram tudo — beisebol, futebol, tênis, futebol americano, basquete (Não é de admirar que eu esteja cansado!).

Nosso jogo de equipe predileto é o basquete. É um jogo abrangente. É incrível a diversidade de habilidades que exige do atleta — velocidade, coordenação de mão e olho, força, rapidez, astúcia, poder, toque e concentração mental intensa. Mas o mais importante no basquete é *o trabalho de equipe.*

Trabalho de equipe é o nome do jogo. Os cinco atletas totalmente envolvidos durante todo o jogo. Nada de respirar fundo quando o outro tira a bola. Nada de relaxar, enquanto o outro decide o que fazer em seguida. Todos os momentos são de ação. Têm que saltar o tempo todo. Intensidade, intensidade, intensidade. O tempo todo, a adrenalina flui pelo corpo. Movimente-se com a bola. Movi-

mente-se sem a bola. Marque os adversários. Deixe o caminho aberto. Mova-se, mova-se, mova-se, o tempo todo. Preveja o próximo passo. Conserve o ritmo. Fique alerta. *Fiquem juntos.* JUNTOS. O basquete é o esporte de equipe por excelência.

A vida também é assim. A masculinidade também é assim. Por isso, não é bom fazer vôos solos... nem é muito divertido. E o jogo em conjunto requer prática. Muita prática.

E você? Quais são os nomes de seus companheiros de equipe? Quem é o homem ao seu lado? Quem está lhe dando cobertura no jogo? Você tem um amigo? Um que saiba aproveitar seus pontos fortes e cobrir seus pontos cegos? Um que conhece suas fraquezas, seus hábitos e suas tendências? Um que se importe com sua alma: Um que vá até o fim com você?

Vamos em frente. Vamos aprender exatamente como podemos achar amigos, andar de braços dados e redescobrir o poder da amizade masculina. Nós podemos fazer isso. Aqui mesmo. Agora. Mesmo em uma cultura virada às avessas por causa de sua confusão e desespero. Claro, estamos um pouco destreinados. Nos últimos 25 anos ou mais, nós homens ficamos no banco dos reservas, fora do jogo. Mas com algum treino, podemos tirar a ferrugem de nossa armadura e, mais fortes que nunca, entrar de novo na batalha.

É verdade, é um risco procurar amizades sólidas. Quase tudo que vale a pena é arriscado. Você nunca sabe o que acontecerá quando se expõe. Podem repeli-lo, ignorá-lo ou rejeitá-lo. Por outro lado, você pode descobrir que o rapaz sentado na calçada ao lado de um carro Ford quebrado um dia, à primeira luz diurna, em um morro distante, lutará por *sua* vida.

Uma vez ligados por risco e adversidade, irmãos tendem a estar ali quando realmente vale.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Escreva em um papel os nomes de seus melhores amigos de infância. Ao lado dessa lista, escreva os nomes de seus melhores amigos adultos. Que lista é mais comprida? Que lista foi mais fácil de fazer? Tente descobrir porquê disso.

2. As melhores amizades não são as baseadas em competição ou em imitação — nem são as "unilaterais". Muitas vezes, as melhores amizades são aquelas em que os homens compartilham valores em comum e em que permitem que os pontos fortes de um complementem os pontos fortes do outro —, um provendo o que falta ao outro. Que tipo de amigo você precisa?

De braços dados

1. Muitas vezes, as melhores amizades nascem quando alguém dá um passo para ajudar uma pessoa que precisa. Alguém já deu um passo para ajudá-lo a carregar uma carga pesada demais? O que mudaria em sua vida se não fosse a disposição daquele indivíduo de "estar aí" para você?
2. Neste capítulo, dissemos para que você "estenda a mão em sua hora de necessidade! E estenda a mão a outros homens no momento de necessidade deles". Você faz isso? Se não, o que realmente o impede de fazer isso?
3. "Juntos é melhor." Especialmente quando a necessidade aperta. "É por isso que todos nós precisamos de um amigo que caminhe ao nosso lado — casamento, família, profissão, caráter, valores.". Por que outro homem? Por que não sua esposa?
4. Em Marcos 6, Jesus enviou seus discípulos, dizendo-lhes que nada levassem consigo — nenhum alimento, nenhuma mala, nenhum dinheiro, nenhuma meia extra. Mas ele os mandou viajarem aos pares. Por quê? Em que sentido muitos de nós inverte essa ordem de prioridade na vida pessoal?
5. "Caminhar sozinho é um inferno. Os homens não foram feitos para viver sós." Quando acontece exatamente isso em seu dia a dia, isso quer dizer você está tentando andar sozinho? Por quê?

Notas

[1] C. S. Lewis, *The Four Loves* (New York: Harcourt & Brace Jovanovich, 1960), 104-105.
[2] Ibid.

CAPÍTULO 3

Cavaleiros enferrujados em uma terra hostil

Não é fácil ser um homem hoje



Selem os cavalos e montem! Tomem posição e coloquem o capacete!
Passem óleo na ponta de suas lanças e vistam a armadura!

Jeremias 46.4

Ele apareceu vindo do oeste, o sol vermelho se punha às suas costas.

Por um momento, sua forma se mesclou à corrente de luz rubra que fluía para uma pequena clareira em meio à mata densa. Ao mesmo tempo em que cavalo e cavaleiro tomavam forma no crepúsculo, o homem na clareira viu que o cavaleiro usava uma armadura que ia da cabeça aos pés.

A armadura estava vermelha de ferrugem.

Ele já tivera dias em melhor forma. Forte. Capaz. Energético. Enfocado. Pronto para a batalha. Mas não era mais o mesmo. Algo lhe acontecera. Algo lhe roubara o coração. Algo o transformara em menos que um cavaleiro. Menos que um homem.

Ele não era mais confiante e resoluto, apenas cavalgava a esmo entre as árvores. Cabisbaixo. Ombros caídos. Pés fora dos estribos. Segurava as rédeas frouxas nas mãos. Apenas uma sombra da sua glória planejada.

Isso lembra-me muitos de meus irmãos de hoje. O homem moderno. O homem emasculado. Apenas uma sombra da intenção que Deus tinha para a masculinidade. Aconteceu alguma coisa com a hombridade. Algo atacou seu cerne, de modo que, de alguma forma, a hombridade é menos masculina. Você sente isso? Sim, você pode sentir isso em toda a terra. É algo quase palpável.

Garrison Keillor expressou bem este sentimento quando disse: "No passado, a hombridade era uma oportunidade de realização, agora parece um problema a ser vencido".[1] Como isso é verdade. E como isso é trágico, desnecessário. E ele continua:

> O que vemos é uma terrível ansiedade do gênero, rapazes tentam ser o sr. Certo, o homem que sabe fazer uma torta de cerejas, pratica tiro ao alvo, volta, tempera uma salada, conversa com facilidade sobre assuntos íntimos, se for preciso chora, ri, abraça, é vulnerável, tem um desempenho apaixonado aquela noite e no outro dia sai, põe seus fardos na barcaça e a conduz. Ser perfeito é uma maneira terrível de gastar a vida, além disso, os rapazes não estão mesmo equipados para isso.[2]

Como vivemos em uma cultura totalmente confusa em relação à questão do gênero é importante fazermos um balanço. Já é hora de subir em uma árvore e dar uma olhada nas redondezas. É tempo de avaliar algumas posições.

Uma noite dessas, eu lia um livro que falava sobre a época da guerra do Vietnã. O livro *We Were Soldiers Once... and Young* [*Um dia fomos soldados... e jovens*] prendeu meu coração. Eu fiquei pensativo. Minha esposa, Lindy, notou o efeito do livro sobre mim. Não era a primeira vez que ela via um olhar longínquo em meus olhos. Nos últimos tempos, parece que eu penso mais sobre aquela página traumática da vida dos Estados Unidos que em qualquer outro ponto dos anos que se passaram desde a queda de Saigon. A pergunta de Lindy trouxe-me de volta de uma visita mental a um mundo bem distante. Ela disse (como apenas uma esposa sabe dizer): "O que você tem ultimamente? Você parece mais pensativo que de costume". Percebi que ela estava certa. E acho que é algo mais que "a meia-idade".

Tenho pensado muito sobre como caminha nossa cultura nesse último quarto de século. Nós rumamos para o desastre como um avião em pane que dá o rodopio fatal — a não ser que consigamos segurar firme os controles. Poucos discordam dessa opinião. Mas estamos ignorando alguns pontos fundamentais desse vôo coletivo. Estão em jogo elementos básicos como "o que é o homem" e "o que é a mulher".

Creio que muitos homens hoje – independentemente da idade (com vinte, quarenta, sessenta anos, de qualquer idade) — se fazem algumas perguntas saudáveis. Nós estamos repensando o que significa ser homem. E estamos percebendo que as últimas décadas roubaram dos homens a confiança em sua masculinidade.

Eu disse a Lindy: "Sabe, meu bem, pensava a respeito de algumas coisas — eu fui soldado quando não era grande coisa ser soldado. Eu sou pastor com, mais ou menos, cem anos de atraso no que se refere ao respeito da comunidade. E eu sou homem em um tempo em que é politicamente incorreto ser masculino".

Que coisa mais revoltante, não é mesmo? Não gosto disso. E imagino que você também não goste. As três últimas décadas foram uma grande espiral

descendente que acelera cada vez mais. Um escritor da revista *US News and World Report* recentemente observou:

> O esfacelamento do tecido social dos Estados Unidos se torna rapidamente uma obsessão nacional. Cada três em quatro estado-unidenses julgam que estamos em declínio moral e espiritual. Dois de cada três julgam que o país está seriamente fora de rumo. As dúvidas em relação ao caráter do presidente puxam para baixo sua posição nas pesquisas de opinião... A disfunção social assombra o país: o crime e o abuso de drogas, as rupturas familiares, a queda no desempenho acadêmico, a desfiguração de lugares públicos feita pelos traficantes de drogas, assassinos e exibicionistas... [3]

E essa avaliação é da mídia de primeira linha, não de algum pregador conservador.

O que está acontecendo? Qual será o resultado final? Honestamente, creio que em algum lugar perto do vórtice desse sifão negativo existe a pergunta: *o que significa ser um homem?*

Você e eu sabemos que quando se fala sobre o "esfacelamento do tecido social" estamos falando sobre como as pessoas aprendem a viver juntas. Fala-se sobre homens e mulheres, e meninos e meninas, e famílias e lares. Essa é a matéria-prima do tecido social. O que vivenciamos é a separação calculada da função divinamente planejada para os gêneros. E o resultado é uma *dis*função séria. Chuck Colson resume o assunto desta maneira:

> A pilar fundamental da nossa sociedade, a família, está sob ataque há anos, e há muito tempo a preocupação vital dos cristãos é a desagregação familiar. Mas não perca a progressão. *As salvas da artilharia aumentam contra algo até mais fundamental: a própria noção do que significa ser um homem, o que significa ser uma mulher...*[4]

Em outras palavras, se vamos ser saudáveis novamente, os homens têm que se tornar homens saudáveis de novo (e as mulheres, mulheres saudáveis). Já é tempo dos homens ficarem de pé, aferrarem-se ao que é a masculinidade bíblica e pararem de pedir desculpas por serem homens. Nossa cultura precisa desesperadamente de homens confiantes na masculinidade que receberam de Deus e nas intenções dele para isso.

Quando se põe os pingos nos "is", você gostaria mesmo é de usufruir o ser homem, não é mesmo? Nós gostaríamos apenas de ser e de fazer aquilo que os homens foram *feitos* para ser e fazer. Algo lá no fundo de nós quer apenas ser

um homem. Você se lembra de quando os homens eram homens? E as mulheres eram mulheres? Você se lembra de quando os meninos ansiavam crescer e se tornar homens? Quando os jovens usavam a masculinidade como se fossem as cores de seu time? Chegar à estatura de homem equivalia a ganhar um troféu. Era uma coisa alegre, grandiosa ser homem. Era gostoso fazer parte dessa fraternidade.

Mas nessa cultura que quer elevar ao mais alto padrão a chamada diversidade, nós destruímos a diversidade em sua forma mais linda e fundamental.

Chuck Swindoll fala por todos nós quando questiona:

> Lembra-se de quando os homens sabiam quem eles eram, gostavam de como eram e não queriam ser nada além do que eram? Lembra-se de quando eram os homens que lutavam boxe e luta romana e gabavam-se de quanto peso podiam levantar? Lembra-se de quando eram as mulheres que usavam maquiagem, brincos e biquínis? Lembra-se de quando eram os homens que iniciavam o contato e tomavam a frente em um relacionamento, faziam compromissos para a vida toda, tratavam a mulher como uma dama e modelavam uma masculinidade que mostrava segurança e estabilidade?[5]

Sim! Bons tempos aqueles! Mas ouça bem — nós não precisamos voltar o relógio. Só precisamos trazer *à tona* a masculinidade genuína, projetada por Deus. Faz muito tempo que nós homens estamos fora de foco. Perdemos nossa visão. Tiramos os pés dos estribos, soltamos as rédeas, e nosso coração abandonou a causa. E a nobre armadura da masculinidade enferrujou. Gordon Dalbey chora a perda de toda uma geração — a dele mesmo:

> Hoje, em meus quarenta e tantos anos, vivencio uma história que desafia dolorosamente meu senso de hombridade. Cresci, no subúrbio, brincando de soldado, em um tanque de areia da vizinhança, com meninos, cujas mães eram esposas do tipo "donas de casa". Na década de 1960, depois de me formar em uma universidade particular, fui para a África, como voluntário do Corpo da Paz, e, mais tarde, fui professor em uma escola do primeiro e do segundo graus, no bairro espanhol de San Jose, Califórnia. Já na década de 1970, eu me tornara um apoiador entusiasta dos direitos civis, da liberação feminina e do movimento anti-guerra. Com efeito, já me tornara parte de uma geração de homens que rejeitava ativamente a imagem machista de hombridade que tínhamos na infância — que agora nos parecia ser a pedra fundamental do racismo, do sexismo e do militarismo.

> No entanto, a década de 1970, não nos ofereceu nenhum modelo de hombridade suficientemente inspirador para suplantar a imagem que tínhamos em nosso coração desde a meninice. Com a falta desse modelo, podíamos apenas rejeitar nossa própria condição de homem, assim como rejeitamos a imagem de "macho".
>
> Com a chegada da década de 1980, nós homens, alienados de nossa herança masculina e intimidados por um grande número de mulheres fortes, ficamos terrivelmente perdidos e vulneráveis em meio à própria cultura que lutamos por impor anos atrás. Reconhecemos que ao rejeitar a imagem de herói macho, nós adquirimos uma sensibilidade mais profunda em relação às outras pessoas. Mas com a chegada da década de 1990, começamos a nos perguntar o que perdemos.[6]

Sabemos que perdemos alguma coisa. Sabemos que perdemos nossa alma masculina. Não sabemos tudo o que isso significa, mas sabemos que os homens estão confusos, machucados e zangados. Não é de admirar que seis vezes mais homens que mulheres sejam presos por abuso de drogas, que 88% dos motoristas embriagados são homens, e que 75% de todos os suicidas estado-unidenses sejam homens.

Um artigo da *Psychology Today* resume:

> Esbofeteados pelo movimento feminista, constrangidos por uma definição tradicional e internalizada de masculinidade, os homens literalmente não sabem quem são... o que as mulheres querem deles, e nem mesmo o que eles mesmo querem de si mesmos.[7]

Homens, nós já suportamos 25 anos de confusão demolidora. É tempo de restaurar nossa masculinidade. É tempo de aprender a ser homens de novo. E não há lugar melhor para aprender a ser homem que na companhia de homens. Aprendemos a ser masculinos ao permanecermos ao lado de homens. E este livro trata deste assunto — redescobrir nossa hombridade, restaurando a camaradagem da amizade masculina.

Voltemos àquele campo ao pôr do sol, quando o cavaleiro solitário saiu do oeste. Você lembra do homem na clareira, do início deste capítulo, que viu o cavaleiro de armadura, e que a armadura estava vermelha de ferrugem.

Anodos, o homem que estava na poça de luz do sol poente e observou a chegada do cavaleiro triste, se perguntou como um cavaleiro que fora orgulhoso e radiante podia agora estar em tal estado. Até o grande cavalo guerreiro do cavaleiro parecia desanimado, andava com a cabeça abaixada.

O cavaleiro explicou para Anodos que em algum momento, no início de sua jornada, ele fora de alguma forma envergonhado. Ele se desviara de sua nobre busca e perdera o caminho em uma floresta grande e monótona. Como resultado, uma camada de ferrugem embaçara sua armadura, outrora brilhante. O encantamento fora tal que a ferrugem apenas sairia com o clamor e o impacto do combate.

O triste guerreiro declarou: "Essa armadura apenas será polida pelos golpes dos embates entre cavaleiros, quando desaparecer o último cisco da alabarda e da espada dos malfeitores ou dos inimigos nobres; quando eu levantar minha cabeça novamente e disser ao meu escudeiro: 'Cumpra seu dever mais uma vez e faça essa armadura reluzir'".

E o cavaleiro Percival estava fadado a andar como errante cansado pelas trilhas da floresta por anos sem-fim, sempre à procura de uma oportunidade para tirar a ferrugem de sua armadura por intermédio de algum esforço valoroso ou do embate com armas.

Naturalmente, George MacDonald foi um contador de histórias magistral, ele era amado por C. S. Lewis, J. R. R. Tolkein e por gerações de leitores dos dois lados do Atlântico. Mas com o devido respeito ao nobre cavalheiro, eu acho que ele entendeu esta história, que faz parte de seu *Phantastes* [*Fantasias*], de maneira totalmente errada.

Sir Percival não precisava de uma porção de espadas cortantes, e de alabardas pontiagudas ou de torneios estridentes para restaurar seu esplendor de cavaleiro e trazer o brilho do aço aos seus olhos novamente. Ele não precisava de embates solitários com dragões de hálito quente nem da busca solitária pelo santo graal para levantar sua cabeça caída.

O homem precisava de um amigo. A companhia de um amigo soldado com quem possa andar de braços dados.

Enfrentemos a verdade: em uma ou em outra medida, todos nós somos cavaleiros enferrujados. A maioria de nós cresceu sonhando em ser um cavaleiro, vestindo armadura brilhante, cavalgando um cavalo branco e realizando feitos nobres. Mas em algum lugar entre Camelot e a realidade, nós saímos da trilha. Fomos vítimas de alguns golpes. A armadura aperta um pouco mais na cintura do que antes, as juntas rangem quando nos movemos, e temos dificuldade em lembrar as aspirações brilhantes de nossa mocidade deslumbrada. E não nos esqueçamos da ferrugem desagradável. Ela começa com um ou dois pontos em lugares de difícil acesso, e a partir daí se espalha.

No lusco-fusco da desilusão, como Sir Percival, resignamos-nos a uma vida de batalhas sem-fim e de luta entediante. Logo, nós nos entregamos à ferrugem.

De onde vem a ferrugem?

Dada a época e a cultura em que vivemos, alguns de nós se sentem um pouco como Sir Percival. Fomos criados para ser cavaleiros, contudo, de alguma maneira sentimos que devemos pedir desculpas por nossa fidalguia. Na virada do século, é um pouco embaraçoso reconhecer a masculinidade de todo o coração. Não é politicamente correto vangloriar-se de sua hombridade.

Barry Arnold, meu co-pastor na Igreja do Bom Pastor, recentemente escreveu umas perguntas para estudo sobre o que significa ser um homem. Depois de digitar o projeto em seu computador, ele teve a idéia de experimentar o programa de verificação gramatical integrado ao sistema. O que ele conseguiu, no entanto, foi mais do que um exame minucioso de sentenças emendadas ou de modificações pendentes.

O computador fazia objeção à visão dele da masculinidade. Ele digitara a palavra "hombridade". O verificador gramatical disparou o alarme chegou na palavra hombridade. Na tela apareceu a sugestão: "Tente descrever as qualidades específicas associadas a essa palavra sem referência ao gênero". Ai, ai! Dê-me um tempo. Usar "hombridade" sem fazer referência ao gênero? Quer saber, o computador do meu amigo estava com algum tipo de traiçoeiro vírus feminista. Eu gostaria de conhecer as conversas que tiveram no processo de criação do *software*.

Parece que o termo "hombridade" era "de gênero específico" demais.

Em outras palavras, não há um espaço adequado para uma discussão de traços ou virtudes masculinas. A gramática da palavra é pobre. É de mau gosto. É sexista. É culturalmente inaceitável. É um tipo de anacronismo arcaico que precisa ser expurgado de nossa fala, da nossa escrita, e de nossos pensamentos.

Durante uma palestra em um conclave recente do Promise Keepers [Guardadores da Promessa], em Portland, Oregon, eu me deparei com o mesmo vírus cultural. Mais de trinta mil homens se reuniram em uma das cidades que tem menos igrejas dos Estados Unidos para celebrar sua masculinidade e aprender a ser homens que cumprem as promessas feitas a suas esposas, seus filhos e seu Deus. Poucos minutos antes de me dirigir à enorme multidão que lotava o Estádio Cívico, fui levado às pressas para uma entrevista coletiva, um encontro com a mídia de Portland.

Uma das primeiras perguntas dos repórteres foi um tapa certeiro com poucas palavras:

"*Por que só para homens?*"

A pergunta disse tudo para qualquer membro cínico da imprensa. Qual o objetivo de uma reunião para *homens*? Qual é o objetivo de uma conferência sobre hombridade? Por que reunir homens para falar sobre as responsabilidades,

os privilégios e os ideais dos homens? Essa não é uma noção antiquada? Ou pior — será que não era uma tentativa sinistra de reafirmar as noções descartadas de uma cultura machista?

(Você consegue imaginar a imprensa perguntando à feminista Patrícia Ireland, presidente da Organização Nacional de Mulheres: "Por que fazer AGORA uma conferência *apenas para mulheres?*".)

No dia seguinte, a manchete de uma coluna, enterrada na Seção C do *Sunday Oregonian*, da cidade de Portland, pôs de lado a maior multidão pagante de que a cidade tinha lembrança com estas palavras: "Homens Recebem Religião". Parece que precisavam trivializar a multidão recorde de homens, que tentavam dar sua palavra e cumprir suas promessas, associando esse fato, de alguma maneira, a algum tipo de "religião"... como se, por definição, uma reunião de homens fosse algo "excêntrico".

Graças a muitos anos de reprogramação cultural feminista, a masculinidade perdeu espaço na apreciação pública. O assunto tornou-se um tanto embaraçoso. Algo que não deve ser discutido nem abordado em círculos politicamente corretos.

As imponentes armaduras masculinas, antes conservadas polidas, lustradas e usadas com alegria por gerações de homens, foram relegadas às garagens, aos sótãos e aos porões. Os homens se sentem desnorteados e confusos em uma nação que se tornou hostil contra as coisas que são distintamente masculinas. Como a colunista Natalie Angier recentemente disse no *New York Times:*

> As mulheres podem não achar isso surpreendente, mas um dos problemas mais persistentes e frustrantes da biologia evolucionária é o macho. Mais especificamente, de onde ele veio e por que apenas não desaparece?[8]

Durante o último quarto do século passado, os homens quietamente despiram sua armadura antes tão lustrosa, e deixaram-na em um canto esquecido de algum depósito de armazenagem. Ela se cobre de poeira junto com velhos troféus de boliche e a cabeça de alce do tio Haroldo.

Robert Bly observa em relação a essa tendência à emasculação:

> Os guerreiros que habitam o interior dos homens estado-unidenses enfraqueceram em anos recentes... um homem feito, com 1,80 metro de altura, permite que outra pessoa ultrapasse os limites dele, entre em sua psique, abuse verbalmente dele, leve embora o seu tesouro e bata a porta na saída; o homem invadido fica ali, de pé, com um sorriso no rosto... de quem quer ser agradável, mas está confuso.[9]

O homem começa a enferrujar quando não sabe o que é um homem, quando não usa sua masculinidade, e não se lembra para que ela serve.

Já é tempo dos homens voltarem. É tempo dos velhos guerreiros, que nunca deixaram sua armadura enferrujar a ponto de não ter conserto, tomarem a dianteira de novo e nos guiarem de volta às intenções de Deus para a nossa masculinidade.

Precisamos voltar, mas temos que ser cuidadosos em saber exatamente *como* voltar. Já faz mais de um quarto de século que escarnecem, criticam e diminuem os homens. Somos o único grupo dos Estados Unidos em quem é politicamente correto bater. Mas você não motiva um homem ao levantar a mão contra ele. Ah, ele absorve os tapas por um tempo, mas, no fim, é provável que ele se agache e comece a revidar! E ninguém precisa desse tipo de reação.

Se tudo que conseguimos fazer é uma espécie de reação ao movimento feminista, seremos as mais miseráveis de todas as criaturas. Francamente, eu temo esse tipo reação. Temo a reação exagerada e impensada em relação à retórica estridente e à lógica absurda das feministas. A reação poderia ser dura, e machucar as pessoas.

Deixe-me explicar. As feministas insistem que a igualdade exige uniformidade. Que homens e mulheres são a mesma coisa, sem diferenças apreciáveis que não sejam as diferenças físicas óbvias. É claro, nada está mais longe da verdade. E meu medo é que algum grande tolo tente acertar as contas em seus próprios termos. É precisamente isso que poderia machucar as pessoas.

Uma amiga de minha esposa que é ótima atleta, um dia desses, compartilhou uma história com Linda. Parece que ela jogava na "primeira base" em um jogo de *softball* deles e delas. Um funcionário, boa gente, tinha tomado uma ou duas cervejas, chegou a vez dele de rebater, ele mandou uma bola baixa para a terceira base e correu rumo à primeira. O pegador da terceira base mandou-o para a base em que a amiga de Linda esperava com a bola. Ora, é claro, não posso dizer com certeza o que se passava em sua cabeça, mas não é muito difícil de imaginar...

Ah, então você quer jogar com os homens, benzinho? Campo plano, correto? Tudo igual, né? Bem, vamos ver se você agüenta. A regra diz que você tem que segurar a bola para me pôr para fora. Vamos ver se somos iguais.

Ora, eu não sei se ele pensava isso ou não. Mas eu sei muito bem o que aconteceu. O grandalhão, que pesava uns 110 quilos, veio com tudo em cima de Barbara, derrubou-a para fora do campo, em um lugar com cascalho, e ela ficou inconsciente. Horas mais tarde, em um consultório médico, enquanto o médico removia cirurgicamente pedaços de cascalho que tinham penetrado em seu rosto, é provável que ela pensasse — foi a cerveja, ou foi a guerra entre

os sexos? Tomara que o homem tenha ficado com vergonha de si mesmo. Ele não era nenhum guerreiro. Era apenas um brutamontes. Não era nem metade do que é um homem.

Sim, é tempo dos homens retornarem. Mas homens *de verdade*. Não caricaturas que cresceram demais. Guerreiros, sim. Mas não grosseiros. Guerreiros sensíveis. Já é tempo dos homens bons de Deus andar de braços dados e caminharem juntos em direção aos altos patamares das nobres intenções do Senhor. São os homens bons de Deus que têm as respostas. O movimento dos homens seculares fracassou porque eles nunca conseguiram chegar à origem da intenção de Deus para os homens. Os homens de crença sabem beber fundo da fonte de Gênesis, refrescar e renovar os projetos originais do Criador e aproveitar o dia.

É tempo desses homens voltarem, e tirarem a armadura da casa de penhor, do bazar de objetos usados e do porão.

É tempo de se apresentarem, pois o Rei supremo convoca seus cavaleiros. Seu Espírito se move entre seus homens como poucas vezes acontece na história. O Rei supremo está em obra.

Em uma época anterior à de Artur, o da história e da lenda, os machados afiados dos saxões atacavam a Grã-Bretanha por todos os lados. Os grupos saxões armados, cruéis e impiedosos, devastavam as vilas britânicas, violentando, saqueando e matando. Os britânicos queriam um rei supremo, e Artur Pendragon respondeu ao chamado, uniu a nação e expulsou os invasores do norte de volta para o mar.

É a mesma coisa que acontece hoje. Nesses dias de tradições e valores esfacelados, de ruas perigosas e lares em colapso, as pessoas anseiam por estabilidade e esperança. Precisam ter um vislumbre do poderoso Rei supremo que as ama. E o Rei quer seus cavaleiros-amigos ao seu lado.

Em uma cena do filme *Glória* aparece o regimento nortista 54, de Massachusetts, composto de escravos libertados sentado em volta de uma fogueira na véspera da grande batalha. O fogo crepita, as cigarras cricrilam, e vários homens cantam um *spiritual* — música dos negros estado-unidenses —, em uníssono, enquanto limpam seus rifles. Eles sabem que no dia seguinte suas vidas estarão em jogo, e eles precisam aproveitar o dia de hoje.

Um soldado volta-se para os colegas, tentando fazer com que o olhem nos olhos.

Ele diz: "Nós somos homens, não somos?".

Isso diz tudo, certo? Nós somos homens. *Homens*. Enfrentamos o perigo. Aceitamos os riscos. Absorvemos a dor. Endireitamos os ombros e — pelos céus — encaramos a morte e o inferno bem de frente.

E essa geração conseguirá isso. Você e eu. Parafraseando Churchill: quando a masculinidade perdurar mais de mil anos, que se possa dizer que este dia esteve entre as horas mais excelentes.

Escute o grito de batalha do apóstolo: "A noite está quase acabando; o dia logo vem. Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e revistamo-nos da armadura da luz" (Rm 13.12).

Avancemos! Paulo levanta a voz, "em pureza, conhecimento, paciência e bondade; no Espírito Santo e no amor sincero; na palavra da verdade e no poder de Deus; com as armas da justiça, quer de ataque, quer de defesa" (2Co 6.6,7).

Há uma batalha a nossa volta. Há obras por fazer, inimigos a vencer, corações a ganhar, e grandes buscas a empreender. Esta é a época em que as forças da luz precisam reunir suas energias contra os exércitos intrusos de trevas e morte. Não é hora de arrastar os pés em desapontamento e derrota.

Não, nós não somos os cavaleiros brilhantes que queremos ser; nossa armadura não está tão reluzente, nossa visão não está tão penetrante, e nossas espadas não estão tão afiadas quanto desejaríamos que estivessem. *É por isso que precisamos de amigos.* É por isso que precisamos de irmãos de alma, companheiros Ranger, e camaradas de armas. Salomão escreveu: "Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro" (Pv 27.17).

Naturalmente! Que outra maneira há para se livrar da ferrugem? Um homem afia o outro. Um homem consegue dar lustro à armadura do outro. Um homem prepara o outro para o combate. Um homem respira dando o fôlego de coragem, e sabedoria, e fogo, e resistência ao coração de seu irmão.

O nobre Percival não precisava passar a vida cavalgando sozinho, combatendo dragões sozinho e tentando fazer esquecer seu histórico negativo. Ele precisava de um companheiro que pusesse um braço em volta de seu ombro, que o ajudasse a deixar para trás o passado e a erguer os olhos e focá-lo em direção à glória no serviço do grande Rei.

Por falar nisso, é o que eu também preciso. A vida é curta demais para vaguearmos pelos caminhos passados e bater a mata sozinho. Você e eu estamos um pouco enferrujados nessa coisa chamada amizade masculina, mas tudo bem. À luz excelente de uma nova manhã ou à luz de uma fogueira amiga, cuidaremos juntos dessa ferrugem. Ombro a ombro, daremos novo brilho a essa armadura masculina. Pela graça de Deus, teremos o tipo de armadura que capta a própria luz do céu.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. O cavaleiro Percival andava cabisbaixo pela vida, com a alma pendente, com a armadura manchada de ferrugem, por causa de algum evento em seu passado em que ele não atuara da maneira que um cavaleiro deveria atuar. E por isso, ele desperdiçava seus dias, não tentava nem mesmo causar impacto. Será que há alguma área da vida em que você é um cavaleiro enferrujado, de ombros caídos que nem tenta causar impacto? Já é tempo de erguer a cabeça, levantar a espada e ficar alerta? Pense em compartilhar isso com alguém que possa incentivá-lo.
2. Será que há um "cavaleiro Percival" no local em que você trabalha, morando na casa vizinha ou em sua igreja que precisa de um amigo? Que espécie de incentivo você pode dar a esse indivíduo?

De braços dados

1. "No passado, a hombridade era uma oportunidade de realização, agora parece um problema a ser vencido". De todos os lados, há expectativas em relação a você — o que ser, o que *não* ser. O que você acha mais difícil em ser um homem hoje?
2. "Cada três em quatro estado-unidenses julgam que estamos em declínio moral e espiritual." O que você fará a respeito disso? Não, de verdade, o que você fará? Como você fará o que é certo no local em que mora — com a força dada por Deus em sua masculinidade — para fazer alguma diferença positiva por amor a sua família, aos seus amigos, a sua igreja e a sua comunidade?
3. "Aprendemos a ser masculinos ao permanecermos ao lado de homens". O que vem a sua mente quando você pensa em permanecer "ao lado de homens"? Explique por que essa afirmação é importante para você.
4. Enumere alguns aspectos da vida que transformam os homens em cavaleiros enferrujados — áreas em que não estão combatendo o bom combate. Ao discutir esses pontos, você vê alguma área em que precisa tomar uma posição?
5. "Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro" (Pv 27.17). A frase soa bem; é muito citada e presume-se que seja verdadeira. Mas como isso funciona?
6. Abatido, desanimado, confuso, paralisado, manchado pela ferrugem, solitário — essa até que é uma boa descrição dos homens de hoje, você não concorda?

Tornar-se sadio novamente, achar um amigo, levantar a espada, aproximar-se — esses incentivos fazem a pessoa sentir-se bem, certo? Neste momento, o que você pensa sobre toda essa questão de amizades masculinas?

Notas

[1] *New York Times*, os dados completos da fonte são desconhecidos.

[2] Ibid.

[3] Mortimer B. Zuckerman, "Where Have Our Values Gone?", U. S. News e World Report, 8 de agosto de 1994, 88.

[4] Charles Colson, "The Thomas Hearings and the New Gender Wars", Christianity Today, 25 de novembro de 1991, 72.

[5] Chuck Swindoll, *The Strong Family* (Portland, Ore.: Multnomah Press, 1991), 26.

[6] Gordon Dalbey, *Healing the Masculine Soul* (Irving, Tex.: Word, 1988), 9-10.

[7] *Psychology Today*, dados complementares desconhecidos.

[8] Natalie Angier, *New York Times,* 17 de maio de 1994, B5

[9] Robert Bly, *Iron John* (Nova York: Addison-Wesley Publishing Co., Inc., 1990), 146.

CAPÍTULO 4

A respeito de fortes em árvores e verdadeiros amigos

Quebrar o gelo e começar



Um exército pode marchar em qualquer lugar e em qualquer estação do ano, onde quer que dois homens possam pôr seus pés.

Napoleão

Eu amo árvores desde menino quando vivia em um forte imaginário construído na árvore. Elas são vigorosas. Altas. Libertam. Dão sombra no verão. Abrigo no inverno. Parte das melhores diversões, das lembranças mais calorosas de minha vida envolvem árvores... geralmente estou balançando nelas ou sentado debaixo delas.

Uma de minhas árvores favoritas era o grande e velho salgueiro que tínhamos em casa quando eu era menino. Suas raízes se estendiam de um lado a outro do quintal como gigantescas cobras subterrâneas. Seu tronco era imenso para um salgueiro, mais de um metro de diâmetro. Os galhos principais eram tão grandes quanto os troncos de outras árvores da vizinhança. E lá no alto, em meio ao vento e às folhas, Tommy Harrison e eu construímos nosso forte na árvore.

Era uma coisa gloriosa (pelo menos, aos nossos olhos; nossos pais o viam como uma monstruosidade). Lá, dos baluartes seguros daquele forte na árvore, nós lutamos contra toda espécie de inimigos imaginários. Éramos absolutamente invencíveis no alto da árvore, longe de tudo que poderia nos ameaçar. Tommy e eu passamos dias inteiros ali, brincando, lendo histórias em quadrinhos, imitando o som de armas inexistentes, até demos nossas primeiras baforadas furtivas. (E mamãe nos pegou no pulo. Ai, ai! Nós pagamos por isso.) Tanto aquele salgueiro como aquela amizade foram bons refúgio para mim em meus anos de crescimento.

Depois havia as duas macieiras, carregadas de frutos, em que pendurávamos a rede. Elas cresciam do lado oeste da cidade, na rodovia 7, atrás da casa de infância de Linda. Foi lá, debaixo daquelas grandes árvores velhas com galhos amplos que Linda e eu nos sentamos em tardes preguiçosas de verão... e começamos um relacionamento que acabaria em casamento e duraria a vida toda. Ali, no calor adocicado pelas maçãs, debaixo daquelas folhas levemente sussurrantes, iniciamos nosso primeiro compromisso sério. Aqueles galhos entrelaçados da macieira proporcionavam um lugar de calor e segurança. Assim como aquela amizade... que se transformou no amor da minha vida.

E eu me lembro de um velho pinheiro cheio de cicatrizes, no nordeste do Oregon. Nessa época, eu já era pai. Com muito entusiasmo, meu filho Blake, que tinha 8 anos, e eu pusemos tudo no carro e "fomos para a terra agreste" viver uma aventura. Mas o tempo — cinzento, fechado, chuvoso — nos desapontou. De início, não imaginávamos que um tempo tão ruim nos proporcionaria momentos inesquecíveis. Nenhum dos dois jamais esquecerá o tempo que passamos sentados juntos debaixo de um grande pinheiro, perto do pico Bennett. Blake estava aconchegado debaixo do meu braço. E nós ficamos sentados ali... encantados... juntos... abrigados da chuva constante e nebulosa... durante horas... totalmente fascinados com um grande bando de alces das montanhas rochosas que majestosos pastavam completamente à vontade na cerração do morro, no lado oposto ao em que estávamos. Aquela árvore tornou-se um portal para outro mundo. Aquela árvore forneceu um refúgio para nós dois. E nossa amizade ainda é um grande refúgio para nós dois.

E não posso deixar de lembrar dos pinheiros. Lembro-me de um pinheiro grande como uma torre, na mata de Eagle Cap, em que meu irmão e eu nos refugiamos quando caçávamos com arco e flecha. Os galhos inferiores eram tão grandes e entrelaçados que nada podia penetrar naquele refúgio. Caminhamos uma grande distância protegidos por uma enorme cordilheira, no fundo da garganta do rio Minam. Sem aviso prévio, surgiram nuvens pesadas que penetraram na parte protegida em que caminhávamos. Em um instante, chovia torrencialmente. Eric e eu corremos para valer a fim de nos escondermos da chuva de verão. Ali... abrigados no pinheiro... aguardamos o fim da tempestade. Tudo ficou silencioso. Nós também. E, debaixo do pinheiro, lembramos de muita coisa que vivêramos como amigos e irmãos. ("Eric, lembra da vez em que você plantou uma semente de bordo em uma lata de café e a deixou em seu quarto? Você estava convencido de que colheria barras de 'doce de bordo'".)

Os zimbros são uma de minhas árvores favoritas. Eles são resistentes. E têm um cheiro revigorante. Depois da chuva, as fragrâncias frescas, uma mistura de zimbro e salva, superam o aroma de qualquer flor de estufa. Neste momento,

visualizo um zimbro em especial, uma árvore torcida, antiga, que havia na região central do Oregon, próxima à montanha Grizzly. Ela guarda lembranças especiais para mim e um amigo querido. Nós dois e nossos filhos acabáramos de sair da clareira e chegar à árvore. Sem perceber, assustamos vários veados que estavam do outro lado da árvore. Ao lado daquela velha sentinela de perfume doce, enquanto os veados iam embora em uma corrida saltitante, nós dois ríamos, quando um dos meninos gritou em inocente alegria: "Olhe, pai, veados dançantes!". Ali, em meio a esplendor tão natural, ao charme infantil e à amizade calorosa, nós exultamos. Que alegria. Ao lado daquela árvore! E um ao lado do outro.

Deixe-me contar mais uma lembrança. Há um bosque de pinheiros americanos no fundo do quintal de nossa casa atual. Há uns dois anos, debaixo daqueles pinheiros e da casa na árvore de nossos filhos, agora abandonada, Lindy, eu e dois dos meninos enterramos a fiel "velha Zac". Zac, a inteligente e amorosa cadela preta, mestiça de labrador e elkhound, fez parte da família durante quatorze anos. Quatorze anos de brincadeiras com bola, corridas atrás de *frisbees* e cochilos na varanda de trás com três meninos em fase de crescimento. Ela era inteligente, gostava de brincar e praticamente criou os meninos; provavelmente foi a melhor amiga de meu filho mais novo. (Por que pôr o nome de "Zac" em uma fêmea? Isso é outra história que fica para outra hora.) Debaixo das árvores, dois dos meninos e eu, com suor escorrendo pelas costas por causa do calor do verão, afofamos a terra com a picareta e cavamos com a pá, no barro duro, o túmulo de Zac. Nós a embrulhamos em um lençol, pusemos na cova e cobrimos com terra de novo. Depois, com os braços em volta um do outro, um dos meninos sugeriu que "disséssemos algumas palavras sobre ela". (Acho que, naquele verão, eles assistiram muitos filmes de faroeste.) Mas acatamos a sugestão. E agradecemos a Deus por seu gênio criativo em nos dar prazer na companhia de um simples animal. Debaixo daquelas árvores, nós meditamos e nos abraçamos.

Amigos são como árvores

Agora, ao pensar nisso, muitos dos bons momentos de minha vida aconteceram sob as copas das árvores. E por diferentes que fossem essas árvores — salgueiros, abetos, pinheiros, zimbros e macieiras — todas tiveram, do meu ponto de vista, umas duas coisas em comum:

Primeiro, eu usufrui o abrigo delas
a proteção
a quietude
a reflexão
e o prazer.

Um refúgio. E segundo, eu compartilhei todos esses refúgios, cada um deles, com um amigo.

Árvores e amigos são muito parecidos. Ambos nos propiciam abrigo. Proteção. Tranqüilidade. Paz. E um lugar para reflexão. Na realidade (como você sabe por experiência própria), foi o relacionamento, a amizade — muito mais que as árvores — que propiciou o abrigo e o refúgio mais significativos.

As amizades são como árvores — lançam fundo as raízes para ter estabilidade, para que cresçam os galhos fortes que abrigam e, por diversão, lançam folhas aqui e ali. Oferecem sombra para aliviar o calor, descanso do ritmo duro da vida e abrigo da pressa.

Isso é verdade hoje. E sempre foi verdade.

Você já notou que muitos momentos bíblicos significativos ocorreram à sombra das árvores? (O sol do Oriente Médio é de matar.)

- Gênesis 2.9 – "Então o SENHOR Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos [...]".
- Gênesis 18.1-4, 8 – "O SENHOR apareceu a Abraão perto dos carvalhos de Manre, quando ele estava sentado à entrada de sua tenda, na hora mais quente do dia. Abraão ergueu os olhos e viu três homens em pé, a pouca distância. [...] Disse ele [Abraão]: 'Mandarei buscar um pouco d'água para que lavem os pés e descansem debaixo desta árvore'. [...] Enquanto comiam, ele ficou perto deles em pé, debaixo da árvore."
- 1Reis 19.4,5 – Elias, fugindo de Acabe e Jezabel, "entrou no deserto, caminhando um dia. Chegou a um pé de giesta, sentou-se debaixo dele e orou, pedindo a morte: 'Já tive o bastante, SENHOR. Tira a minha vida' [...]. Depois se deitou debaixo da árvore e dormiu. De repente um anjo tocou nele e disse: 'Levante-se e coma'".
- Jeremias 17.7,8 – O próprio Senhor comparou um homem que confia nele com uma árvore plantada junto às águas...

"que estende as suas raízes para o ribeiro.
Ela não temerá quando chegar o calor,
porque as suas folhas estão sempre verdes;
não ficará ansiosa no ano da seca,
nem deixará de dar fruto".

E para finalizar o tema das árvores, quero dizer que quando a paz final (e a tranqüilidade, e a perspectiva, e o refúgio) chegarem à terra, quando a pleni-

tude de toda a terra for realmente a glória de Deus, quando se fizer a vontade plena do Deus vivo neste planeta, as próprias árvores participarão de maneira poderosa:

Isaías 55.12 diz: "Todas as árvores do campo baterão palmas".

Árvores são como amigos

Árvores são como amigos.

Árvores... salgueiros, macieiras, pinheiros, zimbros.

Amigos... colegas de infância, namoradas da adolescência, pais e filhos, irmãos.

Árvores e amigos têm muita coisa em comum. Os dois fornecem o bem-vindo abrigo das inevitáveis tempestades que varrem o horizonte.

Chuck Swindoll, em seu livro, que é ponto de referência, *Crescendo em força nas estações da vida,* chamou atenção para um poema escrito por Samuel Taylor Coleridge. O nome do poema era "A Amizade é uma Árvore que Abriga".

É isso mesmo, não é? Você precisa de alguns amigos quando o calor aumenta, e os ventos começam a soprar. E você também precisa deles quando não há nem calor nem vento. Os amigos são a coisa mais preciosa da vida. Eles são os oásis refrescantes na paisagem, às vezes, árida de nossa época. Sem amizades significativas perdemos muito da vida abundante que Deus quer que tenhamos.

As reflexões de Swindoll são apropriadas: "Debaixo dos galhos de quem você se sente refrescado? E quem é que descansa debaixo dos seus galhos?". Quem são seus amigos de verdade? Com que pessoas próximas e confiáveis você conta? Quem é dono de um pedaço do seu coração? Não são muitas pessoas, não é mesmo? Quando você pensa no assunto é difícil citar nomes? Talvez nós realmente precisemos começar a plantar algumas mudas.

Fazer a ligação

Como é mesmo que se faz para que essas árvores cresçam? Como ter amizades que forneçam galhos fortes e protetores? Como plantar alguns amigos que ficam de sentinela pelas calçadas de sua vida? Como é mesmo que se faz a ligação?

Escute! Não é tão complicado assim. Você os *atrai.* Você os *ganha.* Você os *torna* amigos. Você *faz amizade* com eles.

A Bíblia fala a respeito de modo simples e claro: "O homem que tem muitos amigos pode congratular-se" (Pv 18.24, RC-RSV).

Eu gosto disso. Você quer ter um amigo? Ótimo. *Seja um.* Você quer que as pessoas cheguem até você? *Chegue até elas.* Você quer que as pessoas gostem de você? *Mostre que você gosta delas.* Para ter um amigo você precisa ser amigo!

Cultivar amizade é uma expressão — e quer dizer "agir como amigo". Para ter um amigo, você precisa atuar como amigo de alguém.

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Nós três precisávamos um do outro e sabíamos disso. Precisávamos do apoio. Precisávamos da ligação. Precisávamos de alguém que soubesse exatamente porque estávamos cansados e até sentindo-nos solitários.

Não me lembro qual de nós admitiu primeiro essa necessidade. Mas alguém fez isso. Mas a partir da admissão do sentimento, em algum jogo ou mesa de jantar, jorrou uma cachoeira de emoção dos outros dois. Nós conseguimos — nós realmente estávamos ligados uns aos outros.

Nós nunca perdíamos uma reunião. Todo domingo à noite, agendávamos algum encontro e nada separava nosso recém-estabelecido triângulo de coração. Não sei dizer o que aqueles encontros fizeram ao meu coração. Como era forte meu elo com esses dois HOMENS. Eu acho mesmo que nós nos *tornamos* homens naquele primeiro domingo à noite quando nós três nos reunimos no nome de Deus.

Seis passos para se ligar a um amigo

O que quer dizer "atuar como amigo"? Vejamos algumas sugestões simples e eficazes de "como fazer" para pôr em prática o ser amigo e o ganhar um amigo.

1. Conheça a si mesmo.

Fique comigo. Sim, este primeiro passo é crucial. Você precisa separar um tempo de quietude para avaliar a si mesmo. Reconheça seus pontos fracos. Aceite seus pontos fortes. Faça um retrato exato de você mesmo.

Paulo diz: "Digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter [nem, está implícito, inferior]; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado" (Rm 12.3).

Faça a si mesmo algumas perguntas duras e não fuja das respostas. Será que sou positivo e simpático? Ou sou reclamador e pessimista? Eu gostaria de *me* ter como amigo? Fico me defendendo? Deixo meus fracassos passados me abaterem ou estou pronto para seguir minha vida? E, o mais importante, eu sou honesto? As pessoas podem contar comigo?

Jesus disse que o cerne da Bíblia e da vida cristã é amar a Deus de todo o coração, mente e alma e "o seu próximo como a si mesmo". Essa frase subentende uma forma saudável de auto-respeito, não é mesmo? E é uma parte importante do fazer amigos.

Desenvolva uma *presença encorajadora* e o vocabulário que a acompanha. Pare com as manifestações do tipo "coitado de mim", largue o pessimismo e livre-se de atitudes e comentários depreciativos a respeito de si mesmo. ("Só que eu não sou muito..."). Nunca deixe de dar uma palavra animadora, nunca hesite em fazer um ato bondoso. Sorria. Tenha "uma fisionomia que diz sim".

2. Identifique sua visão.

Identificar sua maneira de ver as coisas faz parte do conhecer a si mesmo, mas é tão crucial que vale a pena falar a respeito disso em um tópico separado. O que o motiva? Para o quê você foi feito? Lembre-se que o "sentido de propósito" era o que motivava Jesus. Mesmo quando tinha apenas doze anos, ele ficou surpreso quando seus pais não reconheceram que realmente havia apenas um lugar onde procurá-lo: "Não sabiam que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lc 2.49). Foi seu senso de visão que atraiu tantos amigos para ele. Seus amigos queriam tanto estar com ele que largaram as promoções, as carreiras e o tempo pessoal só para acompanhá-lo. Seu senso de propósito estava no cerne de sua capacidade magnética de atrair e manter amigos. Depois ele levou-os para além da visão, levou-os para o relacionamento. Jesus não tinha apenas discípulos. Ele tinha amigos íntimos. Muitas vezes, nós, hoje, temos a tendência de ver seus discípulos apenas como parte da organização dele, não como amigos com quem ele ria e chorava, camaradas com quem ele caminhou, trabalhou e suou. O Senhor via a igreja como um círculo de amigos. Amigos de verdade.

Foi o compartilhamento de sua visão pessoal que cimentou suas amizades. Ele abria o coração e a mente aos companheiros. Eles sabiam o que acontecia no interior de Jesus. Ele foi graciosamente aberto, transparente e vulnerável com seus amigos. Ele lhes contava tudo que era importante para ele.

> Já não os chamo servos, porque o servo não sabe o que o seu senhor faz. Em vez disso, eu os tenho chamado amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu lhes tornei conhecido (Jo 15.15).

Jesus era um grande amigo e servia tão bem os amigos porque entendia quem ele próprio era.

> Sabendo Jesus que havia chegado o tempo [...] sabia que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e [sabia] que viera de Deus e [sabia que] estava voltando para Deus; assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura [...] e começou a lavar os pés dos seus discípulos (Jo 13.1,3,4,5).

Ele não se sentiu ameaçado em fazer o serviço mais humilde porque sabia muito bem quem ele era, onde tinha estado e para onde ia. Jesus tinha uma visão. E isso o fez infalivelmente atraente. E amigo.

A visão é o material que constrói as amizades. Amigos se põem lado a lado ao olhar para a montanha, ao contemplar a tarefa, ao avaliar o que é importante. E é essa visão em comum que *motiva* a amizade.

No outono passado, na estação de caça com arco e flechas, eu estava sentado em torno da fogueira do acampamento com dois de meus grandes amigos. Os dois não se conheciam tão bem entre si, como eu conhecia a ambos. Mas fiquei fascinado em presenciar o brotar de uma nova amizade entre esses dois homens fortes. Como eu conhecia os pontos fortes de cada um podia prever o rumo da conversa. Cada um deles tem um propósito. Eles entendem a si mesmos. E cada um tem uma visão que vai além de si mesmo. Foi inevitável que, em pouco tempo, se tornassem bons amigos.

E aconteceu. Ali sob as estrelas, ao lado do riozinho, ao pé do morro que ficava mais ao norte, quase que de imediato eles chegaram ao cerne da questão. Um deles perguntou ao outro: "O que há em sua vida (e não vale dizer 'família' nem 'fé'), pelo qual você se disporia a morrer?". Até aquele momento, estávamos juntos apenas por alguns dias. Mas já chegávamos às questões importantes. C.S. Lewis expressou isso melhor que qualquer outro:

> O companheirismo se estabelece entre pessoas que fazem alguma coisa juntas — caçar, estudar, pintar ou que quer que seja. Os amigos ainda fazem coisas juntos, mas algo mais íntimo, menos compartilhado e menos fácil de definir; eles ainda colaboram um com o outro, mas em algum trabalho que o mundo talvez ainda não valorize; ainda são companheiros de viagem, mas em uma espécie diferente de viagem. Por isso, nós imaginamos amantes face a face, mas são amigos lado a lado: seus olhos olham à frente.

> É por isso que... as pessoas que simplesmente "querem amigos" nunca têm nenhum. A própria condição de ter amigos é querer algo mais além de amigos. Onde está a verdadeira resposta à pergunta: "Você vê a mesma verdade?", se ela for: "Eu não vejo nada e não me importo com a verdade; só quero um amigo", nenhuma amizade surge disso... nessa declaração não há nada que diga respeito à amizade; e a amizade precisa de um propósito, mesmo que seja apenas o gosto por jogar dominós ou por criar ratinhos brancos. Aqueles que não têm nada, não compartilham nada; aqueles que não vão a lugar nenhum não têm companheiros de viagem.[1]

Como resumir palavras tão verdadeiras? Talvez de uma maneira bem simples: identifique sua visão, viva por ela, exponha-a e delineie suas amizades nela e por intermédio dela.

3. Tome a iniciativa.

Quando o Amigo Insuperável decidiu ser nosso amigo, adivinhe quem fez o primeiro movimento em direção a isso? Seja qual for o ponto de partida pelo qual você opte — criação, encarnação, concepção, redenção — o movimento foi dele. Todas as vezes. Ele tomou a iniciativa. Ele assumiu o risco. Ele se estendeu — em toda a distância das régias avenidas do céu à estrebaria malcheirosa na área pobre da vila de Belém. Que distância ele percorreu. É assim que faz um grande amigo.

Lembra-se destas palavras magníficas? "Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19.10).

Ele procurou por nós, não é? Ele veio com as mãos estendidas.

Você se lembra de quando era "novo na vizinhança" e ninguém se estendeu para você? Isso é desconfortável, embaraçoso, desajeitado e frustrante. Não deixe que isso aconteça. Vença você esse momento desajeitado. Seja *você* a pessoa que se estende. Seja *você* quem inicia a conversa. E não se preocupe com rejeição. Nesta vida nada funciona de maneira perfeita. Mantenha essa atitude. Olhe as pessoas no olho, aprenda os nomes, estude os corações. E se estenda.

Natanael ficou agradavelmente chocado e feliz quando o estranho de Nazaré lhe disse: "Eu o vi quando você ainda estava debaixo da figueira [eis aquela árvore outra vez], antes de Filipe o chamar" (Jo 1.48). O verbo "ver" aqui dá ênfase à direção do pensamento em relação ao objeto visto. Enfatiza o discernimento do ato de ver. Diz respeito ao "perceber". Jesus havia, literalmente, "estudado" o homem. Ele até fez, de imediato, um comentário extremamente afirmativo sobre ele — "não há falsidade" neste homem. Fala sobre aceitar e afirmar de imediato, desde o sinal de partida! (Falaremos mais sobre esse assunto adiante.)

4. Foque o amigo.

Jesus focou Natanael. Ele focou Pedro. Focou o cego Bartimeu. Ele focou o pequeno Zaqueu em cima daquela árvore. E ele continuou, até o fim, focando velhos e novos amigos. Ora, se há um momento em que o homem tem licença de pensar em si mesmo é no apogeu da crise de sua vida. Jesus suou gotas de sangue no jardim quando enfrentava a idéia de sua morte. Mesmo assim, ele, na agonia de seus dias finais, se concentrava em seus amigos. Em essência, o que ele disse a Pedro foi: "Esses próximos dias serão uma verdadeira provação. Serão difíceis para nós dois. Eu quero que você saiba que orei por você" (veja Lc 22.31,32).

Parte do que tornava Jesus um amigo tão bom era o fato de ele ser tão abnegado e focar na outra pessoa. Ele fazia coisas pequenas de uma maneira grandiosa. Jesus focava nos outros, desde notar uma criancinha enquanto ensinava (Lc 18.15-17) até se preocupar em ajudar sua mãe, Maria, enquanto ele suportava a tortura da cruz (Jo 19.26,27).

O valete do presidente Teddy Roosevelt conta uma história em que vemos uma qualidade semelhante a essa nesse grande homem:

> Minha esposa uma vez perguntou ao presidente sobre um pássaro, uma codorniz dos Estados Unidos, e ele descreveu a ave para minha esposa. Mais tarde, o telefone tocou em nossa casa (na propriedade rural de Roosevelt). Minha esposa atendeu, era o próprio sr. Roosevelt. Ele telefonou para dizer-lhe que havia uma codorniz do lado de fora da janela dela e se ela olhasse veria como é a codorniz. Ele costumava fazer essas coisas.[2]

Um bom amigo se interessa de verdade pelas outras pessoas — por seus interesses, suas paixões, seu trabalho, sua casa e sua família. Um bom amigo alegra-se com a vitória do amigo. Entristece-se com o sofrimento do amigo. Ele não se concentra nas dores e desilusões pessoais. Certa vez, li uma frase que expressa isso muito bem: "Seja bondoso. Toda pessoa com quem você se encontra enfrenta uma batalha difícil".

Focar em si mesmo não ajuda *ninguém.* Focar nos outros não só ajuda a eles, como é salutar para você. A Associação Médica dos Estados Unidos diz isto com bastante clareza:

> Faça exercício regularmente, alimente-se de modo equilibrado e faça algo de bom para alguém. Talvez, em um futuro próximo, você receba esse conselho de seu médico. Hoje, mais que nunca, há provas que mostram

que ajudar os outros traz benefícios diretos à saúde dos que fazem isso. Em uma nova pesquisa explosiva, psicólogos, epidemiologistas e neurocientistas provam os benefícios que o *altruísmo* [palavra valiosa que significa "cuidados prestados pensando no bem de outros"] — ato há muito tempo elogiado pelos moralistas — traz para quem o pratica.[3]

5. Cumpra suas promessas e guarde as confidências.

Diga o que você quer dizer. Tencione seriamente o que você diz. E mantenha isso entre vocês dois.

O uso da língua é importante em suas amizades. A Bíblia nos diz explicitamente que "a língua tem poder sobre a vida e sobre a morte" (Pv 18.21). Se o caso é esse, se vigiar sua língua é realmente um assunto de vida e morte, pense no impacto que ela tem no fazer amizades... e inimizades duradouras. "A palavra proferida no tempo certo é como frutas de ouro incrustadas numa escultura de prata" (Pv 25.11). Esse tipo de palavra de que fala o versículo, quando oriunda de fonte confiável, dá esperança verdadeira.

Nosso Amigo supremo tem grande e apropriado orgulho da maneira como faz promessas e as cumpre. É a qualidade que, muitas vezes, opta por associar de maneira mais direta ao seu nome e ao seu caráter. "Saibam, portanto, que o SENHOR, o seu Deus, é Deus; ele é o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade por mil gerações daqueles que o amam e obedecem aos seus mandamentos" (Dt 7.9).

Alguém já disse, com muita correção: "A amizade não sobrevive em meio a encontros desmarcados, promessas esquecidas, empréstimos não pagos, telefonemas não respondidos, desculpas esfarrapadas e mentiras deslavadas".

Por outro lado, a amizade *voa alto* em um ambiente de aceitação, transparência, confiança e promessas feitas e cumpridas.

Nada destrói mais depressa uma amizade que trair a confiança de alguém. De acordo com Salomão, isso é pior que uma dor de dente daquelas que ataca até o maxilar: "Como dente estragado ou pé deslocado é a confiança no hipócrita na hora da dificuldade" (Pv 25.19). E outra vez: "Quem muito fala trai a confidência, mas quem merece confiança guarda o segredo" (Pv 11.13).

6. Continue firme, forte e fiel — haja o que houver.

Lembre-se, os amigos são como árvores. Há refúgio sob seus galhos. Há segurança. Não importa o que acontecer, os amigos nos abrigam. Não importa o momento (dia ou noite), o clima (bom ou mau) ou as circunstâncias (agradáveis ou dolorosas), as árvores e os amigos continuam firmes, fortes e fiéis. Como o

carvalho de raízes profundas, as árvores e os amigos agüentam as tempestades, suportam as secas e, ao longo dos anos, tornam-se cada vez mais fortes.

Robert Fulghum faz o paralelo entre árvores e amigos. Veja como ele narra o conto sobre uma árvore e uma amizade:

> Há uma árvore... na beira da borda baixa de um campo comprido e estreito nos contrafortes da banda ocidental da serra La Sal... uma árvore específica. Um zimbro. Ele é grande para sua espécie — quase sete metros de altura e uns 60 centímetros de diâmetro. Talvez durante trezentos anos, essa árvore se firmou na terra. Crescendo bem nas estações favoráveis, e se mantendo em tempos adversos. "Linda" não é uma palavra que vem à mente logo que a vemos. Nenhum naturalista a fotografaria como exemplar da espécie. Ela foi retorcida pelo vento, rachada e queimada por raios, tem marcas de incêndios, foi comida por insetos e bicada por pássaros. Os seres humanos já tiraram... alguns pedaços de casca de seu tronco, fixaram arame farpado nela ao usá-la como poste para uma cerca e pregaram tabuletas em três lados dela: PROIBIDO CAÇAR; PROIBIDO ENTRAR; FAVOR FECHAR A PORTEIRA. Os mineiros e rancheiros, quando se apossaram dessa árvore como poste para reivindicações de direitos à propriedade, fizeram sinais e símbolos em sua casca e deixaram uma fita cor de laranja de demarcação amarrada em seus galhos. Agora ela serve como lateral de um portão entre um campo de alfafa e o campo aberto. Não importa se há seca, enchente, calor ou frio ela continua viva... nas pontas verdes de seus galhos mais altos e em suas bagas de sementes como frutinhas.
>
> Eu respeito esse velho zimbro. Por sua idade. E por sua firmeza em aceitar tudo que fazem com ele... Eu, mais que tudo, admiro sua capacidade de... se recuperar de todos os acidentes e ataques. Ele tem uma determinação — em, haja o que houver, continuar a existir.
>
> Ontem à noite, fui passear no escuro do outono precoce para verificar se alguém se lembrara de ligar a Via Láctea e de desligar o vento. De volta à cabana, orientado pela luz amarela de uma lamparina de leitura na sala, fiquei do lado de fora por longos momentos e olhei minha esposa, lá dentro, acomodada no sofá fazendo a barra em uma nova calça de lã minha.
>
> Há dezessete anos, ela é minha companheira, minha amiga, minha co-conspiradora.
>
> Ontem, ficamos bravos um com o outro sobre algo que parece trivial agora, mas o fogo da ira não esfriou completamente debaixo das cinzas da

superfície. Ontem, eu a fiz chorar de frustração. Ontem, ela estava zangada comigo. Eu sei que, às vezes, a deixo louca. Às vezes, a convivência com ela também não é fácil. Ontem tiramos das prateleiras, em que estão armazenadas de maneira precária, antigas irritações.

Contudo, hoje nós subimos a estrada para apanhar o milho plantado por nosso vizinho e voltamos pela estrada de mãos dadas, do nosso jeito costumeiro. Somos bons em perdoar. Temos que ser. O clima de amor [e de amizade] vem e vai, e precisamos deixar que seja assim. É uma condição inerente ao amar [ao fazer amizade] e ao ser amado.

E agora, esta noite, ao observá-la pela janela, eu vejo seu sorriso ao arrumar cuidadosamente a minha calça, talvez ela esteja pensando em se vingar, deixando uma perna um pouco mais comprida que a outra.

O portão pelo qual passamos para apanhar milho é aquele fixado no velho zimbro. E, esta noite, penso naquela árvore ao olhar para minha esposa. Anseio que nosso amor [amizade] seja sempre como aquela árvore. Tenha a capacidade obstinada de... sarar e crescer, de ir em frente com cicatrizes e tudo, haja o que houver.[4]

Amigos são como árvores. É tempo de plantar, cultivar e fazer crescer algumas árvores.

Mas elas não germinam se você fica sentado em seu sofá olhando pela janela. Você tem que fazer sulcos no chão, cobrir com um pouco de terra e cavar um pouco.

Portanto, vamos em frente. A vida fica muito árida sem sombra, e as tempestades são frias e molhadas quando sopra o vento. Nesse tipo de clima, não procure por *mim* no descampado.

Eu estarei debaixo de uma árvore.

Um homem enfrenta a si mesmo

"Debaixo dos galhos de quem você se sente refrescado? E quem é que descansa debaixo dos seus galhos?" Faça uma lista. Agradeça por ter essas pessoas. *Ore por elas.* Pense em alguma maneira simples de incentivar cada uma delas e faça isso antes que a boa intenção se desvaneça.

De braços dados

1. "Árvores são como amigos." Como as árvores são semelhantes aos amigos? Faça uma lista com algumas características que são comuns às árvores e às amizades sólidas.

2. Apresentamos seis passos de como se ligar a um amigo. Procure lembrar cada um deles. Explique o significado de cada passo:

   a. Conheça _____.

   b. Identifique _____.

   c. Tome _____.

   d. Foque _____.

   e. Cumpra _____ e guarde _____.

   f. Continue _____, _____ e _____.

3. "Nós imaginamos quem ama face a face, mas são amigos lado a lado: seus olhos olham à frente. [...] A amizade precisa de um propósito." O que essa citação de C. S. Lewis lhe diz sobre identificar um amigo especial.

4. Comparou-se o velho zimbro retorcido com a amizade. "Anseio que nosso amor [amizade] seja sempre como aquela árvore" com "a capacidade obstinada de... sarar e crescer, de ir em frente com cicatrizes e tudo, haja o que houver". Você se lembra de alguma amizade antiga que esteja machucada por algum contratempo passado? Você se sente encorajado a procurar esse amigo e a, de alguma maneira, andar de braços dados de novo? Como as pessoas podem encorajá-lo e orar por você a respeito disso?

Notas

[1] C. S. Lewis, *The Four Loves*, 98.

[2] Como contado em Dale Carnegie, *How to Win Friends and Influence People* (New York: Pocket Books, 1981, ed. revista), 57.

[3] Eileen Rockefeller Growald e Allan Luks, "Beyond Self", American Health, Março 1988, 51.

[4] Robert Fulghum, *Uh-Oh* (Nova York: Random House, 1991), 59-61.

CAPÍTULO 5

Rumo à terra alta

Quando a amizade prevalece sobre a lógica



Meu irmão, cooperador e companheiro de lutas.

Filipenses 2.25

Terra alta.

Das terras baixas você a vê. A terra alta está lá no alto, acima da poluição e do mormaço. Lá onde os ventos sopram frios e limpos, onde as flores silvestres pintam os campos altos, onde os picos das montanhas pegam a primeira luz da manhã, seguram a última luz do dia e levantam seus pináculos soberbos no céu.

A verdadeira amizade é a terra alta da vida. E podemos chamar o pico mais alto da terra alta de o "monte do companheiro de luta".

Pelo menos, Paulo parecia pensar assim. Quando o grande apóstolo descreveu aquele amigo específico parecia que sua voz crescia à medida que contava o que tinham passado juntos. Muito semelhante à maneira que um mestre de cerimônias, de um evento público importante, usou para apresentar o convidado principal, aumentando a ênfase à medida que falava: "Senhoras e senhores, eu lhes apresento o ex-governador de nosso estado, o ex-congressista de Nova York, *o presidente dos Estados Unidos".*

Paulo, de forma semelhante e ainda mais magnífica, apresentou seu amigo. Ele disse: Este é "meu irmão". Este é meu "cooperador". Não, mais ainda, este é meu "companheiro de lutas".

Companheiros de lutas são amigos que já passaram por tudo juntos. Como Louis L'Amour diria, eles já atravessaram a montanha e navegaram o rio juntos. Já enfrentaram, lado a lado, os ventos impetuosos. Já enfrentaram perigos,

e tempestades, e desfiladeiros. Já enfrentaram os extremos juntos — como a vida e a morte.

As almas se entrosam quando enfrentamos juntas as situações extremas. O pico mais alto da terra alta da amizade é ser companheiro de luta. É onde todos nós sonhamos chegar. É a montanha que desejamos escalar. Onde está o ar puro que todos ansiamos respirar. A água clara que satisfaz uma sede tão profunda da alma que não conseguimos expressar em palavras.

Você já notou que, em geral, as estradas mais acidentadas e cheias de pedras são as que levam aos lugares mais bonitos? São nas agonias da vida de soldado — enfrentando juntos a vida e a morte em lugares inóspitos — que as almas se fundem.

Sim, o apóstolo Paulo tinha um jeito especial para descrever seus amigos. Em poucas palavras, ele transmitia a essência da camaradagem que existia entre eles. O velho veterano, imbuído de "espírito fraterno", olhava o teto com olhar pensativo, molhava a ponta de sua pena de escrever na tinta e instruía que todos nós seguíssemos seus passos e honrássemos "homens como este [amigo]" (Fp 2.25-30). Os dois enfrentaram algumas batalhas juntos. Eles correram riscos semelhantes, carregaram pesos semelhantes e tinham cicatrizes semelhantes. Paulo chamou Epafrodito de "meu irmão, cooperador e companheiro de lutas". Em termos soldadescos, a amizade deles chegou ao apogeu. Em meus dias de soldado aprendi alguma coisa sobre esse tipo de camaradagem.

Companheiro de lutas na década de 1960

Há muito tempo, hoje parece que em uma galáxia muito, muito longínqua, os Estados Unidos participavam de uma guerra na República do Vietnã. No outono de 1967, recém-formado na faculdade, no momento em que a guerra chegava ao seu auge, fui enviado para o Forte Benning, Geórgia. O Forte Benning — base da Escola de Infantaria do Exército dos Estados Unidos — era uma parada usual para os novos oficiais que seriam enviados para o Vietnã. Naqueles dias, quase todo novo tenente do Exército Regular recebia a ordem de ir para a Escola de Rangers do exército estado-unidense que funcionava lá.

Eu não fui exceção. Com a cabeça raspada, corpo em forma e mente alerta, eu me apresentei junto com outros 287 homens igualmente tensos, orgulhosos, bravos e receosos, tudo ao mesmo tempo. Um experimentado e antigo Ranger, oficial de treinamento não comissionado, postou-se desafiador a nossa frente, deu ordem de "descansar" e começou a falar.

Na verdade, ele gritava.

Sua cabeça se movia de um lado para o outro conforme olhava a formação de soldados. Às vezes, parecia que seus olhos se fixavam nos nossos. Ele era

formidável. O homem já tinha viajado para vários lugares. Ele já tinha ido ao Vietnã. E ele tinha histórias para contar.

Outras situações de treino não passaram disso — situações de treinamento. De alguma forma esta era diferente. O homem que nos varria com olhar duro como pedra tinha presença. Tudo nele — aparência, voz, olhos, experiência — chamava atenção. Além disso, éramos homens que conhecíamos nosso destino: estávamos na fila para embarcar para o Vietnã. O presidente Lyndon Johnson abrira a torneira, e a corrente fluía. Dava para sentir. Era para valer.

A fala do antigo Ranger foi tão incisiva e dura como o corpo dele. Ele enfatizava as palavras como se viessem de suas vísceras: "Estamos aqui para salvar a vida de vocês. Por isso, faremos duas coisas com vocês no decurso das próximas nove semanas. Primeiro, faremos com que vocês vençam todos seus temores naturais — especialmente de altura e de água. Segundo, vocês aprenderão a incrível quantidade de estresse que a mente e o corpo agüentam. Muitos de vocês não completarão as nove semanas. Esse treinamento é duro demais. Mas os que forem para o Vietnã, quando nós terminarmos com vocês, *serão* os melhores soldados do Exército dos Estados Unidos. Os melhores da América. Vocês *serão* seguros. Vocês *sobreviverão,* mesmo ao combate. E vocês *completarão* sua missão!".

O homem, depois desses comentários que visavam tanto inspirar como intimidar, deu-nos nossa primeira tarefa: "O primeiro passo em seu treinamento é a escolha de um 'Companheiro Ranger'".

Quando se pensa no assunto, não se pode deixar de achar que foi uma declaração surpreendente. Ele acabara de nos dizer que enfrentávamos uma tarefa incrivelmente atemorizante. Acabara de nos dizer que o treinamento seria demais para muitos de nós. (Ele estava certo. Dos 287 candidatos, menos da metade concluiu as nove semanas de treinamento, e apenas cerca de noventa homens conseguiram a cobiçada insígnia no ombro esquerdo.) Ele também fez uma afirmação muito perspicaz sobre a natureza da alma humana.

Quando você caminha por uma estrada acidentada, o melhor é caminhar ao lado de um amigo. Juntos é melhor!

Ao fazer com que o primeiro passo fosse a escolha de um companheiro Ranger, a intenção das palavras seguintes do velho soldado ficou gravada a ferro e fogo em nossa mente:

"Tarefas difíceis requerem um amigo. Vocês dois ficarão juntos. Vocês nunca largarão um do outro. Caminharão juntos, correrão juntos, comerão juntos e dormirão juntos. Vocês ajudarão um ao outro. Vocês se incentivarão. E, quando necessário, vocês carregarão um ao outro".

Nós entendemos o que ele dizia. Era a maneira do exército dizer: "Nunca entrem na água sozinhos. Nunca entrem na batalha sozinhos. Nunca, em

qualquer circunstância, caminhem sós. Fiquem juntos, Rangers! Vivam juntos... e, se necessário, morram juntos."

Esse é um tema que soa alto e em bom som nas páginas do Novo Testamento. A vida, neste mundo caído que logo será julgado, é difícil. Os crentes precisam uns dos outros. Os soldados de Deus precisam de companheiros de lutas. O homem de Deus precisa de um companheiro Ranger.

Ser companheiro de luta ao estilo do Novo Testamento

A escola de Rangers, do Exército dos Estados Unidos, na verdade, "descobriu" a versão militar da comissão de Jesus a seus seguidores:

> Depois disso o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou dois a dois, adiante dele, a todas as cidades e lugares para onde ele estava prestes a ir. E lhes disse: [...] "Não levem bolsa, nem saco de viagem, nem sandálias" (Lucas 10.1,2,4).

Jesus Cristo, General Comandante do maior e, em última análise, mais vitorioso exército da história, foi enfático. Vocês não precisam de um maço de dinheiro. Vocês não precisam do melhor equipamento. Vocês não precisam do último lançamento de nada. Mas vocês precisam de um amigo. Não "levem bolsa, nem saco de viagem, nem sandálias"..., mas sempre levem um amigo.

Portanto, é de se admirar que os Promise Keepers [Guardadores de Promessa], o mais óbvio instrumento do movimento do Espírito em meio aos homens cristãos de hoje, insistam que a Promessa Número Dois seja precisamente o mesmo compromisso: "Um Guardador de Promessa tem a obrigação de procurar relacionamentos vitais com outros homens, compreendendo que precisa de irmãos para ajudá-lo a cumprir suas promessas."

É um princípio de vida inabalável. Fique com seus amigos. Fiquem de pé juntos. Andem de braços dados. E enfrentem juntos o inimigo. Não há amor mais notável que o de um homem que dá a vida pelos amigos. A linha de fundo desse princípio é que *existem horas entre verdadeiros companheiros de luta em que a amizade supera a lógica.* E os que nunca passaram por isso jamais entenderão o que isso significa. Essa compreensão é reservada aos amigos da estirpe dos companheiros de luta.

Por isso, fiquei ferido e com muita raiva de um artigo publicado no jornal *The Oregonian*, no outono de 1993, em que descreviam os acontecimentos da Somália. É provável que alguém se lembra do episódio em que dezoito Ran-

gers, do Exército dos Estados Unidos, morreram em uma troca de tiros com elementos rebeldes da Somália. As manchetes declaravam em negrito: "Incursão de Rangers: um Fracasso Heróico".

Parece-me que quem escreveu a manchete nunca participou de um combate e, com certeza, nunca fez parte de qualquer equipe ou unidade, tal como a dos Rangers, em que os homens dependem um do outro no sentido mais completo da palavra. Leia o artigo:

> À época, a incursão de 3 de outubro dos Rangers do exército, na parte sul de Mogadishu, parecia mais uma busca preventiva com a finalidade de encontrar os agitadores.
>
> Mas a julgar pelo primeiro impacto político que causou, a luta em que 18 estado-unidenses morreram e 75 foram feridos pode ser uma daquelas experiências marcantes de campo de batalha, cuja lembrança molda a opinião pública, e define o que os Estados Unidos farão ou não no mundo durante os próximos anos...
>
> Contudo, a reconstrução da incursão, baseada em entrevistas de muitos comandantes, oficiais e diplomatas, lançou nova luz sobre a ação, e mostrou que ela quase foi bem-sucedida.
>
> Mas a missão colapsou quando derrubaram um helicóptero do exército — um revés, para o qual os Rangers não tinham nenhum plano eficaz de revide. Em uma demonstração de coragem, recusaram retirar-se enquanto não recuperassem o corpo do piloto morto, prolongando a provação.
>
> "Nós definitivamente conseguimos surpreendê-los", afirmou McKnight. "Estávamos no caminho certo e em condição favorável."
>
> Mas cerca de 35 minutos depois do início da operação, veio o desastre. Derrubaram o helicóptero-líder com uma granada atirada por propulsão... Um grupo de cerca de cem soldados isolou um perímetro em volta do helicóptero abatido. A decisão deles de ficar no local até o resgate do piloto mudou o caráter da operação.[1]

Em outra seção do jornal, em uma coluna escondida, o jornal imprimiu o seguinte sumário sob a manchete: "O Credo dos Rangers".

> O Problema: Enquanto, na noite de 3 de outubro, as balas e granadas zuniam pelas ruas do sul de Mogadishu, os Rangers tomaram uma decisão fatal: depois de recuperarem os soldados feridos de um helicóptero

Blackhawk abatido, ficaram no local para vigiar o corpo de um piloto morto, preso nos destroços. [Vocês tinham *certeza* de que ele estava morto?]

A Política: O Exército não exige que se recupere os mortos se há vidas em perigo. Mas os Rangers, um grupo de elite do Exército, seguem a ética do grupo.

O Código: Em conversa com os Rangers, eles descreveram o código deles desta maneira: em um mundo em que, a qualquer momento, podem ser enviados a um país para lutar [em situações quase impossíveis], a lealdade àqueles que lutam ao lado deles é tão intensa quanto sua lealdade ao país. "O Credo do Ranger", o código incutido nos novos voluntários, instrui cada soldado a "completar a missão, embora seja o único sobrevivente" e a "nunca deixar um camarada abatido cair nas mãos do inimigo".[2]

Agora, diga-me —— essa incursão foi um "fracasso heróico"? Até parece! Existem assuntos de caráter que fazem e marcam o homem. Independentemente das questões básicas da fé e da salvação evangélica, algumas pessoas acham que valem a pena morrer por elas. Eu queria que o repórter não diminuísse o valor do que aqueles homens fizeram. Existem, *sim,* algumas questões de caráter que são mais importantes que a própria vida.

Coisas como manter a palavra.

Coisas como cumprir as promessas.

Coisas como ficar ao lado de seu irmão.

Coisas como provar sua amizade.

Coisas como ficar, e ficar, e ficar... até que você dê tudo o que tem para dar.

Coisas como ser um companheiro de luta leal — não importa o que aconteça —até a ponto de morrer pelo companheiro.

Ora, reconhecidamente, hoje algumas pessoas — com a vantagem da visão perfeita em retrospectiva, e a tarefa um tanto tola de dar a última palavra sobre coisas que conhecem pouco — gostariam que lêssemos a letra miúda, reexaminássemos o sentido de "caído" e debatêssemos em um mundo de salas de aula antissépticas e frias o que acontece no calor e na sujeira de um combate de vida e morte. Eu gostaria de saber quanto esses repórteres, em suas salas de imprensa seguras, realmente sabem sobre o espetáculo de calor, e sujeira, e lealdade altruísta, cuja entrada paga-se em sangue.

A verdade é que há pessoas que querem que creiamos que "não há nada pelo que valha a pena morrer". Mas elas são as que vivem apenas para esta vida. E, para dizer a verdade, vivem apenas na prateleira mais baixa desta vida.

Eu lhe pergunto, que espécie de amigo você gostaria de ter? Um que desiste e corre ao primeiro sinal de problema sério? Ou um que, aconteça o que acontecer, permanece ao seu lado? No calor do combate em que impera um intenso e louco caos quem tem tempo de verificar a diferença entre um corpo seriamente contundido, inconsciente, e um sem vida? E se há *qualquer* dúvida (e esse corpo fosse seu), o que você gostaria que seus amigos fizessem? Não há dúvida em minha mente. Não há amor mais notável que o de um homem que dá a vida pelos amigos.

Mas nosso "amigo repórter" reflete os valores de um país corróido. Um país em que o valor mais alto é o EU. A orientação voltada para si mesmo. O auto-aperfeiçoamento. A autopreservação. A auto-afirmação. Eu, eu, eu. Parece que o valor mais alto de nossa cultura é: "ser leal a si mesmo". Esse é o Credo do Culto do Individualismo — a mais destrutiva e insidiosa falsa religião do país. E sua toxina venenosa está corroendo o tecido de toda a nossa sociedade.

Ironicamente, em uma cultura que vive para si mesma, mas comete suicídio por etapas, há pouco espaço para o heróico. Na verdade, hoje é politicamente correto trivializar o heroísmo.

No coração de cada rei, guerreiro, mentor e amigo em botão reside um chamado antigo para o que é heróico. O heroísmo encontra seu ápice no sacrifício. Mas da mesma maneira como nossa cultura critica a masculinidade, ela zomba do heróico. Veja o comentário, bem adequado, de John Leo:

> De acordo com uma mostra sobre a Primeira Guerra Mundial, no Museu Nacional de Ar e Espaço Smithsoniano, não devemos ver os pilotos de aviões de combate como heróis. E por que não? Muitos foram realmente heróis, atuaram corajosamente e, em momentos de grande perigo, esqueceram de si mesmos... [Nós vemos nesse conceito] o compromisso invariável com o politicamente correto... Para os crentes em ser Politicamente Correto [PC], qualquer tipo de heroísmo pode, muito bem, parecer bruto, primitivo, macho e até sexista...
>
> Pessoas PC aceitam de má vontade algum heroísmo entre os não-brancos e não-machos, mas sem entusiasmo. A idéia de salvar e proteger pessoas, como fazem muitos heróis, parece-lhes alienígena, intrusa e machista.
>
> Essa noção penetra na sociedade como um todo, em grande parte como o sentir que o heroísmo está embaraçosamente fora de sintonia com uma cultura absorta em si mesma, muito interessada em direitos, e nada interessada em dever e em sacrifício.
>
> Quando terroristas abordaram o navio *Achille Lauro* e assassinaram Leon Klinghoffer, John O'Sullivan... designou um repórter para telefonar a vários

filósofos, historiadores e sociólogos a fim de conhecer o ponto de vista deles sobre o fato. Um homem de idade avançada, aleijado, em cadeira de rodas desafiou os terroristas e pagou o preço. Será que agiu corretamente, e esse tipo de heroísmo é um ideal moral da atualidade? Somente uma das pessoas contatadas por telefone adotou uma postura positiva em relação à posição de Klinghoffer. A maioria dos contatados por telefone condenou tanto Klinghoffer quanto o próprio ideal de heroísmo...

A repórter, uma jovem que admirou o ato de Klinghoffer, ficou "um tanto abalada" pelo frio calculismo egocêntrico que viu entre os professores. Embora a oposição desafiadora de Klinghoffer seja certamente contestável, ficou clara a rejeição ao sacrifício de si mesmo e ao heroísmo. O'Sullivan diz da repórter: "Aquilo contra o que ela esbarrou era a hostilidade a um elemento da moralidade tradicional".[3]

Aquela incursão na Somália não foi nenhum "fracasso heróico". Certo, foi heróico. Mas não foi nenhum fracasso aos olhos daqueles Rangers. Talvez, apenas talvez, eles estivessem certos. Talvez, apenas talvez, eles entendam o que é o verdadeiro sucesso. Talvez, apenas talvez, eles reconheçam que, de qualquer maneira, todos morreremos um dia, e que o compromisso deles uns com os outros vale o preço. Talvez eles creiam que há algo mais valioso que viver nossos cerca de setenta anos de trabalho de todo dia. Talvez eles creiam que há algumas coisas pelas quais vale a pena morrer. E talvez os estado-unidenses, como nosso repórter amigo, sejam os fracassos verdadeiros —, pois não percebem os valores mais profundos.

Companheiros de luta são "irmãos"

Sim, a amizade verdadeira com entretecimento de alma, expansão de espírito é tão desejável, tão valiosa que, por vezes, simplesmente supera a lógica. Acho que Paulo tentava comunicar esse princípio quando descreveu Epafrodito como seu "irmão".

Irmandade é outra palavra para amizade bíblica e masculina. É uma coisa maravilhosa — uma dádiva para a alma. O significado literal da palavra é "do mesmo útero". Todos nós sabemos o que isso significa: há nisso um espírito afim, um nível de compromisso, um elemento sangue-é-mais-espesso-que-água que leva o elo a um patamar mais alto.

Eu tenho um irmão consangüíneo e espiritual chamado Eric. Eric é meu amigo. Vivemos em cidades diferentes, separados por quilômetros de distância, seguimos carreiras em diferentes campos profissionais e certamente não nos

vemos com a freqüência que gostaríamos. Mas somos irmãos. E ambos sabemos que não há limite no compromisso que temos um com o outro. Eu faria qualquer coisa por ele. Ele faria qualquer coisa por mim. É para isso que são os irmãos!

Há algum tempo quando meu filho mais velho era formando do segundo grau e seu irmão mais novo estava no segundo ano do mesmo curso, aconteceu um incidente que marcou a amizade deles. Blake, o mais novo, estava se adaptando àquele nível. Ainda um tanto ingênuo em relação ao comportamento "aceitável" no ano em que estava na escola, sem querer ele atraiu a ira de um estudante mais velho, de uma maneira que até hoje ele não consegue entender.

Nesse dia, ele estava abaixado, esticando o braço para pegar algo na parte de baixo de seu armário. Sem qualquer aviso e com uma força que rasgou a camisa dele, o rapaz mais velho, maior e mais forte, o agarrou pelo peito, colocou-o em pé e virou-o para enfrentá-lo. O rapaz, disse algumas palavras zangadas, e preparou-se para dar uma surra em Blake, que era menor. Uma turma se reuniu à volta deles, e sentia-se a tensão no corredor, como uma corrente elétrica. O espetáculo estava para começar.

Mais tarde, Blake me contou: "Pai, eu não sabia o que fazer. Correr? Abaixar? Bater primeiro? Ficar lá e apanhar?". Ele continuou: "Mas, durante o segundo em que eu tentava decidir o que fazer, algo de lado atraiu meu olho. Era grande. E vinha *depressa!*".

Aconteceu que a coisa grande e rápida era Kent, meu filho mais velho, que tem mais de 1,90 metro de altura. Blake descreveu Kent levantando o outro garoto, tirando-o do corredor e levando-o ao pátio da escola, empurrando-o contra a parede e anunciando: "Você *nunca brigue* com aquele menino lá dentro. Ele é meu irmão. Eu nem me importo se foi ele quem começou. Não brigue com ele. Porque ele é meu irmão e *eu termino a briga para ele*".

Anos mais tarde, no casamento de Blake, ele pediu que Kent, Ryan (seu irmão mais novo) e seu pai todos entrassem como seus "padrinhos". Nós quatro fizemos juntos nossa entrada até ao altar da igreja. Pela primeira vez em muitos anos, eu me senti de novo como um líder de pelotão. Enquanto nós quatro bons amigos ficamos ali, as palavras que Blake escreveu para Kent, no programa de casamento, voltaram a minha mente: "Kent, você é meu irmão mais velho, e para aqueles que têm um — isso diz tudo. Você me mostrou o que a palavra 'lealdade' significa e tem sido meu exemplo de amor incondicional. Desde o dia em que você tirou o 'cara' mais velho das minhas costas, eu tenho você em um lugar especial. Obrigado por sempre estar de olho em mim e cuidando para que seus irmãos mais novos prosperem. Eu o amo, mano!... Meu irmão mais velho e amigo — obrigado por ser um modelo que eu pude seguir. Sua

proteção e amor estarão sempre no fundo do meu coração". Os irmãos nascem para a adversidade.

Quando penso nessas coisas, eu me lembro do cartaz da antiga Cidade dos Meninos. Lembram-se dos dizeres?

Ele não é pesado. Ele é meu irmão!

O cartaz representava um dos mais antigos e famosos orfanatos deste país. O padre Flanagan cativou o orfanato e o coração dos Estados Unidos com aquele conhecido cartaz. Ao fundo, aparece o céu aberto, açoitado por tempestades do centro-oeste estado-unidense. Uma tempestade agourenta se forma na direção em que os dois garotos surgem na paisagem. O menino mais novo se agarra às costas do menino mais velho. Os dois evidentemente acabam de bater à porta de uma casa de fazenda em busca de abrigo. Uma matrona atendeu a porta, parece que fez algumas perguntas e comentou o fato de um carregar o outro.

A legenda do cartaz é a resposta do mais velho.

Ele simplesmente diz: "Ele não é pesado. Ele é meu irmão".

Agora, não sei tudo que o autor do cartaz quis dizer, mas tenho uma idéia. Eu acho que ele quis transmitir algo como:

"Dona, eu sei que parece tolice ou difícil eu o carregar. Mas tudo que temos no mundo é um ao outro. E este mundo não é muito amistoso. Entre nós é 'todos por um e um por todos'. E pronto. Nós corremos, mas quase não conseguimos escapar da tempestade. E ele estava lutando. Então, eu o carreguei. Se eu não o carregasse, ele não conseguiria. Por isso, eu não deixo que o peso dele me afete. Ele é meu irmão. Para mim, a lei da gravidade não se aplica a nós. Faremos qualquer coisa um pelo outro. Nosso amor governa nossas atitudes. Nossa amizade supera a lógica."

É assim com os amigos, quer enfrentem uma tempestade que varra as pradarias, um brigão no corredor da escola, quer uma turba assassina em Mogadishu. Muitas vezes, as amizades mais profundas superam a lógica. Como somos amigos, as coisas entre nós são diferentes do que acontece entre as outras pessoas. O relacionamento comanda os pontos de irritação. E a amizade vale o preço que, às vezes, temos que pagar.

Nas trincheiras

Você provavelmente já ouviu a história magnífica sobre a amizade de dois soldados nas trincheiras, durante a Primeira Guerra Mundial. Dois camaradas serviam juntos na lama e na tristeza daquele embate europeu (uma versão até

os identifica como irmãos). Viveram, mês após mês, nas trincheiras, no frio e na lama, sob fogo e sob o comando dos superiores.

De tempos em tempos, um lado ou outro se levantava nas trincheiras, arremessava o corpo contra a linha oposta e voltava furtivamente para lamber suas feridas, enterrar seus mortos e para fazer tudo de novo. No processo, forjaram-se amizades no sofrimento. Dois soldados se tornaram grandes companheiros. Dia após dia, noite após noite, terror após terror, eles falavam da vida, das famílias, das esperança e do que fariam quando (e se) voltassem desse horror.

INSTANTÂNEAS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Bill é um de meus poucos "companheiros de alma" na vida. Isso não quer dizer que temos muito em comum, ou que compartilhamos os mesmos interesses e habilidades, ou gostamos dos mesmos passatempos. Nós somos companheiros de alma porque nos ligamos em termos de valores de vida. Amamos construir o mesmo reino, e essa causa é maior que as pequenas questões de nossas vida.

Há vários anos, eu traí o Bill. Em minha imaturidade, eu disse algumas coisas que o magoaram e que dariam a qualquer homem menor um motivo para abandonar o relacionamento. Deus usou esse confronto para me despertar, para me fazer ver meu erro e confessar meu pecado. Foi um momento duro para nós dois, mas talvez o mais significativo para definir nosso relacionamento atual.

Bill nunca permitiu que minha falha estragasse nosso relacionamento. Ele perdoou-me completamente, aceitou meu sincero pedido de desculpas e nunca mais mencionou o assunto. Nós somos irmãos na batalha da vida.

Em mais uma investida frustrada, "Jim" caiu, seriamente ferido. Seu amigo, "Bill", conseguiu voltar à relativa segurança das trincheiras. Enquanto isso, Jim estava deitado sofrendo, sob os tiros que iluminavam a noite. Entre as trincheiras. Sozinho.

O bombardeio continuou. O perigo era muito grande. Entre as trincheiras não era um lugar para ficar. Ainda assim, Bill queria alcançar seu amigo, para consolá-lo, para oferecer o encorajamento que só amigos podem oferecer. O

oficial encarregado não deixava Bill sair da trincheira. Era muito perigoso. No entanto, quando o oficial se virou, Bill saiu. Ignorando o cheiro de pólvora no ar, os abalos dos disparos e o martelar em seu peito, Bill alcançou Jim.

Algum tempo depois, ele conseguiu trazer Jim de volta à segurança das trincheiras. Tarde demais. O amigo se fora. O oficial, sentindo-se um tanto justificado ao ver o corpo de Jim, perguntou cinicamente a Bill se tinha "valido a pena o risco". Bill não hesitou ao responder:

"Sim, senhor, valeu o risco. As últimas palavras de meu amigo fizeram valer muito a pena. Ele ergueu os olhos para mim e disse: 'Eu sabia que você viria'".

Nascido para a adversidade

Provérbios 17.17 diz: "O amigo ama em todos os momentos; [mas] é um irmão na adversidade". Essa declaração tem três mil anos, e ainda soa verdadeira.

Um irmão é um amigo para *todos* os momentos, mas especialmente para os momentos *difíceis*. Pois é nos momentos difíceis que somos mais carentes e, portanto, mais reais, mais autênticos e — francamente — mais difíceis de amar. Esse é o ponto do versículo — um amigo ama em todos os momentos, e um irmão se destaca mais nos momentos difíceis. Um irmão agüenta firme. Um irmão não se desculpa e sai pela porta dos fundos. Um irmão entra no meio da confusão e da sujeira, e o apóia. Nesses momentos, você conhece os amigos verdadeiros. Nas épocas em que tudo corre bem, você nem sempre sabe quem são seus amigos.

Em minha vida, eu já vi muitas vezes esse espírito altruísta em atividade — a despeito de toda lógica. E isso me atrai. Já vi isso na vida militar. Já vi na minha família. E já vi em meio aos membros de uma equipe atlética.

A história de Ken Ruettger

Seria preciso um homem de bom tamanho para carregar Ken Ruettgers nas costas e dizer: "Ele não é pesado". Ken é jogador de futebol americano, o médio esquerdo ofensivo iniciador do Green Bay Packers (primeira divisão de USC, 1985). Ken, com 2,11 metros de altura, peso de 130 quilos e levantando pesos de 200 quilos, responde por si mesmo em uma batalha de mamutes. Mas havia um homem grande disposto a "acompanhar" Ken. Um homem que tinha um coração terno de guerreiro batendo sob sua armadura de jogador. Recentemente, pedi que Ken escrevesse sua história para mim, eis aqui um trecho da narrativa que ele mandou:

Na primavera de 1993, os Green Bay Packers contrataram um médio chamado Tunch Ilkin pelo novo sistema de agenciamento livre. Eu me interessei pessoalmente por essa contratação, porque também ganho a vida jogando como médio ofensivo pelos Green Bay Packers. Como "designado transicional" esperava-se que eu não participasse desse acampamento de treino por causa de uma disputa de contrato, ou o que os fãs do esporte conhecem como "retido", o jogador que espera para ver se lhe oferecem um contrato mais vantajoso.

Naquele ano, durante um pequeno acampamento, Tunch e eu nos conhecemos, almoçamos juntos, compartilhamos nossa fé mútua em Cristo e trocamos histórias sobre nossas famílias. Contei a Tunch a respeito do grupo de prestação de contas de que eu fazia parte, em minha cidade de Bakersfield, e como era incrivelmente bom ser parte desse grupo. Decidimos iniciar um grupo em Green Bay durante a temporada de jogo e convidar outro atacante, Rich Moran, para participar.

Já era a época da pré-temporada, e eu ainda estava em casa sem contrato. Liguei para Rich para saber o que se passava no acampamento de treino. Ele disse que Tunch fora movido para a minha posição, e que saíra um artigo sobre Tunch no jornal. O artigo contava que Tunch nascera na Turquia, e que seu pai trouxera a família para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor. Nos Estados Unidos, os Ilkins viviam em um apartamento de apenas um cômodo, e Tunch dormia em uma cama de lona na cozinha. Era uma existência dura para uma família imigrante que acabara de chegar aos Estados Unidos. Depois de jogar no time de Indiana, Tunch assinou um contrato como independente com o Steelers, no primeiro ano do contrato o cortaram do time, depois o chamaram de volta, ele quase não conseguiu vaga no time.

Em sua carreira no Steelers, ele ganhou prêmio de Profissional Completo, foi capitão do time e duas vezes selecionado como melhor profissional da divisão. Que atleta incrível. Ele destruía os rapazes no campo. E que história de sucesso! Aqui estava eu, pedindo milhões para jogar, e um ex-imigrante da Turquia, com uma história de muitos sucessos pegava o meu lugar no time. Para dizer o mínimo, eu realmente não era um cara popular naquela época específica na região de Green Bay.

Por fim, depois do último jogo da pré-temporada, uma semana antes do primeiro jogo da temporada, eu assinei um novo contrato de quatro anos, e a seguir, eu estava no hotel na véspera do primeiro jogo. Foi uma surpresa agradável ver que meu novo colega de quarto era Tunch.

Mais tarde naquela noite, depois de reuniões e um lanche, nós nos aprontávamos para dormir, e eu disse: "Sabe Tunch, apesar de já jogar há oito anos sinto-me honrado em entrar em campo amanhã, mas sinto-me pouco à vontade de começar na frente de um jogador tão bom como você."

Tunch suspirou fundo e então sorriu.

"Rut, eu joguei durante treze anos maravilhosos na liga, e meu papel nesse time é dar apoio a você e ao Tooti (o outro médio). Estou certo de que você fará um grande jogo amanhã. Lembre-se de usar o 'soco' em que trabalhamos a semana inteira."

Apesar do que Tunch dissera aquela noite, eu sabia que a situação o incomodava; passar de capitão do Steelers, de Pittsburgh, ganhador do prêmio de Profissional Completo e de Lançador Profissional, de um homem querido por todos os fãs do Steeler ao papel de apoiador em Green Bay e desconhecidø dos fãs. Isso seria difícil para qualquer um. Depois soube que ele orou durante toda a temporada a respeito disso.

A maioria dos jogadores em situação semelhante sentiriam raiva, ciúme, se sentiriam trapaceados, injustiçados, entre outras coisas. Alguns jogadores descontariam nos treinadores e enfraqueceriam o jogador que começasse na frente dele, mesmo que fosse à custa do time.

Não o Tunch Ilkin. Na verdade, aconteceu o contrário disso.

Na primeira semana, ele já era um amigo íntimo e um mentor. Ele trabalhou comigo e o outro atacante durante o treino e depois dele, aperfeiçoando nossa técnica. Mesmo sem participar do jogo, ele ainda era um líder. Ele ainda se dava completamente — todo seu conhecimento ganho a duras penas, os segredos e a experiência — em benefício de seus colegas de equipe. Assim mesmo, devia ser doloroso sacrificar a perícia profissional, pois, apesar de estar mais velho e mais sábio, perdera um pouco de seu talento físico depois de treze anos.

A geração atual de jogadores de futebol chamaria o comportamento de Tunch de tolo. Há não muito tempo, a maioria das pessoas o veria como uma virtude. Uma característica de sacrifício e liderança. Tunch era um campeão de verdade, e seus novos companheiros de equipe sabiam disso e o respeitavam por isso.

Uma das técnicas que ele me ajudou a aperfeiçoar foi "o soco". Esse sempre fora um ponto fraco do meu jogo. Em futebol americano, quando

um médio ofensivo bloqueia um passe e tenta proteger o zagueiro, o soco é uma das armas mais eficazes. Um bom socador ao usar as duas mãos explode os punhos, descarrega cada músculo de seus braços contra o peito do atacante adversário, impedindo a investida. Essa é a arma usada, como um lutador, para neutralizar os adversários. Pára o melhor atacante na mesma hora.

O soco penetra no fundo do defensor ou do atacante e o desarma.

Tunch, fiel e pacientemente, trouxe isso de volta ao meu jogo. Toda semana o filme dos treinos mostrava a melhora da minha técnica de soco. Toda semana, nós nos reuníamos depois do treino e trabalhávamos fora do horário de treino com sacos de socar e revendo os filmes para criar uma estratégia contra o adversário da semana. Conversávamos sobre isso no café da manhã. Além de conversar sobre futebol e sobre técnica, nós gostávamos de conversar sobre política, valores e as decisões difíceis da vida. Compartilhamos casos de grandes vitórias e derrotas doídas, de batalhas individuais, ganhas e perdidas, de momentos embaraçosos e de pura vitória. Nosso relacionamento era mais que grandioso. Conversávamos sobre os heróis da Bíblia e as boas e más características de cada um, sobre as tentações e como alguns venciam e outros caíam e sobre as conseqüências do cair. Nossas famílias desfrutaram de refeições juntas, e nossos filhos brincaram juntos.

No dia seguinte ao nosso oitavo jogo, eu entrei no vestiário, e Tunch estava esvaziando o seu armário. Ele levantou os olhos para mim e disse: "Eles acabaram de me cortar, Rut".

Eu não pude acreditar! *Tunch fora mandado embora.* Meu ânimo foi ao chão. Fiquei com um nó na garganta e tive que sair para me recompor. A amizade que em apenas oito semanas já era maior que qualquer outra amizade que eu já experimentara fora cortada pelas casualidades do futebol.

Eu nem acreditava que eu estava sentindo emoções tão fortes em meu interior. Depois de oito anos de futebol, eu vira amigos virem e irem, serem cortados ou se aposentarem devido a machucados. Mas eu nunca me sentira dessa maneira. Tentei racionalizar a partida de Tunch. Afinal, fazia parte do esporte. Era esperado. Isso é futebol. Mas não isso. Não era para acontecer. Não assim. Não no meio da temporada. Não no meio de uma grande amizade.

Fiquei agradecido por termos ficado sem jogar durante duas semanas.

Eu não conseguiria jogar como devia no domingo seguinte. Naquela semana, tive dificuldade em participar de qualquer reunião. Foi difícil assistir aos filmes com os olhos cheios de lágrimas. O treino tornou-se uma tortura. Fiquei zangado e perdera o desejo de fazer parte de uma profissão tão deplorável. Os almoços em casa também eram difíceis, eu perdi o apetite. Perdera meu companheiro, mentor e amigo. Meu parceiro estava saindo do time. Senti-me sozinho na batalha. Isolado.

Meu único consolo era a atitude de contentamento de Tunch pela longa e abençoada carreira que tivera e sua disposição em entender e seguir o novo plano de Deus para ele. Perguntei-lhe por que eu sentira tanto a saída dele quando participava de um esporte em que a saída prematura de jogadores era algo costumeiro. Afinal, na verdade, nos aproximáramos apenas nas últimas oito semanas.

Ele explicou que isso acontecia por causa do forte laço de amizade que se formou entre nós. Uma amizade fundamentada no Senhor Jesus. Não há amizade mais forte que a fundamentada em Deus. Como o Espírito Santo operava tanto em nossa vida como em nossa amizade, isso nos permitiu intensificar nossos laços de amizade. Não evitávamos compartilhar pensamentos, crenças e emoções um com o outro. Estávamos prontos a arriscar e construir uma amizade sobre o melhor fundamento possível. Tomamos posição de ficarmos firmes um para o outro e um em relação ao outro. E por isso, doeu tanto e tão profundamente a saída de Tunch do time.

A boa notícia. Cinco semanas depois, convidaram Tunch para voltar ao time. Ele aceitou a oferta. Continuamos nossa amizade. E pela primeira vez em vinte anos, participamos, como organização, do campeonato interclubes.

No intervalo entre as temporadas de Tunch no Green Bay Packers, um dos treinadores me disse que minha técnica de socar tivera um ciclo engraçado durante a temporada anterior. Fiquei surpreso em saber que minhas emoções ficaram tão evidentes em meu desempenho. O treinador disse que pelo meu desempenho no soco podia determinar a época do corte e do retorno de Tunch. O poder da amizade é surpreendente. As pessoas boas cortam a superfície, penetram fundo em nossa alma e influenciam nosso caminho.

Falou bem, Ken.

Irmãos. Colegas de trabalho. Companheiros de luta. Não importa se a amizade aparece no campo de futebol, no calor mortífero do combate ou no estresse e na pressão do mundo de hoje. Uma vez que você vivencia o amor que desafia a lógica, o amor do companheiro de luta, você nunca o esquece.

Às vezes, esse amor vai além da lógica. Você não se joga em cima de granadas por causa da "lógica".

Não foi a "lógica" que levou Jesus a pôr a cruz sobre seu ombro lacerado e empreender aquela longa subida pelo monte do Calvário.

Não foi a "lógica" que fez Paulo desistir daquela missão porque sentiu falta de seu amigo Tito.

E não foi a "lógica" que motivou Jônatas a entregar sua espada, sua capa e seu futuro por causa de sua amizade com Davi.

A lógica é ótima para lidar com os brejos e os mormaço da vida comum nas terras baixas.

Mas só amor o leva às terras altas.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Nem todos participamos da vida militar, mas a maioria de nós enfrentou "coisas extremas" na vida — tempos de ameaça ou de mudanças na vida. Você se lembra de ter alguém ao seu lado nesses momentos? O que você lembra sobre o que essa pessoa fez?

2. Há muitas ocasiões em que ficamos exauridos com os obstáculos que se opõem a nós. O jovem Blake foi pego de surpresa e ficou desarmado. Ele precisou da intervenção do irmão mais velho. O mais novo dos dois meninos desamparados precisou de um irmão que o carregasse. Você conhece algum "irmão mais novo" que se sente desarmado, sozinho e completamente sem forças frente aos obstáculos que enfrenta? Para quem poderia você ser um irmão em tempo de adversidade?

De braços dados

1. Quando os jovens soldados começaram a entender as incríveis demandas que enfrentariam na escola dos Rangers, disseram-lhes que o primeiro passo era encontrar "um companheiro Ranger", porque "tarefas difíceis requerem um amigo". Você procura um amigo quando a vida lhe apresenta tarefas difíceis ou se isola mais ainda?

2. Parte do Credo dos Rangers é "nunca deixar um camarada abatido cair nas mãos do inimigo". Identifique três ou quatro vezes na vida de um homem, em que ele estaria suscetível de cair nas mãos do "inimigo".

3. Em seu último sopro de vida, o soldado ferido no campo de batalha sussurrou em gratidão a seu amigo: "Eu sabia que você viria". O que você supõe que gerou tal confiança? O que levaria um amigo a ter essa confiança plena em você?

4. Tunch Ilkin... ex-capitão do time, veterano do Campeonato Pro Bowl, o melhor dos melhores. Depois ele se transforma em um jogador de apoio — antes de ser cortado do time. Isso é bastante coisa para um homem engolir. Alguns grandes desapontamentos e revezes... talvez semelhantes a algumas coisas que você enfrenta. De que maneiras Tunch modelou a verdadeira humanidade — e a amizade masculina?

Notas

[1] Rangers' Raid: A Valorous Failure", *The Oregonian,* 25 de outubro de 1993, A1.

[2] "The Ranger Credo", *The Oregonian,* 25 de outubro de 1993, A1.

[3] John Leo, "The PC Attack on Heroism", *U.S. News and World Report,* 31 Outubro 1994, 36.

CAPÍTULO 6

Homens de verdade andam de braços dados

A teologia da amizade (parte 1)



[Eu oro] Pai [...]para que sejam um, assim como somos um.

Jo 17.11

Eles eram de escolas de ensino médio rivais, de lados opostos da cidade, recordando gerações de competição acirrada. Era o primeiro confronto da temporada — e era o jogo mais importante do ano. Os dois treinadores tinham espionado seus rivais, ambos os times estavam cheios de adrenalina. Parecia que a cidade inteira estava apertada no ginásio para assistir ao combate. Nessa época, eu ainda estava no ensino fundamental, torcendo pelo time no qual sonhava jogar um dia.

O primeiro tempo fez jus à propaganda — até superou. A diferença de placar era de um ponto, quando os batalhadores molhados de suor caminharam para os vestiários, em lados opostos da quadra, atrás de seus respectivos generais.

Durante o intervalo, ninguém ousou sair do lugar para buscar um saquinho de pipoca. Só as necessidades mais prementes impeliam os fãs para fora da arquibancada. Este era o jogo do ano, e ninguém queria passar o segundo tempo esticando o pescoço atrás de uma aglomeração de pessoas, em pé entre as arquibancadas.

Naquele tempo, as regras ainda exigiam sortear com a bola, no centro do campo, para ver o time que ficaria com a bola para o início do segundo tempo. Dez jogadores se posicionaram em volta dos gigantes no centro da quadra. A bola subiu. Nossos rapazes controlaram o toque e levaram seu jogo... com absoluta perfeição. Era o livro texto completo. Se, naquela época, houvesse vídeo, essa cena seria mostrada como destaque no noticiário das onze horas.

O armador deu um passe redondo para o grandalhão que estava na área. Ele girou no ar e — antes que seu All-Star branco tocasse de novo o piso de madeira — fez um passe de duas mãos, por cima da cabeça para um dos nossos atacantes que vinha a toda pela lateral. Esse atacante, por sua vez, fez um passe de "beisebol" com uma mão para o pivô que corria para o cesto. Ele pegou a bola enquanto dava um passo e ergueu-se para um lançamento certeiro. A bola beijou o quadradinho branco da tabela e entrou bonita na cesta.

Dois pontos! Loucura! O auditório da casa ficou doido. Depois, de repente — como se desligassem um rádio — o estádio ficou silencioso. As cabeças viraram. Vozes murmuraram. Rostos se enrugaram de perplexidade.

Todo mundo no ginásio — espectadores, jogadores e juízes — perceberam a mesma coisa no mesmo momento. Cesto errado! Incrível. *Como isso podia acontecer?* Não podia acontecer. Mas aconteceu. E, como prova do fato, o marcador do adversário subiu dois pontos.

Aquela noite, o time da casa perdeu o jogo por um ponto. No final do jogo ficou claro que eles realmente deram o ponto da vitória para o adversário. Nossos heróis determinaram sua derrota com uma ótima jogada que fizeram. Aquela cesta rápida, espetacular, executada sem defeito, custou-lhes a partida.

Nossa equipe tinha feito tudo com perfeição. Jogada disciplinada... passada de bola correta... nenhum drible desperdiçado... todos os movimentos valeram. Mas eles perderam.

Se você não tiver cuidado, a vida pode ser assim. Você pode fazer tudo bem, mas se esquecer para onde vai, você perde.

Portanto, o que conta na vida?

Como você faz a soma de pontos positivos?

O que importa de fato?

Qual é o objetivo?

O passe e o drible exigem um contexto. A amizade também exige. Vamos criar um pequeno contexto para a amizade para não corrermos na direção errada. O antigo provérbio alemão expressa este conceito muito bem: *o mais importante é que a coisa principal sempre permaneça a coisa principal.* Qual é a principal coisa quando você busca a vida, quando buscamos a amizade masculina? Deixe-me lembrá-los da resposta do Criador a essa pergunta que é uma linha divisória: "Assim, quer vocês comam, bebam ou façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31).

Não dá para ser mais básico que isso. Você diz: "Alto lá, lá vamos nós falar de religião, e eu pensei que apenas tentávamos decifrar o que é a amizade". Nós estamos fazendo isso. Observe. A coisa principal precisa permanecer a coisa principal. E se não permanecer, todos nós perdemos. Assim, acompanhe-

me por algumas páginas, ponha o "boné de pensar", e divirtamos-nos com um pouco de boa teologia. Afinal de contas, teologia é vida. Conhecer Deus é *viver* de verdade. Até aqui já temos bastante alimento para o pensamento, mas em doses palatáveis. Alguns capítulos são barras de cereais. Este é uma barra energética. Mas é doce e faz bem à saúde.

O propósito da amizade: a glória de Deus

O que a glória de Deus tem que ver com amizade?

Quase tudo.

De acordo com as Escrituras, a "glória de Deus" é o propósito fundamental para tudo que existe. E se você ler isso da maneira correta, acho que descobrirá a amizade no próprio âmago — no centro exato, no marco zero — de tudo que Deus quis dizer com "glória de Deus".

Imagine o velho Moisés e a recém-formada nação de Israel no deserto do Sinai. Aquilo não era um piquenique da criançada. O que começou como uma caminhada alegre, de entusiasmar a alma, de sonhar, de construção de uma nação, a caminhada para uma nova terra de promessa, logo evoluiu para um pesadelo de proporções gigantescas.

O povo de Deus, como crianças cansadas em uma longa caminhada, tornou-se desatento e petulante. A visão da gloriosa terra prometida que, no início do êxodo tinham em vista, há muito tempo desaparecera da perspectiva deles. Agora, se preocupam com as bolhas e calos, com a alimentação, com os desconfortos corriqueiros, com a extensão da viagem e com as lembranças da antiga vida nos "bons dias do velho Egito". Substituíram a música popular de Míriã sobre a travessia do mar Vermelho e o afogamento dos exércitos do faraó por queixumes de descontentamento.

Quando Moisés, depois de uma reunião de cúpula com Deus, desceu o monte Sinai, deparou-se com a cena espantosa do povo dançando em volta de um grande ídolo — um bezerro de ouro. As explicações de Aarão não foram convincentes. Na verdade, ele explicou: "Ora, nós pegamos nosso ouro — você sabe, brincos e outros objetos — jogamos no fogo e — você acredita? — de lá saiu este bezerro" (Leia Êx 32).

Moisés, o líder que Deus encarregou de levar essas duas milhões de almas, através do deserto, até Canaã, ficou furioso. *Um bezerro de ouro? Uma orgia sexual? Meu irmão liderando essa libertinagem? Isso é loucura.*

Sim, Moisés ficou zangado. Mas, acima de tudo, ele ficou profundamente desanimado. No íntimo de sua alma, a visão magnífica começa a tremeluzir e a desvanecer. Ele começa a se perguntar se é possível atravessar o deserto, se as pessoas são condutíveis, se a missão é realizável. O pânico, como fel amargo,

deixa um gosto ruim em sua boca. E ele, com dor na alma, diz a Deus que não está à altura da tarefa. Ele está desanimado, não pode continuar, pois o trabalho está muito acima de sua capacidade.

Se algum dia, alguém precisou de um novo vislumbre de Deus, foi Moisés. E ele sabia disso. Ele teria de comprar passagem de volta para o Egito para a maioria do povo se não tivesse uma nova uma visão da grandeza e da glória de Deus. Ele voltaria ao seu velho ofício de pastorear as ovelhas de Jetro.

Assim, o que *você* faz quando está muito desanimado e precisa de uma nova visão de Deus? Quem sabe você faz o que Moisés fez. Pede a Deus que se manifeste para você.

Em essência, Moisés disse: "Senhor, eu não sei outra maneira de dizer isso. Mas de alguma forma, eu tenho que *ver* o Senhor. Nem sei o que estou pedindo, Deus, mas se o Senhor quer que eu conduza essa turma indisciplinada, preciso pôr os olhos no Senhor. Eu tenho que conhecê-lo, Senhor. Tenho que saber como o Senhor é. Se eu não puder ter alguma espécie de apoio no Senhor, então é melhor o Senhor não contar comigo. Essa coisa ficou inteiramente fora de controle".

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Eis um rapaz de quem eu tinha medo de me aproximar — ele era filho de missionários, estudante de faculdade de Bíblia. Espiritualmente, ele devia ser tão superior a mim. Por que um rapaz assim não pensaria duas vezes antes de se encontrar com uma pessoa fraca de espírito como eu? O que podíamos ter em comum?

Eu quase não o conhecia, mas algo nele me atraía. Quando, por fim, criei coragem para pedir um encontro com ele, sua resposta imediata foi: "Claro, eu adoraria". Ele nem pensou duas vezes!

O que começou como um café da manhã semanal com a finalidade de manter cada um de nós firmes em sua hora devocional diária, cresceu e se transformou em conversas pessoais sinceras. O que compartilhamos sempre ficou entre nós. Então, depois de um ano de reuniões, Tom foi ministrar no campo missionário com a família.

Fiquei muitíssimo feliz por ele finalmente fazer o que sempre sonhou, mas também senti que arrancavam meu coração. Eu nunca pensara que apreciaria tanto outro homem e não só valorizaria nossa amizade, mas também dependeria dela.

Conversávamos sobre qualquer coisa, em qualquer hora, em qualquer lugar, em total confiança, sabendo que contávamos com o apoio integral um do outro. Eu não sabia o que significava comunicação totalmente aberta e confiante, e agradeço a ele por ter me ensinado isso.

Na verdade, as palavras de Moisés para Deus foram: "Peço-te que me mostres a tua glória" (Êx 33.18).

Qual foi a resposta de Deus a esse pedido ousado e impertinente? Ele frita Moisés, ali mesmo, em suas sandálias empoeiradas? Não. Ele atende à oração de seu servo. É fácil perder de vista o fato de que Deus *quer* que o conheçamos mais do que jamais desejaremos conhecê-lo.

Na verdade, o Deus vivo lhe responde: "Está bem, Moisés. Eu vou mostrar-lhe quem sou. Vou mostrar-lhe algumas coisas que nenhum ser humano viu desde que Adão caminhou comigo no jardim. Mas nós temos que fazer alguns arranjos especiais aqui. Porque se você realmente olhasse direto em meus olhos, se queimaria como gordura no fogo".

O que acontece em seguida é tão misterioso que dificulta a descrição. Anos mais tarde, o próprio Moisés registrou as instruções especiais do Senhor:

> Diante de você farei passar toda a minha bondade, e diante de você proclamarei o meu nome: o SENHOR. Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão. [...] Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo (Êx 33.19,20).

Em algum tipo inconcebível de aparição física, o Deus todo-poderoso coloca Moisés em um lugar protegido, em cima de uma rocha, e, depois, — como medida de segurança extra — ele cobriu os olhos de Moisés com sua mão. Assim, quando tudo está seguro, começa o estranho encontro. Ele tira a mão dos olhos de Moisés, para que ele veja as costas de Deus.

Assombroso! Inimaginável.

Agora... aperte um pouco mais o "boné de pensar".

Você vê o que realmente aconteceu aqui? Deus pegou alguns atributos imateriais — bondade, graça, compaixão, o "nome" dele — e embrulhou-os em algo físico e visível. A *glória* dele.

A Bíblia usa termos muito físicos para pintar o quadro do que aconteceu. Estes traços de caráter invisíveis do Senhor assumiram capacidades físicas. Eles "passaram". Eles marcaram a presença de Deus de forma visível. Ele disse: "Minhas costas". Pode-se dizer que eram "o reflexo de seu esplendor". E Deus

chama essa demonstração física, visível de seus traços de caráter imateriais, espirituais — sua "glória".

Agora vamos à ligação disso com a amizade. Por um lado, a glória de Deus está passando. Por outro lado, ele passou. Ele e sua glória estão inextricavelmente ligados. Assim, podemos dizer, com autoridade, que a glória de Deus, o único propósito para o qual vivemos, é a demonstração físico-visível do grandioso caráter invisível de Deus. Eu sei que dizer isso é dizer tudo, enche a boca, mas não quero que vocês se esqueçam disso nunca. *A glória de Deus é uma demonstração fenomenal, visível, de seu caráter invisível eterno* (para os que querem um crédito extra — pensem bem no sentido da "nuvem" de dia e do "pilar de fogo" à noite).

Você diz: "Está bem, mas ainda não vejo como *amizade* se liga a essa fórmula. O que tem isso que ver com nossa tarefa do momento?". Espere aí. Vejamos um pouco mais de teologia. Você gostará disso. Isso o deixará boquiaberto. E você nunca mais verá seus relacionamentos da mesma maneira.

O modelo de amizade: a natureza de Deus

Se o propósito de tudo em geral, e de nossas amizades em particular, é a glória de Deus — uma demonstração física do caráter invisível de Deus —, então, é lógico que nosso próximo passo é saber como Deus é.

Como é Deus? Como você responderia a uma pergunta que abrange tanta coisa?

A pergunta proverbial é: como você come um elefante? Uma mordida de cada vez. Portanto, daremos uma corridinha mental rápida pela Escritura e veremos se temos algumas "mordidas" de como é Deus. Na verdade, a Bíblia nos incentiva a provar "amostras" de Deus. Como Davi declarou: "Provem, e vejam como o Senhor é bom. Como é feliz o homem que nele se refugia!" (Sl 34.8).

A Bíblia diz muitas coisas sobre Deus. Há muitos adjetivos que são apropriados para ele (por mais que fiquem aquém da real majestade dele). Mas, na verdade, a Bíblia diz poucas coisas sobre quem é Deus.

Demos uma "mordida".

- **A Bíblia afirma: "Deus é amor" (1Jo 4.8).**

Apesar de estar além do objetivo deste livro tratar de tudo que essa declaração sugere, resumiremos em um ou dois elementos-chave. Que tal falarmos em sacrifício? O sacrifício está no cerne do amor. Deus é um sacrificador. Ele sempre se estende, se estende para o bem de outra pessoa. (Você começa a fazer a ligação com as qualidades da amizade?)

É hora de dar outra mordida.

- **A Bíblia afirma: "Deus é luz" (1Jo 1.5).**

O que a luz sugere? Honestidade. Verdade. Transparência. Abertura. Todas as qualidades maravilhosas da amizade.

Mais uma mordida.

- **A Bíblia declara: "Deus é espírito" (Jo 4.24).**

O Espírito é aquele cerne não visível de nossa identidade pessoal. Seu espírito faz com que você seja *você.* Seu corpo é apenas o veículo que você dirige pelo mundo. Em outro patamar, sua alma (mente, vontade, emoções, etc.) é a parte não visível que atua como a transmissão do veículo. Pega a energia do motor (a casa de força), e a transmite às rodas, onde o pneu tem contato com a estrada. Nessa analogia, seu espírito é seu motor, a casa de força, o gênio do veículo que faz com que o carro não seja apenas um vagão, que tem que ser puxado. Seu espírito é o mais profundo grau de identidade pessoal. É o mínimo irredutível. É você. É nesse grau intensamente pessoal de autenticidade que Deus deseja se comunicar com você. E é nesse grau que Deus deseja que seus filhos se comuniquem uns com os outros — de amigo para amigo — como um reflexo dele.

Pronto para mais uma mordida?

- **A Bíblia diz: "Deus é único" (Dt 6.4).**

"Ouça, ó Israel: O SENHOR, o nosso Deus, é o único SENHOR."

Em vista da confusão de Israel sobre o que Deus esperava deles e a atração deles pelo tolo politeísmo que os rodeava, Deus resolveu deixar bem claro que ele era o único Deus. Equivalia a ele dizer: "Israel, se vocês não entenderem mais nada, entendam isso — seu Deus É ÚNICO. Lembrem-se disso. *Reflitam a respeito disso.* Aprendam a viver juntos como seu Deus Trino vive".

Em João 17, Jesus desenvolveu as ramificações desse pensamento de forma mais vigorosa em sua oração sacerdotal. E você pode ver as implicações disso para a amizade. Reúnam-se. Como Deus faz. Três em Um. Ninguém fazendo as coisas pessoais. (Conseqüentemente, Deus não permitia que os cidadãos de Israel ficassem com todo o produto de sua colheita. Eles tinham que deixar os cantos de seus campos para os irmãos menos afortunados. O objetivo disso é que uns cuidassem dos outros. Porque eles, como o Deus deles que É UM, deviam viver como um.) Deus quer que seus filhos vivam como ele vive, como melhores amigos. Deus não vai a lugar algum sem seus dois melhores Amigos. E ele gostaria que você também fizesse isso.

Uau, estou com dor de cabeça! É muita coisa para pensar! Mas meu coração se aquece com um Deus tão incrível, um Deus que planejou o mundo para

refletir a beleza dos relacionamentos. Não há combatentes solitários na Trindade. A Trindade sempre opera em conjunto. Portanto, reúnam-se, amigos. Deus também não quer que sua família tenha combatentes solitários. Os filhos devem refletir o Pai. Essa é a glória dele.

Permita-me apenas um aparte, você notou alguma coisa nessas passagens que citam os atributos de Deus? As passagens-chave que identificam a essência de Deus com mais clareza são, em sua maioria, de um escritor bíblico, do amigo mais próximo de Jesus. De fato, João, o apóstolo amado, foi o amigo mais próximo de Jesus e o mais amado. Ele o conhecia melhor, andava mais próximo dele, se ligava mais intimamente a ele em espírito. João era a pessoa viva que mais conseguia chegar ao âmago do assunto e responder à pergunta: quem *é* este Homem? Isso sugere algo sobre a amizade, não é? Amigos íntimos conhecem um ao outro melhor que ninguém.

Bem, juntemos tudo. Quando você reúne essas quatro "mordidas", o que você tem? Deus quer que seus filhos aprendam a viver juntos como ele vive — em *unidade amorosa, verdadeira e espiritual.* Outro modo de dizer isso é: em UNIÃO SACRIFICIAL, TRANSPARENTE, DE CORAÇÃO PARA CORAÇÃO.

Isso, meus amigos, é amizade.

Também é a igreja.

É a comunhão do corpo de Cristo. Você não acha que o corpo de Cristo deve se parecer com o Deus Trino que ele é? Você não acha que ele deve parecer consigo mesmo? Você não acha que o corpo de Cristo deve se parecer com o corpo dele? É claro que sim! Acho que exatamente por isso, Jesus, em sua oração mais longa de que se tem registro, orou mais por nossa *unidade* que por qualquer outra coisa. Esse é o propósito da verdadeira "Oração do Senhor", em João 17: "Para que todos sejam um, Pai, [exatamente] como tu estás em mim e eu em ti" (17.21).

Você quer agradar a Deus? Reúna-se ao corpo dele. Torne-se um amigo. Viva como ele, homem!

Demos mais um passo. Se o propósito de amizade é a glória de Deus, e se o modelo para a amizade é a natureza de Deus, então, vejamos a postura para a amizade.

A postura para a amizade: a imagem de Deus

Os filhos de Deus devem se parecer com o Pai. Nós temos que ser "a cara do pai". E ele é, em sua essência, três em um. Pense nisso, cristão. Os filhos de Deus têm que se parecer com ele e viver como ele — uma pluralidade praticando

unidade. Uma unidade sendo um só. Acho que isso se aproxima bastante do mistério da imagem de Deus e da impressionante natureza da Trindade.

Você, quando crê na Trindade, começa a entender que tudo que a verdade abrange são os relacionamentos. Viver à luz da verdade de Deus é vivenciar relacionamentos profundos, interpessoais com ele e uns com os outros.

De fato, quando você pensa no assunto, essa é a própria natureza da salvação. "Salvação" é uma das palavras e dos conceitos mais próximos do cerne das Escrituras. "Salvos". Salvos do quê? Bem, do pecado. E o primeiro fruto do pecado é a separação. O isolamento. A morte. A morte física é a separação entre alma e corpo. A morte espiritual é a separação entre a alma e Deus. A morte marital é a separação de seu cônjuge. O pecado e a morte são nada mais nada menos que separação — isolamento.

Lembre-se que o primeiro pecado, no Éden, isolou o primeiro casal tanto de Deus como um do outro. Eles se esconderam (Gn 3.7,8) de Deus e começaram a lançar pedras um no outro ("Foi a mulher que me deste por companheira [...]" [3.12]). E todo o resto das Escrituras é uma longa história de Deus "salvando" seu povo da separação, do isolamento e da morte.

Por isso, a outra palavra para salvação é *reconciliação.* A reconciliação do homem com Deus. E a reconciliação de homem com o homem.

Por isso, a outra palavra para reconciliação de homem com homem é "juntos".

E por que outra palavra para juntos é "amizade"?

E por que outra palavra para amizade é "igreja"?

A igreja local não é, nada mais nem menos, que um círculo bíblico de amigos.

Eu admito, fico mais do que um pouco cansado com pregadores de mente estreita que batem, o tempo todo, nas cabeças das pessoas com a "verdade" e, no processo, destroem os relacionamentos. Um sem o outro não é nada. Não há verdade real sem relacionamentos. E não há relacionamento de boa fé sem verdade. Não é a verdade *ou* o relacionamento, é a verdade *em* relacionamentos. Se você não vive a verdade nos relacionamentos, é provável que você não esteja nem perto da verdade. Portanto, cristãos, é melhor nós nos darmos bem e nos reunirmos.

Lembro-me de um bom amigo no seminário chamado Eric. Ele crescera em uma denominação cristã que desfrutava de um maravilhoso sentimento de que houvesse relacionamentos calorosos. Eu cresci em uma denominação que se orgulhava de "sustentar a verdade". Ora, no seminário, nós invertemos os papéis. Ele era pastor de jovens na denominação em que eu me criei. Eu me tornei pastor de jovens na denominação dele. Nós nos reuníamos no almoço,

no campus do seminário, e tentávamos decidir o que era melhor — uma igreja em que as pessoas amavam umas às outras, mas sabiam muito pouco sobre a Bíblia e a verdade teológica ou uma igreja em que as pessoas realmente conheciam a Bíblia, *mas detestavam umas às outras.*

Que desastre! Naturalmente, nenhum dos dois tipos de igreja representa Cristo. Um tipo tem pouca consideração pela Palavra. O outro tipo tem pouca consideração pelo corpo de Cristo. E as duas igrejas representam muito mal Deus. Não se pode refletir o Deus Trino sem as duas coisas. Sua Palavra na carne. Como Jesus. "Cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14).

Peço que continuem comigo. Aquela última "mordida" foi bem grande. Temos que mastigá-la por um tempo para digeri-la adequadamente — para que ela nos nutra e cresçamos na semelhança com nosso Pai. Ele gostaria disso. Portanto, fiquemos à mesa mais um pouco. O tempo de mais um capítulo.

E como se faz com qualquer bom bife, saboreemos — uma pluralidade praticando unidade. Isso é o âmago do que tratamos aqui: a redescoberta da amizade masculina em um mundo de isolamento. É uma espécie de eclesiologia masculina. Como nosso Pai diria: "É bom para você, meu filho". É a "carne com batatas" tanto da amizade como da vida de membro da igreja — dois traços de caráter muito similares que nosso Pai quer que a família dele desenvolva.

Nada agrada ao Pai como a união dos seus filhos.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. "Você pode fazer tudo bem, mas se esquecer para onde vai, você perde". O jogo de basquete começou bem, mas de alguma forma, durante o intervalo, eles se distraíram. Estavam prontos para jogar, mas, de alguma maneira, inverteram as posições em campo. E você? Ainda sabe para onde vai? Ainda está no caminho certo? Será que, em alguma área de sua vida, você quer "jogar a bola", mas distraiu-se e confundiu o campo? Pense sobre isso. *Se você esquecer para onde vai, você acabará perdendo.*

2. Você conhece outra pessoa que errou o alvo? Você o deixará continuar enganado em relação ao objetivo dele? Você o deixará fazer uma jogada que pode custar caro a ele? Um amigo de verdade pode dizer: "Não é da minha conta"?

De braços dados

1. Deus quer que a vida de seus filhos reflita quatro aspectos do caráter dele. Como cada um se aplica a você como amigo verdadeiro de alguém?

   a. sacrifício

   b. transparência

   c. de coração para coração

   d. união

2. O que você faz quando está profundamente desanimado e precisa ter uma visão renovadora de Deus? Os amigos o ajudam? Como eles fazem isso?

3. "O pecado e a morte são nada mais nada menos que separação — isolamento." O que faz com que as pessoas vivam até o fim solitárias? Por que é tão importante que nós, como amigos, vençamos o isolamento dessas pessoas?

4. O propósito da amizade é a glória de Deus. Como? Por quê?

5. Dissemos que João era o melhor amigo de Jesus na terra. De que maneira você supõe que João foi amigo de Jesus, capaz de satisfazer as necessidades relacionais da vida dele? Jesus também nos chamou de amigos e irmãos. Você já pensou que Jesus quer um relacionamento pessoal com você? Como você corresponde a essa vontade de Jesus?

6. "E todo o resto das Escrituras é uma longa história de Deus 'salvando' seu povo da separação, do isolamento e da morte." Você já pensou sobre seu papel no plano completo de Deus quando faz um amigo, ajuda alguém, socorre os necessitados?

CAPÍTULO 7

As maiores saudações da história*

A teologia da amizade (parte 2)



[...] permanecem firmes num só espírito, lutando unânimes.

Filipenses 1.27

Gosto muito mesmo de esportes colegiais. Acho que você já percebeu. Os esportes de colegiais, diferentes dos esportes "maiores" de nível universitário e profissional, são mais básicos e puros. É a coisa real, e está tudo lá. Os altos picos de emoção e os abismos de desapontamento. Grandes prazeres e tristezas insondáveis. Grandes momentos e erros malucos, além de porções extras de perseverança, coragem e graça. Para mim, os esportes de colegiais são o melhor do esporte estado-unidense.

Nada em minha experiência, porém, se iguala à intensidade do campeonato de basquete estudantil. Pense em todas as celebrações espontâneas que acontecem na quadra. A alegria louca. As lágrimas de frustração. Às vezes, os rapazes não conseguem segurar a paixão e explodem em júbilo. Pressão e prazer — tudo em poucos minutos. Intensidade e alegria — uma depois da outra. Esses jogos significam alguma coisa para estes jovens!

Os grandes momentos da vida são geralmente momentos de intensidade. Ou alegria. Ou as duas coisas.

Por isso, minha família chama o campeonato de basquete estadual de Campeonato Anual do Basquete da Páscoa a ser "celebrado por todas as gerações". É divertido observar os espectadores no meio dos jogos. Vemos "rostos de jogo"... rostos super sérios do tipo "vamos lá"... rostos desnorteados que acabam de chegar de regiões interioranas. E muitos rostos de braços-levantados-acima-das-cabeças-com-grandes-sorrisos. Há abraços, tapas nas costas e abundantes "saudações".

Se havia "saudações" no século I, imagino algumas cenas em que Jesus provavelmente faria "saudações". De fato, em uma cena ele estendeu os braços, embora não acima da cabeça. Mas deu um grito de vitória. Foi um grito de grande pressão e prazer (veja Is 53.11). Ali na cruz, quando ele pagou o preço por nossos pecados, com os braços bem estendidos, o Senhor do universo gritou: *"Está consumado!"*. Foi o maior momento de braços estendidos, de "saudação", em toda a história do mundo!

Naquele momento singular, enquanto o cosmos segurava o fôlego, Jesus passou pela experiência intensa, pelo sofrimento indizível e pela alegria profunda da realização de seu propósito, tudo ao mesmo tempo. Ele abrira o caminho para a salvação, para a reconciliação, para a união. Ele respondeu às orações dele mesmo. Ele consumou a realização do sonho do Pai. O Primogênito abriu o caminho para seus irmãos. Sacrificou a si mesmo em favor da igreja.

A mesa redonda do século I

Outra cena na vida de Jesus que pedia a "saudação" ocorreu em um retiro. Ele estava em pleno ministério público. De fato, ele estava para voltar seus olhos em direção a Jerusalém. Ele estava para começar sua própria marcha rumo à morte, com os olhos focados, com a vontade forte como aço e com o coração pronto. Jesus, sem chance de ser distraído, estava no processo de fazer seu "rosto de jogo". Era isso. O grande momento. O momento do qual dependiam o tempo e a eternidade.

Em preparação para isso, ele convocou um retiro da sua equipe (veja Mt 16). O Rei reuniu seus cavaleiros um tanto enferrujados ali nos contrafortes da terra norte, não longe das encostas de monte Hermon. Naquele retiro em Cesaréia de Filipe, por assim dizer, "em volta da mesa", ele reviu o plano de jogo.

Ele começou fazendo algumas perguntas aos seus homens.

"Quem os outros dizem que o Filho do homem é?" E mais importante: "Quem vocês dizem que eu sou?".

Pedro, o grandalhão, respondeu de modo claro e sucinto: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Em essência: *O Senhor é nosso Rei. Nós o seguiremos para qualquer lugar.*

Era a resposta certa. Mais que a resposta certa, era a chave radiante do plano divino já vigente há séculos. O sonho do Pai era que seu Unigênito limpasse o caminho, determinasse o compasso. Eram o Pai e o Filho, o Rei dos reis, o Senhor dos senhores, preparando a mesa para uma festa eterna. E ele preparava o caminho para que dezenas, centenas, milhares, milhões de pessoas se unissem a eles na ceia de casamento do Cordeiro. Esse era o grande plano de ação. O Cordeiro levaria as cores da família para o campo de batalha.

E Jesus não se continha de prazer!

Ele exclamou alto: "*Feliz é você, Simão, filho de Jonas!* Porque isto não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus" (Mt 16.17).

Você conseguiu! Ousaremos imaginar a Segunda Pessoa da Trindade jogando a cabeça para trás e rindo em voz alta? Sim, era a resposta certa. A chave. Gosto de pensar que foi naquele ponto que Jesus e seus discípulos fizeram a "saudação". Você consegue imaginar, Jesus de pé, se movendo em volta de cada homem do pequeno círculo, suas mãos acima das cabeças, sorrisos grandes em seus rostos, e mãos batendo "saudações"?

(É claro, havia um Judas em volta daquela mesa. Um rapaz que nunca se entrosou com a equipe. Nunca participou de jogo de equipe. Um camarada que sempre cuidava dos negócios pessoais. Um camarada cuja canção favorita era "My way" ["Do Meu Jeito"]... e o fim disso é a morte.)

Claro, até Pedro tropeçou, logo depois daquele momento glorioso de "saudação". Como o atleta estudantil que, em um momento, faz uma jogada magnífica por cima da cabeça e, no momento seguinte, se vira e comete um erro de iniciante. Quando o Rei disse que morreria nessa batalha — que o caminho para a vitória era por intermédio do heroísmo insuperável do sacrifício — o grande pescador decidiu contestá-lo. Péssima decisão, Pedro. Por um momento, o Rei teve que dizer para o velho cavaleiro enferrujado que desmontasse e ficasse para trás.

Pedro estava falando como Satanás. Nesse exército do Rei, ninguém, repito, *ninguém* segue a própria cabeça. Nenhum homem comanda o próprio desfile. Nós vamos juntos pelo caminho do Rei ou não vamos a lugar algum. Foram palavras duras para o velho Pedro, e provavelmente o cortaram como chicote. Mas as palavras tinham que ser ditas.

E você? Você se parece mais com Pedro que com Jesus? Você pede perdão a ele por planar pela vida seguindo uma rota pessoal? Você sabe se humilhar? Sabe voltar para a fila? Quando o Rei chama, você entra em forma, age de acordo com as regras dele, sem insistir na sua maneira de fazer as coisas? Se você pretende seguir com o Rei dos reis, é melhor concordar com ele.

Gosto de pensar que foi naquele ponto que Jesus — com o queixo firme e fisionomia disposta para o jogo — falou sobre sua visão e sobre seu coração. Em voz alta, clara, as cinco palavras que mudariam o curso da história humana.

"EU... EDIFICAREI... A... MINHA... IGREJA".

Mensagem recebida! São momentos que merecem "saudação". Este é o time dele. Este é o plano dele. Esta é a turma dele. Ninguém mais dá os sinais. Alinhem-se, homens. Jesus tem um plano e toda a intenção de edificar o corpo

de Cristo, e ele o fará da sua maneira. O corpo de Cristo se parece com ele, o reflete, é uma pluralidade praticando unidade. A igreja é muitos em um. Muitos membros, um corpo. Um Espírito. Um Senhor. Uma só fé. Uma esperança. Um batismo. E "um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos" (Ef 4.6).

E se você insistir em ir atrás de seus planos e objetivos, se você insistir em conduzir seu desfile de um homem só, você se parecerá mais com Judas que com Jesus. Mais com Ananias e Safira que com Jesus e aqueles que são sérios em relação à igreja dele. Então entrem na fila e aceitem as ordens. Pare de agir como eles.

"Edificarei a minha igreja"

Sim, é a igreja de Jesus, e quando você levar Jesus a sério, levará a igreja dele a sério. Preste atenção: *construir sua igreja foi a única coisa no mundo que ele escolheu fazer.* E andar com ele significa estar perto da batida do coração dele, da vida dele. Se você é um cavaleiro chamado à mesa dele, mas está um pouco enferrujado, vejamos como acabar com a corrosão e como nos movimentarmos com a aparência alinhada que reflete o Comandante a quem servimos.

Quando você se locomove com Cristo, você anda acompanhado. Você nunca está só. Posso acrescentar uma palavra aqui? Essa igreja não é apenas um corpo universal, espiritual, etéreo, assombrado. Ela não é isso de maneira alguma.

Ela é visível. É física. É real. É local. E se reúne em sua cidade. Ela é o equivalente moderno da coluna de fogo e da nuvem, a igreja é a glória de Deus!

Entre os mais de cem usos que se faz da palavra "igreja" no Novo Testamento, o mais importante se refere à igreja local. Aquele que fica perto de sua casa. Vamos lá, camaradas. Voltem para a igreja. Sem você, o corpo de Cristo se parece mais com uma associação feminina de auxílio que com o corpo do Rei. Sigamos o programa que ele deixou para nós.

Posso acrescentar mais uma coisa sobre esse programa? Ele começa com homens. Quero que você medite sobre uma afirmação do pastor Jack Hayford que fala por mim. É uma declaração, em si mesma e ao mesmo tempo, totalmente incorreta politicamente e bíblica e historicamente correta. Eis as palavras criteriosas do pastor Hayford:

> Na maioria de suas obras (na história e nas Escrituras), Deus *começa* com homens. Entenda isso. *Os homens* são o "início"... *A formação do homem é fundamental para qualquer coisa que Deus se propõe a fazer.*[1]

Com muito cuidado para que não haja nenhum mal entendido, o pastor Jack insiste, apropriadamente, que homens e mulheres são realmente iguais em valor diante de Deus, que "Deus não perpetuou essa ordem ou seqüência porque os homens são mais sábios, ou mais inteligentes, ou mais dotados... que as mulheres." Ele, acertadamente e com habilidade, ridiculariza o chauvinismo masculino. Ao mesmo tempo, ele observa, corretamente, que "Deus não pede desculpas por iniciar seus planos com os homens". O pastor Hayford traça o modelo ao longo da Palavra de Deus, citando exemplos específicos, aos quais eu já acrescentei alguns:

§ A raça humana começou com um *homem* – Adão.
§ A aliança dos testamentos foi dada a um *homem* – Abraão.
§ As doze tribos da nação de Israel começaram com um *homem* – Jacó.
§ A redenção de Israel foi realizada por intermédio de um *homem* – Moisés.
§ A ocupação da terra prometida foi dirigida por um *homem* – Josué.
§ O protótipo real do Messias foi um *homem* – Davi.
§ O Salvador do mundo veio como *homem* – Jesus.
§ Jesus começou seu ministério e fundou sua Igreja com uma reunião de *homens* — os Doze.

E preciso incluir aqui mais uma declaração criteriosa do bom ministro que reflete a noção completa de *Braços dados*: "O homem que se aproxima mais do que Deus quer que ele seja é aquele que descobre o poder e a bênção da amizade com outro homem".[2] Ele tem razão. "Ergam-se, ó homens de Deus, a igreja espera pelos senhores!"

Voltando ao ponto principal — Cristo nos chama para o compromisso, e não é um compromisso abstrato. A igreja universal invisível nunca se reuniu. É a igreja *local* que reflete a glória dele. É impossível a igreja universal fazer isso uma vez que ainda não se reuniu! A glória dele é visível. E a unidade é o cerne da glória dele. Portanto, reúnam-se, rapazes. Hasteiem as cores da companhia. Apareçam. Tomem parte. Alistem-se. Prestem serviço. Sejam tudo que podem ser na igreja local. Se não fizerem isso, é porque vocês estão, de novo, fazendo as coisas pessoais. E essa coisa de ser um cavaleiro solitário contra o Inimigo é mortal. Pode matá-lo e também àqueles que você ama.

Durante toda minha vida, eu desejo ver uma igreja funcionar. Durante os últimos dezoito anos, tenho o privilégio de ser parte de uma assembléia de pessoas que também querem vê-la funcionar. Sabemos que estamos longe da perfeição. Sabemos que "não fazemos as coisas de maneira perfeita aqui na

terra, mas fazemos juntos". Pois nosso Pai e nosso Irmão primogênito nos pediram isso.

Nosso lema é: "Aprendendo Juntos a Viver Como Cristo". Todos estão em processo de "aprendizado". Ninguém chegou lá, *muito menos* o pastor. Nós estamos "juntos". Ninguém tem um programa individual. Nós queremos "viver" a verdade, não apenas "conhecer" a verdade. Queremos humanizar nossa verdade *em* relacionamentos. E queremos que tudo se pareça com Cristo. Que reflita o Deus Trino vivo.

Queremos ser parte da resposta da oração mais sincera e intensa de Jesus, "para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti [...] Que eles sejam levados à plena [maturidade] unidade, para que o mundo saiba que tu me enviaste" (Jo 17.21,23).

Ora, eu cresci na igreja. Tenho que confessar — no início, eu detestava a igreja. Quando criança, eu não gostava nem um pouco da igreja. Lembro-me quando meu pai decidiu escolher se Jesus era tudo que dissera ser ou não era nada daquilo. Meu pai fez a escolha certa. Decidiu ficar com o programa. Na época, eu tinha uns oito anos. Mamãe não conhecia o Senhor e não freqüentava a igreja. Àquela época, ela se incomodava com o que os vizinhos expressavam como "a religião o pegou".

Mas eu não tinha escolha. Meu pai disse que nós dois íamos à igreja.

Lembro-me da primeira vez em que entrei na igreja naquela cidadezinha. Uma pessoa desconhecida levou-me a uma sala, em que um grupo de crianças cantavam "Este Mundo é de Meu Pai". Ora, o mundo não era do *meu* pai. Eu fiquei nervoso. Um garoto chutou-me por baixo da mesa, e, antes de me dar conta, nós rolávamos pelo chão em uma briga. Minha primeira experiência na igreja foi uma briga.

E, sabe, ao longo de muitos anos, a coisa foi mais ou menos daquele jeito. As igrejas são conhecidas pelas brigas. Isso é uma pena. A única coisa pela qual Jesus orou — nossa unidade —, é no que somos piores.

Talvez você conheça a história contada pelo comediante Emo Phillips. Ele fala:

> Em uma conversa com uma pessoa que conhecera há pouco, eu perguntei: "Você é protestante ou católico?". O recém-conhecido respondeu: "Protestante". Eu disse: "Eu também!". "Que denominação?" Ele respondeu: "Batista". Eu disse: "Eu também!" "Batista do Norte ou Batista do Sul?" "Batista do Norte", ele respondeu. "Eu também!", gritei. Continuamos com esse 'toma lá dá cá'. Finalmente, eu perguntei: "Batista Fundamentalista Conservador do Norte, região dos Grandes Lagos,

> Concílio de 1879 ou "Batista Fundamentalista Conservador do Norte, região dos Grandes Lagos, Concílio de 1912?" Ele replicou: "Batista Fundamentalista Conservador do Norte, região dos Grandes Lagos, Concílio de 1912". Eu disse: "Morra, herege!".[3]

Hilariante. Engraçado. E talvez um pouquinho perto demais da realidade para que nos sintamos confortáveis. O sonho de nosso Senhor transformou-se em pesadelo, e esse é o nosso grande ponto neste capítulo sobre a teologia da amizade: NADA AGRADA MAIS AO PAI QUE A UNIÃO DE SEUS FILHOS.

Isso é verdade na minha família, na sua família, na família dele e em qualquer família que compreende o sentido da palavra "família". Qualquer tipo de postura de rivalidade, de inimizade ou de comparação destrói o círculo familiar.

O primeiro objetivo da amizade é agradar ao Pai por meio da união. O primeiro objetivo da igreja é refletir a glória dele... viver como ele... projetar a imagem dele na tela desta vida para que outros possam vislumbrar as brilhantes realidades eternas. Isso era tão crucial para ele... que chamou-o de mandamento:

> Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros (Jo 13.34,35).

Jesus empacotou esse conceito com palavras fortes. Ouça, a única maneira do mundo saber que o Pai enviou o Filho é pelo tratamento que dão a seus amigos no corpo de Cristo. A maneira como você e eu tratamos um ao outro *é* a linha de fundo da cristandade. É a marca do cristão. É a bandeira daqueles que fazem parte da comitiva do Rei.

Isso também é o cerne da promessa do Pai. Há milênios, o Pai começou a realizar seu sonho. A criação fora manchada pelo pecado (Gn 3). A morte era o tema predominante do planeta (Gn 5). Ele o purificara bem uma vez (Gn 9). Mas as gerações posteriores à de Noé continuaram nos caminhos de seus pais — corriam atrás de suas paixões, bebiam, até o fim, do copo do pecado e da rebeldia contra Deus. A situação ficou insuportável.

No momento em que chegamos a Gênesis 11, a situação está tão ruim que até a maior dádiva de Deus para a pluralidade praticar a unidade — o dom de língua, entendimento em comum, comunhão e comunicação — os seres humanos viram contra ele. Usaram a bênção do dom de línguas, mandada pelos céus, para caminhar da sua maneira, para construir o reino deles mesmos.

Deus tinha que fazer alguma coisa. Despedaçou-se o sonho do Pai de que seus filhos vivessem em união. Separar. Dispersar. Mandá-los para longe uns dos outros. Ele teve que fazer a coisa que mais detestava. E acho que isso despedaçou o coração dele.

Por isso, Gênesis 12 vem depois de Gênesis 11. O Pai não deixaria seu sonho morrer. Das cinzas espalhadas surgiu a beleza da aliança. Deus, em seu coração, cria promessas e as cumpre. Ele prometeu a um homem que todas as famílias seriam abençoadas por intermédio da família dele e que um dia — por meio da semente de Abraão — todos os povos dispersos se reuniriam. A aliança com Abraão rege toda a Escritura. Tudo que vem depois de Gênesis 12 engrena-se para cumprir essa promessa de que o povo da terra se reúna de novo em volta da mesa do Pai.

Os fundamentos dessa aliança pediam um sacrifício. O filho de Abraão, Isaque, tornou-se a profecia viva do Filho maior de Abraão que, como Isaque, sob a orientação do Pai, subiria no altar de sacrifício por vontade própria.

No entanto, havia uma diferença importante. Quando Isaque e seu pai subiram no monte Moriá, havia um bode, nos arbustos, que substituiu Isaque no altar de sacrifício. Quando o Pai celeste e seu Filho subiram ao monte Calvário, não havia nenhum bode substitutivo nos arbustos. Dessa vez, o Pai não suspenderia os braços. A faca cairia. Jesus era, de fato, o Cordeiro. O Pai teve que ver seu Filho morrer. Pois seu Filho era o Cordeiro pascal cujo sangue purificou, levou embora os pecados do povo e providenciou o caminho de saída da servidão do pecado e da morte e o de entrada em uma nova terra de promessa.

Chegaria um novo dia em que todas as pessoas se reuniriam de novo. Era esse dia que Jesus tinha em mente quando se sentou com seus onze cavaleiros enferrujados logo antes de sua ascensão, e eles repassaram o plano do jogo mais uma vez:

> Certa ocasião, enquanto comia com eles, deu-lhes esta ordem: "Não saiam de Jerusalém, mas esperem pela promessa de meu Pai, da qual lhes falei. Pois João batizou coma água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo" (At 1.4,5).

Isso aconteceu dez dias depois do aviso de Jesus. O Pai abriu as portas com a vinda do Espírito. Veja o que aconteceu.

> Estavam todos reunidos num só lugar [...]. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas , conforme o Espírito os

> capacitava. Havia em Jerusalém judeus, tementes a Deus, vindos de todas as nações do mundo. [...] cada um os ouvia falar em sua própria língua. (Leia At 2 inteiro.)

Você percebeu? Isso foi o *inverso* da Torre de Babel que dispersou o povo. Inverteu-se a Torre de Babel em que uma língua se transformou em muitas e confundiu as pessoas. De certa forma, a Igreja tornou-se uma nova "torre" em que as pessoas falavam línguas diferentes se reuniram e entenderam umas às outras. Elas começavam a aprender juntas a viver como Cristo — o Deus Trino.

Foi o nascimento do corpo de Cristo. Foi o cumprimento da bênção de Abraão. Era a realização do sonho do Pai. Os filhos estavam juntos de novo.

Separemos um momento para que essa cena fique com o foco mais nítido. A ênfase de Atos 2 não está nos primeiros versículos, mas nos versículos posteriores. Atos 2.1-11 narra os fatos históricos, já Atos 2.41-47 *resume* o que aconteceu. O relato segue a linguagem e o estilo do século I, mas podemos chamá-lo de "balanço do período". Leia-o com atenção:

> Eles se dedicavam ao ensino [...] e à *comunhão*, ao partir do pão e às orações. [...] Os que criam mantinham-se *unidos* e tinham tudo em *comum*. Todos os dias, continuavam a *reunir-se*. [...]e *juntos* participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração (At 2.42-46, grifo do autor).

Eles estavam continuamente no processo, para citar nosso pequeno lema novamente, de "aprender a viver juntos como Cristo". Eles se tornavam uma pluralidade praticando unidade. Começavam a se parecer com o corpo de Cristo, a refletir a glória dele.

Vemos isso de novo na próxima declaração somatória do livro de Atos dois capítulos adiante, no capítulo 4. Mesma canção, segunda estrofe.

> Da multidão dos que creram, uma era a mente e um o coração. Ninguém [jamais] considerava unicamente sua coisa alguma que possuísse, mas compartilhavam tudo o que tinham. Com grande poder os apóstolos continuavam a testemunhar da ressurreição do Senhor Jesus, e grandiosa graça estava sobre todos eles. Não havia pessoas necessitadas entre eles, pois os que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro da venda e o colocavam aos pés dos apóstolos, que o distribuíam segundo a necessidade de cada um (At 4.32-35).

Caramba, esses homens entendiam o quadro! Isso era o corpo de Cristo. Uma fé. Uma esperança. Esse era o sonho e a glória do Pai. Você viu outra coisa? Como em um sanduíche, no meio de toda a fala sobre a unidade deles está a afirmação sobre dar testemunho da ressurreição do Senhor Jesus — quase como se, no século I, a grande evidência da ressurreição fosse a unidade do corpo de Cristo. Isso faz sentido, não é mesmo? Os descrentes — os muitos que não viram o Cristo ressuscitado — *viam* com seus olhos a glória de Deus quando o corpo de Cristo se reunia. Jesus estava vivo em meio ao seu povo, e as pessoas derrubavam as portas para achar esse Messias para si mesmos.

Não é de admirar que o grande apóstolo do Novo Testamento, o próprio Paulo, dissesse aos crentes de Filipos para agir da mesma maneira:

> Exerçam a sua cidadania de maneira digna do evangelho de Cristo, [...] permanece[ndo] firmes *num só espírito*, lutando *unânimes* pela fé evangélica (Fp 1.27; grifo do autor).

Um pouco adiante Paulo continua, dizendo-lhes que se pareçam mais ainda com nosso Deus Trino vivo:

> Tendo o *mesmo modo de pensar*, o *mesmo amor*, *um só* espírito e *uma só atitude*. [...] Cada um cuide, não somente dos seus interesses, mas também dos *interesses dos outros* (Fp 2.2-4; grifo do autor).

Nesse mesmo capítulo, Paulo vai adiante e descrever alguns indivíduos cujas vidas são marcadas por essa espécie de caráter — Jesus, Timóteo, Epafrodito. Somos instruídos a apreciá-los e a tê-los como modelos do tipo de comportamento que devemos praticar — orientado para os outros, orientado para o corpo de Cristo, orientado para o comportamento de "espíritos afins". E os crentes de toda parte, que são cuidadosos com as orientações bíblicas, se ajustam a esse ensinamento.

Norman Kraus captou o espírito da igreja primitiva:

> A pessoa inteira [saudável, madura] é uma pessoa-em-comunidade. O indivíduo autônomo [que se autogoverna] não é uma pessoa completa. A pessoa autônoma não é uma pessoa salva. O ideal religioso do cristianismo não é o místico asceta que se separou dos outros... Nem é o indivíduo auto-suficiente seguro de sua vitória por meio de Cristo... *ser salvo significa estar em relacionamento autêntico com seus semelhantes humanos sob o senhorio de Cristo.*[4]

Amém a isso! Robert Webber captou o mesmo elemento:

> A compreensão correta do cristianismo não é a "minha experiência" com Cristo, por mais importante que ela seja. Antes, o cristianismo é o evento objetivo de Deus encarnado em Jesus Cristo, que morreu e ressuscitou para estabelecer uma nova humanidade, a Igreja. É *na* Igreja e *por intermédio* dela, como corpo de Cristo, que se *concretiza* a experiência do cristianismo.[5]

Ed Dayton diz isto de mais outra maneira:

> Deus nos chama, um a um, para fora do mundo. Mas o que tantos crentes evangélicos não vêem, é que ele também nos chama para a comunidade em que a primeira coisa que deixamos de lado é o individualismo. "Ora, vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo" (1Co 12.27).[6]

Em Atos 2, quando a Igreja, o corpo de Cristo e a família de Deus nasceu, cumpriu-se a promessa de Gênesis 12 e o sonho de Jesus. Batizou-se o recém-criado corpo de Cristo no Espírito como a marca do prazer e da presença do Pai. A Bíblia diz que Cristo morreu no madeiro do Calvário, "para que em Cristo Jesus a bênção de Abraão chegasse também aos gentios, para que [nós] recebêssemos a promessa do Espírito mediante a fé" (Gl 3.14).

Não perfeitos, mas juntos

Deixe-me descrever a família Weber de anos recentes:

> Três meninos. Um lar.
> Três personalidades. Mesmo sobrenome.
> Três modos de encarar as coisas. Uma família.

E, naturalmente, três doses de "testosterona comportamental" ou o que, às vezes, chamamos de "ego masculino". Essa fórmula familiar, se deixada por conta própria, seria uma receita com grande potencial para o desastre — rivalidade entre irmãos que ultrapassaria todos os limites. Mas as palavras-chave aqui são: "deixada por conta própria". Nós seres humanos, se deixados por conta própria, destruímos a nós mesmos. A solução é simples — não deixe nada por conta própria! Repetindo as palavras que usamos tanto no capítulo anterior, cuide para que a pluralidade pratique unidade. Em casa, não fazemos nada "do meu modo", mas trabalhamos sem parar para fazer tudo do modo de Deus.

Em nossa família, com o tempo, surgiu uma cançãozinha temática que se tornou o antídoto para a toxina da rivalidade entre irmãos: "Aqui, nós *nunca* fazemos nada com *perfeição.* Mas nós *sempre* fazemos tudo *juntos*". Nunca com perfeição. Sempre juntos. Veja, é importante que a coisa principal sempre permaneça a coisa principal. E a coisa principal era a família, a unidade. Não o indivíduo, o eu. Para que nossa família refletisse Deus tínhamos que aprender a viver juntos... como ele.

A mesma coisa acontece com a família de Deus. Mesmo que haja todo tipo de oportunidade para a rivalidade entre os irmãos, o Pai insiste que nos demos bem. Que os filhos amem uns aos outros. Que os irmãos ajam como irmãos. Que nos liguemos como os "parentes" que realmente somos.

Vejamos como Deus dirige sua família. Meditemos a respeito da pluralidade praticando unidade como o caminho para a amizade verdadeira. Já observamos que a pluralidade-em-unidade é o cerne da Trindade.

E Jesus, de certa maneira, disse que essa era a finalidade da Bíblia ao responder à pergunta capciosa do arrogante perito na lei: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?". Jesus não hesitou. Ele respondeu com plena autoridade: "Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento". Jesus disse que o segundo princípio era igual ao primeiro e não podia ser separado dele: "Ame o seu próximo como a si mesmo" (veja Mt 22.34-40).

Jesus mesmo afirmou que o essencial da Bíblia toda, e, portanto, da fé cristã, era amar a Deus e uns aos outros. Amar o Pai e seus filhos. E quando pensamos com cuidado sobre isso, temos que concordar que esse tema está em toda a Bíblia.

O estar junto foi o objetivo da própria criação. Nosso grande Criador, Deus, determinou refletir-se, refletir seu Espírito, em um mundo muito material. Este mundo é extravagante, como ele é. Um mundo que opera com uma incrível preocupação com o detalhe, assim como ele. É um mundo simples e complexo, como seu Criador. E o ponto crucial dessa criação é o ser humano, criado à sua imagem — macho e fêmea feitos um para o outro em casamento, a primeira e mais básica pluralidade terrena praticando unidade.

Estar junto é o intento da primeira instituição social que Deus criou. Ele disse: "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2.18).

Estar junto foi o intento da primeira nação de pessoas que ele comissionou. "Ouve, ó Israel, o Senhor, o nosso Deus, o Senhor é o único Senhor" (Mt 12.29). O que está implícito nessa declaração? *Reflitam* essa unicidade, essa união.

Estar juntos foi o objetivo dele ao criar a Igreja. A história mudou para sempre por causa de quatro palavras simples: "Edificarei a minha igreja" (Mt

16.18). E Jesus pretendia mudar a história. Essa Igreja seria diferente de qualquer outra assembléia. A Igreja se pareceria com o Deus vivo. Essa assembléia pareceria com uma família e atuaria como uma: os filhos de um mesmo pai.

Foi por isso que Jesus orou tão sinceramente no final de sua vida terrestre por uma única coisa: "Pai, [...] para que sejam um, assim como somos um" (Jo 17.11).

Não é uma grande revelação para nós, que estamos já na casa dos quarenta, cinqüenta anos ou mais, que a vida é surpreendentemente curta. O pouco tempo que nos foi dado para caminhar na superfície deste planeta, para provar os frutos da terra e para sentir o calor do sol de Deus passa como um lampejo, como o barquinho de papel na correnteza forte. E depois vem o grande mar da eternidade com todo seu mistério e maravilha. Não sabemos muito sobre o que temos à frente, mas uma coisa é certeza: se queremos servir e agradar àquele que comprou a vida para nós com seu sangue, temos que ir atrás desse objetivo. Não temos tempo para gastar com nossas preocupações restritas e egoístas.

Deixe-me perguntar-lhe: se você, em vida, puder dar apenas uma coisa para Jesus porque não dar o que ele quer acima de tudo?

UNIÃO entre os irmãos dele.

Está em suas mãos dar e receber isso.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. "Construir sua igreja foi a única coisa no mundo que ele escolheu fazer." Entre todas as maneiras em que Deus poderia trabalhar no mundo, ele escolheu fazê-lo por intermédio da Igreja. Que tipo de influência/impacto você e seus amigos têm na igreja local? Vocês vão à igreja apenas para receber ou fazem alguma diferença nela? Vocês se satisfazem em "apreciar uma herança" ou estão construindo um legado?

2. Como homem, Deus lhe deu uma responsabilidade. Espera-se que você influencie sua esposa e seus filhos, outros homens que estão a sua volta e que se envolva na edificação da igreja local. Você cumpre ativamente essas responsabilidades? Em algumas áreas, sente-se perdido? Isso não é motivo suficiente para desenvolver amizade com homens que o ajudem a crescer?

3. "Se você, em vida, puder dar apenas uma coisa para Jesus porque não dar o que ele quer acima de tudo. UNIÃO entre os irmãos dele." Será que, entre seus irmãos cristãos, há relacionamentos danificados ou negligenciados em relação aos quais você precisa orar e cuidar?

De braços dados

1. Nada agrada mais ao Pai que a união de seus filhos. Por quê?
2. Por que Jesus disse que nossas grandes amizades cristãs — nossa união — seriam uma mensagem para o mundo? A igreja primitiva cumpriu esse desejo dele? Qual foi o efeito disso?
3. Deus não fez ninguém auto-suficiente. Todos nós temos pontos fortes, mas também temos deficiências — coisas que não fazemos bem. O propósito de Deus foi mostrar-nos a necessidade que temos uns dos outros e unir-nos. Por que tantos de nós recusamos reconhecer nossas deficiências ou a necessidade que temos de outras pessoas e permanecemos tão teimosamente independentes?
4. Que aspectos você gosta no lema: "Aprender juntos a viver como Cristo"?

Notas

* No original, high five é uma saudação de comemoração muito utilizada nos E.U.A., que consiste em bater com a mão na mão do outro, acima da altura da cabeça.

[1] Jack Hayford, *A Man's Starting Place* (Van Nuys: Living Way Ministries, 1992), 12.

[2] Ibid., p. 58.

[3] Citado em *Leadership,* Outono 1992, 47.

[4] C. Norman Kraus, *The Community of the Spirit* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Pub. Co., 1974), 55-56.

[5] Nota do autor: Em um sermão há anos atrás, eu usei esta citação de Dr. Robert Webber, mas negligenciei anotar a fonte na época. Quando eu puder identificá-la, eu a incluirei em impressões subseqüentes.

[6] Nota do autor: Há anos, em um sermão, usei esta citação de Ed Dayton, mas não anotei a fonte na época. Quando eu puder identificá-la, eu a incluirei em edições subseqüentes.

CAPÍTULO 8

O começo da viagem

Quatro indicadores na estrada da amizade masculina (parte 1)



Aproveite o máximo do melhor, e o mínimo do pior.

Robert Louis Stevenson

Os vastos espaços abertos.

Para mim, que vivo no oeste dos Estados Unidos, essa expressão sempre provoca uma série de imagens em minha mente.

Primeiro, é uma frase que cheira a cem quilômetros quadrados de salva-brava aromática em uma manhã fresca... faz sentir a luz de sol se derramando sobre uma fileira de violetas em alguma montanha longínqua... lembra uma sinuosa fita de asfalto cinza indo em direção a um horizonte distante... soa como o sussurro do vento em um oceano dourado de trigo.

Sim, sou um rapaz do oeste, e os "vastos espaços abertos" acham abrigo em minha alma.

Mas essa expressão nunca me tocou tão forte como em meu primeiro ano de faculdade. Até aquele ano, que foi uma linha divisória em minha vida, eu nunca me aventurara até mais longe que àquele "posto avançado" a leste, conhecido como o estado de Idaho. Mas esse foi o ano em que eu embarquei em um trem para o Centro-Oeste, e mais tarde visitei vários amigos que fiz na Costa Leste.

Honestamente, foi difícil acreditar no que eu via. *Em toda parte,* havia cidades pequenas e grandes. Uma atrás da outra. Cidades enfileiradas. Uma cidade começava onde a outra acabava. A distância entre duas "cidades" era a largura do poste em que ficava a placa com o nome da cidade. Em um lado do poste lia-se: "Bem-vindo a Monroe". No outro lado lia-se: "Bem-vindo a Smithville."

Não era assim no Oeste. Onde eu cresci, você dirigia o carro por horas, sob aquele céu imenso, para ir de uma cidade a outra, não havia nada entre elas senão aqueles "vastos espaços abertos". Ao longo das rodovias estaduais e federais, você media o avanço da viagem pelos indicadores de distância. Os indicadores de distância são marcos importantes de localização em regiões pouco habitadas e, portanto, com poucos pontos de referência.

Isso ainda é verdade hoje. Se você sintonizar um rádio PX, nos canais 17 ou 19, é provável que ouça um caminhoneiro dizer: "Onde você está, camarada? Qual é o seu 'PX'?". E depois, estalando pela caixa-acústica, você ouvirá algo como: "Indo para leste, estou no indicador 237, camarada!".

Portanto, deixe-me perguntar, já que estamos quase na metade deste livro, onde *você* está, meu camarada?

Ou... pelo menos, você tem um bom camarada?

Se você tem um camarada, o quanto ele é próximo de você? Por qual indicador você está passando? Eu gosto de pensar que nossas amizades, como qualquer estrada que leva a um destino que valha a pena, têm alguns indicadores ao longo do caminho. Simples indicações de "onde nós estamos". Para os nossos propósitos aqui, sugiro quatro indicadores críticos que mostram para onde caminha cada amizade.

Indicadores na estrada da amizade[1]

Indicador #1 —— Aceitação:

Nós escolhemos aceitar um ao outro como somos, sem impor condições. *"Você é meu amigo. Eu não espalho o que você me conta. Pode confiar em mim."*

Indicador #2 – Afirmação:

Nós nos comprometemos a edificar um ao outro por meio da expressão sincera de interesse e do incentivo freqüente: *"Eu focarei em satisfazer as suas necessidades, não as minhas".*

Indicador #3 – Avaliação (prestação de contas):

Nós nos avaliaremos em áreas-chave de nosso crescimento pessoal e espiritual. Nosso objetivo é transformarmos-nos em homens devotos. *"Porque eu me importo com você, o avisarei quando vir que você corre risco".*

Indicador #4 – Autoridade:

Nós reconhecemos, e se necessário lembraremos um ao outro, a autoridade final de Deus em nossa vida. Para compreender plenamente a autoridade de Deus precisamos nos aprofundar cada vez mais na Palavra dele. *"Eu me submeterei à liderança de Cristo em tudo."*

Toda amizade deve caminhar em direção a esses quatro "A". Toda amizade deve se ver como um "Time A". Mais especificamente, um time "Quatro As". Todas as amizades de "primeira divisão" estão na categoria AAAA.

Voltemos à rodovia e partamos para nossa viagem. Esquentemos os motores e vamos em frente. E quando você engrenar e entrar na estrada da amizade, quero que você verifique o primeiro sinal, o indicador #1. Em qualquer amizade, esse primeiro indicador representa a *aceitação* das outras pessoas como elas são. Aceite seu amigo como ele é.

Foi exatamente isso que, há tantos anos, o príncipe Jônatas fez em um trecho inesquecível da estrada da amizade.

Indicador #1: Aceitação

A amizade de Jônatas e Davi foi lendária. Eles usufruíram o que talvez seja a mais celebrada amizade masculina da história. O próprio Deus a descreve com superlativos — de seus corações "surgiu tão grande amizade" (1Sm 18.1). Não podia ser melhor! Esses rapazes estavam em sintonia, ligados.

E como ficou tão bom assim? Como você explica uma ligação desse tipo? Houve algum traço singular que caracterizou o relacionamento deles e o tornou tão profundo? Acho que sim. E creio que essa mesma qualidade está presente em *toda* amizade verdadeiramente significativa. Eles começaram do ponto em eu e você temos que começar. No indicador #1. Com a aceitação.

Olhe a vida deles como amigos. Caminhe pelas aventuras deles e siga a trilha de suas conversas. Veja como tinham o coração aberto um para o outro. Ao longo desse trecho da gloriosa estrada da amizade você encontra os quatro indicadores. Mas nenhum deles aparece de maneira tão marcante quanto o indicador da aceitação.

Você identifica uma única palavra que caracterizou, do começo ao fim, o relacionamento desses dois jovens: o que uniu esses guerreiros? Altruísmo? Compromisso? Lealdade? Valores compartilhados? Transparência? Interesses em comum? (Ver o Apêndice A.) Sim, havia tudo isso no relacionamento deles. Como há, em menor ou maior medida, na maioria dos relacionamentos saudáveis. Mas gosto de pensar que há outro ingrediente, até mais fundamental, no topo dessas magníficas qualidades relacionais.

Acho que a expressão que distila a amizade legendária de Davi e Jônatas, que é o cerne desse relacionamento, que é responsável por tudo que ele desfrutaram é — *seja o que for.*

Seja o que for?

Sim. Veja.

Jônatas falou isso primeiro. Ele, como príncipe herdeiro de Israel, estava na terra alta. Davi, afinal, era apenas um filho de fazendeiro, do norte de Judá. No início do relacionamento deles, quando Davi já escapara mais de uma vez da lança de Saul e tinha mais precisão de ajuda, pois sua cabeça estava a prêmio, ele sentiu que sua vida estava acabada e disse a Jônatas: "Eu juro pelo nome do SENHOR e por sua vida que estou a um passo da morte". Nesse ponto as Escrituras declaram: "Jônatas disse a Davi: 'Eu farei o que você *achar necessário*'" (1Sm 20.4). Seja o que for.

Eu queria ter uma gravação dessa conversa para ouvir o tom de voz de Jônatas. Quem sabe ele olhou bem nos olhos de Davi ao dizer isso, talvez sua voz tenha tremido de emoção ou abraçou o irmão. O relato não explicita, mas eu sei que seus espíritos se encontraram, e a mensagem chegou clara como cristal!

"Davi, eu o aceito como você é. Nós estamos em concordância. Nossa amizade é um lugar seguro."]

A aceitação, o primeiro indicador da amizade, diz: "Seja o que for".

"Eu farei seja o que for que você precise. O que lhe faltar. Seja o que for que você passou. Seja o que for que você esteja passando. Seja o que for que você diga. Seja o que for que você faça. Seja o que for. Eu estou aqui para você. Pode contar comigo. Pode ser franco comigo. Pode ser *você* mesmo comigo. Eu o aceito como você é."

O apóstolo Paulo martelou esse primeiro indicador até fincá-lo bem fundo no cascalho da beira da estrada quando disse aos crentes: "Aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou" (Rm 15.7).

Essa é a pedra angular da amizade, o cerne vivo de qualquer relacionamento: a-c-e-i-t-a-ç-ã-o. Seja você mesmo. Eu gosto de você. Eu o amo. Farei qualquer coisa por você. E nada que você possa fazer algum dia me afastará de você.

Para mim, essas palavras de aceitação de homem-para-homem lampejam como reluzentes reflexos da Amizade Suprema tão poderosa, tão ofuscantemente radiosa que não pode ser expressada em linguagem humana.

A amizade suprema

"Cristo morreu em nosso favor quando ainda éramos pecadores" (Rm 5.6-10).

"Quando vocês estavam mortos [...] Deus os vivificou" (Cl 2.13-14).

Reserve alguns milhões de anos e saboreie essas duas sentenças! Vejamos... eu sou imperfeito; Deus é perfeito. Eu sou profano; ele é santo. Eu sou finito; ele é infinito. Eu sou um pecador; ele é sem pecado. Eu gosto de receber; ele acha melhor dar. Pensando bem, Deus e eu não temos muito em comum. Não

há muito que nos atraia um para o outro. A maioria de minhas qualidades naturais é repugnante para ele.

Mas ele não começa a partir dessa constatação. Ele é o Amigo Supremo. Apesar de tudo que há em mim que deveria causar-lhe aversão, Jesus sempre nos aceita como somos. Ele sorri seu sorriso de boas-vindas e diz: "Eu gosto de você. Eu quero estar ao seu lado quando você despertar para uma nova manhã. Eu quero andar com você no frescor do dia. Quero conhecê-lo. Quero que você me conheça. Eu faço qualquer coisa por você. *Seja o que for* que você precise, eu providencio. O fato é que eu o *aceito* do jeito que você é. Eu até morri por você. A minha Palavra lhe garante isso. Desde o início, essa é a minha intenção".

E ele fez isso! Morreu por você para demonstrar — provar — seu amor e aceitação. Isso é tema de livros inteiros. Há bibliotecas enormes cheias de livros que tratam desse assunto. O compositor de hinos Frederick M. Lehman tentou retratar esse conceito em versos — e, creio eu, realizou muito bem a tarefa.

Se enchêssemos o mar com tinta,
E os céus fossem cobertos de papel,
E cada graveto da terra fosse uma pena de escrever,
E todos os homens fossem escribas
Que anunciam o amor de Deus
O oceano secaria e
Não caberia nos papéis, de céu a céu,
Todo o amor de Deus. [2]

Sim! *Bem dito,* sr. Lehman.

O riozinho brilhante da Aceitação que revigora nosso mundo seco e sedento, com frescor e amizade, flui de nascentes profundas do céu. Nós damos e recebemos amor nas amizades porque somos amados pelo Amigo Supremo.

Mas a Bíblia acrescenta um toque espetacular a essa noção. Romanos 15.7 ordena: "Aceitem-se uns aos outros, *da mesma forma que* Cristo os aceitou".

As verdades quase inacreditáveis em relação à aceitação com que Cristo nos recebe são o fundamento e o impulso para que exercitemos a aceitação em nossos relacionamentos. Cristo não exigiu que tivéssemos algum tipo de desempenho antes de nos aceitar. E esse aceitar de Cristo é a pedra fundamental tanto de nossa entrada no céu como de nossas amizades na terra.

Agora faremos uma verificação. Isso é verdade? Escutemos uma breve conversa que aconteceu em meio ao calor e ao suor da vida diária.

Meio-dia sob o sol em Samaria

Lembra-se daquela mulher junto ao poço, em Samaria, descrita em João 4? Ela era um problema. Falada em toda a cidade. Com certeza, não parecia ter nenhum relacionamento significativo. Ela era sozinha, sem amigos. A pobre moça ia ao poço no calor do meio-dia, sob o sol escaldante do Oriente Médio, para não se encontrar com ninguém. As pessoas normais tiravam água no frescor da manhã, e as pessoas normais se *afastavam* dela. Com exceção dos "esposos" transitórios que paravam ali de tempos em tempos, ela ficava sozinha. Rejeição era tudo que ela conhecia.

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Ele é um vigoroso "homem macho". Sabe operar uma escavadeira, montar em um cavalo em pleno galope, construir uma casa e caçar veado. Ele também tem uma empresa, é veterano do exército e profundamente envolvido em servir outras pessoas na igreja local.

Há poucos dias, trabalhávamos em um projeto. Ele me ensinou como operar uma britadeira a fim de quebrar um pouco de concreto na preparação da reforma de um prédio. Veio à tona, o assunto de amizade entre homens.

"Sabe, acho que nossa esposa deveria ser nosso melhor amigo", ele disse. "Mas só que o homem precisa de outras coisas. É difícil de entender. Uma vez, meu sogro disse-me que o verdadeiro teste de amizade é alguém estar disposto a morrer por você." Ele continuou: "Sabe, eu não sei se tenho um amigo assim".

O profundo chama o profundo. Há algo em meu coração que, desde meu nascimento, parece ter sido projetado para se ligar a um punhado de outros homens, em um tipo profundo de amizade de "alma". Rapazes por quem eu morreria, talvez, porque gostei tanto de viver com eles.

E ela se deparou com aquele galileu tão incomum. Ele, quase de imediato, mostrou, de maneira não-verbal, que a aceitava. Para começar, *ele estava lá.* Apenas isso, estava lá. (Você já notou como o "só estar lá" é uma qualidade inestimável em uma amizade?) Um rabi judeu frente a frente com uma mulher Samaritana — isso significou muito para ela. O fato é que isso era algo tão surpreendente e revolucionário, que ela se sentiu muitíssimo desconfortável com a situação. Ela foi evasiva. Ela se sentia mais confortável com a rejeição, à qual já se habituara. Ela sabia como lidar com a rejeição!

Essa coisa de amizade era território estrangeiro para ela. Por isso sua primeira reação foi ríspida: "Que você está fazendo aqui? Vê se você desconfia, eu sou samaritana — e mulher. Você é judeu — e homem. Nós não temos nada que ver um com o outro. As coisas são assim, e vamos manter dessa maneira!".

Uma palavra sobre o "risco" na amizade

Você entende a relutância da pobre mulher, não é mesmo? Estabelecer uma nova amizade é um negócio arriscado. É intimidante. E a maioria de nós, pelo menos de início, se sente um pouco desconsertado. Mas Jesus, o Supremo Amigo, não está nem um pouquinho intimidado. Ele inventou a amizade. E ele, de todas as pessoas, sabe que isso envolve risco — a disposição de ser vulnerável. Ele, viril até o cerne, estava disposto a assumir todos os riscos envolvidos nisso.

Você já pensou alguma vez por que Jesus estava tão disposto a arriscar? Por que ele era tão completamente destemido? Será que era porque ele *aceitava a si mesmo?* Sim, é isso mesmo. Em João 13, a Bíblia deixa isso claro. Houve algum embaraço, quando Jesus e seus amigos se aproximaram da sala em que fariam a refeição de Páscoa juntos. Para início de conversa, não havia nenhum servo para lavar os pés dos convivas. Isso era algo inconcebível para os homens que estavam juntos com ele. Creia-me, quando você está *reclinado* à mesa, como ficavam no Antigo Oriente Médio, e sua cabeça fica ao lado dos pés da outra pessoa, a limpeza dos pés era mais que um simples luxo. É um tanto difícil manter o apetite com os enormes pés empoeirados e malcheirosos quase encostados em seu nariz.

Mas havia outro problema. Mais inaceitável que pés não lavados era o serviço de lavá-los. E ninguém quis fazê-lo. Normalmente, essa tarefa de lavar os pés dos convidados cabia ao mais humilde dos servos. Mas, naquela noite, não havia nenhum servo na sala. O Filho do homem não tinha uma equipe de servos em casa. Ele não tinha nem mesmo um lugar para repousar a cabeça.

Você não imagina como essa situação era, sob o ponto de vista social, embaraçosa e desconfortável para os homens de Cristo. É a mesma coisa que passar o dia todo com o zíper da calça aberto, e ninguém avisá-lo disso. *Todo mundo* vê o zíper aberto, mas *ninguém* faz nada a respeito.

Jesus fez algo a respeito. A situação não o intimidou nem um pouquinho.

Ele, a despeito de sua estatura de rei, prontamente assumiu o papel do mais inferior dos servos. A despeito da tensão (ele estava para ser preso e morrer por esse grupo), Jesus estava plenamente consciente. Ele, entre todas as pessoas presentes, certamente era o único que podia se permitir não aceitar se rebaixar tanto. Mas ninguém queria lavar os pés dos convivas! E nós sabemos por que,

não é mesmo? Ninguém mais era *seguro* em si mesmo a ponto de fazer isso. Ninguém mais se conhecia suficientemente bem para ter coragem de fazer isso. Ninguém mais se aceitava o bastante para fazê-lo. Ninguém mais era suficientemente homem. Jesus era.

Lembra-se, a Bíblia diz com clareza: "Jesus *sabia* que o Pai havia colocado todas as coisas debaixo do seu poder, e [sabia] que viera de Deus e [sabia que] estava voltando para Deus; assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura [pôs o uniforme do escravo]" (Jo 13.3,4).

Jesus se conhecia. Jesus se aceitava. Isso reduziu o "risco", eliminou a "ameaça". E isso pode acontecer com você em suas amizades!

"Sim, mas Jesus é *Deus*", você diz. "É claro que ele não ficou intimidado! Puxa, eu também não ficaria se tivesse a meu favor o que ele tinha."

Basta você pensar um minuto e perceberá que você *tem* a seu favor o que ele teve! A Bíblia afirma que você se reveste "do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13.14). Quando Deus olha para você, ele vê a pureza brilhante, sem pecado do Filho dele. E o que pode preocupá-lo se Deus o aceita como aceita seu Filho?

Aqui está outra maneira útil de ver isso. Quando você caminhar nas pontas dos pés na plataforma da estação da amizade, suba neste trem de lógica: todas as coisas boas e desejáveis em você são dons de Deus, não é mesmo? Da mesma forma, todas as coisas negativas em você se derivam do sistema pecaminoso deste mundo e, como tais, são inerentes ao homem. Isso quer dizer que, essencialmente, todos nós temos os mesmos problemas. Nossas lutas podem diferir em grau, mas não em espécie.

Você sabe o que quero dizer. Podemos pôr isso em palavras? O problema mais usual que os homens têm em comum é o desejo lascivo. Para a maioria de nós, o monstro da lascívia levantou, pela primeira vez, sua feia cabeça na adolescência. Quando isso aconteceu conosco, pensamos que éramos os únicos a ter esse problema.

À medida que os hormônios fluíam, perdíamos periodicamente a luta com essa besta que não dá trégua. Convencemo-nos (após um ou dois anos) que não havia ninguém tão vil como nós. Não se podia conversar com ninguém sobre isso. Com certeza, Deus nos odiava. Para muitos jovens, uma dose extra de raiva complicou o já opressivo sentimento de culpa.

Foram anos difíceis. Se pelo menos soubéssemos que todos compartilhávamos as mesmas lutas. Se pelo menos soubéssemos que Deus não nos odiava. Ele nos aceitava do jeito que éramos. E ainda aceita.

Portanto, se todos meus ativos são dons, e todas minhas deficiências são, mais ou menos, comuns a todos os seres humanos — por que me sinto "ameaçado" e acho que preciso me esconder das outras pessoas? Eu não devo

fazer isso. Eu posso assumir o "risco". Eu posso ser um homem e estender a mão, estendendo-me a outro em amizade. É só uma questão de pensar de maneira bíblica. Gosto da maneira como Paulo expressou isso aos romanos:

> Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu (Rm 12.3).

Como, portanto, eu devo me ver? Da maneira que sou. Não me vejo de maneira artificial, orgulhosa. Nem me vejo de maneira como um ser rastejante, totalmente sem valor e incompetente. Não me valorizo demais, mas não me diminuo demais. Não sou anjo nem inseto. Sou um homem, tenho uma natureza pecaminosa, carnal, mas o próprio Espírito do Deus vivo habita em mim.

E se, por alguma razão, o meu estender em direção ao outro, se meu amigo potencial "rejeita" minha tentativa de fazer amizade, isso realmente não é algo que deve acabar com minhas tentativas de aproximação. Na verdade, a perda é *dele*, e isso pode até indicar que ele é inseguro e seja incapaz de me aceitar ou de aceitar a si mesmo.

Portanto, não se assuste com os fatores de "risco". Siga em frente. Os melhores ganhos se derivam dos maiores riscos. E uma amizade vale isso!

De volta à beira do poço

Jesus e a mulher continuaram a conversar à beira do poço. A mulher continuava a afastá-lo. Ele ficou lá. Ele lhe tinha dado a terra alta — se humilhado e perguntado se ela estava pronta a ajudá-lo. "A senhora poderia me dar água para beber?"

Ao continuarem o diálogo, ele se ofereceu para servi-la — no que ela tinha mais necessidade. Ele se comunicou de maneira clara e genuína com ela, e ela teve um vislumbre do grande coração dele. Esse era um Amigo que se importava. Ele era sincero. Ele realmente quis dizer o que disse. Não usava de evasivas. Ele permanecia lá. "Senhora, se conhecesse meu coração, você me deixaria servi-la. Eu garanto, você não ficaria desapontada com a qualidade eterna da amizade que lhe ofereço — a própria Vida —, ela é tudo que você realmente já quis e precisou na vida.

Sim, ela suspeitava dos motivos dele. Ela, em sua insegurança, ainda mantinha a conversa como uma troca de palavras sobre história — sobre Jacó, e poços, e montes, e tal. Mas isso é típico do ser humano, não é mesmo?

Quando a conversa chega perto do nosso íntimo, ficamos desconfortáveis. Temos a tendência de mudar de assunto. Mas, na verdade, no fundo do coração queremos continuar a conversa. Pois as amizades verdadeiras moram "perto de nós". Mas no início temos muito medo, até nos sentirmos aceitos como somos.

A aceitação é o alicerce de todos os relacionamentos. Jesus, o Mestre Amigo, aceita-nos completamente, com nossas inseguranças e tudo. Sem esse alicerce, o relacionamento se desfaz ao primeiro tremor mais sério.

Aceitação, Afirmação, Avaliação e Autoridade — nessa ordem —, esses são os indicadores que qualquer amizade ou relacionamento sólido precisa alcançar. Com a aceitação você entra na estrada da amizade. A *afirmação* ocorre à medida que o relacionamento ganha velocidade.

Indicador #2: Afirmação

A tarefa de afirmar outra pessoa envolve sintonizar-se às necessidades emocionais dela. Ela envolve a decisão de estender-se, com compaixão, até seu coração (caminhar, com passos sensíveis, até o ponto necessário) para sentir suas feridas e para ver a vida por intermédio dos olhos dela.

Um bom amigo, que cresceu no Alasca, recentemente me contou esta história:

> Tuffy era um menino da minha idade. Tuffy não era seu nome verdadeiro, mas era assim que o chamávamos. Ele vivia em uma choupana de papelão e piche que ficava ao pé do morro em que vivíamos, bem ao lado do parquinho da comunidade. Naquela pequena área de lazer, nós fazíamos anjos na neve [deitávamos na neve e movíamos os braços para deixar marcas de "asas" na neve] e, no início da primavera, jogávamos bolinhas de gude nos primeiros trechos de barro que a neve derretida fazia aparecer. Nós prendíamos as correias dos "sapatos de neve" e jogávamos um divertido *softball* na neve fresca, funda. Logo atrás das casas, havia um jogo de balanços feito de toras de abetos vermelhos. No inverno, os balanços ficavam de recesso, mas, nos breves dias de verão, nos levavam bem alto até lugares imaginários distantes.
>
> Tuffy vivia com um "pai" alcoólatra e uma mãe passiva. Eu me lembro quando a irmã mais velha dele cometeu suicídio. A casa dele era um inferno.
>
> Quando penso em meu amigo Tuffy, lembro das palavras feias impressas para sempre em minha lembrança. As palavras cortantes e odiosas gritadas, da porta do casebre pobre, em direção a um garoto de dez anos constrangido

e zangado que tropeçava ao subir o morro para o parquinho. Enquanto ele corria, enxugava as lágrimas quentes e amargas nas mangas da jaqueta suja.

E lá estava o pai de Tuffy, o velho Bobby Burns de pé no vão da porta, com sua barba cinza mal aparada, sacudindo um punho e segurando uma garrafa escura na outra mão. Ele gritava: "Quem você acha que é, seu _____? Feche essa boca ____ e tira o ____ daqui ou bato em você..."

Eu tinha raiva do velho Bobby pelo meu amigo Tuffy.

Antes que possamos afirmar um ao outro, temos que saber um pouco *do histórico de cada um de nós.* Muitos homens carregam feridas de infância causadas por tiranos como Bobby Burns. Essas pessoas não sabem o que significa ser amado e afirmado por outro homem.

Mais no início deste ano, os homens de nossa igreja, nos encontros semanais do "Terra Alta", listaram palavras que lhes vinham à mente para descrever "pai". Alguns ofereceram adjetivos positivos. Para outros, só o fato de relacionar um sentimento ao pai trazia lágrimas aos olhos.

"Pai"

Compromissado	Ausente
Constante	Abusivo
Exemplo	Alcoólatra
Fiel	Zangado
Piedoso	Amargurado
Brincalhão	Morto
Amoroso	Disciplinador
Homem de Oração	Derrotado
Protetor	Dominador
Provedor	Frustrado
Sacrificial	Desamparado
Estável	Isolado
Forte	Passivo
Bem Sucedido	Quieto
Submisso	Fraco

Para muitos camaradas, a palavra "pai" não é o retrato de escola dominical de um pai sorridente fazendo o filho pular no seu joelho. Mas no fundo do coração todo homem anseia pela aprovação do pai.

É assim desde o início dos tempos. Filhos sempre precisam dos pais. Meninos precisam de homens grandes. Homens crescidos precisam um do outro. Um homem não pode afirmar a si mesmo.

Quando não vivenciam relacionamentos masculinos saudáveis — especialmente relacionamentos de pais —, os meninos crescem com a sensação de vazio e desorientação em seu interior. Como resultado disso, a sociedade não funciona bem, as famílias enfraquecem, os casamentos desintegram e as amizades profundas não se desenvolvem.

Quando um homem não recebe afirmação de seu pai, onde ele procura aprovação? Em outra reunião do Terra Alta, os homens sugeriram como muitos de nós tentamos encontrar afirmação.

Carro
Emprego
Sexo
Riqueza
Casa
Esportes

Mas essas coisas são como hambúrguer vegetal: tem aspecto bonito, mas, com certeza, não substitui o hambúrguer verdadeiro.

A propósito, a grande necessidade que o homem tem de afirmação não é resultado do pecado. Não é um defeito de fabricação. Deus nos projetou assim — de propósito. Ele nos criou para precisar uns dos outros.

Assim, se um homem cresce sem afirmação está fadado a uma fome-perpétua por algo que é permanentemente um pedido não-atendido? Não, não mesmo. O indicador da afirmação, assim como o da aceitação, pertence a Deus. Ele o fez e o plantou bem à vista na estrada da amizade. Ele não quis que deixássemos de vê-lo.

Quando eu tinha dez ou onze anos, meu pai fazia um horário de trabalho extra nas Lojas Americanas, depois de seu plantão nos bombeiros. Ele era vendedor no departamento de material esportivo, e uma noite eu tive a oportunidade de parar ali e dar alô a ele. Enquanto estávamos de pé na frente do balcão, outro homem que conhecia meu pai entrou. Ele e meu pai se cumprimentaram. E, então, aconteceu algo que nunca esquecerei. Papai pôs a mão no meu ombro e disse, "Este é meu filho, Stu". Eu quase explodi de orgulho! Quase não consegui "agir normalmente". Meu pai acabava de me identificar e me afirmar na corporação dos homens!

Eu imagino que o próprio Jesus sentiu um pouco desse tipo de alegria quando seu Pai o afirmou (aos trinta anos ainda adoramos isso, não é mesmo?) ao dizer: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrado" (Mt 3.17).

Um bom motivo para, todos os dias, ter uma refeição saudável nas Escrituras é simplesmente ouvir as palavras de afirmação de nosso Pai. Talvez você não ouviu palavras de afirmação de seu pai terreno. Você as esperava, ansiava por elas, trabalhava por elas, chorava por elas, mas elas nunca vieram. Contudo, a Bíblia nos conta a verdade de mil maneiras diferentes, vez após vez e mais uma vez. É um clamor fervoroso na boca dos profetas. É um cântico triunfal nos salmos. É a clamorosa expressão fraternal de um Deus-homem e Salvador nos evangelhos, e afirmações das epístolas que edificam a alma.

Deus escreveu nossos nomes nas palmas das mãos. Ele pensa constantemente em nós, ele nos livrará, tornará nossos passos firmes e nos levará para viver em sua casa para sempre. Ele nos ama tanto que deu o próprio Filho por nós, ele está sempre conosco seja para o que for, e prepara um local no céu para nós. Ele nos considera seus filhos, seus amigos e até a geração eleita de seu reino (1Pe 2.9). Isso é afirmação ou não? Se Deus diz coisas tão especiais a nosso respeito, como nós devemos conversar uns com os outros?

Como sempre, o apóstolo Paulo tem uma resposta pronta:

> Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem (Ef 4.29).

"Edificação" é um termo de arquitetura. Arquitetos não derrubam, constroem. Eles têm sonhos positivos, projetam um lindo futuro, imaginam "o que pode ser". Isso também é o que amigos fazem uns pelo outros. Eles escolhem focar em qualidades positivas, não em fraquezas, ver aptidões, não obstáculos, sonhar o que um homem pode se tornar — sem considerar o passado dele. Irmãos do mesmo Pai escolhem ver um ao outro pelos olhos do Pai.

Jesus abriu a porta da aceitação para nós e também é o Mestre Afirmador. O dr. Lucas apresenta um relato engraçado, comovente e pouco convencional de um homenzinho descontente que viu olhos de pura afirmação.

Um homem pequeno em uma árvore grande

Toda cultura tem seus colaboracionistas. Toda cultura tem seus homens interesseiros, de mente estreita, de mentalidade "quero levar vantagem em tudo". A cidade de Jericó não era exceção. Você conhece a história de Zaqueu:

> Jesus entrou em Jericó, e atravessava a cidade. Havia ali um homem rico chamado Zaqueu, chefe dos publicanos. Ele queria ver quem era Jesus, mas, sendo de pequena estatura, não o conseguia, por causa da multidão. Assim, correu adiante e subiu numa figueira brava para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: "Zaqueu, desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje". Então ele desceu rapidamente e o recebeu com alegria. Todo o povo viu isso e começou a se queixar: "Ele se hospedou na casa de um 'pecador'". Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: "Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolverei quatro vezes mais". Jesus lhe disse: "Hoje houve salvação nesta casa! Porque este homem também é filho de Abraão. Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido" (Lc 19.1-10).

Ao contrário do coro engraçadinho de crianças na escola dominical, esse não era nenhum homenzinho doce e modesto. Zaqueu, funcionário administrativo, era um ladrão egoísta e ambicioso! Ele era o equivalente de Jericó à alguns fiscais corruptos de hoje que tentam tirar vantagem das pessoas. Parece que Zaqueu era um palerma desonesto. Provavelmente, sofria da "síndrome do homem pequeno". Era um judeu que representava Roma. Era "cobrador de imposto", o que sempre tem uma conotação negativa. E mais, ele era o cobrador de imposto *importante*. Ele trabalhava no distrito em que os impostos eram altos. Ele cobrava dos pobres para beneficiar os ricos. Isto é, ele se beneficiava. Ele cobrava sempre o suficiente para cobrir as demandas de Roma e as dele mesmo. Esse homem fazia o príncipe John, o "rei fajuto da Inglaterra" da época de Robin Hood, parecer um santo. Ele era um baixinho mentiroso, enganador, fraudulento, sujo e egoísta que se achava o tal. Em toda a comunidade, pessoas inocentes sofriam constantemente por causa da cobiça e dos roubos dele.

É provável que *todo mundo odiasse Zaqueu, exceto Zaqueu* (que, provavelmente, lá no fundo também se detestava) *e Jesus* Mas quer você concorde ou não com a minha avaliação, você tem que concordar que Zaqueu não era o tipo de homem que escolheríamos para amigo.

Mas Jesus escolheu. De novo, Cristo tomou a iniciativa.

O que Jesus viu lá em cima daquela árvore?

Ele viu quem Zaqueu era! Jesus viu aquele coração escuro, ganancioso... e tudo o mais. Nada escapava aos olhos penetrantes do Filho de Deus. Ele viu *tudo* que Zaqueu fazia — e as centenas de pessoas inocentes que sofriam por causa do pecado dele. Mesmo assim, Jesus amou Zaqueu. Valorizou-o. Sentiu

compaixão por ele. Abriu-lhe os braços. E afirmou Zaqueu. A afirmação é poderosa.

Jesus disse-lhe: "Vamos lá ter uma conversa, amigo." Ele até sugeriu que fosse em particular e no território do próprio Zac. "Vamos até sua casa". Ora, como você imagina, isso foi uma espécie de admoestação para as outras pessoas. "Ele se hospedou na casa de um 'pecador'!" E que admoestação!

Não sabemos tudo que, naquele dia, aconteceu na casa de Zac. (Você não gostaria de ter um vídeo dessa conversa?) Mas tenho quase certeza, a julgar pelo estilo de relação que Jesus mantinha com as pessoas, que não houve muita acusação na conversa. Não acho que Jesus bateu na cabeça de Zac com a Bíblia. E de acordo com o que li na Bíblia, o próprio Jesus nunca fez ares de "sou mais santo que você". O que *não* vemos aqui é um ataque bombástico, encolerizado que usa a culpa e trata o sujeito como a personificação do mal. Mas vemos uma abordagem generosa, compassiva e pessoal ao íntimo da alma de Zac. É assim que um amigo age!

Ora, nós não sabemos tudo que foi dito. Mas por conhecermos Jesus, nós sabemos que tratou o coração de Zaqueu com cortesia. E que tratou honestamente com o pecado de Zaqueu. Nesse caso, a Escritura pôs uma cortina de privacidade. O que aconteceu atrás daquelas paredes se passou entre um homem pequeno e um grande amigo, o próprio Deus. Mas sabemos que depois dessa conversa Zaqueu se tornou um homem diferente. Seu encontro com o Salvador afirmador mudou tudo! A amizade verdadeira é assim.

Gosto de imaginar os dois saindo pela porta da frente, sob a sombra de uma grande palmeira em que a multidão esperava de cara fechada. Vejo os dois em pé na frente da multidão. Talvez seus braços descansassem nos ombros um do outro. Vejo os dois sorrindo. É difícil ver qual deles sorri mais. E o mais alto dos dois, o Messias, diz com alegria e autoridade: "Hoje houve salvação nesta casa!" Que tal isso como afirmação!

Um homem faz qualquer coisa para conseguir afirmação. Até morre para consegui-la. Mas não deve ter que morrer para conseguir afirmação. É para isso que serve um amigo. Os indicadores da amizade — primeiro Aceitação e Afirmação, depois Avaliação e Autoridade — têm esse nome porque, às vezes, há uma distância a percorrer entre um e outro. Esses indicadores marcam o que pode ser uma longa viagem, em distância e tempo, pelas passagens estreitas e pelos vastos espaços abertos da vida. Por exemplo, talvez haja uma grande distância entre o indicador da afirmação e o da avaliação.

A impaciência dificulta o processo, pois supomos muitas coisas e tentamos encurtar o processo. Às vezes, nós até tentamos fazer a viagem da amizade do fim para o começo; iniciamos pela Autoridade obstinada e vamos voltando em

direção à Aceitação. ("Se você mudar seu comportamento e fizer assim e assim, eu o aceito".) Não foi isso que Jesus fez.

Sim, nós adoramos inverter a ordem divina das coisas. Gostamos de iniciar pela posição de poder. Queremos começar com vantagem. Não gostamos de não controlar as situações. Assim, iniciamos o relacionamento com pensamentos do tipo: *Se eu fingir indiferença ou projetar uma imagem positiva do tipo "está tudo certo comigo", talvez eles gostem de mim, e possamos ser amigos. Farei pose de maioral, e os impressionarei.*

Com essa atitude não acontece nada. Ou se acontecer, o relacionamento será tão profundo quanto água da chuva que corre pela calçada. Portanto, seja persistente... e, como diria Jônatas, permaneça firme *seja o que for* que aconteça.

Porque, por definição, as verdadeiras amizades não são superficiais.

Permaneça na estrada, viajante. Nós estamos perto de um trecho maravilhoso. Sim, a estrada é íngreme, mas a vista é inacreditável de tão linda.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Visto que nossos pontos fortes e ativos são dons de Deus e nossos passivos e obrigações são comuns a todos os homens, parece-me que deveríamos ter facilidade em aceitar uns aos outros. Mas as chances são que não consigamos aceitar nem mesmo a nós mesmos. Como esse fato o impede de aceitar as outras pessoas?

2. Há mais homens ansiosos por afirmação do que imaginamos. Eles não querem bajulação, mas afirmação verdadeira. Esta semana, procure entre as pessoas que estão a sua volta quem precisa de afirmação. Você se surpreenderá com quantas oportunidades encontra para edificar um irmão.

De braços dados

1. Aprendemos que o primeiro indicador da estrada da amizade é a Aceitação. A aceitação pode ser condicional? Por que chama-se a aceitação de "pedra angular" ou "alicerce" de todos os relacionamentos?

2. Neste capítulo, usamos que palavra para captar o espírito do indicador #1? Por que é importante lembrar essa palavra no construir e no manter uma amizade?

3. Romanos 15.7 diz: "Aceitem-se uns aos outros, da mesma forma que Cristo os aceitou". Em resumo, como Cristo o aceita? Agora dê alguns exemplos de como você obedece essa ordem de Cristo em relação à aceitação do outro.

4. Por que o "estar presente" é uma parte importante da aceitação?
5. O indicador #2 é a afirmação. O que essa palavra realmente significa? Dê alguns exemplos.
6. "Um homem não pode afirmar a si mesmo". Por que não?
7. "Antes que possamos afirmar um ao outro, temos que saber um pouco *do histórico de cada um de nós.*" Por que isso é importante?
8. Se você tem um bom camarada, até que ponto vocês são próximos? Vocês estão em que indicador da estrada da amizade?
9. Você tem relacionamentos que variam entre, em um momento, ser uma amizade incentivadora, e, em outro, a pessoa ser "apenas um conhecido"? O que está errado com o relacionamento? O que você poderia fazer para mudar isso?
10. Explique por que os indicadores de amizade precisam estar nesta ordem: Aceitação, Afirmação, Avaliação e Autoridade. Por que é errado pô-los em outra ordem — ou em ordem inversa?

Notas

[1] Os termos "Aceitação", "Afirmação", "Accountability" (Prestação de Contas), aqui incluído em "Avaliação", e "Autoridade" foram originalmente usados durante um seminário de pastores intitulado "Como resolver Conflitos Pessoais e Espirituais", apresentado pelo dr. Neil T. Anderson, do Freedom in Christ Ministries [Ministérios Liberdade em Cristo]; La Habra, Califórnia. Estes conceitos inspiraram Denny Deveny (e a mim) a desenvolvê-los e adaptá-los aos "Indicadores na Estrada da Amizade".

[2] Frederick M. Lehman, © 1817. Republicada, em 1954, pela Nazarene Publishing House.

CAPÍTULO 9

Toda rodovia perigosa precisa de grade de proteção

Quatro indicadores na estrada da amizade masculina (parte 2)



Um amigo é alguém que o conhece como você é, entende onde você esteve, aceita quem você se tornou, e ainda o ajuda a crescer.

Nós não tínhamos muito dinheiro. E não tínhamos muito tempo. Mas a experiência foi inesquecível.

Eu era Segundo-Tenente na 2ª Brigada, 3ª Divisão Especial. Linda estava grávida de nosso primeiro filho. Estávamos em uma missão de dezoito meses, e embora nunca falássemos nisso, sabíamos que tínhamos ao horizonte a ordem para eu ir para o Vietnã. A Brigada estava com falta de pessoal, e o equipamento era insuficiente — o Sudeste da Ásia requisitava o melhor de tudo.

Nos Estados Unidos, as manchetes dos jornais falavam da invasão da Checoslováquia pelos soviéticos. Ao mesmo tempo em que os tanques do Exército Vermelho patrulhavam as ruas de Praga, nossa unidade se postava no desfiladeiro Fulda Gap, a rota de invasão tradicional em direção ao coração do continente. Ninguém sabia o que aconteceria em seguida, mas tínhamos que estar preparados para tudo. O urso soviético estava rosnando à procura de carne vermelha; a ameaça era real.

Em conseqüência dessa situação, o trabalho não tinha fim. Simplesmente, não havia espaço para a idéia de tirar uma licença e "ver a Europa". Dias longos, semanas intensas e meses intermináveis se estendiam um após outro.

Por isso, jamais esquecerei minha surpresa, naquela manhã, diante das palavras de um superior mais velho.

O coronel sabia que os oficiais — faziam plantão dobrado e se esforçavam até o limite — precisavam de uma pausa. Ainda ouço aquela voz grave e vejo os olhos cinzentos que ele levantou da pilha de relatórios.

"Tenente, se você espera ter uma licença durante o próximo ano, é melhor que seja na próxima semana. Em vista das circunstâncias, essa é a única possibilidade."

Eu queria saber o que mais ele sabia que não nos dizia, mas não arrisquei a perguntar.

O problema era que Linda e eu não estávamos nem um pouco preparados para isso. Estávamos quase sem recursos. (Isso foi antes dos grandes aumentos dos soldos do início da década de 1970, e Segundos-Tenentes não ganhavam quase nada). Nós não fizéramos planos de viajar. Isso aconteceu em novembro — uma péssima época do ano para passear pela Europa.

Mas não se discute com o chefe. O coronel disse: "Seis dias de licença. Começando *agora.* E é só o que você terá". Foi uma oferta aceite-ou-esqueça, e não estávamos dispostos a recusá-la.

Assim, naquela manhã cinzenta de novembro, pusemos as coisas em nosso pequeno Mustang 1965 e, com noventa dólares no bolso, pegamos a estrada para Roma. Era todo o dinheiro que tínhamos e, de alguma forma, tinha que ser suficiente para gasolina, alimentação e hospedagem.

Não podíamos pagar hospedagem nas pousadas da estrada. Assim, "dormimos" no carro. Admiro minha esposa — ela foi demais! Você imagina, dormir sentada no assento da frente, não ia para trás, em um Mustang frio e, ainda por cima, grávida?

Não gastamos com alojamento. Mas também tínhamos que "economizar" nas refeições. Antes de sair de viagem, eu apanhei uns poucos pacotinhos de comida desidratada (usada em patrulhas mais longas) e joguei-os no porta-malas do carro. Peguei também uma velha panela funda e algumas latas de conservas para "cozinhar para valer". Durante anos, esse ato em si mesmo me assombrou. Sabe, Lindy, desde menina, sonhava em comer um "espaguete de verdade" em Roma. Eu achei que não tínhamos dinheiro para isso. (Nessa época, eu ainda não aprendera o idioma feminino e era mais guerreiro que terno.) Quando chegamos em Roma, eu pus minha parca ração de espaguete na panela, juntei um pouco de água, esquentei em cima de uma lata vazia de conserva, e "*Voilá!*", espaguete em Roma!

Lindy não achou muita graça. Mas agora, umas duas décadas depois, isso traz, pelo menos, o esboço de um sorriso ao canto de sua boca.

O momento mais memorável de nossa aventura estava mais adiante. Foi em um lugar chamado Passagem Simplon. Na viagem de volta, nos dirigimos para o norte através dos Alpes italianos. À beira dos Alpes suíços, ficamos presos em uma tempestade de neve com vento. Já foi ruim uma turma de operários, que trabalhava na margem da estrada, nos obrigar a parar na estrada. Havia o medo real de que a estrada não estivesse apenas perigosa, mas intransitável.

No entanto, um velho e enrugado trabalhador que trabalhava na margem da estrada fez pouco dos temores de seus companheiros. Ainda posso ouvi-lo dizer: "Bah! A estrada is *goot! Yá, goot!*".

Isso era tudo que este soldado aqui precisava ouvir. Eu pus as correntes nos pneus de nosso pequeno Mustang e seguimos em direção à passagem Simplon. Venceríamos aquelas montanhas. Afinal, éramos jovens e crescêramos dirigindo na neve, no lado leste do estado de Washington. Achávamos-nos invencíveis. Pelo menos, eu achava. Lindy não tinha tanta certeza. Bem, como diziam em Fort Benning: "Toque em frente, Ranger!". E lá fui eu.

Mas a tempestade de neve piorou. A neve empilhava tornando as laterais da estrada mais altas. A estrada se estreitava. Era incrível a quantidade de neve. Eu pensei: *Bem, Stu, isso não é Yakima mesmo!* Até o alto dos Alpes era um branco só. Às vezes, o vento rodopiava e dava um tiquinho de visibilidade em meio à tempestade e víamos onde estávamos — e era aí que a coisa ficava realmente assustadora!

A estrada era uma tirinha congelada subindo as laterais íngremes de montanhas enormes. Há poucos centímetros do asfalto, a montanha descia abrupta. Se saíssemos da estrada, a morte era certa. E na Europa, em uma evidência da típica desatenção européia pela segurança pública, praticamente não existia grade de proteção nas estradas.

Mesmo assim, parecia não haver sentido em parar. Estávamos, literalmente, no meio do nada — e fazia um frio de congelar. *Toque em frente, Ranger!* Mas a essa altura, não havia mais sorrisos e bravata. Minha esposa e o bebê por nascer estavam nessa perigosa confusão. Ali a questão era de vida e morte.

Depois de outra curva bem fechada, Lindy disse: "Stu, você está indo um pouco depressa demais!".

Eu respondi: "Estamos a onze quilômetros por hora". No momento em que eu disse isso, começamos a escorregar. Dei pisadinhas com os pés nos freios. Como eu temia, isso só piorou a coisa. Estávamos escorregando mais depressa, fora de controle, e não havia nada que eu pudesse fazer. Foi uma loucura. Não era para acabar assim! Mas lá estávamos nós, indo rapidamente para a eternidade.

Segurei o volante com força. Nossos corpos ficaram tensos. Fechamos os olhos, esperando o inevitável. No exato momento em que pensamos que caíríamos naquele abismo branco, escutamos um estalido forte, e um violento impacto nos virou dentro do carro. Quando o Mustang girou para a direita e foi para o outro lado da estrada antes de entrar em um barranco mole de neve macia, o pescoço de Lindy e o meu foram impelidos para a frente e depois para o lado.

Piscamos, olhamos um para o outro e gritamos juntos de susto e de alívio: "*O que foi isso?*".

Eu, ainda tremendo, consegui sair do carro, que ficou pouco danificado, caminhei pela neve, que soprava até o ponto do impacto, e me abaixei. Ali, a maior parte enterrada debaixo da neve, estava o metal agora visível da grade de proteção. (Eu pensei em beijar aquela coisa, mas não quis deixar meus lábios na Suíça!).

Havia apenas um pequeno pedaço de grade de proteção — um dos poucos em toda aquele trecho. Mas estava no lugar certo para o Stu e a Linda Weber! Em nossa mente, a divina Providência instalou aquele único pedaço de metal naquela estrada traiçoeira só para nós. Justamente quando precisávamos dele.

O momento era de adoração! E de gratidão! Agradecemos a Deus pela grade de proteção doadora de vida, salva-vidas, preservadora do futuro. Algo tão simples salvou nossas vidas. Não fosse aquela grade de proteção, nenhum de nós dois estaria aqui hoje. E o pequenino no útero de Linda (agora no curso de graduação, em Oxford) também não estaria aqui. Nem nossos outros filhos. Uma família inteira... uma linda herança... gerações inteiras seriam destruídas... se não fosse por aquela grade de proteção.

Hoje quando andamos de carro pelos montes Cascades, a cadeia de montanhas do Oregon, nós vemos muitas grades de proteção. Mas nós os vemos de uma maneira diferente da maioria das pessoas. A maioria das pessoas admira a paisagem e exclama: "Oh!", e: "Ah!" para a fauna ou para o cenário dos montes. Mas nós falamos palavras como: "Olha aquela grade de proteção maravilhosa. Você já viu alguma coisa tão bela assim em sua vida?". A grades de proteção se tornaram muito importantes para nós. O fato é que...

A vida
sem
grades de proteção
pode matá-lo!

A vida é uma perspectiva arriscada. Há muitos perigos físicos. Os perigos espirituais ameaçam a vida de sua alma — a vida que tem importância eterna. Você nem imagina como são grandes esses riscos. Seu futuro pessoal, o que você herdou de sua família, e as gerações futuras sentirão o impacto de como você resiste a esses perigos. Isso é muito mais perigoso que passar por uma tempestade de neve nos Alpes.

O grande Deus vivo, que criou a vida, sabe exatamente o quanto essa viagem terrena é perigosa. Por isso, desde o início, ele põe grades de proteção

em pontos estratégicos da estrada. Qual é o seu conselho poderoso? Não é bom que o homem esteja só. Ninguém deve viajar sozinho. Todo homem precisa de um amigo. Os amigos são grades de proteção colocadas pelas mãos do Pai celestial.

A despeito do que os outros digam ("A estrada é boa, sim!"), hoje você dirige em estradas perigosas: curvas escorregadias em que se perde o controle, e os morros íngremes do declínio moral desse país que pioram a cada dia. Caem fortes tempestades. É melhor viajar com um amigo. Um amigo forte. Um amigo que não falha, que não entra em colapso quando você precisa de uma grade de proteção que lhe salve a vida. Os melhores de nós precisam de amigos assim.

Muitas vezes, penso em como a vida de Davi seria diferente se Jônatas continuasse vivo. Duvido que houvesse o episódio Bate-Seba se Jônatas estivesse ao lado de Davi. Jônatas, com coroa ou sem, com trono ou sem, conhecia seu amigo o suficiente para frear o touro real. Jônatas não calaria quando Davi escolhesse ficar em casa com seus pensamentos em vez de sair com seus exércitos. Jônatas teria percebido as lutas de meia-idade de Davi em relação aos seus desejos sexuais. Eles tinham uma proximidade de coração que permitia autenticidade total entre eles. Eles liam a alma um do outro. Como verdadeiros amigos, eles eram grades de proteção na vida um do outro. Pensar nos olhos calmos e penetrantes de seu amigo poderia fazer Davi parar antes de discar o telefone de Bate-Seba. O mais provável é que ele saísse rápido do terraço do palácio, tomasse uma ducha fria e acabasse com essa história.

Mas Jônatas não estava lá. E Davi escorregou na estrada e caiu.

A estrada da "vida" pode ser dura. Essa estrada tem muitos buracos e curvas fechadas. E ao lado da estrada há despenhadeiros que representam morte para os incautos. Você tem que manter as rodas na trilha. E você precisa de grades de proteção para protegê-lo do precipício quando aumenta a velocidade e perde o controle. Amigos, amigos sólidos como rocha que nos aceitam e nos afirmam fornecem a necessária avaliação e autoridade quando entramos em parafuso.

A crítica cortante da amizade

A avaliação e a autoridade são os músculos da amizade. Açambarcam a espécie de força focada em Provérbios 27.17: "Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro". A avaliação e a autoridade em uma amizade equivalem ao encontro de metais resistentes. São os elementos que permitem que um homem afie o outro. Mas você tem que usar muito bem esses elementos. Deve-se usá-los com muito cuidado. Se você usar do jeito errado, danifica as lâminas afiadas e deixa-as cegas. Se usar sem cuidado, as lâminas afiadas cortam fundo.

Aqui no Oregon, em que os espaços ao ar livre são vastos, a faca é um instrumento muito valioso. Caçar e pescar, fazer caminhadas e acampar, todas essas atividades exigem uma boa lâmina. Uma lâmina afiada. Nada causa mais frustração que ter uma lâmina cega. Quando você precisa de uma faca, precisa de uma faca *afiada.* E afiar bem uma faca é uma arte. Eu não sou bom nessa arte como meu cunhado. Entendo a ciência da coisa, mas Rich dominou a arte da coisa.

Rich diz que tudo está na reunião dos vários elementos — para início de conversa, é necessário ter uma boa lâmina, uma pedra de amolar de boa qualidade, um bom lubrificante, e ter o ângulo exato, preciso, em que o aço e a pedra se tocam. Ele diz que quando conhecemos os elementos desenvolvemos a "percepção" de como devem se encontrar.

Com os amigos também acontece o mesmo.

Você tem de combinar os ingredientes da maneira certa. Precisamos amaciar a fricção da avaliação com o óleo da aceitação. Temos que amaciar a força da autoridade com o toque de confirmação da afirmação. A única forma de o ferro afiar o ferro, é segurar as duas peças com algo mais forte que elas. Com a lâmina, é a força e a habilidade da mão de um homem. Com a amizade, é a força e o valor do compromisso mútuo entre dois amigos. É isso que "faz ou desfaz" a amizade — o compromisso. Poder de retenção. Força e contato.

Os indicadores de avaliação e autoridade têm seu papel apropriado e legítimo nos relacionamentos interpessoais apenas *depois* que estamos seguros da dedicação de um em relação ao outro.

> Dediquem-se uns aos outros com amor fraternal (Rm 12.10).

Por essa razão, tanto Jesus, o Senhor da Igreja, como Paulo, o grande apóstolo da Igreja, exortavam continuamente seus amigos e seguidores a "serem um", serem um "corpo". Qualquer coisa que seja menos que isso tende a se autodestruir. Não afia nada. Por melhor que seja, qualquer coisa que seja menos que isso é superficial. Há um axioma que diz: "O uso de autoridade sem relacionamento produz rebelião".

Jesus, desde o início, condenou tal atitude em seu corpo. Ele insistiu: "Edificarei a *minha* igreja" (Mt 16.18; grifo do autor). Isto é, ele insistiu que a Igreja seja uma assembléia que carrega a marca dele, que possui as características dele. A Igreja se parece com ele ou não é o corpo de Cristo. Ele sempre opera no contexto do relacionamento. Ele e o Pai são "um".

Não entenda mal. Em todo relacionamento, há um lugar apropriado e importante para a avaliação e a autoridade. Mas os relacionamentos significativos

não pulam os dois primeiros indicadores e *começam* a partir deles. Os relacionamentos "gentios" são assim. Jesus disse a seu círculo de amigos: "Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas" (Mt 20.25). Eles agem como dominadores um do outro, sempre abusam de sua autoridade.

As pessoas tendem a agir com estratégia. Isso é legítimo em uma guerra, mas não em um relacionamento. Por isso, o modelo militar de "relacionamentos" e o modelo familiar começam em extremos opostos. No militar (cuja finalidade é preparar para a guerra) tudo depende da autoridade. Mas na família (cujo propósito é nutrir e desenvolver seres humanos completos capazes de "união" relacional) tudo depende da aceitação:

O modelo militar do homem

Autoridade à Avaliação à Afirmação (ganha por mérito) à Aceitação (condicional)

O modelo familiar de Deus

Aceitação (incondicional) à Afirmação (dada livremente) à Avaliação à Autoridade

A avaliação e a autoridade são aspectos necessários — mecanismos, dinâmicas — no controle e na estruturação que, por sua vez, são elementos necessários a todo relacionamento significativo. Até mesmo a Trindade conta com esses elementos. Contudo, nossa tendência natural é invocar a autoridade quando encontramos a mínima dificuldade em um relacionamento (nós as chamamos de "tensões interpessoais"). Em conseqüência disso, muitos relacionamentos se tornam "disfuncionais"; degeneram em uma série de "jogos de poder". Uma pessoa é melhor que a outra. O "meu" está um ponto à frente. Meu cão é melhor que o seu cão. Meu pai é maior que o seu pai. Meu caso é mais firme que o seu. Essa é a história dos relacionamentos acompanhados do cântico zombeteiro infantil — *nan-nan-nan-nan-naaan.*

Não, em nossa carne insistimos que ninguém *nos* superará. Nós estamos no comando. E para proteger nossas inseguranças, salientamos as da outra pessoa. Para elevar a nós mesmos, nós rebaixamos o outro. E o relacionamento morre. Os amigos do tipo "sou-mais-santo-que-você" são terríveis. Nosso Senhor disse: "Não será assim entre vocês" (Mt 20.26).

Como os indicadores funcionam juntos

Lembre-se, a estrada para a amizade de qualidade é marcada por, pelo menos, quatro indicadores:

ACEITAÇÃO... AFIRMAÇÃO... AVALIAÇÃO... AUTORIDADE. O lado afetivo — Aceitação e Afirmação — é o adubo que faz crescer as amizades autênticas. Nessas amizades autênticas reconhecemos e apreciamos a segurança resultante da avaliação de nossos pensamentos, palavras e ações por outra pessoa. Isso se torna uma experiência saudável, até prazerosa, expor as realidades mais íntimas em um contexto de aceitação incondicional. Submetemo-nos voluntariamente ao cuidado e à autoridade daqueles em quem confiamos e com quem nos sentimos seguros. É dessa maneira que funciona nossa amizade com Deus. Por causa do sacrifício plenamente satisfatório de Cristo em nosso favor somos aceitos incondicionalmente, por intermédio do Filho, e aprovados *antes de sermos avaliados* por Deus (para recompensa futura). Em outras palavras, a aceitação de Deus, em relação a nós, *não* é fundamentada em desempenho. Da mesma maneira, Cristo pede que *reflitamos a ele* em nosso relacionamento com os outros. Isso significa que devemos aprender a habilidade benevolente, cheia de graça, às vezes arriscada, sempre abnegada de aceitar e afirmar as outras pessoas, porque elas, como nós, têm valor por terem sido criadas à imagem de Deus.

Casamento, família, amizades e fraternidade cristã não são campos de batalha, e não devemos usar as regras do "modelo militar" nesses relacionamentos. Nossa posição de "combatentes cristãos" deve focar-se na batalha "contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais" (Ef 6.12) —, não na cozinha contra nossas esposas nem no corpo de Cristo contra nossos irmãos! E em sermos os melhores amigos. Jesus vê seu Corpo, a Igreja, como um bem consumado círculo de melhores amigos.

As imagens bíblicas para a família e para as amizades — os relacionamentos — nos levam em direção à unidade e à ligação, não à separação e ao isolamento.

O que acontece quando surgem conflitos?

Todos sabemos que mesmo as melhores estradas para a amizade têm trechos difíceis — e, talvez, uma ou duas lombadas. Nas amizades, nem tudo acontece sem incidentes. Às vezes, o trânsito é interrompido pelos conflitos pessoais. Quando isso acontece, precisamos de uma rota alternativa. Na verdade, talvez tenhamos que retroceder um pouco para voltar à estrada certa!

Toda amizade tem conflitos. Como a maioria dos conflitos surge por causa do EGOísmo ou da AUTO-Afirmação, eles ocorrem nas etapas de avaliação e

autoridade do relacionamento. Tente fazer isso em qualquer etapa em que o conflito ocorra, *dê um passo para trás.* Engate a marcha a ré e volte ao indicador anterior. Você acha que está voltando para trás, mas aposto que perceberá que, na verdade, isso equivale a dois passos para frente! E você chega lá adiante.

Eis o que quero dizer. Se você luta com a questão da autoridade em sua amizade, volte e reafirme a avaliação mútua. Se o relacionamento tem dificuldades com a avaliação, não volte atrás para chutar a bola antes de tocar o chão. Volte atrás e aceite a pessoa. Depois... veja o que acontece! O relacionamento defeituoso retorna com firmeza à sólida estrada da aceitação cristã.

Viu como funciona? O "passo para trás" é mais uma impressão que uma realidade. Porque quanto mais perto chegamos da linha de aceitação, mais sólido fica o relacionamento. Na verdade, o passo "para trás" representa um avanço para frente, porque o fundamento para o crescimento da amizade é um relacionamento de aceitação. Não se trata de quem "ganha" uma discussão. Não é quem "tem a melhor defesa do caso" ou quem "prova seu ponto de vista". O ponto da verdade é o próprio relacionamento. Não "ganhe" a discussão à custa do relacionamento!

O dr. Joe Aldrich, presidente da Faculdade Bíblica Multnomah, e Paul Griffin, vice-presidente financeiro e operacional, são dois homens que, em meio a momentos difíceis, aprenderam a "dar um passo para trás e aceitar" um ao outro. Paul descreve uma "situação difícil" na amizade deles, em que homens inferiores e menos amigos poderiam ter separado seus caminhos. Contudo, neste caso, Joe Aldrich afirmou que o *relacionamento* era mais importante que o orgulho ou que fazer prevalecer seu ponto de vista.

> O dr. Joe e eu trabalhávamos em alguns assuntos difíceis da faculdade. Durante um bom tempo, esses assuntos representaram um peso diário sobre nós. Estávamos nervosos e —, pelo menos, para mim — o estresse estava no limite. Bem, eu fiz uma coisa estúpida. No escritório de Joe, eu falei, em um tom de voz mais elevado, sobre a injustiça das coisas e, na emoção do momento, dei um ultimato.
>
> Joe disse: "Você está me ameaçando com isso?".
>
> "Sim, estou", eu gritei. "Pode apostar que sim!"
>
> Joe, em uma das poucas vezes em que o vi realmente zangado, disse: "Eu *não serei* ameaçado. Não me dê nenhum ultimato!"
>
> Eu respondi: "Certo, então quer dizer que, para você, esse assunto vale o nosso relacionamento?"
>
> Joe fez um olhar estranho.

Ele me olhou nos olhos e disse: "Não. Não, Paul, não vale o relacionamento".

Bem ali, no calor do momento, nos dois mudamos de atitude. A resposta dele fez-me ver o que eu estava fazendo com um de meus melhores amigos e ajudou-me a voltar atrás. Pedi desculpas, disse que eu confiava que ele faria a coisa certa e apoiaria qualquer decisão sua. Fomos almoçar, e, para mim, a amizade entrou em um estágio mais profundo de compromisso. Às vezes, no calor da raiva e do desentendimento forjam-se uma confiança e uma amizade mais profundas. Foi o que aconteceu conosco. Podíamos nos zangar um com o outro, e eu posso até gritar com o presidente de uma Faculdade Bíblica, e ainda somos amigos. Esse é o verdadeiro caráter da amizade.

Eis o ponto — quando você tenta achar e ganhar amigos, dê preferência a focar nas qualidades afáveis da aceitação e da afirmação em vez de focar no lado mais pesado da avaliação e da autoridade. Olhemos mais de perto esses dois últimos indicadores.

Indicador #3: Avaliação (Prestação de Contas)

Fale com moderação e com firmeza

Há algo na palavra "avaliação" que incomoda um pouco. Primeiro, é algo que não soa muito convidativo. É como a placa na estrada que diz "Subida Íngreme à Frente: Veículos Mais Lentos Usem a Pista da Direita". O indicador #3 leva-o à terra alta. É o indicador de amizade que se recusa a desistir — são amizades que continuam a crescer mais e mais. Desse vantajoso ponto de vista panorâmico, você descobre uma vista nova nos picos e nos vales da vida. Vale a pena prosseguir.

O impulso da avaliação não é punitivo, e sim preventivo. Não é gritar para seu irmão, quando ele cai do penhasco: "Viu o que você fez, seu tonto?". É dizer: "Eu me comprometo em agir em seu benefício. Quando você precisar, eu serei sua grade de proteção. Não sou feito de aço, mas não posso vê-lo cair penhasco abaixo sem alertá-lo. E quero alertá-lo enquanto você ainda está na beira da estrada, enquanto você ainda pode recuperar o equilíbrio".

Nas manhãs de terça-feira, às 6:15 horas, sinto um prazer antecipatório em chegar a nossa igreja para a reunião semanal dos homens do "Terra Alta".

Se o dia está claro (o que acontece ocasionalmente no oeste do Oregon), a silhueta do monte Hood ergue-se magnífica contra o luminoso nascer do sol. As frias madrugadas *são* para homens, não é mesmo? Ao entrar no estacionamento, sempre me admiro com a quantidade de homens da nossa igreja que dirigem caminhonetes grandes. De todas as marcas, Dodge, Chevrolet, GMC, Ford. Uma vez, vi uma caminhonete Ford, com capacidade para 750 quilos, estacionada na primeira fila do estacionamento, exibindo a seguinte mensagem no enorme pára-choque da frente: "Amigos não deixam amigos dirigirem Chevys".

É provável que essa pequena crítica já tenha causado mais de uma discussão amistosa. Mas ela também revela muito bem o papel da avaliação nas amizades. Dirigir um Chevy tudo bem, mas *há* certas coisas que amigos não deixam os amigos fazerem. Amigos não deixam os amigos dirigirem bêbados. Amigos não deixam os amigos provocarem brigas com os homens que apóiam o Sindicato dos Trabalhadores. Essa é a verdade. E verdadeiros amigos cristãos não deixam seus amigos saírem da estrada se puderem fazer qualquer coisa para evitar isso.

Os amigos *avisam* os companheiros cristãos quando chegam perigosamente perto do precipício do adultério ou de outros pecados destruidores de vida. Eles desafiam-nos para que nos posicionemos de acordo com a Palavra de Deus. Camaradas de armas ajudam-nos a ver como podemos ser melhores esposos, irmãos, pais, avôs e tios.

Um camarada-soldado-amigo pode dizer-nos coisas que a esposa não pode. Ele escuta atentamente coisas com as quais as esposas não se relacionam. Um amigo verdadeiro compromete-se incondicionalmente em ajudar seu amigo a ser tudo que pode no Reino de Deus.

Por vezes, isso significa dizer não apenas palavras agradáveis de "aceitação" e "afirmação", mas as verdades mais duras da "avaliação".

Tais como... *Jim, nas últimas três vezes em que conversamos, você mencionou aquela moça do clube. Não pense que estou louco, mas eu tenho que lhe dizer, você se dirige para uma área perigosa.*

E por falar nisso, a "avaliação" não é um botão que você aperta à vontade. Em muitas igrejas, há algumas pessoas bem-intencionadas, mas iludidas, que se pavoneiam e dizem que têm o dom espiritual da "confrontação". Tenho más notícias para essas pessoas. Não existe esse dom. A avaliação sem a afirmação da amizade é algo bem próximo da fraude.

A avaliação funciona melhor com permissão prévia para fazer perguntas duras, e a *licença* de fazê-las quando os dois sentem que chegou o momento para isso. Muitos homens da nossa igreja já escreveram suas listas de "perguntas duras" a serem feitas por um amigo leal. Outros não fizeram uma lista por

escrito. Mas há liberdade total para perguntar, dizer ou fazer *qualquer coisa* que seja necessário para que o amigo permaneça na estrada.

- *Você ora com regularidade por sua esposa?*
- *Ultimamente, o que você tem aprendido a respeito da Bíblia?*
- *Neste momento, qual é seu objetivo de vida?*
- *Descreva sua vida de oração atual.*
- *Você dá o dízimo com regularidade?*
- *Quanto tempo você passa com seus filhos?*
- *Durante a última semana, você teve intencionalmente quaisquer pensamentos libidinosos? Você assiste a qualquer coisa que seja explicitamente sexual?*

Posso gastar um tempo aqui? Quero dizer algo sobre pornografia. Talvez alguns dos leitores lutem com o vício da pornografia. Leiam revistas de pornografia ou vejam vídeos pornográficos. Talvez freqüentem bares com dançarinas — em que sabem que não encontrarão conhecidos. Talvez, há muito tempo, seja membro da igreja, líder de estudos bíblicos, diácono, presbítero ou pastor. Sua reputação esconde o terrível segredo que apenas você conhece. Você acha que consegue sair impune disso. Quer saber de uma coisa? Você não consegue. Isso acaba com você.

Posso encorajá-lo, não é? Posso implorar que você procure ajuda? Você sabe começar esse processo? Com um amigo que o aceita e está disposto a afirmá-lo ao mesmo tempo em que o faz responsabilizar-se por isso.

Se você é incapaz de resistir à pornografia precisa de ajuda para conseguir se controlar. As marcas do vício em sua mente são tão profundas que é provável que você não consiga sair sozinho disso. A luta solitária o afundará mais na sujeira. No fim, sugará a vida de tudo que você ama. De tudo.

Por isso, consiga um amigo forte que o ponha sobre os ombros e o ajude a sair disso. Conte a verdade para ele. Toda a verdade. Se além disso, você precisar de ajuda profissional, vá atrás. Peça a seu pastor que lhe indique um conselheiro cristão. Mas, por favor, pare de fingir que não tem um problema. Você está perdendo tanta coisa da vida! Isso é a mesma coisa que brincar com explosivos potentes, sobre os quais você não tem controle. Marque bem minhas palavras. Um dia, eles explodem.

A avaliação não é restritiva, é libertadora. Quando você é avaliado, você tem um irmão ao seu lado, alguém para chamar quando a tentação está realmente difícil, um amigo afirmador que louvará seu progresso à medida que você se torna mais como Cristo. Ande de braços dados com um irmão.

Não solte seu companheiro Ranger — exceto em uma situação bem fora do comum. Eu explicarei quando ocorrem situações fora do comum.

Às vezes, em casos extremos, é necessário distanciar-se de alguém que consistente e ostensivamente viola os princípios de Deus. Essas pessoas podem sentir seu distanciamento como rejeição e desaprovação. Mas se um amigo desrespeita e despreza Deus e sua Palavra, realmente não lhes restou muita coisa em comum. Esse companheiro deliberadamente quebrou a grade de proteção que você lhe oferecia, e é bem provável que aumente o distanciamento no relacionamento de vocês. E ambos saberão o motivo da distância. Está tudo bem. Você fez o melhor que pôde.

Indicador #4: Autoridade

O quê o indicador da autoridade acrescenta a esta jornada de vida chamada amizade?

Na realidade, ela é a estrutura fundamental da estrada, a base que dá sustentação a tudo mais. A autoridade é o calço da fundação. Autoridade dá uma estabilidade sólida para os relacionamentos. Em algum momento, a oposição tem que acabar. E Deus, nossa Autoridade final nas amizades e em tudo na vida, pretende que a oposição acabe nele.

Um dia, meu irmão mais novo, Eric, testou essa "coisa de autoridade" em nossa casa. Acho que Eric tinha cerca de quatro anos, quando isso aconteceu. Nossa irmã, Alison, tinha uns dez anos, e papai e mamãe a deixaram temporariamente "encarregada", enquanto saíam por um momento. Ora, Alison é uma das pessoas menos dominadora e exigente que conheço. Mas, às vezes, quando deixam as irmãs como chefe, elas testam um pouco seu "papel maternal". Eric, por outro lado, entendia que papai era o chefe da casa e isso, mais ou menos, encerrava a história.

Por isso, quando Alison pediu algo a seu irmão, que ainda usava pijama de coelhinho, o homenzinho dentro de Eric levantou o peito minúsculo e bufou: "Você não manda em mim!".

Adão, no jardim do Éden, também deve ter dito a mesma coisa. Nós, desde o início, temos rejeitado a autoridade de Deus — naturalmente, com o uso de uma fraseologia diferente porque somos criativos. Rejeitar a autoridade estilhaça o relacionamento.

"Eu conheço meus direitos."

"Quem você acha que é para me dizer o que devo fazer?"

"Quem se importa com o que está no manual. Eu vou fazer isso do meu jeito."

"Eu estou há dezoito anos nessa companhia. E eu digo..."

"Você obviamente não entende. Eu deveria ser uma exceção."

A "autoridade", o quarto indicador, representa isto: *Deus faz as regras.*

Por falar nisso, ele fez tudo, não é mesmo? Ele detém todas as patentes, todos os direitos autorais. Ele não precisa negociar nada. Soa um tanto absurdo pensar no Criador negociando com suas criaturas, não é mesmo?

Deus é o nosso chefe. Ele tem o direito de dizer isso, e o poder para reafirmar isso. Mas Deus não participa de jogos cruéis. Nosso Pai não quer que seus filhos adivinhem o que é certo e o que é errado. *"Ah, sinto muito. O doce estava na outra mão. Ah, ah, você perdeu."*

Por isso, o Criador apresentou com cuidado e clareza seu plano amoroso e sábio para nós em um Livro. Nós paramos no indicador #4 para acenar com a cabeça e dizer: "Sim, eu estou sob a autoridade de Deus. E a única autoridade sob a qual me firmo em minhas amizades (e a autoridade *sob a qual preciso me firmar*) é a Bíblia".

Lembre-se, um indicador não é um cassetete nem um aríete. É um fundamento seguro. Uma fonte à qual pode recorrer quando tem que dizer ao seu amigo: "Eu sou seu irmão, não seu adversário. Mas tenho que lhe dizer algo que talvez você não queira ouvir".

Provérbios 27.9 diz isto: "Perfume e incenso trazem alegria ao coração; do conselho sincero do homem nasce uma bela amizade".

Faça todo esforço para adoçar seu conselho. Não o embrulhe em amargura nem o envolva em ira. Deixe que ele venha como se o próprio Deus falasse. E preste atenção para que sua fisionomia se pareça com a de Deus quando você falar.

O dr. David Eckman nos ajuda com uma ilustração. Imagine, por um momento, que você esteja sentado à mesa de jantar. Esse não foi um dia particularmente bom. O dia foi marcado pelo fracasso. Depois, o próprio Deus entra na sala e puxa a cadeira a sua frente, do outro lado da mesa. Agora pense nisso: o que o rosto dele demonstra? Como ele o olha? Qual é a expressão dele?

Você sabia que ele sorri para você? Quando Deus olha para seus filhos, ele os vê por meio dos olhos da aceitação. Quando Deus o vê, por causa do que Cristo fez, ele vê seu Filho. Você está em Cristo. Você foi pré-aprovado. Pré-aceito. Publicamente afirmado. Você tem que prestar contas a ele, mas está totalmente seguro porque vive sob a autoridade dele.

Deus o vê assim todas — ouça isso de novo — todas as vezes, *cada* vez que você olha para ele. O semblante dele *sempre* diz: "Eu o aceito incondicionalmente".

O abuso em relação aos quatro indicadores

Uma última coisa sobre a estrada AAAA. Vejamos o que acontece quando confundimos ou abusamos dos quatro indicadores: Aceitação, Afirmação, Avaliação e Autoridade.

Comecemos pelo que temos mais facilidade em abusar.

Em geral, o abuso de autoridade envolve alguma espécie de jogo de poder. Alguma técnica de controle ou uma forma de mera manipulação. Todo mundo perde quando há abuso de autoridade. Eis alguns exemplos de abuso:

Jogo de poder: "Eu estou certo, você está errado."
"Sua consciência é frágil."
"Sua atitude é mesquinha."

Controle: "Eu posso rejeitá-lo a qualquer momento."
"Faça o que quiser. Eu posso passar sem você."

Manipulação: "Você ainda não ouviu a última palavra sobre isso".
"Eu consigo pensar em um jeito de fazer você ficar mal aos olhos dos outros."

A única autoridade em uma amizade é a que se acha nas páginas da Palavra de Deus. Contudo, ela é poderosa e suficiente. E o abuso de avaliação soaria, mais ou menos, assim:

Jogo de poder: "Eu salvei você."
"Você está em dívida comigo."
"Peço o que me devem".

Controle: "Dessa vez, você joga de acordo com as minhas regras."

Manipulação: "Eu decido quando vocês já pularam argolas o bastante."

A avaliação visa o bem-estar de seu amigo, e não satisfazer seu próprio ego.

Em geral, o abuso da afirmação e da aceitação envolve torná-las *condicionais* em contraste com o que deveriam ser — incondicionais. É, mais ou menos, como "incentivar" seu amigo, quase declarando: "Eu o afirmarei um pouco e só na medida em que achar que você merece isso". Ou: "Eu o aceitarei quando você corresponder a minhas expectativas". Na verdade, as amizades fundamentadas

em desempenho não são amizades verdadeiras. Para citar um rei assírio, fora de contexto, esse tipo de amizade é "aquela cana esmagada, que fura a mão de quem nela se apóia" (Is 36.6).

Três filhos e a garantia total

Se você precisar de uma imagem dominante para ter em mente sobre estes dois capítulos sobre os indicadores de amizade pense no Pai de braços abertos. Anseio que Deus aceite a você e a mim, o que torna uma possibilidade gloriosa a aceitação em qualquer outro relacionamento.

Creio que um dos motivos, talvez um dos mais importantes, pelo qual Deus nos dá filhos seja para que entendamos o quanto *ele*, nosso Pai, ama a nós, seus filhos. Eu amo e aceito meus três filhos. Esse amor é sólido. É subjetivo. É emocional. É um tipo de amor *efusivo.*

Amo meus filhos apenas porque os amo! Eles são meus. E eu sou deles. Eu os amo não pelo que fazem... não pelo que fazem de certo ou errado... não pelo que eles se tornarão. Mas pelo que eles *são!* Meus filhos! Assim, quando leio que meu Pai celeste me ama como filho, meu coração salta! Quando leio que meu Pai celeste me ama tanto que deu seu Primogênito por mim, meu coração se derrete. Quando leio que sou um filho para ele, meu coração repousa. Porque sei o quanto eu amo meus filhos. E sei que não sou um pai melhor que ele.

Linda e eu, agora, estamos com o ninho vazio. O mais novo foi para a faculdade, está a uns 3.680 quilômetros de distância. Atualmente, a casa ficou meio vazia. Ela parece maior. Incompleta. No último Natal, em antecipação à vinda dos três filhos para casa, eu vivenciei uma dessas meditações emocionais em que nos sentimos além do mundo.

Isso aconteceu ao fim de um longo dia. Eu tinha a mente e o corpo cansados. Pouco antes de apagar as luzes para dormir, estava deitado de costas na cama e deixei a mente vagar. Foi quando o pensamento me atingiu como uma pequena corrente elétrica.

Os meninos vêm para casa.

Ocorreu-me que ao mesmo tempo em que eu estava deitado ali — naquele preciso momento, do outro lado do globo — Kent terminava seus trabalhos finais do curso de pós-graduação, na Inglaterra. Ele tinha uma mochila nos ombros e se dirigia para a estação de trem... depois para o aeroporto de Heathrow... depois entrava no avião a caminho de casa. Ao mesmo tempo em que Kent vinha da Inglaterra, Blake, lá no centro de Oregon, carregava sua caminhonete. Logo, ele e sua jovem esposa atravessariam a serra da Cascade "atravessariam o rio e a mata"— como diz a canção natalina estado-unidense — em direção à

casa da infância. Enquanto Kent voava, e Blake e Jami Lyn vinham de carro para casa, Ryan completava seus exames finais na faculdade em Wheaton, Illinois, e dirigia-se ao aeroporto O'Hare, de Chicago, para também voar para casa, em Portland.

Eles vinham para casa! Fazia meses que eu estivera com eles. Eu não saberia lhe dizer por onde meus filhos andaram, o que fizeram nem o que pensavam. Mas eu não tinha dúvidas em relação a uma cosia! Eles eram meus. E eles vinham para casa! Se eu os receberia? Pode crer! Eles são meus. E eu sou deles. E para pôr isto nas palavras de Jesus: "Ninguém as poderá arrancar da minha mão" (Jo 10.28). Quando se trata desse tipo de coisa, os pais têm bastante força nas mãos para segurar! Eu aceito meus filhos como eles são.

Outro dia, quando caminhava pelo pátio de uma loja de carros "seminovos", eu fiquei contente ao pensar que meu Pai celestial não trata seus filhos, como esse revendedor trata seus carros. Sabe aquelas placas que põem nos carros usados expostos em que anunciam: "No estado em que está / Sem garantia"? Isso me arrepia. Faz-me pensar que aqueles carros são uns trastes. É como, se para todos os efeitos, dissessem: "Quando essa coisa explodir, não me procure". Nosso Pai é bem diferente. De maneira bem diferente desses vendedores, Deus nos dá uma vida e com grande amor diz: "Se você tiver dificuldade com isso algum dia, se alguma coisa quebrar, por favor, me procure. Eu a conserto". Na testa de cada um de seus filhos lemos o aviso: "No estado em que está / Garantia total!".

É exatamente isso o que um amigo precisa ver nos olhos de outro.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Você alguma vez já desenvolveu uma amizade até o estágio da aceitação e da afirmação? Você já avançou até o estágio da avaliação e da autoridade? Se não, por que não faz isso agora? Se já, você está trabalhando nisso? Sua amizade *realmente* está nesse estágio — ou você apenas teve um rápido vislumbre dessa terra alta?

2. Lembre-se, a grade de proteção é um objeto imóvel que fica entre um caminho seguro e um precipício perigoso. A vida sem grades de proteção pode matá-lo, mas amigos são grades de proteção postas por Deus. Você está disposto a ser a âncora entre um amigo e o desastre em direção ao qual ele ruma? O que pode acontecer se você não estiver presente para ele?

De braços dados

1. "A avaliação funciona melhor com permissão prévia." O que quer dizer isso? O que isso exige?
2. "O impulso da avaliação não é punitivo, e sim preventivo." Portanto, como funciona a avaliação entre dois amigos? Como avaliar sem criar uma brecha entre vocês dois?
3. Como a avaliação pode ser positiva? Como seria uma experiência negativa? Qual a diferença entre os dois tipos de avaliação?
4. Diz-se que ser avaliado por outro homem, respondendo às perguntas difíceis que não quer que ninguém lhe faça é algo *libertador*, e não constrangedor. Por quê?
5. O que devemos fazer se houver tensão ou conflito nos relacionamentos? Como isso fará diferença?
6. Sobre o que falamos quando nos referimos à autoridade, o indicador #4? Autoridade de quem? Como a autoridade entra em uma amizade de homem para homem?
7. Liste cinco coisas que poderiam fazer com que os homens recuassem de uma amizade baseada nos "quatro As". Agora liste cinco coisas que poderiam realmente *atrair* os homens para esse tipo de relacionamento.

CAPÍTULO 10

O coração de um amigo genuíno

Porque alguns homens são amigos verdadeiros



Não tenho ninguém que, como ele, tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês.

Filipenses 2.20

Às vezes, você encontra uma pessoa que lhe é simpática de imediato. Uma pessoa tão autêntica, tão real, tão espontânea de coração e tão positiva que você sai do encontro pensando: *Olha, eu queria conhecê-la melhor. Aquele camarada poderia ser um grande amigo. Eu gostaria muito de descobrir como poderíamos nos tornar amigos.*

De alguma forma, vocês se identificaram. Vocês combinaram. Houve uma combinação química das personalidades que se uniram em um momento de entusiasmo, em muito riso ou em uma explosão de idéias e discernimentos mútuos. Em pouco tempo, vocês perceberam que gostariam de se conhecer melhor.

Como você explica isso? Foi o jeito da pessoa? Foram os interesses em comum, as personalidades, o mesmo tipo de instrução ou o passado semelhante?

Deixe-me arriscar um palpite. Não acho que seja necessariamente nenhum desses elementos ou qualquer outra coisa que comumente chamamos de "qualidade" de um amigo. Creio que seja algo mais ilusório que qualquer traço identificado de maneira espontânea (muito menos adquirido). Creio que é algo mais básico, mais intangível e nem mesmo facilmente identificável como "traço de personalidade".

Algumas pessoas parecem já nascer com isso. Os que o possuem têm uma capacidade quase magnética para atrair amigos. Outros parecem esquecidos da existência disso. E outros, os desejosos de se tornarem amigos maduros e

genuínos, procuram desenvolver isso, e o buscam com grande determinação, disciplina, e desejo.

Como podemos identificar isso?

Por falta de qualquer termo melhor, chamaremos de "coração".

Ou, mais especificamente, "um coração de integridade". Você pode chamar de "coração aberto" ou mesmo de "transparência cativante" ou de "aceitação autêntica". Mas seja o nome que você der, envolve a capacidade de aceitar a si mesmo, de aceitar as outras pessoas e de abrir o coração com humildade e autenticidade para o outro.

De alguma forma, quando você encontra pessoas assim tem a impressão de que "recebeu o que viu". A pessoa foi verdadeira. Honesta. Sincera. E exteriorizou o que tem no íntimo. Ela não tem rótulos enganosos. Não tem camuflagem. Não diz: "Prazer em conhecê-lo", com os olhos focalizados no outro lado da sala. Ela disse isso com genuinidade... e o disse para você.

Acho que foi esse tipo de transparência ou inocência genuína que tornou o filme "Forrest Gump — O Contador de Histórias" benquisto de um público estado-unidense surpreendentemente grande. O filme mostrava um rapaz que parecia autêntico. Ele meio que ricocheteou pela vida, mas sempre com uma coerência simples que atraía as pessoas. Por ser genuíno, ele alistava estranhos sentados em bancos de praças, tornava amigos outros soldados temerosos, ganhou o apreço de um tenente endurecido, prendeu a atenção de uma *hippie* de olhos vivos, causou simpatia a presidentes e impactou toda uma comunidade. Forrest era verdadeiro.

Contudo, a única maneira de o público aceitar tal realidade foi retratando-o com um traço de simploriedade. A tragédia infeliz do filme era que tal nobreza e coerência que teve de ser "justificada" como falta de inteligência. É óbvio que o filme não representa valores éticos cristãos, muito pelo contrário, contudo ele representa um anseio que até o mundo secular anseia ter do autêntico e verdadeiro. E a mensagem que o filme tenta passar é que, com certeza, nenhuma pessoa "normal" podia ser tão transparente, simples de coração, tão aceitadora, tão sem preconceito, sem pretensão e sem hipocrisia. Ou será que pode?

No entanto, no fundo, não é isso que você mais deseja em um amigo? Autenticidade genuína e de coração aberto? Claro que é. Sem autenticidade, a amizade não chega a lugar algum. Isso está bem no cerne, no centro daquilo que faz um grande amigo.

O alicerce da amizade genuína

Observemos juntos um homem que irradiava esse tipo de autenticidade de coração aberto. Consequentemente, ele foi um amigo exemplar. Para um exemplo de estudo de caso daremos uma olhada em 2Samuel 16.

Lembre-se que Davi e um contingente de sua "guarda de elite" estavam em uma cidadezinha do interior. Ao se deslocarem por uma rota que levava à vila, um homem em mau estado, que respondia pelo nome de Simei, corria ao lado da comitiva de Davi gritando e amaldiçoando o rei. A certa altura, o nanico pegou punhados de terra e atirou-os em Davi. Em um insulto final, ele até jogou pedras em Davi. Não é a abordagem padrão em um relacionamento.

Faz-nos quase sorrir a resposta do amigo de Davi, Abisai: "Por que esse cão morto amaldiçoa o rei, meu senhor?" (16.9). Depois, Abisai pede permissão a Davi para simplesmente ir até lá... e cortar a cabeça do homem. Essa é uma maneira, mais ou menos, eficaz de resolver um conflito, não acha? *Vamos à origem dessa indignidade, ó Rei. Ali está uma cabeça que fala — é só removê-la e seguir caminho.* Era uma reação bastante típica da época. *Deixe-me acabar com o incômodo para você, Davi, e vamos adiante. Aquele marginal não passa de uma distração de momento, nada mais que um cãozinho poodle.*

Mas como Davi viu a situação? A julgar por sua resposta, imagino que Davi ficou pensativo. Não — foi mais do que isso. Ele é honesto, aberto e não se sente ameaçado. Ouça a resposta do rei ao pedido de seu amigo leal para — como costumavam dizer os Boinas Verdes — eliminar o preconceito extremo.

Davi diz, mais ou menos, isto: "Não, segure-se Abisai. Guarde sua lâmina cortante. Ouçamos o que o rapaz tem a dizer. Ele pode ter algo verdadeiro a dizer. Quem sabe, ele até fala em nome de Deus. As palavras exatas de Davi foram: "Ele me amaldiçoa porque o SENHOR lhe disse que amaldiçoasse Davi. Portanto, quem poderá questioná-lo?" (16.10).

Davi não ficou inseguro. Ao contrário, ele estava tão seguro que a crítica contundente não o intimidou; ele estava até pronto para aceitá-la e considerá-la verdadeira. O homem tinha humildade suficiente para ouvir outro ponto de vista, avaliá-lo, testá-lo, experimentá-lo e, se fosse apropriado, adotá-lo.

Embora Davi fosse muito humano como o resto de nós e tivesse mais que sua cota de defeitos, ele era um homem autêntico, de coração aberto. No geral, ele foi um homem humilde, sensível às pessoas e às circunstâncias e geralmente estava disposto a ouvir e a aprender. Davi *enfrentava* a vida. Não tentava fugir dela nem separar-se dela construindo um muro a sua volta. Quase podemos ouvi-lo dizer: "Rapazes, a vida é real. As circunstâncias são verdadeiras. Temos que enfrentá-las. Temos que aceitar a vida como ela é, voltar nossos

corações a Deus, contar-lhe a verdade sobre nossos sentimentos e responder como achamos que ele gostaria que fizéssemos."

Vemos ainda com mais clareza o caráter de Davi quando o comparamos com seu antecessor no trono de Israel.

Dois homens em contraste

Algumas pessoas registram o passado em um diário ou em uma autobiografia. Eu não. A história da minha vida parece estar escrita na minha coluna vertebral. O que você quiser saber, está lá. Tombos de bicicleta, ferimentos no futebol, acidentes de pára-quedas, acidentes de automóvel. Eu faço mielogramas com a mesma freqüência que algumas pessoas tiram retratos de família em festas natalinas. Para os leigos, o mielograma é um exame das células da medula óssea. A fim de conseguir a imagem mais nítida possível, os radiologistas injetam um "agente de contraste" na coluna para que o contraste torne os elementos estruturais mais visíveis. É assim que um bom médico lê rapidamente minha espinha.

Portanto, o contraste deixa as coisas mais nítidas Funciona para juntas pressionadas, para ossos das costas que fora forçados, e, às vezes,... para o coração do homem. Às vezes, você enxerga com mais nitidez um homem ao contrastá-lo com outro em situação semelhante. Considere Davi e Saul. Davi era um rapaz de cidade pequena que se tornou rei. Ele era um grande atleta e um amigo terno. Era um pastor de ovelhas e um matador de gigante. Poeta sensitivo e magnífico general de combate. Um humilde adorador e um rei poderoso. Músico talentoso e estadista capaz. Era esposo, pai, e pecador.

Saul também era um grande homem. Como Davi, ele era vistoso, forte, um líder dotado por natureza. Ambos viveram em meio a grandes tribulações. Ambos tiveram grandes sofrimentos e desilusões esmagadoras. Ambos caíram em pecados flagrantes e claros. Mentiram e enganaram. Falharam em não aproveitarem todas as oportunidades dadas por Deus e em não viverem todo o potencial que Deus lhes deu. Tinham muito em comum um com o outro — e conosco.

Mas suas vidas *terminaram* de maneiras bem diferentes. Saul morreu em um suicídio solitário, sangrento. Davi morreu na cama, em idade avançada e madura, rodeado de amigos.

E *lembramos* deles de maneiras tão distintas! Saul é lembrado como um tolo patético, trágico, infeliz. Davi é lembrado como um campeão, um grande rei, uma peça importante na linhagem real do Messias e um herói e modelo para as crianças. O próprio Jesus gostava de ser chamado "o Filho de Davi".

E por falar nisso, não é a "Estrela de Saul" azul-celeste e branca que balança na brisa sobre os prédios públicos de Israel, enquanto você lê estas palavras. Nem, na Jerusalém de hoje, os diplomatas e turistas se hospedam no "Hotel Rei Saul". Até os israelenses modernos reconhecem com alegria seu parentesco com o filho mais novo de Jessé.

Como explicamos essa grande diferença entre esses dois homens em vista de suas óbvias e numerosas similaridades? Pode haver muitas razões, mas creio que a principal é — em apenas uma frase — "o quociente de arrependimento [QA]". Saul tinha um QA muito baixo; o QA de Davi era muito alto.

Davi aprendia com seus fracassos. Ele foi treinado por seus erros. Ele aproveitava a disciplina que rodeava seu pecado. Ele ganhou com suas perdas. Colheu sabedoria com sua dor. Contudo, ao mesmo tempo em que Davi aprendia com suas falhas, Saul endureceu com as suas. Quando Saul fracassava, ele se retirava mais ainda para as sombras. Saul evidentemente cria que a maneira de viver e crescer era agarrar, consumir, segurar, perseguir. Davi descobriu que há crescimento no perder. Davi cria que vivemos para ser consumidos, para abrir mão... para correr *em direção a* Deus em vez de correr para longe dele.

Davi aprendeu a não se explicar, se desculpar ou culpar os outros. Aprendeu a ser honesto, a confessar, a ser verdadeiro. Davi descobriu o que meu amigo de bom discernimento, dr. David Eckman, me ensinou: Deus não exige que seus amigos sejam perfeitos, sem pecados, mas ele espera que sejam biblicamente honestos. E essa autenticidade de coração sincero diante de Deus fornece terreno sólido para a amizade profunda.

Isso está no cerne de toda grande amizade.

Penso que é por isso que nos lembramos tão bem de Davi. E é o motivo de nós ainda darmos o nome dele aos nossos filhos. Davi não deve sua imortalidade ao fato de que foi um grande rei. Outros já construíram reinos bem maiores. Nem ao fato de que foi um grande lutador. Outros já foram maiores. Ele não deve seu bom nome a suas habilidades como pai. Sua família foi abalada por rivalidade entre irmãos, incesto, estupro, rebelião, traição e até assassinato. E, com certeza, não foi o estilo de vida santo que pôs o nome de Davi no mapa bíblico. Ele mentiu, cometeu adultério, enganou e assassinou pessoas.

Uma amizade segundo o coração de Deus

Portanto, a que Davi deve sua reputação de ser segundo o coração de Deus? Creio que se resume a uma única coisa.

Davi sabia correr para Deus.

Davi sabia aonde ir quando estava em apuros. Davi corria em direção a sua dor em vez de fugir dela. Ele a apanhava em suas mãos e, de rosto inchado

de tanto chorar, de coração quebrantado corria para Deus. Davi corria das sombras escuras em direção à luz quando suas trevas o dominavam.

> Pois incontáveis problemas me cercam,
> as minhas culpas me alcançaram e já não consigo ver.
> Mais numerosos são que os cabelos da minha cabeça,
> e o meu coração perdeu o ânimo.
> Agrada-te, Senhor, em libertar-me;
> apressa-te, Senhor, a ajudar-me (Sl 40.12-13).

Não é o pedido clássico? *Deus, eu estou em um mato sem cachorro. Por minha culpa, estou totalmente sem saída. Ajuda-me a sair dessa encrenca, Senhor. E a propósito — será que o Senhor poderia se apressar em fazer isso?*

Davi provou, mil anos antes de Cristo, o que João aprendeu claramente quando andava com Jesus. O que João ouviu, o que viu com seus olhos e o que teve em suas mãos em relação à Palavra da vida, foi algo literalmente transformador de vida. Ele aprendeu que nossa comunhão é com o Pai, e que nossa alegria pode ser completa nele. Aprendeu que nosso Deus nos ama não importa o que aconteça, que ele é genuinamente gracioso, e que nada que façamos afasta o grande coração dele de nós. Davi sabia, mesmo em seus piores momentos, que Deus cuidava dele, se importava com ele. Portanto, sentia-se livre para correr ao trono do céu. Davi fez o que João nos incentiva a fazer. Ele ia direto ao Pai com o coração na mão e confessava seu pecado, recusando enganar-se sobre si mesmo.

Em algum lugar, fixado com percevejos na parede acima da escrivaninha cheia de papéis de Davi, provavelmente você veria seu quadrinho predileto:

> Quando a situação está irredutível...
> *Os irredutíveis vão a Deus.*

Eis um excelente conselho de um homem que fez tudo e desenvolveu o coração de um amigo genuíno:

> Na minha angústia, clamei ao SENHOR;
> clamei ao meu Deus (2Sm 22.7).

> Juro pelo nome do SENHOR,
> o qual me livrou de todas as
> adversidades (1Rs 1.29).

Lava-me de toda a minha culpa
e purifica-me do meu pecado.
Pois eu mesmo reconheço as minhas transgressões,
e o meu pecado sempre me persegue.
Contra ti, só contra ti, pequei (Sl 51.2-5).

O SENHOR vive! Bendita seja a minha Rocha! Exaltado seja Deus,
a Rocha que me salva! (2Sm 22.47).

Enquanto eu mantinha escondidos os meus pecados,
o meu corpo definhava [...].
Então reconheci diante de ti o meu pecado
e não encobri as minhas culpas.
Eu disse: Confessarei as minhas transgressões ao SENHOR
e tu perdoaste a culpa do meu pecado (Sl 32.3-5).

Deus disse palavras muito especiais a respeito de seu servo que tropeçou algumas vezes, porque Davi ia a Deus de coração aberto. Samuel fala como a voz de Deus: "Mas agora o seu reinado não permanecerá; o SENHOR procurou *um homem segundo o seu coração* e o designou líder de seu povo" (1Sm 13.14; grifo do autor).

Davi era "um homem". Um homem normal com pontos fracos e fortes. Como diriam as feministas, ele sofria de "envenenamento por testosterona como nós". Ele podia ser tolo, impetuoso e destemperado. Como homem, ele caiu. Como homem, ele conheceu fracasso. Davi era um homem, e não existem homens perfeitos.

Mas ele era um homem segundo o coração de Deus. Eu sinto a força de um verbo nessa palavrinha "segundo". Davi era *segundo* Deus. Ele o seguia. Ele se moldava segundo ele. Corria para ele. Procurava-o. Estava sempre em presença dele. Seu coração era sensível às coisas que o coração de Deus é sensível. Ele tinha um coração segundo o de Deus.

Foi o coração de Davi que pesou no fato de Deus o escolher. O fato de Deus escolher Davi, como está evidente no Salmo 78, é um reflexo evidente desse coração. Os versículos de 70 a 72 registram a escolha anterior de Deus em torná-lo rei e apresentam um lindo resumo da vida e do caráter do homem.

Escolheu o seu *servo* Davi
e o tirou do aprisco das ovelhas,
do pastoreio de ovelhas,

para ser o *pastor* de Jacó, seu povo,
de Israel, sua herança.
E de *coração íntegro* Davi os pastoreou;
com mãos experientes os conduziu (grifo do autor).

Alguma coisa chamou sua atenção nesses versículos? Você viu o coração de Davi? Creio que esses breves versículos descrevem o coração de um amigo verdadeiro. Creio que refletem as palavras anteriores de Deus a Samuel, quando o irmão mais velho de Davi, Eliabe, estava a sua frente: "Não considere sua aparência nem sua altura [...]. O SENHOR não vê como o homem: [...] o SENHOR vê o coração (1Sm 16.7). E mais, acho que o caráter de Davi está em algum ponto no centro do que permitiu ao Senhor dizer mil anos depois da morte de Davi: "Tendo, pois, Davi servido ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu" (At 13.36).

Imagine! Pense nisso. Davi era um pecador como o resto de nós. Na verdade, conseguiu ter mais dor no coração e problemas que a maioria de nós conseguiria em duas vidas inteiras. Contudo, como Deus amava esse homem! Deus, em sua graça incompreensível, o apresenta logo de início, na Bíblia, como um homem segundo o seu próprio coração e depois escreve, muito depois do ápice da vida de Davi, que ele foi um homem que serviu "ao propósito de Deus em sua geração".

Não há nenhuma nota de rodapé desairosa em sua lápide. Nenhum demérito em seu histórico esportivo. Ele foi apenas um homem lembrado pelo seu coração. O que tornou esse coração tão memorável?

De minha perspectiva, as três palavras que enfatizei no salmo acima captam a essência do coração de Davi. O homem tinha um coração orientado a ser *servo*, treinado como *pastor* e cheio de *integridade*. A fim de facilitar a memorização, mudemos a ordem e iniciemos todas essas características com a mesma letra. Vamos dizer que Davi foi:

Simples de coração — Singelo
Servo de coração — Servidor
Coração de pastor — Sincero

Vejamos os três elementos que descrevem o coração de um amigo sincero. Gosto de pensar que esses elementos do coração de Davi o fizeram tão bom amigo de Deus. E acho que esses elementos do coração de Davi o fizeram tão bom amigo de Jônatas. Como posso encontrar um amigo assim? Sendo um amigo assim. Portanto, preciso me esforçar para ser simples de coração, servo de coração e pastor de coração. Vejamos esses elementos cruciais em separado.

1. Um amigo genuíno é simples de coração

O dicionário Houaiss define "simples" como o "que é feito de um elemento básico, que não se compõe de partes ou substâncias diferentes; singelo; desprovido de elementos acessórios; ignora simulações ou fingimento". Ora, isso é um "coração de integridade". O termo integridade nos faz pensar em "inteiro". Não fracionado. Um. Singular. E, afinal, o coração de Davi era singular. O pecado (e ele pecou muito!) o deixava arrasado. Ele ficava com o coração despedaçado por causa de seus pecados.

Davi, com toda sua humanidade e pecados, tinha o coração aberto para Deus e para seus amigos. Podia-se ler o homem. Ele não complicava a vida com uma porção de condicionais: "E se acontecesse?" ou com posturas políticas. Davi era verdadeiro. Davi era autêntico. Ele era um observador da realidade. Ele aceitava a vida como ela vinha. Observe em 1Samuel 17, a postura dele diante de Saul, de seus irmãos, do exército de Israel e do extravagante campeão dos filisteus.

O exército de Israel ficou preso no perigoso vale de Elá. Saul, rei de Israel, que era de estatura acima da média entre seu povo, o campeão natural da nação, se acovardara depois de dar uma olhada no gigante filisteu. Ele não o enfrentaria. Ele não agiria como "o campeão de Israel". Ele não partiria para um cara a cara com Golias. Ele não seria o mediador que a nação precisava tão desesperadamente. Essa posição era reservada aos que tinham coração íntegro, tal como Davi e o filho maior de Davi, que ainda nasceria, que preencheria essa lacuna em favor do povo e desafiaria o campeão do mal. Tudo e todos ficaram estáticos no ar fervente do pequeno vale. E todos esperavam em pura ansiedade que o inferno começasse.

O que aconteceria? Como terminaria? Chega um rapaz com o alforje de pastor. Davi entrou a pé no vale, ele trazia o almoço dos irmãos mais velhos. Era apenas um rapazinho do campo desconhecido com uma sacola cheia de sanduíches de queijo. Enquanto obedientemente fazia sua entrega, não tinha como não perceber a situação com os filisteus. Ele podia sentir o medo na atmosfera, a paralisia ao redor dele e não entendeu nada. Acabara de deixar os montes e os rebanhos e era novato em cenas de batalha, portanto, perguntou de coração aberto: "Ei, quem é esse filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo?".

Em essência, Davi disse: "Vejamos, nós somos o povo de Deus. Ele olha por nós. Esses adoradores de ídolos ameaçam nossa existência, certo? Então a situação não é realmente tão complicada assim. Parece-me bastante clara. As opções são limitadas. Por que ninguém faz a coisa mais sensata e enfrenta esse mal em nome de Jeová?".

Isso lembra-me uma situação que aconteceu há muitos anos, eu era um jovem pastor e levei meu filho de quatro anos, Kent, comigo a uma reunião na igreja. Havia cerca de trinta garotos sentados em círculo e estávamos para fazer o encerramento de nosso tempo juntos. Eu pedi que passássemos algum tempo em oração e que várias pessoas nos guiassem como quisessem na oração. Todos curvaram a cabeça.

Silêncio.

Silêncio total e completo.

Podíamos muito bem estar em uma caverna na Antártida. Ninguém disse uma palavra. Você já passou por situações como essa, não é mesmo? É uma situação desajeitada e embaraçosa. Nenhum daqueles garotos queria se expor sozinho ou era suficientemente ousado para orar em voz alta. Não mesmo. Era muito arriscado.

"Ei!"

O silêncio foi repentinamente quebrado pela voz de um menino de quatro anos que falava com simplicidade de coração: "Ei! Eu achei que estávamos *orando!* Por que ninguém *diz* nada?".

Alto lá! Todos aprendemos algo com o garoto mais novo da sala.

Em certo sentido, a cena na reunião de oração não era muito diferente daquela do vale de Elá. Todos ali aprenderam alguma coisa com o rapazinho. Os que deviam liderar, não o faziam. Os que deveriam tomar a iniciativa estavam de mãos para trás, solenes. Aqueles "adultos maduros" que entendiam todas as "dimensões difíceis" dos "momentos politicamente sensíveis" e "anormalmente complicados" estavam paralisados porque não tinham coração.

Chega, então, o jovem pastor de ovelhas, e a história muda de figura. Não por causa de habilidade política dele. Ou por causa de sua força física. Ou de sua estratégia militar. Ou de sua tática brilhante. Ou de algum dom especial que tivesse. Mas apenas porque um adolescente, um pastor com coração de servo, deu a conhecer seu coração.

"Não considere sua aparência nem sua altura [...]. O SENHOR não vê como o homem: [...] o SENHOR vê o coração (1Sm 16.7).

Não, a situação não era especialmente complicada. Era anormalmente perigosa, mas não havia nada confuso a respeito do que acontecia. Quando pensamos a respeito, a situação era realmente bastante simples. Quando você tem uma necessidade, você a enfrenta. Isso é o que os servos de coração simples fazem. E Davi tinha esse coração de servo. Então, ele agiu. Exatamente como Jesus. Não é de admirar que o Pai gostasse desse coração. Era igual ao seu coração.

2. Um amigo genuíno tem coração de servo

É um coração orientado para os propósitos de Deus.

Davi sentia de forma incomum que era servo de Deus. Ele era sensível às necessidades de Deus. Atento às expectativas de Deus. A tendência dele era aplicar isso, a *agir.* Muito antes da Nike lançar seu *slogan* esplêndido "Apenas faça", Davi já fazia. Sua atitude era

> LIDE COM ISSO, seja o que for.
> ENFRENTE ISSO, mesmo que fracasse.
> ENTRE NISSO, mesmo com perigo para si mesmo.
> FAÇA ISSO, mesmo que tenha que fazê-lo sozinho.

Essas coisas não eram serviço para "outra pessoa". Ele servia ao Rei. Ele ocupava o cargo de "servo". A descrição do cargo era "servir". Então, ele apenas fazia isso.

> Davi disse a Saul: "Ninguém deve ficar com o coração abatido por causa desse filisteu; teu servo irá e lutará com ele" (1Sm 17.32).

Davi estava disposto a *caminhar em direção à dor.* Em toda parte das Escrituras que falam sobre sua vida, nós vemos essa disposição. Ele enfrentava fosse o que fosse, mesmo os pecados odiosos que cometia. Se era necessário confessar, ele o fazia. Se isso requeria sacrifício, ele o fazia. Se exigia uma funda e duas pedras, ele entrava com tudo e acabava o serviço. Afinal, ele era um servo. Ele servia "ao propósito de Deus em sua geração". Ele era um servo com senso de responsabilidade, algo que todo bom pastor desenvolve.

Davi, ali debaixo das estrelas, ao lado do aprisco, desenvolveu um senso simples, orientado ao servir, o senso de responsabilidade de pastor.

3. O amigo genuíno tem coração de pastor

Esse tipo de coração tem senso de responsabilidade.

Para a mente sóbria de Davi, a situação no vale de Elá realmente não parecia muito diferente de algumas que ele já enfrentara como jovem pastor enquanto vigiava os rebanhos do pai. Diferia em grau talvez, mas não em espécie.

As montanhas são lugares solitários — e perigosos, também. O rebanho fora ameaçado mais de uma vez, e o coração do pastor orientado ao serviço cuidara da situação. Seu pai, Jessé, lhe havia dito que cuidasse daquelas ovelhas. A família investira muito naquele rebanho.

Apenas o pastor era responsável pelo rebanho. E Davi desenvolvera plenamente o coração de pastor. Para ele foi uma transição relativamente simples ir das colinas da Judéia ao vale de Elá. Ouça a lógica pura dita em palavras claras, sem enfeites de quando ele se dirige ao cético rei de Israel.

> Davi, entretanto, disse a Saul: "Teu servo toma conta das ovelhas de seu pai. Quando aparece um leão ou um urso e leva uma ovelha do rebanho, eu vou atrás dele, dou-lhe golpes e livro a ovelha de sua boca. Quando se vira contra mim, eu o pego pela juba e lhe dou golpes até matá-lo. Teu servo pôde matar um leão e um urso; esse filisteu incircunciso será como um deles, pois desafiou os exércitos do Deus vivo" (1Sm 17.34-36).

Para Davi era só mais um dia na vida de um simples pastor-servo, embora fosse um dia mais difícil. "Quando o leão atacou, eu tive que enfrentá-lo. O rebanho dependia disso. Meu pai esperava isso de mim. E quando o urso apareceu e arrastou um cordeiro, eu devia ir atrás dele e reaver o cordeiro. Não parecia certo eu só ficar de pé ali."

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Logo no início de nossa amizade, ele disse-me algo que eu nunca escutaria de um homem (além de meu pai) sem dar-lhe um soco na cara. Meu amigo disse que me amava, e eu sabia que ele dizia isso como a expressão mais profunda de amizade, de homem para homem. Eu nunca vira esse grau de amizade verbalizado antes disso, e eu me senti como um garotinho cambaleando em uma bicicleta sem rodinhas de apoio quando tentei responder. Mas eu disse que também o amava. Demos um abraço e derramamos uma lágrima ou duas no processo. Eu desconhecia esse tipo de conversa, contudo, eu sabia que era correta. E mais, senti um sentimento de libertação que eu nunca sentira antes.

Logo cedo, antes de eu entrar na cirurgia de coração, dois de meus amigos vieram ao hospital. Nós oramos juntos e nos abraçamos. Foi uma hora especial de que nunca me esquecerei, e me senti bem de poder compartilhar o que eu vi nos olhos deles.

Na Bíblia, as verdadeiras palavras de Davi são uma delícia: "Quando se vira [o leão] contra mim, eu o pego pela juba e lhe dou golpes até matá-lo". É

claro. O que *mais* a pessoa faz quando enfrenta o ataque de um leão? Você pega o velho camarada pelos cabelos do focinho e lança-o de um lado para o outro. Depois você racha o focinho dele com uma pedra grande, e é isso aí. Tudo isso em um dia de trabalho, camarada. (Você não tem vontade de ver o vídeo dessa aventura?)

O pastor de ovelhas é como um soldado. Você cumpre as tarefas que surgem. Um soldado sabe disso. Um dia, ele pode descascar batatas ou limpar latrinas. No dia seguinte, pode cavar uma vala. No outro, pode correr para a linha de fogo com um rifle sem balas e a baioneta exposta. *Você cumpre a próxima tarefa da lista.* E, durante todo o percurso, você conta com Deus para cumprir todas as tarefas, grande ou pequena.

Ali nos morros da Judéia, os longos dias debaixo do sol quente e as noites geladas sob as estrelas brilhantes, ali ao lado do aprisco das ovelhas, Davi desenvolvera o senso de responsabilidade de pastor simples de coração e orientado ao servir. Isso tornou-o um bom homem segundo o coração de Deus. E preparou-o para ser um grande amigo: para apreciar uma amizade sem paralelos com Deus e vivenciar uma das amizades masculinas mais famosas da história.

Esse é o tipo de amigo que eu gostaria de ter — e de ser.

A princípio, pode parecer exagero, mas quando pensamos a respeito... eu e você temos exatamente os mesmos recursos para a amizade que Davi. E o mesmo potencial para perseguir o próprio coração de Deus.

Não é tão complicado assim. É simples. Tão simples que, às vezes, caminhamos sem ver as melhores amizades que a vida tem para oferecer.

Um homem enfrenta a si mesmo

Um dos atributos de Davi foi a humildade para ouvir críticas. Você sabe que é difícil ser amigo de alguém que nunca aceita conselho, ouve crítica ou leva em consideração outro ponto de vista. E como você age? Você mantém os amigos à distância porque, apesar de eles não saberem quando o irritarão, sabem que isso acontecerá? Ou você atrai amigos, porque eles sabem que estão seguros ao serem verdadeiros com você?

De braços dados

1. "Às vezes, você encontra uma pessoa que lhe é simpática de imediato". Você já conheceu camaradas assim. O que o atraiu neles? Como você poderia projetar mais desse espírito em outros camaradas?

2. Já se disse que Davi e Saul eram tão parecidos e vivenciaram muitas coisas semelhantes. Contudo, "Davi aprendia com suas falhas, Saul endureceu com as suas". Por quê? O que Davi fazia de diferente? Que tipo de reação instintiva ao pecado e ao fracasso o caracterizam mais?

3. Davi recebeu quase todas as vantagens durante sua vida — as coisas que os homens sempre sonham em ter. Mas ao mesmo tempo, ele cometeu praticamente todos os grandes erros — adultério, assassinato, fracasso como esposo e pai. Por que Deus usaria como exemplo positivo um homem como Davi? Por que Jesus se referiria a si mesmo como "Filho de Davi"?

4. Lembra-se do menino Kent de quatro anos de idade? A situação era bastante clara para ele. "Ei! Eu achei que estávamos *orando!* Por que ninguém *diz* nada?" Você está ciente de alguma situação em sua igreja ou em seu grupo de amigos, em que alguém precisa se adiantar e assumir a direção espiritual em certa tarefa ou assunto? Será que você poderia exercer um pouco de liderança de servo e ajudar as coisas a começarem a acontecer? O que vem a sua mente quando você pensa na disposição de Davi de adiantar-se e assumir a próxima tarefa da lista — seja qual for ela?

5. Dissemos que Davi possui:

   — "simplicidade" ou "singeleza de coração". O que isso significa?

   — "coração de servo". Como ele demonstrou isso?

   — "coração de pastor". Como ele expressou isso?

   De que maneira você pode mostrar essas qualidades em alguma situação específica que esteja vivenciando hoje?

CAPÍTULO 11

Amigos verdadeiros falam

Ir além da conversa miúda



Davi saiu do lado sul da pedra e inclinou-se três vezes perante Jônatas, rosto em terra. Então despediram-se beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas. E ele disse a Davi: "Vá em paz, pois temos jurado um ao outro, em nome do SENHOR".

1Samuel 20.41,42

Precisamos expressar a amizade. Dois amigos precisam conversar. Honestamente. Abertamente. De maneira clara. Com palavras verdadeiras. A amizade precisa ser definida e expressa. E para a maioria de nós homens imaginar isso é, mais ou menos, tão convidativo como um moroso banho de mar no gélido mar Oriental, da Sibéria.

Suspeito que muitos de vocês são exatamente como eu — de alguma maneira, queremos que nossas amizades sejam mais profundas. E sabe de uma coisa? Eu acho que *serão* mais profundas se apenas deixarmos que sejam. É provável que nossas amizades passem para estágios mais profundos se apenas criarmos coragem de, apesar dos tropeços iniciais, expressar nosso coração um para o outro. Mas como qualquer bem-aventurança que vale a pena, isso requer conversar e lidar com alguns riscos pelo caminho.

Nós homens temos algo que hesita em admitir nossa necessidade de outro ser humano — quer homem, quer mulher. Mas parece que é especialmente difícil para um homem expressar seus sentimentos honestamente a outro homem. E não pense que essa relutância é trivial, provavelmente é a mesma reticência que nos impede de expressar nossa necessidade de Deus.

Eu tenho um bom amigo que desfruta de várias amizades sólidas com outros homens. São amizades que vão além do ter em comum alguns interesses e atividades. São amizades que envolvem o coração. Eu amo o camarada. Ele me inspira, ele chega até mim e faz-me mais forte só por conhecê-lo. Eu quero

ser um homem melhor, porque ele é meu amigo. Ele é saudável. É um homem proeminente e encabeça um ministério nacional estratégico que impacta muitos milhares, provavelmente milhões, de pessoas.

Em uma ocasião ele compartilhou francamente comigo sua dificuldade em expressar a necessidade de amizade. Eu até imagino que, como eu, você se identificará com o que ele diz:

> Eu nunca me esquecerei do dia em que falei para um homem, cuja amizade eu apreciara por alguns anos, que eu precisava de sua amizade. Foi interessante como eu falei com minha esposa sobre minha necessidade de definir e declarar formalmente em que pé estava minha amizade com esse homem. Ao ligar para ele e convidá-lo para almoçar comigo, lembro-me de falar para minha esposa como era difícil abrir minha alma para outro homem e admitir não só minha necessidade dele, mas também dizer-lhe que eu realmente precisava de sua amizade. Acho que existe em todos nós algo que busca a segurança da obscuridade e, como resultado disso, nunca definimos em que pé estão nossos relacionamentos. Por isso, os homens passam pela vida como ilhas — apenas ocasionalmente tocam o litoral, mas nunca deixam outro homem penetrar no interior de sua vida.
>
> Quando meu amigo e eu nos sentamos para comer um pouco de comida mexicana simples, lembro-me de olhá-lo bem no olho e sentir-me seriamente tentado a fugir covardemente. Os pensamentos afluíram a minha mente: *Por que me arriscar a fazer isso? Por que ficar tão vulnerável: Ora, ele pode não querer amizade com você. Ele já tem amigos demais. Há coisas demais que já consomem sua atenção. Por que ele quereria conhecer você? Por que jogar esse peso adicional das necessidades de mais outra pessoa sobre ele?*
>
> Resoluto, afastei os temores e fiquei com o compromisso que tinha assumido com minha esposa na véspera. Foi bom que eu soubesse o que queria fazer, porque o temor do momento teria me vencido completamente se eu já não tivesse custado admitir a necessidade que tinha desse já precioso amigo.
>
> Tomei pequenos goles da Coca-Cola e disse-lhe: "Jim, eu quero que você saiba algo que penso há algum tempo. Quero que você saiba que realmente valorizo sua amizade, que preciso de você, e que o considero meu melhor amigo". As palavras não saíram tão fortes como eu esperava. Houve um intervalo em que engasguei ao tentar expressar o que sentia. E nesse ponto, peguei minha Coca-Cola e tomei uns goles enquanto empurrava minha cadeira para trás. Fixei os olhos em meu amigo, tentando adivinhar sua resposta.

> Até hoje estou atônito com sua resposta. Ele me olhou de volta em choque quase total por eu considerá-lo um de meus amigos mais íntimos. Ele prosseguiu e disse que me via como um homem bastante auto-suficiente, como homem que tinha muitos amigos. Ele até listou alguns nomes.
>
> Enquanto estava sentado naquele restaurante, lembro-me de pensar: *Isso é fascinante. Quantos homens descreveriam seus melhores amigos de jeito semelhante e, contudo, nunca tomariam a iniciativa de levar a amizade a um outro estágio com a admissão da necessidade da amizade e estimando a outra pessoa a ponto de declará-la um amigo íntimo.*

Ele descreve bem a experiência, não é mesmo? Você pode sentir a reação visceral, e as palmas das mãos suadas. Valeu o esforço e o risco? Leia o que ele disse à medida que reconta o impacto daquela reunião:

> Eu gostaria de dizer que nosso relacionamento foi permanentemente cimentado e que, a partir desse ponto, não precisava de manutenção. Mas essas coisas são fantasias, e não a vida real. Relacionamentos reais entre homens reais exigem trabalho duro, manutenção e o lidar com os problemas à medida que surgem. Amizades profundas e verdadeiras, como o outro e os diamantes, têm valor por causa de sua escassez. O compromisso custa caro.
>
> Eu posso dizer isso sobre nossa amizade hoje. Creio que aquele almoço foi crucial para definir nosso relacionamento e levá-lo para outro estágio. Estou convencido que nós dois continuaríamos a apreciar um ao outro e a, com freqüência, passar um tempo juntos. No entanto, nunca entenderíamos o valor que tínhamos na vida um do outro se não houvesse assumido aquele tremendo risco em definir nosso relacionamento e admitir a necessidade de outro homem.

Eu concordo plenamente! Assuma o risco. Comece a expressar-se. Verbalize. Construa a confiança. E saiba que uma amizade realmente valiosa, como um diamante, leva muito tempo e pressão para se formar.

Em meu livro anterior, *Tender Warrior* [*Guerreiro Gentil*], contei sobre o enorme passo que dei em uma de minhas amizades: eu estava no Aeroporto O'Hare, e telefonei para um amigo apenas para dizer-lhe que ele estava em meus pensamentos. Não faz tanto tempo, depois de outra viagem, esse amigo parou em meu escritório para almoçar comigo. Eu entrei no carro, sentei no assento ao lado do passageiro, e ele ligou o motor. Contudo, em vez de dar

marcha a ré no carro e sair depressa do estacionamento, esse homenzarrão fez uma pausa e deliberadamente olhou-me nos olhos.

Devagar e com sentimento, ele disse: "Eu *realmente* senti sua falta".

Foi gostoso para nós dois. E eu devolvi o benefício!

Qualquer mulher que leia estas páginas provavelmente pensará: *E daí, o que há de tão importante nisso? Isso é o que amigos fazem, não é mesmo?* Sim, mas o que vem tão fácil e instintivamente para o gênero feminino é um obstáculo colossal para os homens. Os homens não têm as emoções à flor da pele como as mulheres. É claro, as emoções estão lá no *íntimo*, mas bem no fundo. Às vezes, é preciso um processo de mineração para chegar a elas. Nas próximas páginas, poremos nosso capacete de mineiro e escavaremos juntos. Por mais estranho que pareça, devemos começar nossa escavação nas profundezas de uma caverna de pedra calcária.

Palavras em uma caverna

Como eu já disse, a estrada para a virilidade muitas vezes passa pelo portal da amizade. De maneira semelhante, em geral, o caminho para as amizades mais profundas passa pela porta da adversidade. Tornamo-nos melhores amigos quando ficamos ao lado de outra pessoa na hora de aperto, de dor e de necessidade. E devemos nos manifestar para nossos amigos nesses momentos de dor e de necessidade.

No capítulo anterior, mineramos um pouco a amizade de Davi com o Senhor. Mas tiramos apenas uma ou duas pás de minério. Esse veio corre fundo nas Escrituras, e acho que aproveitaremos mais se aprofundarmos um pouco o túnel.

A amizade de Davi com Deus, como a nossa, foi significativamente moldada em lugares escuros. Sob as estrelas, Davi desenvolveu seu coração. Nas trevas, Deus moldou a alma de Davi. Nas águas profundas, Deus moldou o espírito do homem. E na caverna de Adulão, Davi teve uma experiência com seu Amigo que marcaria o resto de sua vida. O Salmo 142 é o diário amassado, sujo, molhado de lágrimas que saiu daquele buraco miserável no chão.

O tema do salmo aparece no versículo 3:

> Quando o meu espírito desanima,
> és tu quem conhece o caminho que devo seguir.

Você percebe o que esse versículo diz? Por um momento, Davi quase esqueceu. Seu espírito estava completamente dominado, desanimado. Como um pedacinho de madeira engolida por uma enorme onda. Como uma palhinha

varrida pelo turbilhão do vento forte. Davi, durante uma ou duas batidas de seu coração, achou que tudo acabara. Depois, ele voltou à realidade e recordou-se de seu bom Amigo, o Deus de Israel. Agachado ali na escuridão amarga, ele lembrou-se de como era seu Amigo.

Ele sabe. Ele sente. Ele se importa. Ele salva.

Quando nosso juízo, nossos laços e nossos recursos estão no fim, nosso melhor Amigo sabe exatamente onde estamos... e nos encontra onde estamos. Ali na escuridão, paramos para lembrar seu amor leal, e a lembrança é doce. Lembre-se, em geral, quando nos dirigimos para a terra alta, as estradas mais acidentadas e rochosas nos lembram os lugares mais bonitos.

Minha irmã mais moça, Alison, não gosta de alturas. Ela também não gosta de estradas difíceis e de lugares agrestes. Os lugares estreitos e as regiões precárias não deliciam sua alma. Mas ela ama muito, de verdade, seu marido, Rich. Portanto, quando ele a convida para conhecer um "local lindo", que descrevi para ele em vívidos detalhes, ela engole seco e consente em ir junto. Agora, Rich é um consumado homem do ar livre. Ele *ama* os lugares mais altos, os *canyons* mais profundos e as regiões precárias. Eu contei-lhe a respeito de uma linda e enternecedora campina alpina que fica apenas a uma hora de casa, perto do monte nevado Hood, do Oregon. Também lhe falei sobre a antiga estrada de troncos de árvores um tanto difícil que leva às campinas (provavelmente por isso o lugar ainda é tão bonito).

Assim, Rich e Alison foram para lá. Nenhum deles jamais esquecerá essa viagem. Mas por diferentes motivos.

Rich afirma que seu carro ainda está riscado. Alison disse-me que lembrou-se de nossa infância, quando eu costumava atormentá-la ao pô-la nas situações mais loucas — eu continuava a fazer a mesma coisa, só que agora não mais pessoalmente, mas por intermédio do marido dela. Contudo, ela entendia que as estradas mais difíceis e mais pedregosas levam aos lugares mais bonitos.

Davi, repetidas vezes, vivenciou essa verdade. Ele lembraria de muitas coisas se mencionassem a caverna de Adulão. Ele aprendeu muita coisa que valia a pena ao ficar naqueles cantinhos úmidos e apertados. Na verdade, o Salmo 142 é o fruto de seu desejo de compartilhar essa experiência de aprendizado. O título do salmo indica que é um *maskil* ou salmo de ensino — o salmo ensina outros entre os homens de Deus como orar, como correr a Deus em amizade de coração aberto. O título também indica que foi escrito no período em que ele esteve na caverna. Houve umas duas cavernas na vida de Davi, mas a maioria dos estudiosos concorda que o artigo definido e o conteúdo do salmo apontam para a caverna de Adulão. Essa foi A caverna da vida de Davi.

A velha caverna realmente não ficava muito longe de seus feitos anteriores no vale de Elá. O que ocorreu em seu coração no período em que ficou na caverna tocou tanto Davi, que ele captou a experiência com sua pena.

Em alta voz clamo ao Senhor;
elevo a minha voz ao Senhor, suplicando misericórdia.

Derramo diante dele o meu lamento;
a ele apresento a minha angústia.

Quando o meu espírito desanima,
és tu quem conhece o caminho que devo seguir.

Na vereda por onde ando esconderam uma armadilha contra mim.
[O Senhor] Olha para a minha direita e vê;
ninguém se preocupa comigo.

Não tenho abrigo seguro;
ninguém se importa com a minha vida.
Clamo a ti, Senhor,
e digo: Tu és o meu refúgio; és tudo o que tenho na terra dos viventes.

Dá atenção ao meu clamor, pois estou muito abatido;
livra-me dos que me perseguem, pois são mais fortes do que eu.

Liberta-me da prisão, e renderei graças ao teu nome.
Então os justos se reunirão à minha volta por causa da tua bondade para comigo.

Viremos algumas páginas da Bíblia à procura de um pouco de contexto. Como foi que Davi ficou preso em um lugar infernal como esse? Primeira Samuel 22 narra a história da caverna de Adulão, e inicia a narração com estas palavras: "Davi fugiu da cidade de Gate e foi para a caverna de Adulão". Voltemos um ou dois capítulos para saber o que aconteceu. Davi está em apuros. O ciumento Saul está à procura dele com olhos assassinos. Até aquele momento, a amizade de Davi com o príncipe Jônatas foi sua salvação, mas nem isso pode protegê-lo por muito tempo mais.

Davi diz para seu amigo: "Eu juro pelo nome do SENHOR e por sua vida que estou a um passo da morte" (1Sm 20.3). Jônatas assegura ao amigo que o compromisso deles é profundo e forte. "E Jônatas fez Davi reafirmar seu juramento de amizade, pois era seu amigo leal" (20.17). Jônatas investiga e convence-se que o complô contra seu amigo é mortífero. Os dois amigos se encontram em um campo para se despedir. "Beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas" (1Sm 20.41).

Que retrato da amizade masculina em seu melhor. Esses homens se devotaram um ao outro. Jônatas sacrificou tudo por Davi. Davi, por sua vez, descobriu sua autêntica característica de abrir até mais o coração que antes. A amizade significava muito para os dois. Eles passaram por muitas coisas juntos. E agora havia sofrimento profundo. Sofrimento que torce a alma, que se sente nas entranhas, que transparece no rosto. SOFRIMENTO! Lágrimas. Olhos nos olhos, e um abraço apertado, aqueles de flexionar as costas. Beijaram-se. E choraram.

Não tenha medo desse beijo.

É raro, com certeza. Poucas amizades vão tão fundo (porque a maioria de nós foge da dor e da autenticidade de abrir o coração). Contudo, uns poucos chegam a essa amizade profunda. E isso é como, depois de ficar durante anos no deserto, beber da fonte fresca da montanha.

Deixe-me falar-lhe de um pequeno progresso em minha vida. Confie em mim, não sou um homem de distribuir beijos. Mas quanto mais envelheço e amadureço, mais aprecio o significado do beijo.

Em minha primeira infância a orientação não era para a expressão física. Eu venho de uma família alemã, e não somos exatamente o que você chamaria de um clã "beijoqueiro" e que manifesta carinho. Nossa manifestação era o aperto de mãos, e se a pessoa fosse realmente "íntima" a segunda mão tocava o cotovelo dela, e ela ganharia um aperto duplo de mãos. Mas não havia mais exteriorização que isso. Se você me entende, não somos uma família de expressar-nos muito fisicamente, e eu sempre tinha a tendência de fugir de qualquer expressão física. Na infância não pensei muito nisso. Suponho que eu subconscientemente relegava esse tipo de coisa à metade feminina da raça.

No fim da minha juventude não me desenvolvi muito nessa área. Andava com a turma — interessado em esportes e em competições irritantes. Ah, tudo bem, havia contato físico, mas dificilmente eram contatos relacionais. Um punho fechado, um antebraço esticado, uma rápida checagem de mão e um murro nas costas de rachar de vez em quando. Mas nada que se chamasse de amistoso. Sim, tínhamos algumas "saudações" e outros grandes momentos de celebração, mas nada que fosse profundamente pessoal. Com certeza, nada íntimo.

Então, entrei no exército. Ora, lá *é* uma meca relacional. Não exatamente! A principal preocupação no exército não é que as pessoas se sintam bem em relação a si mesmas ou aos outros. A preocupação deles é basicamente cala a boca, faça continência e cumpra a missão. A comunicação era concisa, funcional e, às vezes, pontuada com palavras que meu editor nunca imprimiria. A maior parte dos relacionamentos militares eram o que Jesus chamaria de qualidade

"gentia"; isto é, fundamentados sobre a relação de quem atirava em quem. Jesus chamou essa atitude de "exercer autoridade" um sobre o outro. Mais uma vez, não foi um ambiente que oferecesse muita oportunidade para desenvolver relacionamentos pessoais significativos. Isso era para psicólogos, não para soldados. Eu não conhecia muito sobre esse tipo de coisa e, francamente, não me interessava.

Na época, eu não vivenciava muito isso nem meu casamento. Amor? Sim. Paixão, hã, hã. Lampejos de intimidade interpessoal, claro. Lindy e eu sempre tratamos um ao outro com respeito. Mas não tivemos aquela intimidade autêntica de se doar que eu agora sei ser a fonte mais desejada da vida.

Depois, tivemos filhos. E a vida assumiu uma nova dimensão relacional. Pessoalmente, agora aprendi que a vida é onde você a vive — que esposa, crianças, lar, amigos e vizinhos são o fundamento da vida. Nosso sentido de destino e história precisam aumentar a qualidade de relacionamentos profundos, pessoais, em vez de deixá-los para trás ou meramente usá-los como plataformas de lançamento para outra coisa.

Eu creio que Davi e Jônatas também aprenderam isso. Creio que a amizade deles significou o mundo para eles. E agora eles se separaram. Eles se beijaram. E choraram.

Quando penso em chorar com outro homem, penso em meu amigo e irmão mais novo, Eric. Há muitos anos, ele e sua esposa maravilhosa, Jeri, se separaram por um tempo. Hoje, eles estão juntos, maduros e felizes. Mas na época e por um período de quase dois anos, não houve comunicação entre eles. Havia apenas separação e dor. Durante esse período, Eric morou em nossa casa. Seu coração estava partido, seu espírito dilacerado e sua alma doendo. Homem, eu amo o Eric. Lembro-me de chorar com ele. E lembro-me de abraçá-lo forte... e intimamente.

Deixe-me contar de outro amigo, outro homem com quem já chorei. Um homem que eu já beijei. Seu nome é Ryan, e ele é meu filho. Ele tem dezenove anos, quase 2 metros de altura e pesa uns 100 quilos, e é o deleite da minha vida. Uma noite, na hora de dormir, terminamos o dia juntos — como é nosso costume quando ele está em casa — espichados na cama, conversando sobre o dia e concluímos com uma oração.

Aquela temporada, por motivos bem diferentes, fora difícil para nós dois. Começamos a conversar sobre nossas vidas, e os problemas que tínhamos pela frente. A conversa aprofundou-se cada vez mais. Nós oramos. As orações também foram profundas — e mais, e mais verdadeiras. A comunhão que tivemos foi além de qualquer coisa que vivenciáramos juntos. Houve dor, claro. Mas foi uma dor gloriosa, de unir almas. Dor sadia. Dor de moldar vida. Não queríamos que aquele momento terminasse. Nós dois choramos. Eu disse como

o amava. Ele disse que me amava. As lágrimas eram quentes e sadias, eu não queria enxugá-las. Abraçamos um ao outro. Forte. E eu o beijei no pescoço.

Agora, meu irmão, meu filho e eu somos homens feitos. Somos heterossexuais enfáticos e entusiásticos. Não temos nenhum senso distorcido de nossa masculinidade. E mesmo assim abraçamos um ao outro como se nunca fôssemos nos soltar. Posso afirmar que não houve o menor sentimento de embaraço, muito menos de vergonha. Apenas amor profundo, e respeito, e amizade. Um encontro de alma com alma.

Quais são as lembranças dos idosos? Daqui a muitos anos, quando eu folhear as páginas gastas de minha vida, esses momentos com meu irmão e meu filho estarão sublinhados. Realçados. Relatados em detalhes. E serão vivenciados de novo. Apenas nós três sabemos o valor daqueles momentos. A leitura destas palavras lhe dá um vislumbre, mas o conhecimento de nossas almas em união pertence apenas a nós.

Isso acontece com qualquer amizade que genuinamente aceita um ao outro e teve tempo suficiente para se aprofundar. É tão freqüente essa dor — o artigo universalmente desprezado e evitado — que abre a porta da amizade profunda, cujas raízes se entrelaçam com as raízes da própria vida.

Foi o que aconteceu com Davi e Jônatas.

Foi o que aconteceu quando Davi saiu daquele campo... e distanciou-se do amigo que o amava como a si mesmo.

Davi fugiu para Nob, juntou algum alimento e armamento pesado do sacerdote e seguiu para Gate. Ficou evidente, enquanto ele buscava refúgio em Gate, que não seria recebido, que ele estava em perigo iminente de novo. O medo o percorreu até a medula. Ele teve presença de espírito para fingir que estava louco, mas não foi uma cena bonita.

> Enquanto esteve com eles, agiu como um louco, riscando as portas da cidade e deixando escorrer saliva pela barba (1Sm 21.13).

A vida de Davi percorreu um longo caminho... uma longa descida... para longe de seus sonhos.

No fim da linha, ele, sem opções, acabou na caverna de Adulão.

> Quando seus irmãos e a família de seu pai souberam disso, foram até lá para encontrá-lo. "Também juntaram-se a ele todos os que estavam em dificuldades, os endividados e os descontentes; e ele se tornou o líder deles. Havia cerca de quatrocentos homens com ele" (22.2).

Parece um grupo divertido, não é mesmo? Quatrocentos homens sujos em uma caverna meio escura, com pouca comida e nenhuma condição sanitária, uma situação que, depois de um tempo, deixa os nervos abalados. Não era lugar para uma especialista em etiqueta como Emily Post.

A essa altura, "Davi, o menino pastor", já era coisa do passado. Davi, "o adolescente matador de gigante", era uma lembrança esmaecida. Davi, "o músico do rei e menino de ouro, perdera-se no tempo. O peso da situação atual de Davi era de abalar qualquer um.

Em pouco tempo, ele perdeu...
seu lar — teve que fugir,
sua carreira — fora demitido do exército,
seus contatos — Samuel estava fora de cena,
sua esposa — Mical fora dada a outro,
e seu melhor amigo — Jônatas ficara para trás!

Davi era um homem sem pátria. Era um fugitivo, um fora-da-lei, um exilado com a cabeça a prêmio. Não é fácil desenvolver o caráter, não é? Há momentos em que se perde o chão. Vem a escuridão. O sol desaparece. Tudo parece doloroso. E a sensação de que afundamos toma conta de nós.

Há outra maneira de ver isso. Um estranho e poderoso ciclo de eventos ocorre — para fortalecer ou quebrar um homem segundo o coração de Deus. Como ele reage? Para onde se voltará?

E você? Qual é a caverna em sua vida? Não há como deixar uma caverna glamorosa. É um lugar solitário... escuro... úmido... e decepcionante... Sente-se que é difícil haver verdade ali! Ele acaba com o equilíbrio da pessoa. Acaba com a alegria. Inexiste qualquer perspectiva.

Lembro-me de algumas cavernas em que, em diferentes ocasiões, eu ou meus amigos habitamos. Você também pode. O que você faz quando...

- seu cônjuge pára de falar com você e pede o divórcio?
- seu filho, em um acesso de raiva, sai de casa e mora na rua?
- você descobre que seu filho é homossexual ativo?
- seu chefe comunica-lhe que a companhia foi à bancarrota, e você não tem mais emprego?
- você faz uma entrevista totalmente desastrosa?
- o doutorado em que trabalhou por cinco anos é cancelado?
- o investimento das economias de sua vida perdem o valor, e você fica totalmente quebrado?

Para onde você vai? Como você reage a essas coisas? Para onde você se vira? Você precisa de um amigo. Você precisa de uma amizade que vá fundo, que o aceite como você está, que o ajude a achar sua alma.

Davi tinha esse tipo de necessidade. Ali, na caverna. Veja o estresse emocional que havia no coração dele. Volte ao Salmo 142 e estude um pouco aquelas frases sugestivas: "em alta voz clamo... suplicando... derramo [...] meu lamento... apresento a minha angústia".

Davi não sabia o que fazer. Os verbos sozinhos já captam a profundidade de sua dor. *Clamar em alta voz* é um grito de angústia; é um vomitar da alma, com o rosto rubro, a respiração desigual, o coração partido. É um tipo de soluçar involuntário, espontâneo, um soluçar que vem do fundo da alma. É o peso emocional. *Derramar* indica o amargor que encheu o copo até a borda e começa a transbordar. Imagine, Davi sentado... olhos distantes... querendo desesperadamente deixar a raça humana? *Declarar* já é uma revisão mais ponderada e provavelmente repetitiva de sua total impotência.

O que nos traz de volta ao ápice no versículo 3. *Quando o meu espírito desanima* é a imagem de uma inundação esmagadora e incessante. A mente está afogada, o espírito, esmagado. Ele está submerso em nevoeiro denso e vencido pelo peso.

Espere!

Na segunda parte do versículo há um lampejo de esperança! Alguns estudiosos de hebraico dizem que a construção da frase pede uma pausa, como se Davi nunca tivesse terminado seu pensamento. "Quando o meu espírito desanima..." ponto, ponto, ponto — pensamento incompleto. E dizem que a parte seguinte requer pelo menos um brando adversativo para ser entendido de maneira correta — "mas". Mas... tu... tu... tu... CONHECES o meu caminho! Tu conheces! Uau! Tu *conheces*!

Davi, como o mergulhador que emerge, sai para a luz e inspira ar fresco. Ele reconhece, pelo menos momentaneamente, o amor leal e a mão soberana de seu melhor Amigo. E seu coração revive.

No versículo 4, ele quase o perde de novo quando, em tom imperativo, manda o Senhor dar uma boa olhada na situação dele. Ele diz: Senhor, "olha para a minha direita". O Senhor vê. Dê uma longa olhada nessa confusão. Eu estou encurralado. Não há saída. "Ninguém se preocupa comigo."

Mas Davi, depois dessas poucas palavras de pânico, até de autocomiseração, volta à realidade. Ele percebe que não há ajuda visível disponível em lugar algum. Nesse momento, ele abre seus olhos de novo. E no versículo 5, ele grita: "Tu és o meu refúgio; és tudo o que tenho na terra dos viventes". Davi recupera a perspectiva e reconhece que não há nenhum refúgio visível. A caverna

não é um lugar seguro, uma fortaleza. Mas o coração de Deus... ora, aí há refúgio!

A essa altura, o coração de Davi retoma a ritmo normal, e ele começa a pressentir um futuro. Ele diz ao Senhor que quase não agüenta esperar até que ele tire sua alma da prisão. E ele visualiza o dia em que o povo de Deus se reunirá ao redor dele. Neste dia, ele lhes mostrará os caminhos de seu fiel Amigo. Pois esse Amigo o tratou com bondade.

E Davi tem esperança de novo, ele confia nessa amizade, e prevê que ela florescerá. No versículo 7, a palavra "bondade" provavelmente não é a melhor tradução. Talvez "frutificar" esteja mais perto da intenção de Davi. Associa-se a palavra à colheita, mas a ênfase não está tanto na bênção física como em produção fecunda. Deus lida com seu amigo. Em seu coração, ele tem interesse pelo que é melhor para Davi. Ele quer que a vida de Davi torne-se tudo que pode ser. E cada movimento de amizade orienta-se para esse fim.

Davi percebe que esse Amigo está "a favor" dele. Essa amizade é confiável, como são todas as amizades saudáveis. Davi entende que seu Deus é soberano, e, portanto, ele crê que quando Deus esmaga nossa vida não é para dar fim a ela, mas sim para redirecioná-la, dar-lhe um rumo diferente. Deus está frutificando a vida de Davi. Davi sabe muito bem isso e quase não pode esperar até o dia em que possa falar a respeito disso aos "justos".

Isso lembra-me uma propaganda de vinho que anunciava: "Não vendemos nenhum vinho antes de seu tempo de maturação!". No vinhedo de Deus seria dito: "O Deus vivo não produz nenhuma maturidade sem o devido processo". Miles Stanford disse-o bem:

> Parece que os crentes têm dificuldade em perceber e enfrentar o fato inexorável de que Deus não se apressa em seu desenvolvimento de nossa vida cristã. Ele trabalha a partir da eternidade e para a eternidade! Tantos sentem que não progridem a não ser que de maneira rápida e constante sigam em frente. Ora, é verdade que, muitas vezes, o novo convertido começa e continua por algum tempo em um ritmo veloz. Mas isso não persistirá se houver crescimento sadio e, no final, maturidade. O próprio Deus mudará o compasso.

Eu gostaria de sugerir que nossas amizades terrestres tenham os mesmos fins propulsores que a amizade de Davi com Deus. O papel de meu amigo é andar ao meu lado, em meio a todas as dificuldades, aceitando-me como sou, mas nunca deixando-me desamparado e com a minha natural perda de perspectiva. Assim, depois de anos de desenvolvimento dos elementos necessários — afeição, lealdade

e confiança — meu amigo e eu estaremos em posição de nos tornarmos plenos em nossa amizade. Podemos expressar de modo contínuo nossa aceitação e afirmação enquanto mantemos um ao outro por meio da avaliação e de amor suficiente para, de fato, nos tornarmos autoridades na vida um do outro. Seremos verdadeiros. Verbalizamos nossas emoções e as expressamos... honestamente... um ao outro.

Ora, isso leva tempo. Muito tempo.

E ouça, isso significa que provavelmente eu preciso mudar as prioridades de minha vida se espero ter amizades desse tipo. Primeiro, minha agenda semanal tem que ter espaço para isso. Segundo, o "andamento de minha carreira" também tem que permitir isso. Em outras palavras, esse tipo de amizade que traz crescimento para a vida leva anos para se desenvolver, e não posso passar de um trabalho para outro e de uma cidade para outra visando promoções e maiores salários e deixar minhas amizades para trás.

Amizades levam tempo para amadurecer em confiança. As manifestações honestas do coração, como a água do poço, demoram para chegar à superfície. Às vezes, o homem passa toda sua vida sem provar o refrigério estimulante de um poço assim. Contudo, depois de provar a água desse poço, nunca mais se satisfará com algo morno e superficial.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Davi voltava correndo para os braços de seu melhor Amigo. Alguma vez, você já pensou em Deus como seu melhor amigo? O que os amigos fazem juntos? O que Deus deseja que vocês dois, como amigos, façam juntos? O que você fará a respeito disso?
2. Se você quer ter um amigo arrumará tempo para isso — tornará isso uma prioridade, tomará alguma iniciativa. Esta semana, como você pode fazer algo a respeito disso?

De braços dados

1. "Suspeito que muitos de vocês são exatamente como eu — de alguma maneira, queremos que nossas amizades sejam mais profundas." Isso é verdade para você? Quais seriam as cinco coisas que você gostaria de vivenciar em amizades mais profundas?
2. "Acho que existe em todos nós algo que busca a segurança da obscuridade e, como resultado disso, nunca definimos em que pé estão nossos relacionamentos. Por isso, os homens passam pela vida como ilhas — apenas ocasio-

nalmente tocam o litoral, mas nunca deixam outro homem penetrar no interior de sua vida."

a. Você prefere a "segurança da obscuridade"? Por quê?
b. Será que a maioria dos homens são "ilhas" por opção ou por medo? Por quê? Medo de quê?
c. Quantas de suas amizades poderiam ser enriquecidas e aprofundadas por alguma expressão de sentimentos franca e honesta?

3. Suponha, como no exemplo deste capítulo, que você realmente quisesse dizer a um outro homem que o considera um amigo íntimo e que valoriza profundamente a amizade dele. Que temores que você sentiria em dizer isso para alguém? Se você fosse o *receptor* dessa mensagem? Como você se sentiria? Isso torna a expectativa um pouco mais fácil?

4. "Daqui a muitos anos, quando eu folhear as páginas gastas de minha vida, esses momentos com meu irmão e meu filho estarão sublinhados. Realçados. Relatados em detalhes. E serão vivenciados de novo." Como podemos olhar a amizade mais da perspectiva do que significará para nós mais adiante na estrada da vida e menos da perspectiva do "desconforto" de agora ao nos expressarmos?

5. "Você precisa de uma amizade que vá fundo, que o aceite como você está, que o ajude a achar sua alma." De que maneira um amigo o ajuda a encontrar sua alma?

O maior matador de homens do faroeste

Não foi o caubói solitário



Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se!

Eclesiastes 4.10

Com certeza, qualquer pessoa de minha geração que fez o serviço militar se lembra a alegria de ter "Brasso". Esse produto salvou a pele de mais soldados do que você pode imaginar. Usou-se Brasso, produto para limpeza de metais, em incontáveis fivelas de cintos de soldados. Quando um soldado passa por inspeção tem que estar com sua melhor aparência.

O coração de muito soldado baqueava quando havia uma inspeção surpresa, e ele abria a mala, puxava o cinto... e descobria a fivela embaçada. Ele a deixara guardada por tempo demais. Não a tinha polido. E agora receberia o comentário de sempre do oficial de lábios apertados.

"Que tipo de soldado *#@% é você?"

Como o metal embaça? Como a armadura enferruja? O que você tem que fazer para transformar aquela linda fivela, tão lustrosa em um pedaço de metal escurecido e descolorido?

Nada.

Nada mesmo.

É só deixá-lo guardado. Não tocar nele. Não deixá-lo na luz. Não esfregá-lo. Só deixá-lo por conta própria. Assim, uma peça atraente e útil de "armadura" perde o valor.

O que você faz para desvalorizar um homem? Para deixá-lo irreconhecível? Deixá-lo uma tênue sombra de seu magnífico potencial?

Nada.

Nada mesmo.

É só deixá-lo sozinho. Não deixe que ele conviva com outro homem. Isole-o. Não deixe que ele tenha contato regular com outros homens capazes, em desenvolvimento. Isole-o, e logo as pessoas se perguntarão: "Que espécie de homem é esse?". Com certeza, não é um homem saudável.

Não é bom que o homem esteja só. Ponto final. Não fomos feitos para ficar sozinhos. E morremos quando ficamos sós. Talvez, por isso, algumas pessoas considerem o confinamento em solitária um castigo "cruel e desumano". O isolamento quebra o homem. Pergunte a qualquer prisioneiro de guerra, ele lhe dirá que a parte mais brutal é a solidão.

Portanto, de onde tiramos a idéia de que homens de verdade se firmam sozinhos? Que o caubói verdadeiro cavalga sozinho? Que o verdadeiro herói tem poucos amigos? E que "forte, silencioso e independente" são marcas da verdadeira masculinidade?

Talvez essa noção começou com a Revolução Industrial que arrancava os homens de seu "*habitat* natural". Talvez a grande guerra encorajou essa noção. Mas, com certeza, Hollywood popularizou essa noção.

Em algum ponto ao longo do tempo, desenvolveu-se o mito do "Homem Solitário". Em algum ponto no correr dos anos, aprendemos a pensar que verdadeiros homens são "individualistas durões". John Wayne, o ator, geralmente cavalgava sozinho. Clint Eastwood e o homem de propaganda Marlboro também cavalgam sozinhos. E Louis L'Amour, novelista de faroeste que vendia bem, criava personagens rudes e fortes que mostravam que os homens que dependem de alguém ou de alguma coisa são mais fraco. Eu gostaria de saber se o próprio Louis acreditava nisso. Esse autor criou a muito popular série de faroeste sobre a saga dos Sackett. Uma coisa é certa em relação ao clã Sackett que se espalhava pelo Oeste e cavalgava duro: quando um dos rapazes Sackett estava machucado, em apuros ou em uma situação difícil, todos os outros Sackett, espalhados pelo amplo Oeste, apareciam com a pistola Colt no coldre e a Winchester na sela do cavalo. O problema de um dos Sackett era o problema de todos, e caubói, era melhor verificar o passaporte porque os Estados Unidos não eram grande o bastante para se esconder deles.

Não obstante, gerações de homens compraram a mitologia dominante de que "o macho agüenta tudo sozinho". E isso está nos *matando.* Os casamentos, as famílias e toda uma cultura começaram a morrer, quando os homens começaram a tropeçar em direção ao isolamento e a perder contato uns com os outros e com a família.

Pense nisso por um minuto. Os homens que fundaram os Estados Unidos da América eram colonos rurais com um forte senso de comunidade e interdepen-

dência que cultivavam a terra. Eles sabiam que sobreviveriam e cresceriam juntos. Mas que sozinhos morreriam, um a um. Desde o início, Plymouth era uma comunidade. As outras colônias também. Falo *colônias* porque eram colônias. Entre os sinônimos da palavra "colônia" encontramos "grupo de pessoas" e "conjunto". Os primeiros estado-unidenses ficavam juntos. Perto uns dos outros. Um coração junto ao outro. Os homens tinham um sentimento de "comunidade" ou de "comunhão". Os líderes da comunidade visavam o bem comum. Essa atitude quase parece um achado arqueológico, não é mesmo? A afirmação de Ray Kroc, criador do império dos McDonald's, parece mais típica da atitude que prevalece na época moderna.

> É ridículo chamar isso de indústria. Isso é um rato come rato. Cão come cão. Eu vou matá-los, e vou matá-los antes que eles me matem. O que está em pauta aqui é a maneira estado-unidense de sobrevivência do mais capaz.[1]

Parece que o que se exige para sobreviver nos Estados Unidos virou como um hambúrguer na grelha — uma virada de 180 graus.

Como se chegou a isso? Como pôde uma nação que tinha meros duzentos anos de existência mudar tão dramaticamente? A palavra-chave é *mudança*. Nos últimos um ou dois séculos, houve mudanças sem paralelos em toda a história humana. E nos últimos tempos, as mudanças são ainda mais aceleradas. Meu pai cresceu sem encanamento em casa — para não mencionar televisão, microondas, cirurgia *laser*, e uma multidão de outras inovações. Mas as mudanças vão muito além da tecnologia. Tem ocorrido uma mudança mais fundamental. Mudamos coisas tão básicas como a natureza da família, e do casamento, e do papel feminino, e da hombridade. Mary Farrar, em seu excelente livro *Choices* [*Escolhas*], chama o que vivenciamos de "a maior enchente relâmpago da história". Ela a descreve bem:

> Usemos o Equador, que se estende à volta do globo todo, como uma linha do tempo que representa toda a história. Se pusermos os últimos 175 anos nessa linha, eles seriam um mero ponto de tinta. Mas a mudança que ocorre nesse "ponto" excede a de quaisquer dezenas de séculos anteriores... até hoje, a mudança cultural acontecia devagar e era absorvida com o passar de séculos. Entretanto, do começo da Revolução Industrial até hoje, a velocidade e o poder de mudanças sem precedentes têm literalmente virado a cultura moderna de cabeça para baixo. E mais ainda, essa grande enchente está longe de terminar...

> Portanto, a revolução cultural dos últimos quarenta anos não é nenhuma surpresa. O surgimento do feminismo na década de 1950, a revolução sexual da década de 1960, e a "revolução imoral" das décadas de 1970 e 1980 — são resultados naturais da enchente...
>
> A tempestade que nos trouxe essa Grande Enchente Relâmpago da história bateu nos Estados Unidos no início do século XVIII. Muitos historiadores localizam o início em 1815, com a vinda da Revolução Industrial...[2]

A maioria dos livros de história do segundo grau (antes da educação baseada em resultado) dizia que a Revolução Industrial levou os homens para as fábricas. O que nem sempre reconhecemos é que ir para a fábrica levou o homem para fora do lar, para longe da família, para a competição mais direta um com o outro e, em algum sentido difícil de definir, distanciou-os uns dos outros. Foi uma mudança que custou caro. Mary Farrar fala sobre ela:

> Não ser percebido... é o preço que, muitas vezes, os homens pagaram pelo grande progresso do mundo. O trabalho de um operário é turno de ano inteiro, geralmente com condições e salário inferiores. Os homens... perderam o controle sobre seu trabalho e ficaram cada vez mais à mercê dos empregadores e das empresas...
>
> Em resumo, o trabalho de um homem, sem o papel de mentorear outros, deslocou o foco para a promoção e para o sucesso. Agora o propósito principal do trabalho é a atualização própria e a afirmação própria. Os homens estado-unidenses se apegaram a essa idéia com tanto gosto, que os escritores europeus notaram o insalubre frenesi e vício de trabalho entre os primeiros industriais dos Estados Unidos...
>
> A natureza do mundo dos negócios permite que o homem manifeste apenas uma parte de seu ser — seu lado guerreiro. O comércio traz muito à tona os instintos agressivos e de autoproteção do homem, ao mesmo tempo em que mantém as rédeas de seu lado terno.[2]

Agora ouça a frase-ápice de Mary. É um resumo vigoroso em que se ouve a dolorosa verdade:

> Como resultado disso, os relacionamentos de profundidade e sentido no mundo de trabalho do homem foram de raros a inexistentes. Ele certamente não pode expressar seus sentimentos de ansiedade ou de medo no trabalho. Nem pode expressar livremente emoções de amor e de afeto. A conversa

no serviço gira em torno da tarefa à mão — sucesso, competição, ganhar a corrida — não em torno de relacionamentos ou sentimentos e necessidades pessoais. O homem aprende a ignorar suas necessidades emocionais ou relacionais mais profundas a fim de funcionar em um mundo competitivo. Assim, no devido tempo, o lado relacional e emocional do homem literalmente começou a passar fome. *A ternura deu lugar a um exterior duro. A afeição deu lugar ao distanciamento. O apreço pela família deu lugar ao impulso para o sucesso. Por fim, o trabalho de equipe e o companheirismo deu lugar ao autoritarismo* [grifo do autor].[4]

E *Voilá!* Entram John Wayne, Clint Eastwood, o homem da Marlboro e (nas palavras de David Smith) *The Friendless American Male* [*O macho americano sem amigos*]. Os homens, um a um, vagaram para dentro de si mesmos, acreditando que só podiam confiar em si mesmos. As listas de membros do culto tóxico do individualismo aumentaram muito. E a AUTOconfiança, o AUTO-progresso e a AUTO-realização tornaram-se palavras-chave da cultura. "Decidir por SI MESMO" tornou-se o *modus operandi.*

O culto do indivíduo

Mais de uma geração de estado-unidenses já cresceu sob a impressão errônea de que somos a melhor autoridade para nós mesmos, que não precisamos uns dos outros. Toda nossa cultura age como se cada indivíduo fosse a mais alta autoridade para si mesmo.

Desde a mais tenra idade, incentivamos a criança estado-unidense a tomar decisões por si mesma — a resolver sozinha; a criança é estimulada a crer que ela é o melhor juiz do que quer e do que deve fazer. Mesmo em instâncias em que o estado-unidense não pode decidir por si mesmo, ele ainda valoriza a ilusão de que tem a posição decisória. Assim, quando consulta um gerente de banco, um professor, um conselheiro ou um perito de qualquer tipo, ele percebe que (meramente) procura informação para ajudá-lo a tomar sua decisão. Ele trata o perito como um provedor de recursos, e não como um tomador de decisões. O estado-unidense crê, por ideal, que ele é a própria fonte da informação e da opinião que tem e que também resolve seus problemas. Com freqüência, as opiniões sobre estética são equacionadas com preferências pessoais, já que, muitas vezes, o estado-unidense resiste a aceitar modelos para julgar o valor de uma obra de arte. Ele prefere que o valor da obra de arte esteja no eu; se o indivíduo gosta da obra de obra, então ela é de boa qualidade. *O resultado*

é que o indivíduo fica muito autocentrado — esse fenômeno é tão impressionante que um psicólogo estado-unidense sugeriu esse é um valor universal.[5]

Portanto, como temos nos saído ao viver esses princípios isolacionistas do faça-você-mesmo? Não muito bem. Até que ponto gostamos de ficar por conta própria? Não muito.

Uma recente pesquisa Gallup de opinião pública chamou a década de 1990 de "A Década da Cura". Parece que milhões de estado-unidenses buscam ajuda de toda espécie — psicológica, física, emocional e espiritual. Eis as razões por essa tendência crescente:

· *Solidão:* Um terço dos estado-unidenses admite ter freqüente períodos de solidão, e uma pesquisa recente descobriu que a solidão é o fator-chave para o alto índice de suicídio.

· *Isolamento:* Uma pesquisa revela que sete em dez pessoas não conhecem seus vizinhos. "Os estado-unidenses mudam mais que a maioria das outras nacionalidades, por isso acham mais difícil sustentar amizades intensas e elos com os vizinhos... Uma média de 40 milhões de estado-unidenses por ano mudam de residência. Isso quer dizer, a cada 10 anos, entre 40% e 60% da população de uma cidade estado-unidense de tamanho médio a deixa".[6]

Talvez já seja tempo para haver uma mudança de valores. Talvez devamos começar a medir nossa riqueza em termos de amigos em vez de em reais. A média dos estado-unidenses fica no mesmo emprego durante 3,6 anos. Não é de admirar que Vance Packard diga: "Não ter raiz parece claramente estar associado ao declínio do companheirismo, das atividades em grupo satisfatórias, da confiança mútua e da segurança psicológica."[7]

· *Divórcio:* Seis de cada dez novos casamentos terminarão em divórcio, talvez o pior índice do mundo inteiro.

· *Vícios:* Parece que vivemos em uma sociedade viciada — viciada em drogas químicas, em bens materiais, em sucesso, em riqueza e em um estilo de vida de autogratificação.

· *Privacidade:* A privacidade contribui de maneira muito forte para a filosofia individualista em assuntos religiosos.[8]

Homens, eu acho que nos levaram na conversa. Em algum ponto da conversa, nós ficamos com uma idéia errada sobre força e independência. Pensamos que fossem sinais de maturidade. Fizeram-nos acreditar na mentira de que "quando crescemos e nos tornamos homem de verdade não precisamos de mais ninguém". Nada poderia estar mais longe da verdade. O homem maduro aprecia ter amigos e fica feliz em tê-los. Jesus, o Homem por excelência, fez questão de ter, pelo menos, onze amigos íntimos.

Caubóis de verdade andam juntos

Estamos nos sufocando com esse negócio de andar sozinhos. E por falar nisso, *caubóis de verdade* não andam sozinhos, não! Observe a afirmação de alguém que realmente passou algum tempo em campos abertos:

> Quando estou em Nova York, mas sinto saudade de Wyoming, procuro os cartazes de propaganda da Marlboro no metrô. Anseio em ver um cavalo de verdade, o brilho da espora, a cadeia de montanhas à distância, os ribeiros cheios e a lembrança dos rancheiros e *caubóis* com quem cavalguei nos últimos oito anos. Mas os homens que vejo nesses cartazes, com expressões sérias e sem humor, não me lembram ninguém que conheci lá. Em nosso capricho maluco [boa escolha de palavras] de romantizar o *caubói*, nós ironicamente depreciamos o verdadeiro caráter dele. É provável que ele seja "forte e calado" porque não tem ninguém com quem conversar [naquele momento]. Quando ele "galopa sumindo em direção ao pôr do sol" é porque está em cima de um cavalo desde as quatro da manhã levando gado e tenta, quinze horas mais tarde, chegar em casa para ficar com a família. Se ele é um "rude individualista", ele também faz parte de uma equipe: o rancheiro trabalha em equipe, e mesmo os tão admirados vaqueiros, dos idos de 1880, subiam e desciam a trilha Chisholm em companhia de vinte ou trinta outros caubóis. O *caubói*, ao contrário do homem "macho" pronto a atirar em qualquer coisa em que nossa cultura perversamente tenta transformá-lo, é sociável, peculiar e mole de coração. Ser "durão" em uma fazenda não tem nada que ver com conquistas e demonstrações de poder. Na metade das vezes, as circunstâncias — como o potro em que ele monta ou a nevasca inesperada — é que vencem. O que vale no trabalho em fazenda não é a dificuldade, e sim "o fazer até o fim". Em outras palavras, o macho, esse artefato cultural em que transformaram o *caubói* é apenas o poder de recuperação, a paciência e o instinto de sobrevivência do homem. "Os *caubóis* são como uma pilha de pedras — tudo acontece com eles. Eles são pisados, chutados, tomam chuva, enfrentam neve, são judiados pelo vento. O trabalho deles é 'só resistir'", disse-me um velho experiente.[9]

Deixe-me contar sobre um *caubói* verdadeiro que eu conheço.

Dave Spear gerencia o "Spanish Canyon Ranch", cujo proprietário é Clint Nichols. O rancho que Dave gerencia fica na região leste do Oregon, uns 16 quilômetros a oeste de Dayville (população 38), uns 24 quilômetros a leste de Mitchell (pop. 233), pouco mais de 32 quilômetros ao sul de Kinzu (pop. 11) e uns 60 e poucos quilômetros ao norte de Paulina, Suplee, e Izee — uma série de comunidades com população de 76, 23, e 0, respectivamente. Agora que você se localizou, já sabe que é uma região remota e inóspita. O tipo de lugar apenas para pessoas fortes. E não há tantas pessoas desse tipo. Você já visualizou a imagem.

Esse é o tipo de lugar em que você esperaria encontrar isolamento se estivesse procurando por isso. Mas não é isso que acontece lá. Bem ao contrário. Ah, você encontra muito espaço aberto para se sentar sozinho se quiser. Aqui, entre todos os lugares em que há menos de uma pessoa por quilômetro quadrado, em que os espaços são amplos e abertos, aqui você esperaria encontrar o homem macho, o homem da Marlboro ou outro personagem fictício de Hollywood. Mas aqui não acontece isso. Aqui nesse lugar distante, os homens aprendem a confiar uns nos outros. Até o serviço ficar pronto, os homens trabalham juntos.

O *Canyon* espanhol, colonizado por pioneiros desbravadores, por volta de 1860, hoje é uma fazenda enorme de gado, no meio de um campo lindo — 24.276 hectares de arbustos (sálvia brava), juníperos, florestas de pinheiros e pastagens. Há cerca de seiscentas cabeças de gado junto com alces majestosos, veados, linces e os espertos e sempre-presentes coiotes. Aqui e ali, em locais espalhados pelo rancho há sepulturas dos pioneiros que um dia chamaram essa boa terra de "casa".

Nesse lugar, Dave e Carla Spear criaram sua família. Quatro filhos e uma filha. Nunca conheci a filha, mas já vi aqueles rapazes — fortes, olhos vivos e bons trabalhadores. Exatamente o que se esperaria de uma linhagem tão vigorosa. O tipo de homem de ombros largos, queixo quadrado e olhos de aço que vemos em propagandas de cigarros.

Quando os jovens Spears tinham 17, 20, 22 e 24 anos, Troy — o de 20 anos — morreu de repente por causa de um problema cardíaco congênito que poucos sabiam que ele tinha. Com certeza, sua correção em trabalhar duro na fazenda nunca delatou o problema. Como pode-se entender, a família ficou desolada.

Dave me deu uma pequena noção de como se sentiu com essa perda.

"Sabe, Stu, de tempos em tempos você vê um filme ou uma notícia sobre alguém que se joga sobre o caixão, completamente louco. Eu sempre quis

saber exatamente que tipo de dor faria alguém fazer isso. Agora eu sei. Eu nunca tinha sentido tal dor. Mexe lá no fundo da gente, só fica lá, doendo, e aumenta a ponto de você achar que sua alma explodirá".

Dave me contou sobre o enterro de Troy e o culto feito para ele.

O cemitério fica no alto de um morro varrido pelos ventos. O capim ondulante não desconhece a história e o sofrimento. Os amigos se reuniram em volta da família. Como parte da manifestação de profundo respeito um pelo outro e pelo irmão e filho, o pai de Troy e seus três irmãos carregaram o caixão até seu repouso final.

É assim que homens de verdade agem. Juntos. Até o fim.

Clay Williams, o pastor que ministrou o culto, compartilhou algumas palavras bem pensadas e depois orou. Na maioria das cidades e comunidades, as pessoas iriam em silêncio para seus carros. A turma do cemitério abaixaria e enterraria o caixão. E o dia teria acabado.

INSTANTÂNEOS:

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Em 1965, como colegas de 6ª série, tornamos-nos o melhor amigo um do outro. Passamos nossos "anos de espanto" juntos. Lado a lado patrulhávamos nosso torrão, alguns quilômetros de colinas ondulantes do Oregon, campos abertos e casas esporádicas. Hoje, trinta anos mais tarde, eu atravesso a mesma região em minha bicicleta. Cada esquina, cada entrada de garagem, cada casa e campo trazem à mente lembranças de ocasiões em minha vida quando eu era inseparável de um menino chamado Jerry.

Lembro-me quando Jerry e eu apanhamos (e jogamos) frutinhas desde as madrugadas até as manhãs de verão, depois passávamos as tardes nadando e escutando os Beach Boys e Simon e Garfunkel, mudando o canal do rádio de oito transistores que sempre tinha interferência, e lendo histórias em quadrinhos do Superman e do Batman. Falávamos sobre meninas bonitinhas, e sobre aventuras, e sobre belos feitos, e sobre o que faríamos quando crescêssemos. Levávamos nossos sacos de dormir e acampávamos sob as estrelas no quintal de minha casa com Champ, meu cão Golden Retriever. Olhávamos pelo telescópio as luas de Júpiter e os anéis de Saturno e pensávamos sobre a vida. (Naquela época, nós não sabíamos.)

Jerry, aos 38 anos, estava morrendo de câncer. A quimioterapia já o deixara calvo. Depois que ele foi diagnosticado como terminal, ele e eu conversamos sobre

sofrimento, cura e céu. Eu selecionei muitos livros para ele, e ele leu-os todos. Falamos sobre a graça de Deus em lhe dar tempo de preparar-se para o que nos espera. Oramos juntos pela esposa e pelos filhos dele. Na última conversa que tivemos quando ele ainda estava coerente, depois de ler-lhe várias passagens da Bíblia, eu disse-lhe: "Nós fomos feitos para o outro mundo, não para este." Ele sorriu e disse com voz fraca e cheia de convicção: "Amém".

Não aqui. Não nessa terra em que os homens caminham juntos, cavalgam lado a lado, consertam as cercas um do outro, dependem um do outro e ficam juntos até o fim do trabalho. Dave contou-me do tributo final a Troy, seu companheiro caído. Ele voltou-se, em silêncio, para os três filhos fortes. Concordaram juntos em ficar "até o fim". Cada irmão estendeu a mão para uma pá. Começaram a encher a cova.

Outros homens se mexeram. Os olhares deles se encontraram. Espontaneamente... devagar... em silêncio... com respeito e propósito... cada homem foi até sua picape, pegou sua pá e uniram-se a Dave e aos irmãos em um ritual comunitário, que todos nós ansiamos em vivenciar. Um círculo de amigos trabalhavam juntos. Eles até revezaram as pás, para que todos compartilhassem a fraternidade do momento.

Soldados de verdade lutam lado a lado

Sempre foi assim. Homens de verdade encontram força na união. Os soldados de verdade não entram sozinhos em batalhas. Em 491, os persas resolveram submeter os gregos. Os persas, com uma frota de 600 navios e um exército de bem mais de 100.000 homens, acamparam perto de Maratona. Escolheram esse local, pois acreditavam que era melhor para a cavalaria que numericamente excedia, em muito, a grega.

A região rural grega estava em tumulto. A força militar persa nunca fora derrotada. Parecia impossível fazer isso. Mesmo assim, reuniram homens de Esparta, de Platéias e de Atenas. Quando os exércitos se defrontaram foi desencorajador. Os gregos tinham pouco mais de 20.000 homens; os persas, cinco vezes mais. A batalha começou. Deixemos Will Durant contar a história:

> Os persas eram corajosos, mas estavam acostumados à luta individual e não estavam treinados para a defesa e o ataque maciço dos gregos. Os gregos uniam disciplina e coragem, e embora cometessem a imprudência de dividir o comando entre dez generais, cada um supremo por um dia, eles se salvaram pelo exemplo de Aristides, que cedeu sua liderança a

Melquíades. O pequeno exército grego, sob a estratégia vigorosa desse soldado objetivo, pôs para correr a horda persa no que não apenas foi uma batalha decisiva, mas também uma das mais incríveis vitórias da história. Se aceitarmos o testemunho grego em relação ao assunto, 6.400 persas, mas apenas 192 gregos, caíram em Maratona.[10]

As coisas não são diferentes hoje. Quando a coisa fica difícil, precisamos uns dos outros (o tempo todo). Lembra-se dos dias tenebrosos, de 1979 até 1981, quando 52 estado-unidenses ficaram durante 444 dias como reféns no Irã? Todos os estado-unidenses ficaram com raiva. Mas aparentemente ficaram impotentes. Finalmente, em 20 de janeiro de 1981 — manhã da posse do presidente Reagan — os reféns foram soltos.

Eles sofreram traumas incríveis. Psicólogos de todo os Estados Unidos temiam por eles. Muitos pensavam que levaria muitos anos para que os reféns voltassem ao "normal". Mas para surpresa de muitos, os ex-reféns simplesmente retomaram suas vidas e suas carreiras e foram em frente. Alguns dos reféns sentiam-se mais fortes e melhores pessoas que antes, sentiam-se, de fato, fortalecidos pela provação. Por quê?

Um psicólogo, há muito tempo interessado nos efeitos do cativeiro sobre o ser humano, não ficou nem um pouco surpreso com a rápida readaptação dos reféns. O dr. Jes Segal estudara os prisioneiros de guerra estado-unidenses que, há quase uma década, voltaram do Vietnã. Esses homens foram torturados e mau tratados de formas inimagináveis. Mas a maioria deles se adaptou rápida e saudavelmente à vida normal após o retorno. Por quê?

O dr. Segal sente que, na verdade, há poucos princípios básicos necessários que habilitam as pessoas a suportarem o estresse e a angústia do cativeiro. Vejam seus dois princípios:

1. *Fique em contato com outros.* Primeiro e antes de tudo, até os mais fortes precisam do apoio dos outros. Veja o caso do Capitão Naval James B. Stockdale, ele foi levado de sua cela, em uma prisão norte-vietnamita, para o sol escaldante de um pátio sem sombra. Durante três dias, forçaram-no a ficar sentado com as mãos algemadas para trás e as pernas presas por uma corrente pesada. Os guardas não o deixavam dormir. Ele foi surrado repetidamente. Stockdale, depois de uma dessas surras, escutou uma toalha estalando no código da prisão as letras DOAJS. Essa mensagem lhe deu forças durante todo seu cativeiro: "Deus o abençoe, Jim Stockdale".

2. *Ajude outras pessoas em dificuldade.* Piedade de si mesmo nunca aumentou a resistência psicológica de ninguém. Compaixão pelos outros — largar o

papel de mártir e voltar a atenção para os outros — tem um admirável efeito curador. Diego Ascencio, quando prestava serviço como Embaixador dos Estados Unidos na Colômbia, passou 61 dias de tormento, junto com outros diplomatas, como refém de terroristas armados. Ele se lembra: "Acho que o que mais ajudou a suportar foi trabalhar em benefício dos outros. Eu não fiquei apenas sentado em um canto. Eu tentei cuidar de outros reféns e não tive muita oportunidade de ficar preocupado".[11]

Você percebeu a única palavra que os dois princípios têm em comum? Outros! Fique em contato com outras pessoas. Ajude os outros.

Você e eu não somos prisioneiros de guerra, mas muitos de nós somos reféns. Somos reféns de todo tipo de estresse — discórdia matrimonial, conflito familiar, encargos financeiros esmagadores, doença séria, cultura em desintegração, preocupações de trabalho e assim por diante. Nós precisamos ter contato com outras pessoas para suportar tudo isso. Precisamos de amigos. Não precisamos de independência. Preste atenção... *não existe essa coisa de auto-suficiência.* Esse conceito nega a imagem de Deus no homem.

Temos que ficar juntos para sobreviver.

Temos que cavalgar juntos para nos manter na sela.

Já está mais que na hora de a falsa imagem do homem Marlboro esvair-se como fumaça, pois, na verdade, não passa disso.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. *O macho americano sem amigos.* Esse título de livro descreve-o bem? Se for uma boa descrição de você, será por que não há amigos disponíveis ou por que você não fez do cultivar amizades uma prioridade em sua vida?
2. Com a Revolução Industrial, os homens trocaram o trabalho em grupo e a calma direção da fazenda pela intensa competitividade e demanda do local de trabalho. Tornaram-se mais voltados para si mesmos e mais orientados ao "sucesso". Experimente fazer isso: liste, em uma folha de papel, alguns de seus objetivos pessoais e de carreira. Na metade de baixo da folha, escreva alguns objetivos seus para o casamento e para a família. A segunda lista é tão precisa e completa como a primeira... ou está um pouco vaga? O que isso indica sobre sua ênfase na vida?

De braços dados

1. Um amigo ou conhecido realmente faz uma confusão, peca, erra feio. Em geral, o que acontece? As pessoas procuram-no a fim de ajudá-lo ou se afastam dele? Qual é o resultado usual? Como evitarmos o aparente fechar os olhos para o pecado sem evitar o irmão necessitado?
2. "Talvez devamos começar a medir nossa riqueza em termos de amigos em vez de em reais." Como isso mudaria a maneira da maioria dos homens tomar decisões? Essa idéia lhe parece razoável? Qual poderia ser o resultado — daqui a alguns anos?
3. Naquela manhã, Dave enterrou seu filho na colina solitária. Os outros filhos empunharam as pás, e logo as outras pessoas que estavam próximas fizeram o mesmo. Isso aconteceria no local em que você mora, ou os homens se afastariam com medo de se intrometerem ou de se sentirem embaraçados?
4. "Você e eu não somos prisioneiros de guerra, mas muitos de nós somos reféns. Somos reféns de todo tipo de estresse..." Quais são as duas coisas de que precisamos lembrar quando nos tornamos reféns das pressões da vida?
5. No fim, nós, mais ou menos, escolhemos a vida que vivemos. O que acontece com você? Você escolheu ter amigos? Ou escolheu viver o papel do macho sem amigos? Você está satisfeito com sua escolha?

Notas

[1] Citado em Mary Farrar, *Choices* (Sisters, Ore.: Multnomah Books, 1994), 57.

[2] Ibid., 26-30.

[3] Ibid., 52.

[4] Idid.

[5] Nota do autor: Há anos, eu citei essa afirmação em um sermão, mas (como não pensava em escrever um livro) não citei a fonte. Se o leitor souber a fonte original (foi Ed Stewart?), eu ficarei contente em incluí-la em quaiquer impressões subseqüentes.

[6] Citado no discurso de George H. Gallup Jr., "The Healing of America", Conferência de Pequenos Grupos, no Eastern College, em St. Davids, Pennsylvania, em 2 de junho de 1995.

[7] Ibid.

[8] Idid.

[9] Gretel Ehrlich, "The Solac of Open Places", conforme citado em Joseph F. Trimmer, *Writing with a Purpose,* (Dallas: Houghton Miffin, Co., 1992), 134-135.

[10] Will Durant, *The Life of Greece* (New York: Simon e Schuster, 1966), 235-236.

[11] Julius Segal, "Conquering Crisis – Lessons from Captivity", *Reader's Digest,* março de 1952, 139-140.

CAPÍTULO 13

É amistoso quem age como amigo

Escolha seus amigos com cuidado



Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio,
mas o companheiro dos tolos acabará mal.

Provérbios 13.20

Quando eu nasci, na década de 1940, a Disneylândia não existia.

Em Anaheim, algum velho, com chapéu de palha e macacão, manobrava seu trator John Deere em um pomar de laranjas no mesmo terreno em que um dia Mickey e Pateta comandariam o "reino mágico". Mas, nessa época, Walt Disney esquentava o motor. Naqueles anos, ele criou um filme que abalou nossa mente estreita. Disney, como fazia regularmente, criou um provérbio potente em forma de animação. Quem pode esquecer do *Pinóquio?*

Lembre-se a última vez em que viu essa pequena, mas vigorosa, parábola em animação. Você lembra como se inicia a história? A Fada Madrinha levanta a varinha de condão, e o boneco de madeira, que está na banca de trabalho de Geppetto, ganha vida.

Ele pergunta: "Eu sou um menino de verdade?".

"Não", ela responde, "realizar o desejo de Geppetto [por um filho] depende totalmente de você. Prove ser corajoso, fale a verdade, seja altruísta e, um dia, será um menino de verdade".

"Um menino de verdade!", ele exclama.

Ela avisa: "Não será fácil. Você precisa aprender a escolher entre o certo e o errado".

Depois que a Fada Madrinha vai embora, o boneco que-quer-ser menino e sua consciência recém-despertada (o Grilo Falante) têm uma conversa. O Grilo Falante lhe diz, em outras palavras: "Se você quer ser um bom menino

precisa saber que o mundo é cheio de tentações. Há coisas erradas que, na hora, parecem certas. (Um discernimento até bastante firme para ser *hollywoodiano*, você não acha?)

Assim, com as ótimas instruções do Grilo Falante e da Fada Madrinha, realmente os melhores amigos que alguém podia ter, Pinóquio vai para a escola. Ele está para encontrar com algumas pessoas e fazer alguns amigos. É um programa e tanto para um menino esculpido em um pedaço de pinho.

Mas o pobre camaradinha não chega à escola. Que pena... no caminho para a escola, ele é interceptado por dois caras andrajosos que saem de uma estradinha lateral. Os dois novos "amigos", uma raposa enganadora e um gato meio bobo, o convencem que há "um caminho fácil" para o sucesso, para as luzes brilhantes, a música, os aplausos e a fama.

Ele ignora os avisos do Grilo Falante, e a Fada Madrinha não tem mais sorte. Ela lhe diz: "Um menino que não quer ser bom, é mau, e tanto faz se é feito de madeira".

Mas o que isso significa para Pinóquio? Ele tem amigos para ver e lugares para ir. Seus novos companheiros — a raposa, o gato e um garotão gordo — o convencem a fazer uma viagem à "Ilha do Prazer".

Você provavelmente visualiza as famosas e sofridas cenas em animação que se seguem. O fantochinho de cabeça de pau entra em uma carruagem cheia de garotos — um bando de novos amigos — todos determinados a se divertirem à beça. Passaram para o barco que os levaria à Ilha do Prazer. A princípio, logo que se aproximam, é esquisito, pois o lugar parece escuro e assustador. Mas, oh, que bárbaro. Eles sorriem. O lugar é incrível. Seus olhos quase explodem. É melhor do que esperavam. De fato, a raposa e o gato eram amigos divertidos!

A Ilha do Prazer tem tudo. Tem uma Casa de Tumulto para se tumultuar. Um "Lar Modelo de Destruição" para ser desmontada. Janelas de vidro colorido ótimas para se jogar tijolos. Charutos para todos. E um salão de bilhar. A festa começa, e eles aproveitam! Por fim, a noite se vai, e a folia se acaba. Agora a Ilha do Prazer mais parece um cemitério.

Pinóquio e Lampwick — seu companheiro que fuma cigarro e cospe tabaco — entram na sala de bilhar. Lampwick amola o amiguinho "para parar de fumar como minha avó". Com isso, Pinóquio inala o fumo. (É sim, inala). E daí a pouco, o pobre garoto fica tonto. Seus olhos se recusam a focar. Sente-se doente. Começa a perder as funções vitais. Por fim, cai em colapso, totalmente inerte, em cima da mesa de bilhar — apenas uma sombra trêmula do que fora.

Foi uma incrível progressão. Diga-se, deterioração. E Disney retratou isso muito bem. Ele passa de um menino saudável, vibrante e com um futuro

brilhante como "menino de verdade" para uma confusa pilha de madeira e barbantes caída em uma gordurenta sala de bilhar.

Tudo por causa de duas escolhas ruins.

Tudo por causa de dois amigos ruins.

No espaço de cinco curtos minutos, percebe-se o fim de Pinóquio. As dicas são visíveis e progressivas. Sua voz perde a inocência. Seus olhos bem abertos e inocentes começam a se fechar. Seu chapéu, antes mais atrás de sua cabeça, expunha o rosto animado, agora está puxado para a frente e de lado, escondendo os olhos. Ele começa a falar como os que estão a sua volta — devagar, palavras mal formadas e saindo do canto da boca. Ele começa a andar como os novos amigos, gingando e arrogante. Pinóquio transformou-se, não deformou-se.

Em geral, o que Disney retrata em uma breve cena leva mais tempo para acontecer na vida real. Mas não muito mais tempo. O ponto está claro, dolorosamente claro. A amizade é uma estrada e *leva* para algum lugar. Caminhe um tempo com os amigos errados e acabará onde nunca quis estar.

Três mil anos antes dos animadores de Disney colorirem suas primeiras imagens, um homem sábio disse: "Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, *mas o companheiro dos tolos acabará mal*" (Pv 13.20).

Ao longo do caminho, alguém pegou bocado de sabedoria e transformou-a no conhecido dito: "Uma maçã podre num cesto apodrece todas as outras".

É óbvio que o ponto desse provérbio potente não é que nos preocupemos com a maçã estragada. *Ah, pobre maçãzinha.* O ponto é alertar as boas maçãs — os colegas de barril. Cuidado com quem você anda ou pode acabar mole, uma papa, sem valor para nada. Em uma palavra, podre. Essa é a natureza da associação com coisas degradantes. Quando você se associa intimamente à deterioração, você deteriora. Creia-me, a podridão se espalha.

Já notou esse fenômeno na vizinhança? Maçãs, amigos e vizinhança tendem a assumir as características dos que estão por perto. As casas parecem existir em grupos. "Boas vizinhanças" são isso mesmo. "Vizinhanças moralmente decadentes" costumam ser isso mesmo. Raramente, você encontra uma casa "positiva" (bem mantida, caprichada) em uma vizinhança de casas em deterioração, descuidadas. Se podem, as pessoas que se importam mudam de más vizinhanças.

Maçãs deterioram. . .
Mato prolifera. . .
Doença é contagiosa. . .
Ferrugem estraga. . .
Câncer se espalha. . .
E o tipo errado de amigos pode matá-lo.

A Bíblia diz isso de maneira simples e direta. "As más companhias corrompem os bons costumes" (1Co 15.33).

Lá atrás, no livro de Gênesis, a Bíblia pinta um mural em tamanho natural de dois homens que escolheram vizinhanças diferentes... e do que aconteceu com eles.

Dois homens, dois caminhos

> Saiu, pois, Abrão do Egito e foi para o Neguebe, com sua mulher e com tudo o que possuía, e Ló foi com ele. Abrão tinha enriquecido muito, tanto em gado como em prata e ouro. Ele partiu do Neguebe em direção a Betel, indo de um lugar a outro, até que chegou ao lugar entre Betel e Ai onde já havia armado acampamento anteriormente e onde, pela primeira vez, tinha construído um altar. Ali Abrão invocou o nome do SENHOR. Ló, que acompanhava Abrão, também possuía rebanhos e tendas. E não podiam morar os dois juntos na mesma região, porque possuíam tantos bens que a terra não podia sustentá-los. Por isso surgiu uma desavença entre os pastores dos rebanhos de Abrão e os de Ló. Nessa época os cananeus e os ferezeus habitavam aquela terra. Então Abrão disse a Ló: "Não haja desavença entre mim e você, ou entre os seus pastores e os meus; afinal somos irmãos! Aí está a terra inteira diante de você. Vamos separar-nos. Se você for para a esquerda, irei para a direita; se for para a direita, irei para a esquerda". Olhou então Ló e viu todo o vale do Jordão, todo ele bem irrigado, até Zoar; era como o jardim do SENHOR, como a terra do Egito. Isto se deu antes de o SENHOR destruir Sodoma e Gomorra. Ló escolheu todo o vale do Jordão e partiu em direção ao leste. Assim os dois se separaram: Abrão ficou na terra de Canaã, mas Ló mudou seu acampamento para um lugar próximo a Sodoma, entre as cidades do vale. Ora, os homens de Sodoma eram extremamente perversos e pecadores contra o SENHOR (Gn 13.1-13).

Observe a mudança agourenta de tom no versículo 13. Note as pessoas com quem Ló começava a se associar. Ele escolheu mal os amigos! Agora, ele estava em uma estrada que não levava a parte alguma.

Abraão escolheu bem e conseguiu mais qualidade de vida, mais amizade com Deus, filhos, uma família saudável e o prazer do relacionamento pactual com Deus e seu povo. Abraão ao escolher associações e valores sábios deixou uma herança, que você e eu ainda desfrutamos hoje.

Ló, por outro lado, estava no caminho da devassidão. Na próxima vez que o vemos, ele vive em uma cidade que personifica o pior antro de pecado e mal,

a cidade cujo nome representa escolhas e vidas podres... e o nome não é Ilha do Prazer — é Sodoma. Ele ofereceu suas filhas aos associados para a atividade mais degenerativa e imoral que há — sexo em grupo (19.8). Ele perdeu completamente o respeito da esposa e das filhas. Quando ele fala, mesmo sobre coisas urgentes e honestas, todos acham que é brincadeira (19.14). Ele acaba provocando a morte da esposa. Ele fica inconsciente com a bebida e se envolve em relacionamento incestuoso com as filhas.

E tudo começou com uma escolha.

Uma bifurcação no caminho.

Ló escolheu associar-se com o tipo errado de pessoas e pagou caro por isso. Toda sua família também pagou por isso. A única herança que ele deixou foi ser pai de dois povos ímpios que se tornaram inimigos obstinados do povo de Deus por gerações sem-fim: os moabitas e os amonitas. Essas duas nações nada foram senão o espinho bárbaro e idólatra que atingiram o lado de Israel durante séculos.

Que grande contraste havia entre Abrão e Ló. Eles começaram juntos, mas escolheram valores e amigos diferentes que os levaram por caminhos separados e a destinos muitíssimo diferentes.

Nunca me esquecerei de quando —há 25 anos — eu vi essa mesma dinâmica acontecer diante de meus olhos.

Os dois mosqueteiros

O Vietnã não foi uma experiência feliz para ninguém.

A sra. Roberta Johnson estava especialmente infeliz. Não, ela mesma nunca pôs o pé no sudeste da Ásia, mas seu filho sim. Eric Johnson era seu orgulho, sua alegria e sua esperança para o futuro. Nas palavras dela: "Um menino tão bom". De fato, ele era um bom menino. Via-se em seus olhos e também em seu pronto sorriso.

Eric sempre fora bem nas escolas da pequena cidade da Geórgia em que cresceu. E seus dois primeiros anos de faculdade foram excepcionalmente bons. Eric, jovem inteligente e meditativo, optou pela especialização em Literatura. A Literatura Britânica era sua predileta. Mas por razões que muitos estudantes da classe de 1967 não entendiam, Eric sentia que devia deixar de lado Shelley e Shakespeare e fazer sua parte por seu país. Eric alistou-se no Exército dos Estados Unidos e foi enviado para o Vietnã.

Diferente de muitos dos autocentrados membros da geração próspera, Eric *acreditou*, de verdade, em John Kennedy, quando o jovem presidente incentivou os jovens com a frase: "Não pergunte o que seu país pode fazer por você, pergunte o que você pode fazer por seu país". Eric queria levar o sonho

dos cavaleiros de Camelot a um país pequeno ameaçado por forças sombrias. Ele, como muitos jovens no Exército em sua época, estava disposto a "pagar qualquer preço, a carregar qualquer peso, a apoiar qualquer amigo e a opor-se a qualquer inimigo para assegurar a sobrevivência e o sucesso da liberdade". (Por que será que agora essas palavras soam tão distantes como se fosse de outro mundo?)

Eric chegou ao Vietnã poucas semanas depois de um moço chamado Darryl, e eles se tornaram camaradas inseparáveis. Darryl Wilson, alto e bem proporcionado, com feições morenas e bem formadas, parecia que saíra de um cartaz de recrutamento do Exército. Ele se adequava à imagem do clássico e posudo jovem Boina Verde. As gerações antigas chamariam Darryl de "um cidadão do mundo". Ele sabia "se dar bem" em quase qualquer lugar. Sabia usar o sistema... e como abusar dele. Para Darryl, a vida era um grande bufê em que provava tudo sem limites — coisas legais ou não. Mas tudo bem aceitável —, pelo menos, pelos padrões dele.

Eles formavam um par pouco promissor. Darryl já dera a volta no quarteirão. Eric não, mas estava para fazer isso. Um passo miserável de cada vez.

Longe de casa, além-mar, em uma zona de combate em que todas as inibições sociais perdem as cores fortes, Darryl pretendia aproveitar ao máximo esse bufê em "que se pode comer à vontade" chamado vida. Ele provava de tudo — quando estava livre, quando estava de serviço, o legal e o ilegal.

Aqui se achavam dois homens fortes e jovens. Dois amigos. Ambos Boinas Verdes... o melhor dos Estados Unidos. E os dois eram bem inteligentes tanto que foram escolhidos para trabalhar na seção de Operações de Inteligência do 5º Grupo de Forças Especiais. Nesse ponto, acabavam as semelhanças. Certo, eles eram muito amigos, mas não faziam bem um ao outro.

Um estava lá por uma causa. O outro estava lá em causa própria.

Um acreditava em palavras patrióticas. O outro as dizia com um sorriso de deboche e uma piscadela marota.

Um era inocente. O outro era "experiente".

Um era simples e ingênuo. O outro jogador de altas apostas.

Um ansiava por agradar. O outro ansioso por experimentar.

E, como era perfeitamente previsível, o jogador liderou o ingênuo. A raposa "conhecedora da vida" liderou o rapazinho que era muito parecido com Pinóquio. O rapaz forte que tinha instinto guiou o rapaz doce que tinha coração. O imoral corrompeu o moral. Darryl levou a amizade por um caminho que, na época, nenhum dos dois acreditava ser destrutivo. Mas desceram juntos a ladeira, um levando o outro, cedendo ao prazer, um passo destrutivo a cada vez.

Começou com nada mais complicado do que ficar conversando até muito tarde. Contudo, eram horas que deviam ter responsabilidade de usar para o descanso por causa das exigências críticas do trabalho que faziam. Eles punham em risco a missão e a vida de seus companheiros.

Depois bebiam juntos. Não se pode culpar um moço por fazer isso. Às vezes, cerveja é o único líquido frio em que se põe as mãos em um acampamento de base.

Depois decidiram "dar uma escapadinha para Nha Trang só para dar uma olhada na vizinhança".

Depois as "olhadas" tornaram-se visitas extensas em que experimentavam os "prazeres perfumados e exóticos do Oriente".

Depois houve a doença venérea. Sem problema, para que serve a penicilina?

Depois houve uma forma mais séria de doença venérea que não respondia tão rapidamente ao tratamento.

Com o passar dos dias, havia cada vez menos sono à noite, e cada vez mais noites loucas na cidade. Como era inevitável, começaram a não cumprir responsabilidades cruciais para o batalhão. Com um olhar, quase se via a deterioração física, mental e espiritual.

Os dois foram advertidos. Eles eram regularmente confrontados pelos outros soldados e, no fim, foram até ameaçados com uma "demissão" ou rebaixamento de posição. Tarde demais, o jovem Eric abriu os olhos e viu o próprio reflexo. O garoto da Geórgia entrou em pânico quando percebeu o que lhe acontecera. Ele era pouco mais que uma sombra tremulante do rapaz que fora antes, e agora sentia-se *incapaz* de funcionar de maneira responsável. Demitiram-no — em humilhante desonra — de sua atribuição.

O jovem, em sua confusão e aflição, escreveu para casa. Talvez pensasse que uma confissão purificadora acertaria sua vida destruída. Talvez ele apenas não soubesse mais para que lado se voltar. Fossem quais fossem seus pensamentos, Eric contou toda sua história dolorosa para a mãe, que estava lá no sul da Geórgia.

Para susto e vergonha de Eric, a Sra. Johnson logo respondeu com uma carta amargurada, irada, acusatória para o oficial comandante de seu filho, no Vietnã. O teor da carta? "Olhem só o que *seu* Exército fez ao *meu* precioso filho!"

Coube-me responder a ela. Eu lhe disse aquilo que ela provavelmente já sabia em seu coração. O Exército não tinha feito nada com seu filho; o Exército apenas deu-lhe a oportunidade de fazer escolhas para si mesmo. E ele fizera escolhas muito ruins. Mas a escolha inicial dele causara todas as escolhas más que fez. Eric Johnson não escolhera seus amigos com sabedoria. Um "amigo" o fizera descer aquela estrada sinuosa. Faltava saber se conseguiria achar o

caminho de volta ao ponto em que estava antes de pegar essa estrada vicinal cheia de precipícios.

O ponto é dolorosamente simples. Amigos, quando escolhidos com cuidado, são uma parte maravilhosa — até essencial — da vida. Este livro é justamente sobre tudo isso. Amigos mal escolhidos podem matá-lo.

A amizade — real, sólida, enriquecedora da vida — sempre segue pela estrada alta. A amizade verdadeira viaja pelo caminho reto. A amizade nunca se esconde em vielas; nunca demora na escuridão. A amizade não anda por becos, ela conduz às rodovias principais.

A amizade nunca o põe em uma armadilha. Ela sempre o tira de valas, trata as feridas, tira a poeira, lava tudo e o põe de volta no rumo saudável.

Provavelmente, o escritor de Hebreus tinha a comunhão de crentes — a união de amigos — em mente quando escreveu:

> Portanto, fortaleçam as mãos enfraquecidas e os joelhos vacilantes. Façam caminhos retos para os seus pés, para que o manco não se desvie, antes, seja curado (Hb 12.12,13).

É isso que amigos fazem. Eles encorajam um ao outro, um ajuda a curar o outro e conservam um ao outro no caminho reto.

A verdadeira amizade sempre levanta, nunca arrasta a pessoa. Ah, ela pode ser pesada, mas não é destrutiva. A amizade mostra-lhe o caminho para sair da mata e chegar ao campo ensolarado. A amizade nunca freqüenta as sombras, mas sempre se apressa em direção à luz.

Veja, amigos não deixam os amigos andar às cegas.

Amigos não deixam que os amigos se autodestruam.

Amigos não levam os amigos para onde não devem ir.

O grande Deus Criador, que conhece o coração do homem melhor que qualquer outro, conhece muito bem o poder da amizade para tirar um homem do vale... ou para arrastá-lo a um pântano sem fundo. Por isso, ele pôs avisos claros na estrada — os princípios bíblicos — com a finalidade de nos alertar, avisar e, assim, nos guiar para longe de desvios desastrosos e fatais ruas sem saída.

Princípio #1
Nem toda pessoa é a amiga que aparenta ser.

Ler o livro de Provérbios é como caminhar em um bosque de antigas sequóias vermelhas. Os provérbios, como essas fortes árvores gigantes do oeste

dos Estados Unidos, tem milhares de anos, são retos e verdadeiros *e estão vivos.* Ouça essa peça de sabedoria que permanece sólida há mais de três mil anos.

> Quem tem muitos amigos pode chegar à ruína, mas existe amigo mais apegado que um irmão (Pv 18.24).

Tenha cuidado com a maneira como você define os "amigos". Nem tudo que parece "amistoso" ou age de maneira amistosa é amizade verdadeira.

A primeira vez que o antigo provérbio usa a palavra "amigos" refere-se a eles de maneira bastante vaga. Na verdade, fala de amizades pouco profundas, superficiais que chamamos de "conhecidos", "associados", ou "companheiros". Pessoas com que nos deparamos, compartilhamos algumas atividades, temos bastante contato e casualmente chamamos de "amigos".

Mas deve-se entender com seriedade a segunda vez em que usa a palavra amigo. Aqui falamos de *amigos.* Amigos de verdade. Dignos do título. O segundo uso da palavra amigos no provérbio é diferente, mais forte e mais profundo. Poderíamos traduzir como "amigo íntimo" — aquele que ama de verdade. A diferença entre os dois usos da palavra está no *enfoque.* De um lado temos o eu... a diversão... a atividade. Do outro lado temos alma... âmago... profundidade. Na verdade, o segundo uso da palavra amigo é o único que essa palavra pode ter — a espécie de pessoa que põe o bem-estar do amigo acima do seu.

Princípio #2
Amigos são como rodovias; levam para algum lugar.

Fique por um momento à sombra de outra sequóia gigante. Eis outra verdade de três mil anos —, mas tão atual como o amanhecer do dia: "O homem honesto é cauteloso em suas amizades, mas o caminho dos ímpios os leva a perder-se" (Pv 12.26).

Contemple esse excepcional provérbio antigo por um momento. Pense a respeito disso. Como Deus faz com que seu povo cresça? Resposta: Deus usa um bom número de agentes de modificação, fertilizantes, incentivadores de crescimento para ajudar-nos a crescer. Ele usa a Palavra dele, o Espírito dele e as pessoas dele. E quem são as pessoas dele? *A igreja.* Os amigos cristãos! A igreja vista da maneira correta é, de fato, um círculo de amigos.

Nós fomos criados para viver em comunidade, em pluralidade. Deus, que é Trino, criou-nos a sua imagem. Nós, como ele que vive em pluralidade,

fomos criados para a comunhão. Adquirimos as características das pessoas que mais amamos por desígnio divino.

Você já viu isso em seus amigos, em seus filhos e em você mesmo. Nós pegamos o sotaque e as expressões um do outro. Rimos do mesmo tipo de piadas sem graça e, às vezes, ficamos com as mesmas músicas na cabeça. Começamos a agir e até a vestir um como o outro. Tudo faz parte de *pertencer,* de viver juntos em companhia, de ser aceito. E a indústria da moda aproveita-se disso todos os dias do ano. A tendência de *acompanhar* é tão forte que "a moda" tornou-se uma indústria. Seguimos a "moda", mesmo quando não gostamos dela, apenas porque é "atual" vestir-se de determinada maneira. E algumas pessoas enriquecem com essa nossa tendência, não é mesmo? Acho que grande parte disso acontece porque somos seres gregários.

Assim, em vista dessa propensão a amoldar-nos às pessoas, torna-se um fator importante em nossa vida, as pessoas com quem nós gostamos de estar. As pessoas com *quem* gastamos tempo têm uma influência incrível em *como* vivemos. A pessoa com *quem* viajamos tende a determinar *qual* será nosso destino.

As estradas levam a algum destino. Logo ali, passa uma rodovia federal. É a Rodovia U.S. 26 que sobe em direção ao monte Hood, que se ergue majestosamente na serra Cascade, a uns 350 quilômetros do meu escritório. Ora, eu já desci a velha rodovia 26 muitas vezes — nem sei quantas. Sei para onde vai a estrada. E quando vejo um carro passando por ela — mesmo através da pequena janela do escritório —, sei para onde ele vai. Apesar de eu não ser profeta nem filho de profeta. Digo-lhe para onde essas pessoas irão, a não ser que peguem uma saída ou um retorno.

E assim é a vida. Quando vejo pessoas descendo, em velocidade, uma determinada estrada

— tal como um homem ou uma mulher flertando com o adultério
— tal como um adolescente brincando com sexo pré-marital
— tal como um casal que se envolve em materialismo frenético
— tal como uma família que se esgota em busca de atividades recreativas contínuas
— tal como homens e mulheres que aos poucos "perdem interesse" em coisas espirituais — eu posso dizer-lhes onde acabarão, a não ser que façam o retorno e saiam dessa estrada. Eu já vi para onde levam essas estradas. Já vi a ruína, a dor, o vazio.

As estradas levam para algum lugar. Inevitavelmente, as rodovias levam a algum destino e ponto final. E o tipo errado de amigos também faz isso. Por

isso, se damos qualquer importância ao lugar em que queremos terminar na vida precisamos escolher os amigos com muito cuidado.

Não faça como Roboão, o rei fajuto de Israel e o Pinóquio do Antigo Testamento, cuja vida e reinado foram marcados para sempre pela tragédia auto-induzida. Por quê? Porque "rejeitou o conselho que as autoridades de Israel lhe tinham dado e consultou os jovens que haviam crescido com ele" (1Re 12.8).

Deixe-me repetir outro provérbio do tempo de Roboão. Seu pai, Salomão, escreveu-o, e Roboão deveria tê-lo lido. "Aquele que anda com os sábios será cada vez mais sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal" (Pv 13.20).

O companheiro dos tolos acabará mal. Essas palavras são frias e cortantes como o vento que desce das geleiras. Contudo, elas são verdadeiras. Se entendidas com sabedoria são como um frio que sobe e desce por sua espinha ou como um tapa que faz arder seu rosto. Isso é real. Isso é verdade. Essa é a própria palavra de Deus. É uma advertência clara do próprio Deus. Esse aviso apenas deveria arrepiar os cabelos da sua nuca.

Princípio #3
Devemos evitar certos tipos de pessoas — bem como certas estradas — em nosso rodar em busca de amigos.

Prontos para caminhar mais um pouco sob a copa das árvores e ver mais uma ou duas sequóias?

> Não se associe com quem vive de mau humor,
> nem ande em companhia de quem facilmente se ira;
> do contrário você acabará imitando essa conduta
> e cairá em armadilha mortal (Pv 22.24,25).

> O homem perverso provoca dissensão,
> e o que espalha boatos afasta bons amigos.
> O violento recruta o seu próximo
> e o leva por um caminho ruim (Pv 16.28,29).

Estes dois provérbios antigos têm uma sabedoria incomensurável e nos incentivam a evitar certos tipos de pessoas — pessoas raivosas, destemperadas, difamadoras e caluniadoras. As Escrituras indicam vários tipos de pessoas que devemos evitar no que se refere à escolha de amigos íntimos: pessoas perversas,

faladeiras, avarentas, espreitadeiras, desorientadas, sem valores ou sem intenções leais. A Bíblia diz de forma simples, proverbial: "Não encontre seus amigos entre pessoas _____. Você preenche o espaço em branco. Preencha com seriedade. Faça sua lista; não é tão difícil assim. Não encontre seus amigos entre as pessoas... materialistas, egocêntricas, que desrespeitam a autoridade, indisciplinadas, perdidas — nas mesmas palavras das Escrituras não escolha amigo que seja "imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão". Essas pessoas não têm lugar no Reino de Deus. Elas não têm lugar entre os amigos mais chegados dele. (Veja 1Co 5).

Um breve comentário para os pais

Minha esposa, Linda Weber, fornece um exemplo claro daquilo que estou falando em seu livro, *Mom, You're Incredible!* [*Mamãe, você é incrível!*]

> Evitar experiências negativas exige planejamento positivo.
> Lembro-me claramente de um tempo em que [nós] tínhamos que tomar medidas preventivas com nosso filho Blake. Quando ele tinha, mais ou menos, treze anos, um menino de seu time de futebol, Dan, realmente gostou de Blake, parecia até adorá-lo. Blake, por sua vez, sentiu-se atraído pelo Dan.
>
> O telefone tocava com regularidade, pois os dois colegas estavam sempre em contato. Os dois queriam estar juntos quando havia um evento ou jogo para assistir ou apenas vontade de sair e fazer alguma coisa. É ótimo ter amigos, não é?
>
> No entanto, do meu ponto de vista, Dan tinha um problema de atitude. Não respondia bem à autoridade, a qualquer autoridade — pais, professores, treinadores, até às sugestões de amigos. Às vezes, ele escondia informações de seus pais, e sua linguagem era entremeada de palavras profanas.
>
> Além disso, a família de Dan ficava pouco em casa. (Dá para perceber qualquer ligação entre os fatos?) Os pais trabalhavam longas horas, e, por isso, ele recebia pouca supervisão e quase não tinha limites em relação ao que podia fazer. Como resultado, ele era um problema pronto para estourar, e eu não queria Blake nem perto dele quando isso acontecesse.
>
> Para falar de maneira direta, eu estava desconfortável com o fato de Dan ser o melhor amigo de Blake, porque eu sabia que, especialmente na adolescência, a influência dos colegas é grande. Eu já notava uma nova atitude defensiva desenvolver-se em Blake. Ele justificava o Dan, que aos

seus olhos não fazia nada errado. E ele não ouvia nenhuma de nossas preocupações sobre as atitudes e os atos de Dan.

Por causa desse efeito negativo na personalidade e nas lealdades de Blake, nós decidimos que não havia escolha a não ser interferirmos no assunto. Alertamos Blake em relação às tendências que ele desenvolvia e dissemos que em lugar de ajudar a construir sua vida e seu caráter, Dan, na verdade, ajudava a demoli-los. Embora não proibíssemos que Blake visse Dan, pedimos que ele diminuísse aos poucos sua amizade com Dan e começasse a participar mais de atividades com outros colegas. (Se ele não atendesse ao nosso pedido para que se distanciasse de Dan, teríamos, por fim, proibido que ele tivesse contato com Dan. Mas acontece que ele atendeu nosso pedido).

Blake ouviu-nos, mas não estava muito receptivo ao nosso ponto de vista. Contudo, por causa do relacionamento sólido de respeito mútuo que, ao longo dos anos, construímos com ele, pouco a pouco ele começou a procurar nossos outros amigos para preencher seu tempo livre. Ele não gostou do nosso pedido, mas optou por honrar nosso desejo.

Nos anos que se seguiram, os dois meninos trilharam estradas diferentes. Infelizmente, Dan escolheu o caminho das drogas, do álcool e dos relacionamentos descartáveis. E hoje (anos mais tarde), quando Blake olha para trás, para aquela amizade, ele entende porque nós agimos dessa maneira. Há pouco tempo, algo o fez lembrar-se de Dan, e ele nos disse: "Obrigado, mãe e pai, por me orientarem quando eu não enxerguei os buracos na estrada".[1]

Princípio #4

Devemos *procurar certos tipos de pessoas, como também certas estradas, em nossa busca por amigos.*

Quando a questão é encontrar amigos, busque pessoas *sábias,* comprometidas, em desenvolvimento, honestas, maduras. Pois nas palavras das Escrituras: "A sabedoria o livrará [...] dos homens de palavras perversas, que abandonam as veredas retas para andarem por caminhos de trevas, [...] [que] andam por veredas tortuosas e no caminho se extraviam [...] que seduz [em] com suas palavras" (Pv 2.12-16).

Quando penso em escolher, não deixo de pensar em Noemi e Rute. Verifique o livro de Rute: um dos dois livros da Bíblia que têm nome de mulher.

Noemi casou-se com um homem. Ela o seguiu aonde ele foi. No fim, os tempos difíceis forçaram o casal a sair de Israel e ir para Moabe, um reino vizinho. Ali seus filhos cresceram e se casaram. Ambos casaram-se com moças moabitas; Rute e Orfa. Aparentemente, por causa de alguma doença congênita familiar, os três homens morreram em Moabe. Noemi, derrotada e amargurada, decidiu retornar a sua terra natal, Israel. Ao preparar sua viagem de volta a Israel, deixou as noras escolherem se ficariam em Moabe ou iriam com ela. Na verdade, incentivou-as a ficarem em Moabe com a família delas. Lógico, isso fazia sentido.

Contudo, Rute conheceu algo que ia além da lógica. Ela sabia que sua vida estava em uma encruzilhada, e que a estrada que escolhesse determinaria seu destino. Assim, ela tomou a decisão que mudou sua vida, e na providência de Deus que, desde essa época, já mudou incontáveis vidas. Rute escolheu Noemi em vez de seu povo porque identificou a amizade verdadeira com o tipo de vida prescrito pela fé de Noemi. Orfa optou em ficar com o que lhe era familiar... e com seus amigos idólatras.

O resultado disso? Rute acabou na linhagem real que levou ao nascimento de Davi e, por fim, ao do próprio Messias. Orfa simplesmente desapareceu. Sua vida passou em vôo rápido como a sombra de uma ave à luz solar. Veja o que dizem as Escrituras sobre a importante encruzilhada em que se encontravam as três mulheres:

> Elas, então, começaram a chorar alto de novo. Depois Orfa deu um beijo de despedida em sua sogra, mas Rute ficou com ela. Então Noemi a aconselhou: "Veja, sua concunhada está voltando para o seu povo e para o seu deus. Volte com ela!" Rute, porém, respondeu: "Não insistas comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus! Onde morreres morrerei, e ali serei sepultada. Que o SENHOR me castigue com todo o rigor, se outra coisa que não a morte me separar de ti!" (Rt 1.14-17).

Rute escolheu bem a amiga. Ao fazer isso, ela escolheu seu destino em Israel... e seu destino pessoal. Isso fez diferença em sua vida — *a* diferença —, e sua vida ainda impacta as pessoas hoje. Depois de três mil anos, ainda damos o nome dela a nossas filhas!

E a Orfa? Bem, quando foi a última vez que você ouviu falar de uma senhora ou menina com esse nome?

Estamos em nosso caminho... juntos

É um clichê — nossos amigos e nossa família nos afetam de uma maneira incrivelmente poderosa. Passe tempo com pessoas com quem você gostaria de se parecer — porque pessoas que gostam de passar tempo juntas geralmente se tornam parecidas uma com a outra.

Amigos são como rodovias. Levam-nos para algum lugar. Levam a pessoa a um destino. Moldam o destino da pessoa. E um amigo verdadeiro sempre pega a estrada alta. A verdadeira amizade, bem como o poderoso primo em primeiro grau dela, o verdadeiro amor nunca buscam o próprio benefício. A amizade nunca age de maneira inconveniente. A amizade nunca se alegra com a injustiça. Sempre se regozija com a verdade. Um amigo verdadeiro suporta todas as coisas, crê em todas as coisas, espera todas as coisas e agüenta todas as coisas. Mas a amizade nunca destrói nada. Sempre constrói. Nunca retira. Contribui na formação do caráter. Não o dilui.

Todos nós caminhamos... para algum lugar. E no íntimo de meu coração, eu sei aonde quero estar. Você sabe? Eu conheço os poucos bons homens que me ajudarão a chegar lá. Você conhece? Se não conhece, o melhor momento para se conectar é este momento.

Amigo, andemos de braços dados e sigamos rumo à terra alta.

Um homem enfrenta a si mesmo

1. Faça uma lista com os seus seis amigos mais íntimos. Depois indique ao lado do nome de cada um em que indicador vocês estão e se desfrutam de forma constante o relacionamento de vocês: #1: Aceitação; #2. Afirmação; #3: Avaliação; #4: Autoridade. Esses relacionamentos estão no estágio em que você quer que estejam? Sejamos realistas, a que estágio cada um deles poderia chegar?
2. "A amizade é uma estrada e *leva* para algum lugar". Há alguém que você esteja orientando como o "homem honesto" de Provérbios 12.26? Alguém está crescendo e amadurecendo por causa de sua influência na vida da pessoa? Você se lembra de alguém que possa aproveitar sua influência na vida dele? A influência de sua amizade?

De braços dados

1. A negligência sempre tem conseqüências. Você pensa a respeito da necessidade de manter relacionamentos? Você faz coisas intencionais para manter e edificar seus relacionamentos... ou você presume que os relacionamentos continuarão a sua espera?
2. Princípio 1: nem toda pessoa é o amigo que aparenta ser. Complete essa sentença com vários exemplos: Um amigo *não* é um amigo se...
3. Princípio 2: amigos são como rodovias que levam para algum lugar. Dizem que ao escolher seus amigos, você escolhe seu destino. Você concorda com isso? Por que sim ou por que não?
4. Princípio 3: há amizades que devemos evitar. Com quem nós andamos influencia como vivemos e como pensamos. Contudo, nem sempre podemos controlar com quem andamos no local de trabalho. Como você pode ser amistoso sem ser amigo? Como você pode influenciar sem ser influenciado?
5. Nós acabamos por refletir um ao outro. Às vezes, é a afinidade que, desde o início, nos atrai um ao outro. Às vezes, é o resultado de passar tempo juntos. Compartilhe um ou dois relacionamentos em que vocês "refletem um ao outro".
6. "Princípio 4: Devemos procurar certos tipos de pessoas para amigos. Você procura amigos ou espera que eles o procurem? Como você pode agir de maneira positiva para fazer um novo amigo?

Notas

[1] Linda Weber, *Mom, You're Incredible!* (Colorado Springs: Focus on the Family Publishing, 1994), 51-53.

CAPÍTULO 14

Pegadas grandes

Deixe uma trilha que os amigos possam seguir



Uma vez que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos é proposta.

Hebreus 12.1 (A Bíblia Viva)

Foi no início de uma noite revigorante e fria. A silhueta dos pinheiros altos como torres postava-se escura contra o céu rosado de neve. Grandes flocos silenciosos rodopiavam na luz dos faróis quando o velho Pontiac fez a volta na curva e parou com um tranco e uma derrapada no cascalho coberto de neve. O motorista saiu, deixando o motor ligado e a porta escancarada. Ele vira um movimento entre aquelas árvores — bem no topo da cadeia de pinheiros. Seria uma marta? A perna de um veado em retirada? Um coiote em busca de alimento? Ou apenas um coelho? O motorista tinha que ver.

Com um grito rápido, ele saltou a valeta do lado da estrada, subiu em direção à clareira e logo desapareceu acima da cadeia de árvores. Atrás dele, um menino, com os sapatos desamarrados e o casaco aberto, saiu do velho carro e abanava as mãos enquanto corria, tentando seguir o homem.

"Pai! *Espera aí!*"

Mas o pai estava bem à frente e logo o som de sua respiração ofegante e o ruído da neve debaixo dos pés dele se tornou fraca e desapareceu.

"Pai!", o menino gritou de novo. "ESPERE! Por favor! Não consigo ver onde você está! *Não consigo acompanhar você!*"

Mas a atenção do pai não estava no filho que o seguia. Estava na caça à frente... o rápido vislumbre do que poderia ser uma caça. O homem, excitado com o que vira apenas com o canto do olho, deixou um rastro desigual na neve

macia quando passava por lugares em que a neve afundava mais e quando se desviava dos galhos escuros e pesados dos pinheiros.

O menino ficou para trás, a luz fraca do entardecer deixava-lhe poucas pistas de que caminho seguir. Havia apenas as pegadas apressadas, confusas deixadas pelo pai, distantes demais uma da outra para que o menino pusesse os pés em uma e depois na seguinte.

Será que o pai voltaria para buscá-lo? Até onde ele podia ir sem perder o rumo? Havia pegadas, mas não para um menino seguir. A única coisa pior seria...

Não haver nenhuma pegada

Há pouco tempo, em um dia como tantos outros, percorri sem prestar muita atenção o trecho que vai da caixa de correspondência até à entrada de carro de nossa casa. Um envelope destacou-se entre o punhado de malas-diretas e contas que tinha na mão. Era uma carta pessoal, cuidadosamente datilografada. Quando a li, essa carta comoveu-me de uma maneira como nada me comovia há muito tempo.

A carta era de um oficial da Marinha. Ele estivera no mar durante vários meses e acabara de ler meu livro anterior, *Tender Warrior* [*Guerreiro gentil*].

> Por que o livro *Guerreiro Gentil* me tocou tanto? Porque eu entendo a vida sem um pai.
>
> Quando eu tinha nove anos, meu pai abandonou minha mãe e os quatro filhos. Eu o amava mais que qualquer coisa no mundo. Eu queria estar com ele... ele era tão forte... tão afetuoso... e, então... ele desapareceu.
>
> Ele dirigia trator para o município. Todos os dias, às 17:00 horas, eu o encontrava no ponto em que ele virava para ir a nossa casa, a pouco mais de um quilômetro de casa, e ia no trator com ele até nossa casa. Eu o admirava tanto por dirigir aquela máquina enorme.
>
> Um dia, fui para o lugar de sempre e esperei... e esperei... mas nada de meu pai aparecer. No dia seguinte, eu fui lá de novo... e nada de meu pai. Fui lá durante quatro dias... e nada de meu pai. Nos doze anos seguintes, eu vi meu pai apenas por cinco minutos ao todo.
>
> Sabe, as pessoas dizem que o divórcio e o abandono não incomodam as crianças. Que as crianças "são fortes e se recuperam com facilidade". É mentira! Três meses depois da partida de meu pai, eu tive um pesadelo.

Minha mãe estava naquele trator, e ela me deixava para trás. Não importava quanto eu chorava, ou corria, ou gritava, ela se distanciava mais, e mais.

Dói sim quando um dos pais — especialmente, o pai — vai embora sem dar explicações ou pedir desculpas. Mesmo hoje, esse filho de 36 anos ainda chora porque está esperando à beira da estrada... e o pai não aparece.

Onde o pai dele foi? POR QUE o pai dele se foi? O que aconteceu na alma daquele homem? Essa história parte meu coração. E isso é tão comum em uma sociedade em que os homens não sabem o que é ser um homem de verdade, em que os homens não possuem a força e a convicção para ficar.

Nunca saberemos o que acontecia no coração daquele pai quando abandonou sua família. Mas eu imagino o que *não* acontecia em seu coração. Adivinho que o homem não tinha amigos íntimos — ninguém com quem pudesse abrir a alma, com quem pudesse desabafar. Ele não tinha nenhum companheiro de luta para ajudá-lo a carregar o fardo que lhe pesava no peito. Nenhum companheiro Ranger. Nenhuma grade de proteção, como a avaliação, para manter seu velho trator na estrada alta.

Aposto que ninguém naquela oficina municipal tinha noção de que o homem estava a ponto de arrebentar. Não havia ninguém para lhe jogar uma corda quando ele precisou de uma. Eu adivinho que aquele homem nunca soube o que era andar de braços dados com um amigo adulto que se importasse com ele, que cuidasse dele.

Como resultado disso, aquele pai no trator deixou o filho que o adorava... em pé ao lado da estrada... sem pegadas para seguir. E até agora, depois de todos esses anos, o oficial da Marinha, já adulto —, em um navio no meio do oceano — ainda sente a desolação do garotinho desnorteado. O menino que ficou para trás.

Homens de verdade deixam pegadas inconfundíveis — pegadas grandes, firmes — que os outros podem seguir.

Que tipo de pegadas você deixa?

Aqueles que vêm depois de você, tanto filhos como amigos, seguem o mesmo caminho que você seguiu? Eles conseguirão vê-lo? Você quer que eles sigam o seu caminho?

As pegadas que você deixa são o seu legado, a herança de seus filhos e o tesouro de seus amigos. Você é um homem. Você influencia as pessoas. Quer você seja casado, quer solteiro, quer seja pai, quer não, você deixa pegadas todos os dias. Pegadas de uma espécie ou de outra. E isso fará diferença. Você

está disposto a "andar nos caminhos dos homens de bem e a manter-se nas veredas dos justos" (Pv 2.20)? Ou você se unirá àqueles homens, como o do trator, que "que abandonam as veredas retas para andarem por caminhos de trevas, [...] veredas tortuosas" (Pv 2.13-15)?

Um amigo disse-me que nunca se sentiu muito íntimo de seu pai. O pai era um militar de carreira, policial militar, e, infelizmente, alcoólatra. Durante a infância e a adolescência, ele sempre pensava por que seu pai não conseguia ligar-se a ele e aos seus irmãos. Anos mais tarde, meu amigo, já adulto, perguntou ao pai sobre seu avô, a respeito de quem ele nunca ouvira falar muito.

Seu pai disse-lhe que a última lembrança que tinha do pai era de um dia de verão em sua infância. Uma nuvem de poeira ao longo da estrada de terra que ia até sua casa alertou sua mãe. Ele lembrava-se dela gritar em direção do local em que o pai trabalhava: "Corre, corre, lá vem o fiscal [que procurava fabricantes clandestinos de bebida]!".

Ele viu seu pai largar o que fazia, atravessar correndo o campo e pular no riozinho, assim poderia escapar sem ser visto. Foi a última vez que ele viu o pai ou ouviu falar dele. *Não é de admirar* que ele não soubesse como um pai se relaciona com os filhos.

INSTANTÂNEOS

MEUS AMIGOS CONTAM SUAS HISTÓRIAS

Quando conheci Dave, admirei seu modo humilde, porém, confiante. À medida que o conheci melhor cresceu minha admiração por ele como profissional, editor de um jornal. Dave diz que sentiu o mesmo a meu respeito. Depois de pouco tempo, nós almoçávamos juntos uma vez por mês, trabalhávamos juntos em projetos, pedíamos opinião um ao outro sobre várias coisas, discutíamos sobre nossas famílias e iniciamos um grupo de homens semanal. Atualmente, nosso relacionamento chegou ao ponto em que, com regularidade, pressionamos-nos um ao outro em relação a partes específicas de nossas vidas e, de várias maneiras, avaliamos um ao outro.

Dave e eu não temos medo de dizer: "Eu estou preocupado em relação _____ em sua vida". Perguntamos-nos a respeito de nossos casamentos, nossas famílias, nossos trabalhos, nossas prioridades e nosso tempo. Mas também fazemos coisas um pelo outro. Na semana passada Dave e eu tínhamos planejado almoçar juntos em uma pizzaria local. Naquela manhã, comprei um livro que eu acabara de ler e achei que seria útil para Dave nessa fase de sua vida. Escrevi uma dedicatória na

aba interior que expressava o que eu apreciava em Dave e o quanto sua amizade significava para mim.

Cheguei ao restaurante uns vinte minutos antes da hora marcada e paguei pelo almoço dele adiantado. Quando Dave chegou, ele quis saber o que estava acontecendo. Pedi que ele confiasse em mim e se sentasse. Eu disse-lhe apenas: "Você é um amigo especial e não quero nunca aceitar isso como uma coisa sem importância. Obrigado por ser meu amigo". É claro que Dave ficou emocionado. Ele não é de falar muito. Mas nossa amizade deu mais um passo na direção certa... criou raiz.

Homens diferentes deixam pegadas diferentes. Alguns pisam tão leve — como os elfos de Tolkein — que só deixam impressões leves ou nenhuma. Outros andam tão sem rumo que não deixam nenhum caminho definido para que se possa seguir. Outros andam com passadas tão pesadas que esmagam tudo ao seu redor. Eles deixam um rastro aleatório de destruição por onde passam, como se fossem uma máquina de terraplenagem sem ninguém na direção e com o câmbio travado.

Que tipo de pegadas você está deixando? Que tipo de herança? Que espécies de tesouros?

A herança ainda é importante?

Davi escreveu no Salmo 16: "Tenho uma bela herança!". Você acha que tem uma bela herança? Com certeza, eu acho que tenho.

Sempre que posso, eu visito um velho cemitério em uma cidade pequena das montanhas, no centro do estado de Washington (não longe do local em que se passa o popular seriado de televisão "Northern Exposure"). A pequena comunidade de mineração de carvão já tivera dias gloriosos. Quando os trens ferroviários substituíram as máquinas a vapor com motores a diesel, os mineiros deixaram para trás os campos de carvão. Tanto meu pai como o pai dele trabalharam naquelas minas, e ainda acho linda minha herança daqueles morros. De fato, na parede do escritório de casa há uma lembrança, bordada em ponto cruz, emoldurada em que se lê: "Meu caminho sobe e desce, mas meu coração permanece em minha pequena cidade" – Cle Elum, Washington.

Pode-se dizer que meu caminho *subiu* e *desceu* um pouco. Da faculdade no centro-oeste ao serviço militar na Alemanha, ao caos do Sudeste Asiático e de volta ao estado na região do Pacífico estado-unidense. Mas aquela cidadezinha, no meio daquelas belas montanhas, reúne lembranças insubstituíveis. Lembro-me com prazer da avó trabalhadeira suando na cozinha, e de um igualmente

laborioso avô trabalhador das minas de carvão que levava balas nos bolsos (e que amava sua Pepsi-Cola). Lembro-me de pais que achavam que a melhor forma de entretenimento para a família era passear de carro com os filhos pela mata no início das noites de inverno.

A herança faz diferença. As pessoas precisam de pegadas claras e firmes para seguir. Isso é uma designação divina. Estamos ligados a pessoas que já atravessaram esse longo caminho antes de nós. Estamos ligados aos que trilham o caminho depois de nós. Não faz tanto tempo assim que o próprio Deus deixou pegadas no pó de nosso pequeno mundo... pegadas infinitamente mais indeléveis que as deixadas pelos astronautas da Apolo na lua sem atmosfera.

A memória é o grande encorajador de ligação do espírito e da vida. Passar em revista o passado é uma prática sagrada. Põe o presente na direção certa. Dá noção de perspectiva.

Você entende que andar de braços dados é mais do que andar com amigos contemporâneos. Em um sentido maior e mais definitivo é andar de braços dados com *gerações.* É agarrar o legado que está diante de mim e assegurar-me de passá-lo para os que vêm depois de mim.

Lembra-se quando as pessoas tinham orgulho em passar para a geração posterior os objetos familiares especiais? Eu me lembro. A velha Bíblia de meu avô Weber descansa em um lugar de honra em meu escritório. Eu ainda celebro casamentos com o "Novo Testamento especial" de minha avó. O velho móvel de gavetas da sala de jantar de minha avó tem seu lugar de glória em nossa sala. Até sua velha mesa de cozinha de pernas cromadas — modelo do início da década de 1950 — é a mesa em que tomamos café da manhã todos os dias. Alguns a achariam uma monstruosidade. Obviamente, eu não acho. É verdade que, às vezes, Lindy suspira quando olha para ela, mas ela também entende e aprecia o sentimento ligado a ela. Ela é complacente comigo.

Hoje, vende-se muitas coisas antigas apenas para se ganhar algum dinheiro. Como um escritor lamenta:

> A maioria dos herdeiros quer apenas o dinheiro, não as peças de herança de família, os tesouros ou as Bíblias. O passado nada significa para eles, nem o futuro. Por mais que sejam instruídos, eles são bárbaros. O bárbaro moderno forma-se na universidade, é cientista, é artista, é uma pessoa eminente e rica, mas ele não tem qualquer respeito pelo passado, nem por suas raízes, nem qualquer preocupação com o futuro. Se recebe uma herança vende-a a fim de transformá-la em dinheiro vivo. Pessoas sem raízes vivem vidas sem raízes.[1]

A herança é uma coisa inestimável. A herança é um tesouro. As pegadas claras deixadas atrás de nós são o caminho para o amanhã. Por isso, nosso Senhor deu tantos sinais, símbolos e memoriais sagrados ao seu povo, dizendo: "Lembrem-se de como o SENHOR, o seu Deus, os conduziu [...].Tenham o cuidado de não se esquecer [...]" (Dt 8). Lembrar o passado ajuda-nos a olhar adiante e viver bem a fim de deixar uma boa herança para os que vêm depois de nós. Por isso, entre outras coisas, ele deixou-nos o arco-íris e a mesa da comunhão. São pegadas inconfundíveis.

Você também será lembrado. A pergunta é...

Como você será lembrado?

Voltemos àquela varanda do primeiro capítulo. Quem senta-se na varanda depois que você sai? A família e os amigos. Sobre o que eles conversam? Como eles se lembram de você? Que herança você deixou para trás? Que espécie de pegadas seguem para além do horizonte?

Há poucas semanas, alguns amigos e eu sentamos-nos lá fora ao fim de um dia delicioso de verão. O sol acabara de se pôr atrás dos morros. Um coro de cigarras cantava nos campos, e, ali perto, a água corrente de um ribeirinho acrescentava sua música de fundo. Essa hora do dia é gostosa. A melhor. Uma dessas horinhas maravilhosamente brandas, silenciosas, de reflexão que são tão infreqüentes na correria da vida... aquele tipo de momento que pede apenas algumas recordações.

E juntos, naquele interlúdio calmo, nossos pensamentos foram para nosso amigo Owen.

Conversamos sobre a vida, o caráter e as habilidades dele. Falamos de sua maturidade e de seu coração de servo. Observamos o quanto a vida dele tocou as nossas.

Durante anos, nós três — eu, John e Owen — e nossas famílias acampáramos e caçáramos juntos lá na mata de Eagle Cap, ao nordeste do Oregon. Para mim, essa era a terra da fantasia que se tornara real — terra alta cheia de lagoas alpinas, riozinhos claros como cristal que jorravam direto do granito, árvores sempre-vivas de agulhas curtas, álamos tremulantes e abundante vida animal. Era um lugar magnífico (ainda é).

Ninguém pensava em perder o acampamento familiar de julho. Nos primeiros anos, até as crianças queriam ir nas caminhadas. Observávamos os alces e os veados pastando nos morros. Na campina, as crianças, montadas nos cavalos, brincavam de pega-pega. Sacos de lixo transformavam-se em trenós para descer os montes de neve maiores que permaneciam nas sombras e nos lugares abrigados

que ficavam mais no alto. Era uma semana de verão celestial, cheia de divertimento, fogueiras e amigos.

E nem bem acabava a semana, os três homens começavam a planejar a caçada de veado do outono. Nós a chamávamos de caçada de veados anual da Páscoa — para ser celebrada "por todas as gerações". E não deixaríamos mesmo aquela próxima geração para trás. Carregávamos nossos filhos junto mesmo antes que tivessem idade suficiente para carregar os rifles. Afinal, o importante da coisa era realmente o companheirismo, não a caça.

Aquela manhã inesquecível

Eram 4:30 horas quando saímos dos sacos de dormir — a primeira manhã daquela temporada de caça. Estava frio! As estrelas luziam brancas na abóbada preta. Uma geada pesada dobrava o capim do campo. Aquecemos nossas mãos em torno das canecas de café ou chocolate e descongelamos o corpo em volta da fogueira do acampamento. Um último gole de bebida quente e era hora de sair.

Andamos dois ou três quilômetros de carro, reunimo-nos ao pé de uma fileira de árvores, verificamos nossos rifles e começamos a subir por uma antiga estrada de transporte de toras, já coberta de mato. No alto, reunimos-nos como jogadores de futebol, escolhemos nossas rotas e posições para a manhã, desejamos sorte uns aos outros em sussurros gélidos e nos separamos.

John e seu filho Nate foram para o sul. Owen e o pequeno Todd para o norte. Meus meninos, meu irmão e eu caminhamos quietos uns duzentos metros para o leste. Acomodamo-nos acima de uma área escura cheia de sálvia e junípero e vimos, ao leste, o primeiro raio de luz no céu.

De repente, quatro ou cinco tiros em rápida sucessão cortaram o silêncio da aurora. O que era isso, havia outras pessoas na área? Algum caçador inexperiente ficou muito excitado com o que viu ou ouviu na luz cheia de sombras? Algum "calouro" vira um animal e atirara em pânico?

Então, ouvi — muito leve —alguém gritar. Estranho. Por um segundo, eu fiquei sem ação.

De repente, entendi. Os tiros eram um sinal — um chamado desesperado por socorro.

Abaixei minha arma e comecei a correr em direção ao som, dizendo a meu irmão que ficasse com os meninos. Subi o alto morro em direção ao oeste e vi a silhueta de John no alto, correndo a toda na mesma direção que eu.

O medo apertou meu coração, revolveu o meu interior. Os tiros e os gritos eram de Todd. Havia algum problema. *Chegue onde ele está, Stu. Mova-se! Corra!*

Parecia uma eternidade o tempo para vencer a distância de chão congelado entre nós. Parecia um pesadelo — correr e correr naquela impressionante meia-luz e não chegar a parte alguma.

John chegou meio-minuto antes de mim. Quando alcancei o topo, eu vi Owen deitado, e John se mexia em cima dele, administrando RCP em desespero.

Era tarde demais.

Owen já tinha partido. Ele teve um infarto fulminante. O estertor em seu peito e os olhos dilatados eram confirmações suficientes.

Owen já estava além do sol nascente que agora brilhava na crista dos morros próximos. Ele estava com o seu Senhor. Ele estava em casa. Mas seus amigos e seu filho não estavam em casa. Estávamos em um deserto... de dor e de comoção.

Naquela manhã, nenhum de nós notou o despontar do sol. Estávamos atordoados. Tontos. Chocados. Doentes. Como se acontecesse em outro mundo, pusemos nosso amigo em nossos braços, carregamos seu corpo sem vida até o carro e dirigimos-nos ao posto da guarda florestal, a quilômetros dali, para registrar a ocorrência.

Os dias seguintes foram cheios de reflexão. *O que é importante na vida? O que é realmente importante?* Choramos com a família. Planejamos e fizemos a cerimônia funeral. A igreja estava cheia. Centenas de pessoas assistiram, até muitas pessoas que nunca haviam estado em uma igreja e que nunca pensaram em entrar. Contudo, a vida de Owen os atraiu até lá. Parecia que todos nós, família e amigos, precisávamos de um homem como Owen em nossa vida. Ele deixara impressões muito fortes em muitos de nós.

Ele deixou pegadas.

Owen foi meu amigo, por profissão era um construtor de moinhos, por vocação era um impactante de vidas. Nossas famílias compartilharam a vida. Embora estivesse em boa condição física, ele sabia que tinha um problema genético — e medicinalmente incontrolável — de colesterol alto que poderia limitar seu tempo de vida. Ele sabia que sua herança e seu legado não esperariam; tinha que deixar pegadas cheias de propósito e objetivas.

Pegadas claras

Conhecido simplesmente como "O" pela maioria de seus amigos, ele era o tipo de homem que todos desejamos ser — simpático, compassivo, hábil e sábio. O compromisso com Jesus Cristo era o centro de sua vida. Sua lealdade à esposa, Linda, foi um modelo para os outros. Sua dedicação aos filhos, Todd, Sheila e John, era inigualável. Seu cuidado com os pais idosos era extraordinário. E admirávamos sua sensibilidade com os vizinhos e amigos, sacudíamos a cabeça

em aprovação. Owen abria mão de um dia de trabalho honesto e de muito mais em favor dos outros. E as pessoas procuravam e admiravam suas habilidades.

Owen Raynor era um cristão. E todos nós sabíamos disso sem que ele precisasse contar, embora "O" sempre gostasse de falar sobre Cristo para os outros. Ele não era apenas um cristão "domingueiro"; ele vivia fielmente cada dia.

Tinha suas falhas, mas ninguém se concentrava nelas, pois elas eram imperceptíveis em meio a tudo de bom que ele tinha. Era um deleite estar ao lado desse homem, ele era um campeão, ele era amigo.

Acho que a qualidade que mais apreciava em Owen era sua capacidade de estender-se aos outros e de, sem restrições, incluí-los entre seus amigos. Com certeza, ele satisfez uma necessidade especial em minha vida. Permitiu-me ser seu amigo sem que eu fosse um "pastor" a cada segundo. Ele conhecia-me bem, entendia minhas deficiências e aceitava-me assim mesmo.

O caminho reto e verdadeiro

Owen era um homem de convicção bíblica. Owen sofria as mesmas tentações que nós, mas não transigia. Ele acreditava plenamente na Palavra de Deus. Deus era o Governador de sua vida. O que Deus dizia, Owen fazia. Como resultado disso, seu comportamento era coerente e justo. Ele dizia "não" quando sua fé assim exigia. E nós, por causa do exemplo dele, também sentíamos-nos estimulados a viver bem. Ele era um amigo com quem andávamos de braços dados.

Owen também era um homem da igreja, no melhor sentido dessa grandiosa expressão. Era presbítero em sua pequena comunidade cristã local. Ele estava sempre à disposição. Era sempre fiel. Ele nunca tentava ou gostava de estar em foco, de ser o centro das atenções. Ele ficava nos bastidores e ao lado das multidões — nunca no centro. Ele não se via como líder, ou porta-voz, ou qualquer tipo de pessoa "da linha de frente". Esse pensamento o assustava. Mas ele sempre fazia o que tinha de ser feito. E se isso significasse falar diante de um grupo, ele engolia em seco e falava. Ele imaginava que era isso que o Senhor queria que fizesse.

Muitos homens sentam e cultivam seus passatempos. Owen não era dessa raça, embora tivesse paixão por carros velozes, motos e aviões. Na juventude, ele construiu um bugue para dunas com apenas uma carcaça, duas rodas e um enorme motor — nada mais. Quando um policial parou-o e perguntou por que não tinha pára-brisa, Owen fez cara de sério e explicou que não precisava de um. Ele usava óculos.

Uma vez na escola, ele ligou uma bobina elétrica e uma bateria aos armários metálicos para se deliciar com o choque e os gritos dos colegas quando abriam o cadeado do armário. As autoridades da escola, ultrapassando até as expectativas de Owen, logo evacuaram o prédio inteiro com medo que houvesse problemas elétricos sérios. Enquanto os estudantes saíam em fila, Owen voltou sorrateiramente e desligou a bateria, depois se uniu aos amigos para aproveitar o tempo livre. Aquela bobina foi para o acampamento de verão com ele e saudou mais de um conselheiro quando estendia a mão para alcançar a maçaneta de sua cabana.

Owen se divertiu muito em vida. Ele sabia muito bem o que era diversão pura, do tipo que não comprometia as convicções dele. Ele andava em um caminho reto, mas cheio de riso.

Provavelmente, seus maiores esforços concentraram-se em garantir que seus três filhos — dois meninos e uma menina — conhecessem e amassem Jesus Cristo. "O" esperava com fervor que, independentemente de quanto tempo vivesse, pudesse formar o espírito e o caráter de seus filhos antes de ser chamado ao seu lar eterno. E ele teve êxito. Ele foi a âncora entre as gerações — cuidava dos pais idosos e, ao mesmo tempo, marcava o caminho à frente para seus filhos.

O caminho que atrai os outros

À sua esposa, viúva há pouco tempo, coube a tarefa de escolher as palavras da lápide de Owen. Durante aqueles dias que se seguiram ao funeral, ela e eu conversávamos sobre as palavras que resumiriam a vida dele, palavras escritas em granito para descrever uma vida igualmente sólida como rocha.

Como poderíamos resumir sua vida? Como poderia uma vida como essa ser reduzida a poucas palavras em uma pedra? Apenas ontem, uma manhã de ventos outonais, estive de novo diante daquela pedra. E mais uma vez, balancei a cabeça em admiração e concordância ao constatar como três palavras captaram os 45 anos de vida de um homem...

Owen Rex Raynor
Bondoso, Fiel, Forte

Essas palavras lembram-me do Salmo 112 que diz que todo homem que — como meu amigo Owen ou como, antes dele, o grande rei Davi — serviu "ao propósito de Deus em sua geração, adormeceu, foi sepultado com os seus antepassados" (At 13.36).

Continue comigo por um momento neste grande e alegre cântico, quando chegamos ao fim dessa pequena jornada conjunta...

Como é feliz o homem que teme o Senhor
e tem grande prazer em seus mandamentos!
Seus descendentes serão poderosos na terra,
serão uma geração abençoada, de homens íntegros. [...]
A luz raia nas trevas para o íntegro,
para quem é misericordioso, compassivo e justo.
Feliz é o homem que empresta com generosidade
e que com honestidade conduz os seus negócios.
O justo jamais será abalado;
para sempre se lembrarão dele.
Não temerá más notícias;
seu coração está firme, confiante no Senhor.
O seu coração está seguro e nada temerá.
No final, verá a derrota dos seus adversários (Sl 112.1,2,4-8).

Owen triunfou. Naquela manhã de sábado inesquecível, à primeira luz do dia, no alto de um morro, na presença de seu filho e de seus amigos, Owen foi levado no mesmo instante à presença de Cristo. Sua vida terminou. O impacto que ele causou, não. Owen deixou um legado precioso para a família e para os amigos — pegadas visíveis, coerentes e agradáveis de seguir. "Embora esteja morto, por meio da fé ainda fala" (Hb 11.4).

E você ?

Que tipo de herança você está deixando? Para onde levam suas pegadas? Como você será lembrado?

Quais as três palavras que sua família usaria para resumir sua vida?

O que é realmente importante para você? Essa pergunta pegou-me de surpresa em um morro lamacento do Vietnã. No fim, a resposta a essa pergunta determina nosso epitáfio e nosso legado.

Que espécie de caminho você deixa? Muito difícil? Muito fácil? Muito irregular? Muito tortuoso? Você está deixando pegadas que seus filhos e amigos — para não mencionar sua esposa — seguirão com facilidade nessa cultura cheia de perigos e de fios soltos?

Chega um tempo na vida de todo homem em que a luz se esvai, o caminho fica obscuro, a esperança diminui, e os ventos sopram frio. Felizes dos homens, e dos meninos, que, quando esses dias de escuridão chegam, encontram pegadas seguras e firmes para seguir ao longo do caminho de Casa.

Andemos de braços dados em busca desse horizonte.

Um homem se enfrenta

1. Se você morresse hoje, como seus amigos se lembrariam de você? E sua família? Como você gostaria de ser lembrado? O que isso exige de você? Quando você começará a fazer isso?
2. O homem, da história do início deste capítulo, estava tão concentrado em sua busca que deixou para trás o garotinho, que tentava alcançá-lo sem saber que caminho seguir. De alguma maneira, isso acontece com você? Você já ficou tão "focado" que deixou seus filhos para trás à procura das suas pegadas... e, talvez, sentindo-se meio perdidos?

De braços dados

1. O que significa deixar "pegadas claras e firmes"?
2. Surpreendeu-o esta declaração do oficial da Marinha: "Mesmo hoje, esse filho de 36 anos ainda chora porque está esperando à beira da estrada... e o pai não aparece"? Por quê?
3. Que espécie de pegadas seu pai deixou? E seu avô? Qual foi o impacto dessas pegadas em você?
4. Que tipo de pegadas você está deixando? Elas impactarão?
5. No fim, o que será mais importante a respeito de sua vida?
6. Se sua família tivesse que resumir sua vida em apenas três palavras, que palavras você *gostaria* que usassem?

Notas

[1] Rousas John Rushdoony, "Inheritance, Barbarism, and Dominion", *Chalcedon Report* 16-17.

Lembrando dois capítulos de *Guerreiro gentil*

Homens de verdade permanecem lado a lado



"Sua amizade era, para mim, mais preciosa que o amor das mulheres!". Que palavras são essas? Palavras pervertidas? Torcidas? As palavras de algum desviado sexual patético? Não. Um veterano experimentado em guerras escreveu essas palavras depois que seu melhor amigo morreu em batalha. Um guerreiro escreveu essas palavras com a aflição lancinante que apenas um soldado que perdeu um companheiro de luta poderia entender.

Palavras torcidas? Não. São palavras diretas e verdadeiras — flechada veloz e pura do coração da Bíblia. Davi escreveu essas palavras depois da morte de seu amigo Jônatas nas encostas cheias de sangue do monte Gilboa. O que o filho de Jessé expressou sem acanhamento nesse lamento foi algo que, durante gerações imemoráveis, queimou fundo na alma de todo homem de uma maneira ou outra.

O desejo de ser amigo de um homem. O desejo por uma amizade sem interferências. O anseio por uma amizade tão real, tão forte que compartilha tudo sobre si mesmo e faz promessas profundas e poderosas.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um amigo.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um irmão com quem andar de braços dados.

Lá no fundo, no cerne, todo homem precisa de um companheiro de alma.

Homens precisam de amigos que sejam homens

Sim, sem dúvida, nossa esposa é nossa companheira mais íntima. Temos que estar prontos para, sem titubear, morrer por nossas esposas e por nossos filhos, e muitos de nós estamos prontos para fazer isso. Mas em meio à disposição de morrer pela família, algo em nós anseia por alguém *com* quem morrer... alguém *ao lado de quem* morrer... alguém com quem acertar o passo. Outro homem com um coração igual ao nosso.

Foi isso que Davi disse sobre o príncipe Jônatas. Todo guerreiro precisa de um companheiro. Todo piloto de avião de combate precisa do companheiro da asa. Davi expressou algo que até o Exército, com toda sua inaptidão relacional, compreende. Quando você faz algo que estica o próprio tecido da alma, como passar pelas nove semanas da escola de Ranger, no Forte Benning, Geórgia, você precisa de um companheiro. Um "companheiro Ranger". Essas duas palavras significam muita coisa para mim. Foi meu companheiro Ranger, Lou Francis, que se agarrou em meu braço, e eu no dele, durante 63 dias de incrível trauma físico e mental. Juntos, nós atravessamos a experiência mais dura que qualquer um dos dois já enfrentara até aquele ponto de nossa vida.

Algumas podem discordar, mas eu não conheço nenhum regime de treinamento mais intenso no Exército dos Estados Unidos. Esses homens sabem esticar tendão por tendão — tendão físico e tendão emocional — dos jovens.

Lembro-me bem da última etapa, a mais intensa de nosso treinamento, chamada "Guerra Não-Convencional." No auge do inverno, estávamos nos pântanos do oeste da Flórida. Eu jamais imaginara que a Flórida pudesse ser tão fria. Estávamos no final de uma patrulha de vários dias, e quase no fim de nós mesmos. Na maioria daqueles dias, quase não dormíramos e estávamos quase sem comida. Nossa missão específica exigia que prosseguíssemos até um conjunto específico de coordenadas anotadas no canto de nosso mapa. Infelizmente, essas coordenadas estavam do outro lado do rio Yellow.

Durante um tempo que pareceu um século, cambaleamos com água do pântano de ciprestes até os joelhos que de tão fria dava dormência. A temperatura estava abaixo de zero, e nossos corpos estavam no limite do suportável. Os tocos de ciprestes, invisíveis sob as águas negras, atacavam nossas canelas e joelhos. E, em algum lugar, ainda tínhamos o rio pela frente.

Quando finalmente chegamos ao rio, ele era praticamente indistinguível da água pela qual andáramos. Sabíamos que era o rio apenas pela correnteza rápida e pela ausência de árvores em seu leito.

Nosso alvo era um trecho de terra mais alta do outro lado. Sabíamos que não podíamos molhar a roupa, ou o frio acabaria conosco. Por isso, despimos-nos e ficamos apenas de cuecas e, conforme fôramos treinados, fizemos uma

bóia com os dois ponchos e protegemos nossos rifles e mochilas. Ao entrar na água gelada, surpreendemos-nos com a força da corrente. Embora soubéssemos nadar mais ou menos bem, fomos arrastados para longe. Foi amedrontador. Buscamos em nosso íntimo uma reserva extra de força e começamos a bater pernas e braços com a força que nos restava. O esforço foi recompensado à medida que nos movemos devagar em direção ao barranco lamacento, o qual, por fim, alcançamos.

Saímos da água de gatinhas, azuis de frio, cheios de matinho da água e de limo. Estávamos tão felizes por estarmos vivos. Lembro-me que, exultantes por termos alcançado o alvo, olhamos um nos olhos do outro e, com naturalidade, nos abraçamos. Por um momento, ficamos ali no barranco gélido do Rio Yellow, dois moços pingando água, tremendo de frio, usando cueca, rindo e chorando e segurando um ao outro como se não fôssemos nos largar mais.

Imagino que mesmo que vivamos até os cem anos nenhum de nós esquecerá a camaradagem daquele momento.

Nós conseguíramos. Estávamos vivos. Os dois.

Todo homem, quer admita quer não, precisa de um companheiro Ranger. Todo homem precisa de alguém com quem possa enfrentar a adversidade e a morte. Emerson escreveu: "Nós cuidamos de nossa saúde. Guardamos dinheiro. Vedamos o telhado de casa. Providenciamos roupa suficiente para nosso uso. Mas quem provê com sabedoria providencia para que não lhe falte o maior bem de todos – amigos fortes e verdadeiros".

Por que homens não têm amigos homens

Um professor da Universidade Metodista do Sul depois de estudar o assunto durante dez anos concluiu:

> Dizer que homens não têm amigos íntimos parece duro demais e logo levanta objeções da maioria dos homens. Mas os dados indicam que isso não está longe da verdade. Mesmo as amizades mais íntimas (que são poucas) raramente se aproximam do grau de profundidade de revelação que uma mulher comumente tem com outras mulheres... os homens, que nem se revelam nem sustentam um ao outro, são amigos apenas no nome.[1]

Ah, nós *queremos* esse tipo de amizade. Todo homem, quer admita quer não, caminha por aí com um vazio no peito e sem saber se é o único que sente isso. Mas há algo em nosso íntimo que nos mantém à distância de um braço em relação aos outros homens. *O que é que conserva os homens distantes e sem amigos?*

Um dia desses, vi um homem mais ou menos da minha idade em um estacionamento lotado. Se um veterano do Vietnã pode reconhecer outro, então eu reconheci esse homem pelo que era e pelo que tinha agüentado. Senti um amor imediato por ele. Ele estava de muletas, e uma perna da calça dobrada e presa na cós com um alfinete. Naquele estacionamento movimentado, todo mundo parecia desviar os olhos desse senhor inválido. É algo que fazemos nesse tipo de situação, não é? Uma olhadela diz-nos que algo não está normal. Algo não está direito. Falta algo. No sentido físico, esse homem não estava "todo lá".

Acho que a maioria de nós tem que admitir que no que se refere à questão de amizades abertas e vulneráveis de homem-para-homem caminhamos em uma perna só. Nós realmente não estamos "todo lá". Falta algo. Algo vazio em nossa alma que prendemos com um alfinete. Podemos ser "reis" e "guerreiros", mas parece que perdemos algo do lado terno. Portanto, na verdade, somos homens de uma perna só. Nós não sabemos como confraternizar.

Se a definição mais básica da palavra confraternização em inglês, "fellowship", é dois "fellows" (companheiros) em um "ship" (navio), então não sabemos o que fazer com nós mesmos quando estamos no mar. Quando ficamos de pé na proa a olhar as profundezas escuras e misteriosas, o vento ótimo para veleiros e a noite estrelada —, o tipo de noite que pede conversa profunda e compartilhamento de alma — nós calamos ou conversamos sobre quantos quilos de carne salgada de porco são necessários para encher o barril que está no convés.

Kent Hughes, pastor do centro-oeste estado-unidense, que gosta de meditar faz esta observação a respeito da nossa cultura.

> Houve um desenvolvimento interessante na arquitetura suburbana. Já se foram os dias em que todas as casas tinham grandes varandas na frente, com fácil acesso à porta de entrada, o que facilitava travar conhecimento com as pessoas da vizinhança.
>
> Na década de 1990, a arquitetura reflete nossos valores atuais. A parte que mais se destaca na casa é a garagem para dois ou três carros. No interior da casa há enormes banheiros com clarabóias e armários, nos quais pode-se entrar, maiores que o quarto em que eu cresci. A arquitetura moderna usa salas de estar e de jantar pequenas, as cozinhas também são menores porque receber visitas e praticar hospitalidade não é mais a prioridade das pessoas. Os lares de hoje têm quintais menores e uma incidência cada vez maior de grades altas.
>
> O velho adágio que diz que "a casa de um homem é seu castelo" é verdade hoje. O fosso do castelo é o gramado da frente, a ponte levadiça é a entrada

de carro, e a grade levadiça é a porta automática da garagem por meio da qual ele passa com heráldica eletrônica. Uma vez dentro da casa, ele tira a armadura e dedica-se à casa e à família até o amanhecer, quando ele põe sua armadura executiva e, pasta na mão, monta seu cavalo — talvez um Corcel ou um Mustang — dá a partida e parte para a guerra. As casas de hoje refletem os valores modernos de individualismo, de isolamento e de privacidade.[2]

Individualismo... isolamento... privacidade. Essas palavras são destrutivas. São dolorosas. Elas têm um som vazio, não têm? Deixam um vazio em nosso peito.

Patrick Morley, autor de *The Man in the Mirror* [*O homem no espelho*], observa com ironia que ao mesmo tempo em que a maioria dos homens consegue recrutar seis homens para carregar o caixão, "quase ninguém tem um amigo a quem possa ligar às 2:00 horas".[3]

A socióloga Marion Crawford, referindo-se a um estudo recente realizado na Grã-Bretanha, declarou: "Homens e mulheres de meia-idade definem de maneira bastante diferente o que é amizade. A maioria absoluta das mulheres falaram sobre "confiança e confidencialidade", enquanto os homens descreveram um amigo como: "Alguém com que posso sair", ou: "Alguém cuja companhia eu aprecio muito". A maioria das amizades masculinas gira em torno de atividades, enquanto que as de mulheres giram em torno de compartilhamento".[4]

Não estamos falando em colegas de golfe. Falamos de alguém com que podemos nos relacionar de alma para alma.

Por que essas coisas são verdadeiras? Eu tenho minhas teorias. Se os homens constituem-se de aço e de veludo, a maioria de nós sente-se mais confortável com o aço. Achamos mais fácil vivenciar as funções de "provedor e protetor" que as de "mentor e amigo". Portanto, é lógico que o lado duro domina o lado terno. Muitos de nós temos lados ternos subdesenvolvidos porque transmitiram-nos conceitos errôneos a respeito de hombridade. Não foi algo deliberado, mas errôneo. Precisamos tornarmos-nos mais ternos. O guerreiro que existe em nós quer e precisa ser forte, mas nós não admitimos fissuras em nossa armadura. Não admitimos quaisquer vulnerabilidades — *justamente o elemento essencial para a verdadeira amizade.* Ah sim, as vulnerabilidades estão *lá*, com certeza. Mas a maioria de nós aprendeu a escondê-las com cuidado. Alguns chamam isso de "masculinidade". Outros, com mais acerto, rotulam isso de *desonestidade.*

A amizade exige honestidade. A amizade exige confiança. Portanto, ela também — não há como escapar disso — requer vulnerabilidade. Acho que

essa é a linha básica dessa síndrome nada-de-amigos de que nós homens padecemos. E soletrarei o que isso significa: O-R-G-U-L-H-O.

Todos nós queremos pensar em nós mesmos como algum tipo de guerreiro, como o homem. Infelizmente, apesar de amarmos John Wayne, há um lado do Duque que nunca apareceu. Tudo que víamos era seu lado aço. Nunca vimos o lado veludo a não ser por um momento fugidio no filme *She Wore a Yellow Ribbon* [Legião Invencível]. John Wayne deixou-nos a impressão de que homens de verdade ficam sozinhos. E ficam mesmo... quando é necessário. Mas, a maior parte do tempo, o único motivo que parece tornar isso "necessário" é nosso orgulho obstinado.

Homens de verdade ficam juntos. Precisamos começar a pensar assim. Homens de verdade precisam uns dos outros. Soldados de verdade amam uns ao outros.

Hal Moore e Joe Galloway transmitem de forma vigorosa esse tipo de amor no prefácio do ótimo livro que escreveram sobre a guerra do Vietnã, *We Were Soldiers Once... and Young* [*Um dia fomos soldados... e jovens*].

> Você pensa que se trata de outra história de guerra? Não é exatamente isso, pois em seu plano mais importante esta é uma história de amor, contada em nossas palavras e em nossos atos. Fomos os filhos da década de 1950 e fomos para onde nos enviaram porque amávamos nosso país...
>
> Fomos para a guerra porque nosso país pediu que fôssemos, porque nosso novo presidente, Lyndon B. Johnson, nos ordenou isso, mas mais importantemente porque achamos que era nosso dever. Esse é um tipo de amor.
>
> Vivenciamos outro e bem mais transcendente tipo de amor, que não procuramos, nos campos de batalha, como vivencia-se em todo campo de batalha e em toda guerra de que o homem já participou. Naquele lugar deprimente, infernal, em que a morte era nossa companheira constante, descobrimos que amávamos um ao outro. Matávamos um pelo outro, morríamos um pelo outro e chorávamos pelo outro. E com o tempo, amamo-nos como irmãos. Na batalha, nosso mundo reduziu-se ao homem a nossa esquerda e ao homem a nossa direita e ao inimigo por toda volta. Segurávamos as vidas um do outro em nossas mãos e aprendemos a compartilhar nossos medos, nossas esperanças e nossos sonhos à medida que compartilhávamos aquele pouco de coisa boa que surgia em nosso caminho.[5]

Sempre foi assim. Soldados de verdade ficam juntos. Foi assim no vale la Drang, de Hal Moore, em 1965, e foi assim, muito tempo antes, nas areias quentes do antigo Oriente Próximo de Alexandre. Os verdadeiros conquistadores do mundo ficam ombro a ombro. Alexandre, o Grande, era "grande", eu suponho, porque em certa época ele possuía a maior parte das terras habitadas do planeta. Sua arma secreta era a "Falange Macedônia", pouco mais que uma estrutura militar simples que tinha uma ordem direta: "*Nunca entre em batalha sem o homem ao seu lado*".

A Falange Macedônia tinha uma formação que permitia que o lado fraco de um homem fosse protegido pelo seu colega. O soldado, com o escudo em sua mão esquerda e a espada na direita, quando atacava com a espada deixava seu lado direito exposto, vulnerável à lança ou espada do inimigo. Na formação Macedônia, o guerreiro tinha um homem de confiança guardando o lado em que ficava mais exposto. Embora Alexandre aparecesse séculos depois de Davi, penso que o filho de Jessé teria chamado tal companheiro de "o homem da minha mão direita". Quero o homem da minha mão direita no lado em que estou mais vulnerável e exposto.

O dr. Charles Sell escreve: "Homens que negligenciam amizades íntimas com outros homens têm muito mais dificuldade em lidar com a crise da meia-idade. Esses homens também ficam desolados ao se aposentar porque perdem toda identidade e importância, eles ficam sem uma rede de amigos ou de apoio".[6]

O homem estado-unidense raramente vivencia uma amizade íntima com homem ou com mulher. O autor Davi Smith afirma: "Os homens têm dificuldade em aceitar que precisam do companheirismo de outros homens. Ao simples convite: 'Vamos almoçar juntos' pode acarretar a seguinte resposta: "Certo, o que se passa?".[7]

Você imagina mulheres dizendo isso umas para as outras? Minha esposa liga para sua esposa e diz: "Vamos almoçar". Sua esposa responde: "Ótimo, vou marcar na minha agenda aqui. Aonde vamos?". Mas o homem diz ou dá a entender: "O que está acontecendo? Qual é o problema? Por que está me chamando para almoçar?".

O dr. Smith continua: "A mensagem é clara: o homem independente não sente que precisa da companhia de outro homem. De fato, a imagem do homem independente é que ele tem poucas ou nenhuma necessidade emotiva. Portanto, os homens precisam fabricar razões não-emocionais para estar juntos..."[8]

A maioria de nós pensa que temos de inventar razões ou desculpas "práticas" para telefonar para outro homem. Isso é parte do mito que diz que eu tenho poucas necessidades emocionais, se é que tenho alguma. Se os homens se reúnem porque, nas palavras do dr. Smith:

Precisam discutir um contrato de negócio ou participar de algum jogo. Muitas vezes, os homens usam a bebida como desculpa para se reunir. Raramente, os homens planejam um encontro simplesmente porque têm necessidade de gozar da companhia um do outro.

Com freqüência, mesmo quando os homens estão juntos, a interação social deles começa e permanece superficial. Por quanto tempo será que conversas sobre política e esportes podem nutrir o espírito humano? Os mesmos funcionários do sexo masculino almoçam juntos por anos e anos e ainda limitam suas conversas a esportes, política, piadas sujas e comentários sobre a atração sexual de certas funcionárias do escritório ou da empresa.[9]

Disposição para ir mais fundo

Ir além desses assuntos superficiais requer transparência. No fundo o que a transparência diz é: "Eu realmente preciso de você. Vou me arriscar e ser suficientemente honesto para dizer-lhe quem eu sou".

Alguém indicou-me um comovente artigo de uma revista. Acho que nós, guerreiros gentis, podemos aprender algo com ele, pois se trata de relacionamentos.

A mulher que escreveu o artigo diz:

Um dia a campainha da porta tocou e lá estava meu querido irmão. Foi uma surpresa encantadora. Seu trabalho como executivo de uma companhia petrolífera internacional o conserva fora do país a maior parte do tempo, por isso suas visitas são raras, inesperadas e, em geral, realmente breves.

Parecia que ele acabara de chegar quando depois de uma hora, ele levantou para se despedir. Eu senti lágrimas escorrendo pela minha face. Ele perguntou por que eu estava chorando. Hesitante, eu disse: "Porque eu simplesmente não quero que você vá embora". Ele olhou-me surpresa. Telefonou e deixou uma mensagem para o piloto do avião da companhia.

Tivemos 48 horas maravilhosas juntos. Mas fiquei com o sentimento recorrente de que meu egoísmo lhe causara grande inconveniência, pois disse-lhe que precisava dele.

Algum tempo mais tarde, meu irmão recebeu um prêmio importante por suas contribuições à indústria do petróleo. Na ocasião, um repórter perguntou-lhe: "Essa é a maior honra que você já recebeu?"

Ele disse: "Não, minha irmã deu-me minha maior honra no dia em que chorou porque não queria que eu fosse embora. Foi a única vez na minha

vida que alguém chorou porque não queria que eu partisse. Nesse dia, eu descobri que o presente mais precioso que um ser humano pode dar a outro é deixá-lo saber que ele é realmente precioso".[10]

Isso é transparência. Temos que viajar em direção a esse destino. Sim, às vezes, nossos padrões de infância nos impedem de progredir nessa jornada. Como devemos ver as crianças e não ouvi-las, como meninos não choram, então nós tendemos a não ser muito francos sobre nossas dores e necessidades.

A determinação em praticar

Pratique, pratique, pratique compartilhar suas emoções. Encontre algum momento em sua semana que foi especialmente emotivo para você, depois aproxime-se do amigo, cujo nome está em sua mente e em seu coração hoje, e compartilhe suas emoções com esse amigo. Comece em qualquer nível. Se você precisa preparar o coração, inicie com sua esposa. A maioria das mulheres consideraria um tesouro o esforço do esposo em sair da concha.

Lembro-me de quando comecei a tentar — realmente tentar — expressar alguma emoção honesta a minha esposa. Foi como aprender a falar de novo. Eu hesitei e gaguejei um pouco, mas tinha um desejo crescente de deixá-la saber o que acontecia em meu interior. Lembro-me de uma noite específica. Foi há alguns anos, depois da entrega do prêmio de basquete de nosso filho do meio na escola dele.

Blake seguiu seu irmão mais velho, Kent, na Barlow High School. Kent era grande, e alto, e rápido, e ganhou fama como iniciador da equipe principal. Blake era menor e mais baixo que o irmão. Não tinha as vantagens físicas óbvias de seu irmão. Era um pouco intimidante pensar em achar um nicho em um colégio em que a defesa era fraca.

Mas ele conseguiu entrar no time. Antes do início da temporada, o treinador disse: "Eu gostaria de jogar com doze rapazes. Ei, nós acabaríamos com todo mundo da liga! Mas o regulamento exige que entremos na quadra com cinco jogadores. Portanto, quero que vocês saibam que jogaremos com cinco jogadores, mas teremos três ou quatro substitutos. Além disso, teremos três ou quatro jogadores de treino. Rapazes, quer vocês acreditem em mim quer não, todos, os jogadores oficiais, os substitutos e os treinados, são essenciais para esse time."

Blake escolheu acreditar no treinador. Ele ficou como um dos de treino, mas ele ficou firme no programa. Ele praticou muito e ficou pronto. Ainda assim, ele não entrava muito nos jogos, a não ser que estivessem com vantagem substancial ou muito atrás. Assim, durante a temporada ele jogou um número limitado de minutos.

Linda e eu, na cerimônia de prêmios, sentamos-nos juntos no restaurante da escola, para ouvir o treinador Johnson anunciar as premiações. Todo ano, os dois prêmios mais cobiçados eram o troféu de Jogador Mais Valioso e o de Jogador Mais Inspirador. O treinador fez o preâmbulo de sempre antes de anunciar o ganhador do prêmio Jogador Mais Inspirador e falou sobre o que um determinado jovem significara para a equipe e para seus companheiros de equipe. Por fim, ele anunciou o nome do ganhador: "Blake Weber". Ele não participou tanto tempo dos jogos, mas ele gastou sua energia incentivando os outros. Ele foi marcante para o time.

Naquela noite, algo aconteceu em meu interior. Eu senti mais sensações do que conseguia descrever. Meu coração encheu-se com vigorosas ondas de emoção. Eu me preocupara tanto a respeito desse menino, porque ele tinha que andar nos sapatos grandes de seu irmão. Esse era meu menino do meio, cercado de dois irmãos com personalidades individualistas. Esse foi o menino que, em anos passados, eu mais temera que tivesse problema em desenvolver uma auto-estima positiva. E apesar de participar pouco no jogo, mesmo sem quase ter chance de pôr, de fato, a mão na bola, ele tinha uma auto-imagem tão positiva que ganhou o prêmio de Jogador Mais Inspirador. Eu vibrei com todo meu ser.

Lembro-me de, naquela noite, dirigir o carro para casa com Linda abrindo e fechando minha boca algumas vezes antes de conseguir dizer algumas palavras. Eu não tinha facilidade em falar sobre algo que me comovera tanto, sobre sentimentos tão profundos. O antigo Stu Weber deixaria esses sentimentos engarrafados e trancados em alguma prateleira empoeirada e afastada da memória. Contudo, aquela noite, eu não queria engarrafar os sentimentos. Por fim, eu disse: "Lindy, eu queria lhe dizer o que está acontecendo em meu interior — o que aconteceu quando falaram o nome dele hoje à noite". Pouco a pouco —, e depois com grande atropelo — externei o orgulho, e a gratidão, e a maravilha disso tudo. *E foi tão bom.*

Pratique compartilhar suas emoções. Encontre alguém que parece mais à vontade e habilidoso nisso, e observe como ele faz. Passe algum tempo com Davi, nos salmos, quando ler sua Bíblia. Ele era um verdadeiro homem e um poderoso guerreiro que sabia traduzir suas emoções em palavras. Sabia como derramar seu íntimo abrindo-se na presença de Deus. Sabia externar seus temores, e desânimo, e esperanças, e alegrias. Vemos todos a gama de sentimento nas palavras desse homem. O riso alegre. Os gritos de louvor. A ira flamejante. A dor profunda da traição. O medo paralisante. As esmagadoras ondas de desânimo. O doce alívio. A gratidão transbordante. O amor. Está tudo lá. Ele expõe todo o mapa espiritual e emotivo. Sua jornada é a jornada espiritual de

um guerreiro gentil registrada para sempre nas Escrituras para guerreiros como você e eu que querem seguir o caminho dele.

Pratique com sua esposa. Pratique com os salmos de Davi diante de seu Deus. E pratique também com outros homens.

Eu tenho um amigo, em particular, que me conhece — conhece meu casamento, meu coração, minha vida. E eu o conheço e esses aspectos da vida dele. Às vezes, quando faço minhas tarefas semanais, penso nele e oro por ele. (Mas quando saio em minhas visitas ao hospital ou outros negócios e penso em minha esposa, eu tento parar o que estou fazendo e telefonar para ela. Esse foi um passo *gigante* para mim em minha luta para aprender a falar a linguagem dela. Demorou muito para eu lembrar de parar, telefonar para ela e dizer: "Oi, eu estava pensando em você". Ela sempre gosta disso.)

Decidi dar outro grande passo. Decidi experimentar fazer isso com meu amigo. Eu estava em Chicago, no aeroporto O'Hare. Eu tinha trinta minutos de intervalo entre os meus vôos e telefonei para ele.

Quase desejei que ele não estivesse em casa. Quase engasguei e desliguei quando ouvi a voz dele do outro lado. *Que coisa. O que eu estou fazendo? O que ele pensará?* Mas não engasguei. Eu disse: "Não tenho motivo para lhe ligar a não ser para dizer que lembrei de você hoje. Você tem estado em meu coração". Não foi fácil para eu fazer isso. Mas daí a poucos minutos, eu estava no vôo para não sei onde e fiquei contente por ter telefonado para ele. Tivemos uma conversa boa. Eu fiquei animado.

Pequenos passos compensam

Quando meu pai estava na Segunda Guerra Mundial, ele fez amizade com um moço chamado Joe Carter. Eles eram jovens convocados, tirados da vida civil pacífica e jogados no mesmo barracão no acampamento de treinamento. Eles estiveram juntos durante boa parte da guerra. Serviram juntos. Suaram juntos. Sonharam juntos com suas casas. Eles não se vêem há mais de cinqüenta anos. Mas todo ano, sem falta, meu pai recebe um cartão de aniversário de Joe Carter.

É difícil acreditar que essa amizade começou quando, uma tarde, meu pai caminhou até o outro lado do barracão para oferecer uma bolacha de chocolate que recebera de casa a um rapaz chamado Joe. Meu pai agora está na casa dos setenta anos. E de vez em quando, ele pára e olha pela janela com um olhar distante. Depois, com um sorriso no canto da boca, ele diz: "Sabe... eu devia pegar um trem e visitar meu amigo Joe".

Uma amizade de cinqüenta anos começou com apenas uma bolacha de chocolate. Às vezes, as amizades acontecem dessa maneira. Precisamos apenas

quebrar o gelo. Apenas precisamos atravessar o barracão. Ou o corredor. Ou a rua. Ou a sala para pegar o telefone. Precisamos nos dispor a engolir um pouco o orgulho e estender a mão.

Você se doa a alguém? Você se abre com alguém? Seus companheiros de luta conhecem as fissuras da sua armadura? Você está procurando um amigo de alma, um companheiro Ranger?

Em um dia escuro, quando seus joelhos estiverem fracos, a correnteza for rápida, e a água estiver gelada, você ficará contente de ter feito isso.

De braços dados

Conheci a palavra *pitom* no mesmo curso de treinamento Ranger do exército que descrevi em um capítulo anterior. Fizemos algumas escaladas tensas em que subíamos em superfícies verticais com nada em cima para nos puxar, e com a corda que era passada por meio de elos de pressão. O "pitom" funciona como uma pequena trave. Achávamos alguma fresta no paredão, enterrávamos o pitom na rocha, colocávamos o elo de colchete nele e passávamos a corda de segurança por ele. Dessa maneira, sabíamos que nunca cairíamos abaixo daquele ponto. Podíamos cair, pois fazíamos coisas incríveis; mas o pitom nos seguraria. Não cairíamos nem um centímetro abaixo daquela âncora na rocha.

Portanto, o que é um *pitom* na amizade? É um princípio de relacionamento com o qual você pode contar. É a trave de relacionamento que agüenta seu peso, que o sustenta quando seus dedos escorregam. Há outros elementos em uma amizade, é claro, mas esses são âncoras básicas. Você não quer cair abaixo desses pontos.

Quatro princípios pitom de amizade

Israel enfrentou dias desesperados naquele opressivo ano de 1050 a. C. O novo reino padecia de dores. Misérias. Humilhações. A nação enfrentava dominação militar severa por parte de seus vizinhos, os filisteus. Uso a palavra "vizinho" no mesmo sentido em que, antes da Guerra do Golfo, o Iraque era "vizinho" do Kuwait, e que a Alemanha nazista era "vizinha" da Polônia antes da Segunda Guerra Mundial. Os filisteus eram um povo rude, um povo militarmente forte. Durante anos, eles acossaram e intimidaram Israel. Os homens de Israel estavam humilhados. De cabeça baixa. Quando os homens passavam uns pelos outros nas ruas poeirentas não conseguiam se olhar nos olhos. A Bíblia conta-nos que a dominação era tão severa que não permitiam a entrada de ferreiros no país, porque os filisteus não queriam que os israelitas fizessem armas.

Nessa época, Israel estava impotente. Deprimido, e desmoralizado, e desanimado. A nação vivia em um campo de concentração de desespero.

Então, surge o príncipe Jônatas.

Esse jovem filho do Rei Saul desempenhava o mesmo papel que o iniciador em um time de basquete. Era másculo até o âmago. Ele viu os olhos abaixados, os ombros caídos, e as cabeças penduradas dos homens de Israel. Ele viu isso tudo, mas ainda tinha alguma esperança em seus olhos e algum fogo em seu interior. O príncipe Jônatas cria no Deus de Israel. Ele acreditava nas coisas que aprendera desde a infância sobre o Deus do seu povo e do universo.

Esse jovem, armado de fé no Deus vivo — e com uma das poucas espadas disponíveis em Israel — meditou longa e duramente a respeito de tomar a iniciativa. Acabar com a paralisação do povo israelita. Dar aos filisteus um pouco do próprio remédio. Certo, Jônatas tinha sua arma. Ninguém podia tirá-la dele. Se você não consegue imaginar bater a carteira e tomar posse da faca de um Jim Bowie ou pegar o revólver de cabo perolado do coldre de Jesse James, nem tente imaginar um homem da milícia filistéia pegar a espada do príncipe Jônatas.

A situação tinha que mudar. A vida precisava ser diferente. O povo de Deus não podia viver em derrota e em humilhação. Então Jônatas planejou em detalhes o que faria.

Um dia, armado dessa convicção, ele e seu escudeiro ultrapassaram uma linha na areia.

> Chegou o dia em que Jônatas, filho de Saul, disse ao seu escudeiro: "Vamos ao destacamento filisteu, do outro lado" (1Sm 14.1).
>
> O príncipe fez sua travessia por um pequeno desfiladeiro, perto de Micmás.
>
> De cada lado do desfiladeiro que Jônatas pretendia atravessar para chegar ao destacamento filisteu havia um penhasco íngreme: um se chamava Bozez, o outro, Sené. Havia um penhasco ao norte, na direção de Micmás, e outro ao sul, na direção de Geba. "E Jônatas disse a seu escudeiro: 'Vamos ao destacamento daqueles incircuncisos. Talvez o SENHOR aja em nosso favor, pois nada pode impedir o SENHOR de salvar, seja com muitos ou com poucos' Disse o seu escudeiro: 'Faze tudo o que tiveres em mente; eu irei contigo'" (vv. 4-7).

Em meio a tudo isso, salienta-se o coração masculino, de aço e de iniciativa, de Jônatas. "Talvez o SENHOR aja em nosso favor, pois nada pode impedir o SENHOR de salvar, seja com muitos ou com poucos". A questão numérica não é crítica quando Deus está do seu lado. Seu escudeiro não espera por uma

ordem direta, ele diz: "Vá em frente. Vamos fazer isso. Eu sou seu homem de coração e de alma."

Veja o que acontece a seguir:

> Então os dois se deixaram ver pelo destacamento dos filisteus, que disseram: "Vejam, os hebreus estão saindo dos buracos onde estavam escondidos". E gritaram para Jônatas e seu escudeiro: "Subam até aqui e lhes daremos uma lição". Diante disso, Jônatas disse a seu escudeiro: "Siga-me; o SENHOR os entregou nas mãos de Israel". Jônatas escalou o desfiladeiro, usando as mãos e os pés, e o escudeiro foi logo atrás. Jônatas os derrubava e seu escudeiro, logo atrás dele, os matava. Naquele primeiro ataque, Jônatas e seu escudeiro mataram cerca de vinte homens numa pequena área de terra (vv 11-14).

Você consegue ler nas entrelinhas desse texto bíblico? Você imagina o que aconteceu? Foi um combate corpo a corpo, cara a cara. Foi um combate de músculos retesados, dentes cerrados, peitos arfantes, sangue espalhado, ossos quebrados, vozes em grito, e espadas voando. E contra todas as probabilidades, eles venceram. Em um pequeno trecho de terra, acima de uma ribanceira seca, lutando corpo a corpo sob o sol quente do Oriente Médio.

Quando tudo acabou, dois guerreiros permaneceram de pé, e vinte defuntos filisteus estavam estendidos como bonecos de pano. Você imagina estar lá quando tudo acabou, com as espadas, os braços e os escudos pingando sangue? Você imagina o que eles vivenciaram juntos naqueles momentos? Trocaram sorrisos? Olharam-se com alegria. Abraçaram-se? Os braços dados e levantados em direção àquele que os capacitou?

Apenas dois homens em pé, lançando sombras. Jônatas foi vitorioso. Foi um grande dia para ele, para seu escudeiro e para o povo de Deus.

O que se seguiu? Ao continuar a leitura nas Escrituras, torna-se óbvio que a coragem de Jônatas trouxe fibra ao exército de Israel. Eles ergueram a cabeça. Levantaram os olhos. Endireitaram os ombros. A coragem voltou ao coração deles. Foram bem-sucedidos ao rebelar-se contra os brigões filisteus.

> Quando todos os israelitas que haviam se escondido nos montes de Efraim ouviram que os filisteus batiam em retirada, também entraram na batalha, perseguindo-os. Assim o SENHOR concedeu vitória a Israel naquele dia, e a batalha se espalhou para além de Bete-Áven (vv. 22-23).

Naquele dia, apenas porque um homem disse ao companheiro: "Você vem comigo? Talvez o Senhor aja em nosso favor. O fato é que eu tenho certeza

disso. Vamos escalar aquele despenhadeiro e dar um golpe pelo Senhor?", o exército venceu alguma distância.

Depois dessa pequena rebelião, Israel pôde tomar um pouco de fôlego. Houve alguns dias agradáveis na terra. As coisas estavam melhores. No entanto, logo o rei Saul voltou aos seus antigos modos descuidados, e a nação mais uma vez abandonou o caminhar corajoso com Deus. Como resultado disso, o povo perdeu a bênção de Deus, e o exército filisteu apressou-se a preencher o vazio que ficou.

Até o capítulo dezessete, não há absolutamente ninguém para enfrentar o campeão filisteu em um combate corpo a corpo. Absolutamente ninguém. Nem mesmo Jônatas. Nem mesmo o bravo príncipe que escalara o desfiladeiro usando as mãos e com um grito de alegria e fé atacara uma tropa inteira de soldados. Quando Saul pediu voluntários, Jônatas não estava lá para dar um passo à frente. Não há registro dele ter se posto na brecha contra um espalhafatoso gigante, que tinha uns 2,5 metros de altura, chamado Golias. Por quê? A Bíblia não diz. Mas acho razoável especular que o príncipe valente pensasse coisas como: *Lá vamos nós de novo. De volta às mão desses gracejadores. Chorando em um canto como cachorrinhos assustados. Quantos desfiladeiros vou precisar escalar? Quantas tropas terei de enfrentar sozinho? Por que sempre acabamos do mesmo jeito? Eu não posso carregar essa batalha em meus ombros. Não agüento mais.*

Talvez naquele momento, Jônatas perdera o ânimo. O príncipe-lutador deu um passo em direção às sombras. Mas Deus não ficou sem heróis.

> Davi falou com os homens que estavam perto dele dizendo: "Davi perguntou aos soldados que estavam ao seu lado: "O que receberá o homem que matar esse filisteu e salvar a honra de Israel? Quem é esse filisteu incircunciso para desafiar os exércitos do Deus vivo?" (1Sm 17.26).

Será que você não o ouve, esse garoto judeu saliente que vinha direto dos apriscos de ovelhas? "O que se passa aqui? Quem é esse valentão enorme? Como pode ele sair impune com essa lorota? Nós somos o povo de Deus, não somos? A vida não deveria ser desse jeito". Soa como um eco de Jônatas, não é?

> Davi, porém, disse ao filisteu: "Você vem contra mim com espada, com lança e com dardos, mas eu vou contra você em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você desafiou. Hoje mesmo o SENHOR o entregará nas minhas mãos, eu o matarei e cortarei a sua cabeça. Hoje mesmo darei os cadáveres do exército filisteu às aves do

céu e aos animais selvagens, e toda a terra saberá que há Deus em Israel" (vv. 45-46).

Não sei onde estava a voz de Jônatas, mas aqui estava uma nova voz, cantando a segunda estrofe da balada de fé corajosa do próprio príncipe. Era uma fé enraizada na própria natureza de Deus.

Aparentemente, isso avivou algumas chamas no espírito de Jônatas. Sem dúvida, a bravura e o incandescente amor de Davi por Deus serviram para tirar o príncipe das sombras. À medida que prossegue a narrativa de 1Samuel, vemos o coração de guerreiro voltar a bater no peito do príncipe de novo.

Davi pusera-se de pé sozinho. Davi se manteve forte. Davi mostrou-se fiel. Davi enfrentou as desigualdades. Davi partiu para a ação. E Jônatas, o herói desiludido, encontrou um amigo. Alguém que marchava ao som da mesma música que ele. O cântico do guerreiro que parecia ter morrido na garganta do príncipe encontrou voz plena de novo. Só que dessa vez, era um dueto.

Observe o que acontece quando o capítulo 17 se aproximar do desfecho.

> Quando Saul viu Davi avançando para enfrentar o filisteu, perguntou a Abner, o comandante do exército: "Abner, quem é o pai daquele rapaz?" Abner respondeu: "Juro por tua vida, ó rei, que eu não sei". E o rei ordenou-lhe: "Descubra quem é o pai dele". Logo que Davi voltou, depois de ter matado o filisteu, Abner levou-o perante Saul. Davi ainda segurava a cabeça de Golias. E Saul lhe perguntou: "De quem você é filho, meu jovem?" Respondeu Davi: "Sou filho de teu servo Jessé, de Belém". Depois dessa conversa de Davi com Saul, surgiu tão grande amizade entre Jônatas e Davi que Jônatas tornou-se o seu melhor amigo (17.55-18.1).

Jônatas vira tudo que aconteceu. E quando Davi falou com o rei Saul, seu pai, o filho do rei ouviu o próprio coração batendo no peito de outro homem. Daquele momento em diante, as almas dos dois homens se ataram.

Que declaração forte. Suas *almas* se ataram. Como se ata almas? Por intermédio dos quatro princípios pitom da amizade masculina. Examinemos um de cada vez.

1. Valores compartilhados

Você pode ter muitos amigos ao longo da vida, mas você nunca terá um *amigo de alma* que não ande com o seu Deus. As *almas* de Davi e Jônatas foram atadas. A alma é aquela parte invisível de nós que combina nossas mentes e vontades e emoções. Aqui temos dois homens cujas mentes criam na mesma

verdade, cujas vontades seguiam o mesmo percurso, cujas emoções se queimavam com as mesmas injustiças.

Eles estavam compromissados com o mesmo Deus. Amavam o mesmo reino. Marchavam ao som da mesma música. Seguiam na mesma direção. Até tinham os mesmos sonhos... sobre o dia em que seu povo, suas famílias, seus amigos, seu reino poderiam realmente viver em esperança diante de Deus.

Ora, esses rapazes não tinham necessariamente os mesmos interesses. Um era príncipe, o outro, pastor. Não tinham necessariamente as mesmas habilidades, ou talentos, ou inclinações. *Mas eles possuíam os mesmos valores.* Isso está no centro de todas as amizades significativas, especialmente de homem para homem. Eles eram iguais em termos de essência, de paixão e de visão. Vocês não precisam ter interesses idênticos nem os mesmos tipos de passatempos prediletos para ser amigos.

Tenho muitos amigos no grupo de assessores da Igreja Bom Pastor, mas estou pensando agora em um específico, Steve, que provavelmente é tão diferente de mim como qualquer outro homem de nossa comunidade. Steve é detalhista. Eu não sei nem soletrar essa palavra. Steve é competente com números. Eu me saio melhor na expressão oral. Steve só tem filhas. Eu só tenho filhos. Steve é um especialista com habilidade incrível. Eu sou um generalista incurável. Steve é um artista; ele passa horas esculpindo com paciência um único pedaço de madeira. Eu não consigo ficar parado o tempo necessário para jogar uma partida de jogo da velha. Nós não temos interesses, ou habilidades, ou passatempos em comum. *Mas nós somos amigos de alma.* Nós caminhamos juntos, passo a passo, no plano dos VALORES de vida. Nós dois queremos viver bem com nossas esposas! Ansiamos que nossos filhos façam alguma diferença no mundo por vir! Somos compromissados com o mesmo Reino. Compromissados com o mesmo corpo de Cristo. Compromissados com a mesma visão de ministério. Ele se dispôs a deixar de lado sua carreira a fim de estar conosco na igreja. Nossa amizade não *requer* os mesmos interesses ou passatempos. Não exige ouvir a mesma música, ler os mesmos livros nem comer na mesma pizzaria. Nós compartilhamos valores em nossa essência. E isso basta.

Tanto Davi como Jônatas queriam ser parte de algo importante. Queriam mudar as coisas no lugar em que viviam. Queriam fazer parte de alguma coisa maior do que eles mesmos. Queriam deixar uma herança que faria diferença. Falaram com paixão sobre o futuro deles, sobre o de seus filhos e o dos filhos de seus filhos. Queriam deixar sua marca em um reino, e se necessário morreriam juntos por ele. Eles se dispuseram, por causa dos valores compartilhados, a se unir em favor de algo muito maior que eles mesmos.

Isso está no centro da amizade. É muito maior do que jogar golfe ou futebol. É muito mais amplo e mais profundo do que pescar trutas, ou esquiar, ou trabalhar com madeira ou em seu clube. É muito mais fundamental do que o interesse comum. Está no centro dos valores, pelos quais decidimos fazer algo juntos não importa o que isso custe. Esse sonho compartilhado une os homens. É a própria essência de amizade masculina significativa.

Lembro-me de uma cena do musical *Os miseráveis.* Passa-se em meio à Revolução Francesa, um grupo de jovens reúne-se em um bar na noite anterior a uma batalha. São estudantes, dificilmente mais que adolescentes. Mas fazem parte da Grande Revolução, e quando amanhecer o dia, eles defenderão as barricadas. Sabem que é mais do que provável que nunca vejam outro pôr de sol. E naquela noite... naquele pequeno bar... na noite antes de morrerem juntos pelos princípios da Revolução, eles se tornam camaradas de sangue. Irmãos. Amigos de alma. E cantam uma canção chamada "Come Drink with Me" [Venha Beber Comigo]. A canção diz: "Nós estamos em algo maior do que somos e estamos nisso juntos. Estamos dispostos a pagar o preço, portanto, apreciemos esta última noite juntos".

Cantemos juntos. Empenhemos-nos juntos. Morramos juntos se for preciso. Os valores compartilhados estão no centro de tudo isso.

2. *Amor Altruísta*

Você teria que procurar por muito tempo e com bastante afinco pelas páginas da Bíblia — ou da história — para encontrar uma história mais altissonante de amor abnegado.

> Surgiu tão grande amizade entre Jônatas e Davi que Jônatas tornou-se o seu melhor amigo. [...] E Jônatas fez um acordo de amizade com Davi, pois se tornara o seu melhor amigo. Jônatas tirou o manto que estava vestindo e o deu a Davi, com sua túnica, e até sua espada, seu arco e seu cinturão (1Sm 18.1,3,4).

Na verdade, com esse gesto ele dizia: "Filho de Jessé, amo o que vejo em seu coração. Estou disposto a morrer com você. Tudo que tenho é seu e quero estar com você. Pegue tudo". Jônatas, com efeito, entregou a Davi os verdadeiros símbolos e emblemas de sua posição. Entregou-os a um jovem guerreiro corado que vinha dos montes vestido em tecido simples e arrastava as palavras como outras pessoas do campo. Daquele momento em diante, os dois jovens tornaram-se amigos de alma. O amor altruísta é um vínculo incrível.

Nunca me esquecerei de um incidente de, muitos anos atrás, quando eu estava no seminário. Eu tinha uma carga-horário acadêmica completa, trabalhava em três diferentes partes da cidade e tentava ser esposo de Linda e pai de dois meninos pequenos.

Nós não tínhamos nada. Nunca fomos tão pobres nem antes nem depois. Alimentávamos-nos de eperlanos (pequenos peixes parecidos com salmão), que amigos pescavam nos rios, e de pacotinhos de ervilhas congeladas que o supermercado vendia baratinho na liquidação mensal.

A vida era muito estressante, e eram tempos de vacas magras... mas eu tinha um desejo de caçar no coração. Um de meus últimos atos antes de sair do serviço militar foi comprar um rifle. Nunca tivera um rifle meu, achei que era um bom negócio, peguei um pouco do meu último salário e comprei meu rifle — sabendo que era bem provável que só pudesse comprar outro dali a dez anos. Eu tinha um amigo que sabia quanto eu queria caçar e como eu precisava fazer uma pausa em meu horário corrido. Então, combinamos caçar juntos.

Não, não havia tempo nem dinheiro. Mas fomos.

Estivera tão ocupado e estressado antes de sair para a caçada que nem tivera tempo de ajustar a mira do meu rifle, mas isso não importava realmente. Afinal, eu ri, provavelmente não conseguiria acertar em nada mesmo se a mira *estivesse* boa.

Ele disse com calma: "Está bem, Stu. Eu faço isso para você".

Ele pegou meu rifle. Era um velho Savage Remington Magnum de sete milímetros sem nenhuma extensão, apenas umas miras abertas. Ele pegou o rifle para ajustá-lo. Poucos dias depois, entramos em nossos veículos com nossas esposas e lá fomos nós.

Levamos dois veículos adaptados como moradia. Meu pai emprestou-me o dele, e meu amigo e a esposa levaram o deles. Atravessamos os montes Cascade em direção à parte leste do Oregon para caçar veados. Chegamos ao local de acampamento às 22:00 horas de uma noite fria. Nem posso descrever como foi gostoso estar fora da cidade. O céu cheio de estrelas, o profundo silêncio e a fragrância dos pinheiros e arbustos de sálvia foram como um remédio. Nossos amigos, antes de dormirmos, convidaram-nos para ir ao *trailer* deles a fim de tomarmos um chocolate quente — e, talvez, comer uma ou duas bolachinhas de chocolate.

Quando estávamos sentados à pequena mesa, meu amigo disse casualmente: "Ah, por falar nisso, estou com sua espingarda aqui".

Ele pegou a espingarda, e passou-a para mim. E ali, fixada nela, estava uma mira nova reluzente, que valia mais que a própria espingarda. Estava toda completa. Prontinha. Meu coração se comoveu, não por causa do valor do

presente, mas por causa do valor da *expressão.* Aquele gesto especial, naquele momento especial da minha vida, me tocou de uma forma que é difícil de descrever. A partir daquele ponto, nós ficamos um pouco mais unidos, porque ele com verdadeiro altruísmo me presenteara sem nenhum alarde ou ostentação. Nunca mencionamos isso. Foi algo que ele quis fazer por mim e acabou por aí. Mas não foi o fim do gesto. Ao longo dos anos, o ato espontâneo de amor altruísta de John Holmlund aqueceu meu coração. Nunca me esquecerei do ato nem do amigo. Depois de vinte anos, ainda caçamos juntos.

Quero que você observe outra coisa na amizade de Davi e Jônatas. Algo que *não* existe nela. Algo que salta à vista por sua ausência. Jônatas tirou sua capa real e deu-a para Davi junto com sua espada, arco e cinturão. O que falta nesse quadro? O que não está presente nessa cena?

O ciúme.

Não há nenhum ciúme. Absolutamente nenhuma competitividade nem comparação entre os dois homens. Jônatas não fez um inventário de quem ele era e o que ele tinha. Ele apenas abriu mão de seus direitos, e deu-os generosamente para seu amigo. Não há evidência nenhuma de comparação.

Amigos se comportam de maneira altruísta, e nós tiramos forças disso.

Eu tenho outro amigo. Não o vejo muito, talvez umas duas vezes por ano. Mas há mais de dezoito anos, ele olhou-me nos olhos e fez esta afirmação: "Stu, quero que você me ouça por um minuto. Algum dia, em algum lugar, de alguma forma... você precisará muito mesmo *de alguma coisa.* Eu não sei quando. Não sei o quê. Não sei por quê. Mas o que eu *sei mesmo* é que quero que você me chame. Conte comigo. Eu estarei lá".

Isso é amor altruísta. Esse é um princípio pitom no qual você pode pendurar sua vida.

3. *Lealdade Profunda*

A trama desta saga inesquecível se intensifica quando o pai de Jônatas, o rei Saul, é insanamente consumido de ciúmes do jovem Davi e tenta tirá-lo da cena.

> Saul falou a seu filho Jônatas e a todos os seus conselheiros sobre a sua intenção de matar Davi. Jônatas, porém, gostava muito de Davi e o alertou: "Meu pai está procurando uma oportunidade para matá-lo. Tenha cuidado amanhã cedo. Vá para um esconderijo e fique por lá. Sairei e ficarei com meu pai no campo onde você estiver. Falarei a ele sobre você e, depois, contarei a você o que eu descobrir". Jônatas falou bem de Davi a Saul, seu pai, e lhe disse: "Que o rei não faça mal a seu servo Davi; ele não lhe fez

> mal nenhum. Ao contrário, o que ele fez trouxe grandes benefícios ao rei. Ele arriscou a vida quando matou o filisteu. O SENHOR trouxe grande vitória para todo o Israel; tu mesmo viste tudo e ficaste contente. Por que, então, farias mal a um inocente como Davi, matando-o sem motivo?" (1Sm 19.1-5).

Jônatas estava dizendo: "Você está com ciúme, Pai. *Eu* é que deveria ter ciúme. Eu sou o príncipe, o herdeiro ao trono e não estou com ciúme nem fico intimidado. Eu daria minha vida por esse homem. Por que você não pode abrir seus olhos e ver que ele está do nosso lado?

A lealdade de Jônatas era tão profunda que estava até disposto a defender seu amigo mesmo que tivesse que ficar frente a frente com seu pai, o rei. A lealdade é absolutamente essencial em uma amizade.

Leia esses versículos de 1Samuel 20. O príncipe Jônatas falava com Davi.

> E, se meu pai quiser fazer-lhe mal, que o SENHOR me castigue com todo o rigor, se eu não lhe informar disso e não deixá-lo ir em segurança. O SENHOR esteja com você assim como esteve com meu pai. Se eu continuar vivo, seja leal comigo, com a lealdade do SENHOR; mas se eu morrer, jamais deixe de ser leal com a minha família, mesmo quando o SENHOR eliminar da face da terra todos os inimigos de Davi (vv. 13-15).

"Poderá nossa amizade durar ao longo das gerações, Davi? Mesmo quando tudo estiver ótimo para você, quando o Senhor fizer para você tudo que está no coração dele fazer, você se lembrará de mim? Você se lembrará de meus filhos depois que eu tiver partido?"

> E Jônatas fez Davi 'reafirmar seu juramento' por causa de seu amor por ele, porque o amava como à própria vida (v. 17).

Você já disse algo assim a um amigo? "Minha esposa e eu já conversamos sobre isso e ficaríamos realmente honrados, se vocês criarem nossos filhos se algo acontecer conosco". Você precisa considerar pôr isso como parte de seu testamento legal. Que consolo ouvir amigos leais dizerem: "Se algo acontecer com você e sua esposa seria uma honra cuidar de seus filhos. Nós nos sentiríamos honrados em ser parte do futuro deles. Nossa amizade viverá ao longo das gerações. Ponhamos isso por escrito"

Lealdade é algo que você *expressa.* Você a diz em voz alta. Você a escreve. Não é só "subentendida" de alguma forma vaga; é expressa em um voto, em

um pacto, em uma promessa, em uma conversa de homem para homem. Precisamos aprender a expressá-la em lealdade completa e total que diz: "Você é meu irmão".

Depois da morte de Jack Benny, grande astro de Hollywood, George Burns, seu colega que também era artista de entretenimento, disse estas palavras sobre seu amigo de muitos anos: "Jack e eu tivemos uma amizade maravilhosa por quase 55 anos. Jack nunca saiu para outro lado quando eu estava cantando uma canção, e eu nunca saí da sala quando ele tocava o violino. Nós ríamos juntos. Trabalhávamos juntos. Estamos juntos. Acho que na maioria desses anos, nós conversamos todos os dias".[11]

Uma amizade de homem para homem diz: eu nunca abandonarei você. Com exceção de pecado sem arrependimento contra o Senhor Deus, você nunca poderá fazer nada que me faça repelir ou quebrar a nossa amizade.

4. Verdadeira transparência

No capítulo anterior, falamos de maneira breve sobre o "pitom". Sem isso, não há nenhuma amizade que envolve almas. Em 1Samuel 20.3, Davi abriu seu coração de novo ao dizer:

> Seu pai sabe muito bem que eu conto com a sua simpatia, e pensou: 'Jônatas não deve saber disso para não se entristecer'. No entanto, eu juro pelo nome do SENHOR e por sua vida que estou a um passo da morte.

No versículo 9, Jônatas responde: "Nem pense nisso! Se eu tiver a menor suspeita de que meu pai está decidido a matá-lo, certamente o avisarei!"

O versículo 41 nos conta que "Davi saiu do lado sul da pedra e inclinou-se três vezes perante Jônatas, rosto em terra. Então despediram-se beijando um ao outro e chorando; Davi chorou ainda mais do que Jônatas".

Eu nunca me esquecerei de quando meu irmão passou um tempo separado de sua esposa maravilhosa e amorosa. Hoje você não adivinharia que passaram por turbulências dessa natureza, mas nos primeiros anos do casamento deles houve vinte meses de separação. Lembro-me de meu irmão ficar em nossa casa. Nem lembro quanto tempo ele ficou em nossa, mas não foi o bastante para mim. Eu não trocaria por nada aqueles meses de aproximação e compartilhamento. Lembro-me de chorarmos juntos. Lembro-me de esfregarmos nossas barbas enquanto chorávamos. Eu nunca tinha abraçado meu irmão daquele jeito antes. Nunca esquecerei isso. Acho que ele também não esquecerá.

Davi e Jônatas não se envergonharam de se abraçar e chorar juntos. Eram muito sinceros um com o outro. Estavam despreocupados com sua "imagem". Expressaram suas emoções com total transparência.

Na verdade, foi Jesus quem disse aos seus homens: "Eu os chamava de servos. Eu não os chamarei mais assim. Vou chamá-los amigos, porque amigos sabem o que acontece um com o outro. E eu lhes conto tudo que se passa" (veja Jo 15.15).

O que define a amizade é contarmos sobre nós mesmos. Revelar emoções. Davi Smith, autor de *The Friendless American Male* [*O macho americano sem amigos*], escreve:

> Muito cedo na vida, os meninos recebem a mensagem cultural de que não devem exteriorizar as emoções. Em geral, expressar sentimentos é um tabu para as pessoas do sexo masculino. Meninos logo aprendem a temer as palavras: "Não seja maricas"; "Meninos grandes não choram"; "Você não está muito crescido para sentar no colo do papai?". Outras mensagens são claras e fortes — meninos têm que aprender a ser homens. E ser homem significa que você precisa esconder suas emoções.[12]

Os meninos precisam aprender a ser homens, sim. Mas ser homem não significa esconder suas emoções. Parte de ser homem é ter transparência verdadeira. Esse também é um princípio pitom de amizade.

O clássico de John Powell, *Why Am I Afraid to Tell You Who I Am?* [*Por que tenho medo de dizer-lhe quem sou?*] nos faz caminhar por alguns graus de transparência aos quais precisamos estar atentos. Há, pelo menos, cinco estágios de comunicação com nossos amigos. O **estágio chavão** é pouco mais que conversa de elevador. É um rápido: "Como vai indo?", sem realmente esperar pela resposta. É um: "O que acha do clima?", quando você realmente não se importa com isso. O grau de transparência nesse tipo de comunicação é praticamente zero. Pode-se trocar palavras com uma pessoa perfeitamente desconhecida nesse estágio. O fato é que essa espécie de conversa vazia serve como um pára-choque protetor relacional que *conserva* as pessoas à distância, como estranhos totais. Não as deixa entrar.

Depois vem o **estágio do fato** em comunicação que é compartilhar o que você sabe. O grau de transparência é um pouco mais real, mas ainda é o tipo de conversa que você pode ter com quase qualquer pessoa. Você se lembra de "Dragnet", uma antiga série de televisão? O experiente tenente de polícia Joe Friday sempre interrompia a recitação de problemas de alguma mulher com a monótona frase: "Só os fatos, senhora". Os fatos são a marca desse estágio de

conversa. E ao mesmo tempo em que os fatos revelam o que você sabe, eles revelam pouco sobre quem você é. Esse tipo de conversa mantém as pessoas à distância de um braço. Não as deixa entrar.

Em seguida vem o **estágio da opinião**. Nesse estágio você compartilha o que *pensa.* Você começa a soltar um pouco de si mesmo, mas ainda conserva as pessoas a uma distância "segura". Sim, há menos pessoas com quem você pode comunicar nesse estágio, mas você realmente não pode construir um relacionamento em cima de opiniões. Amizade tem que ir mais fundo do que isso.

Quando você finalmente chega aos **estágios emocional e de transparência** na comunicação, você realmente compartilha *quem você é.* O grau de transparência aumenta muito, e o número de pessoas com quem você compartilha é muito menor. Os graus de confiança, e de compromisso, e de entrelaçamento fazem uma curva dramática no gráfico de amizade. Esse tipo de compartilhamento forma relacionamentos bem mais profundos e fortes.

Comunicação emocional significa transmitir esperanças e temores, e as coisas de que não gosta, e as coisas a que aspira, e os desapontamentos, e as tristezas. É entregar quem você é. É doar uma parte de si mesmo.

Às vezes, não somos muito bons nesse tipo de coisa por causa de um falso conceito de masculinidade e orgulho que nos impede de compartilhar nossos sentimentos. Ou talvez tenhamos uma visão enviesada de espiritualidade que diz: *Se eu fosse realmente um bom cristão não me sentiria como me sinto.* Isso é pura bobagem, é claro. O Novo Testamento está cheinho de exortações a que nos humilhemos, falemos a verdade e incentivemos uns aos outros nessa estrada, às vezes, cheia de buracos chamada "vida cristã".

Precisamos treinar o compartilhar de nossas emoções com outros homens. E daí se isso não é fácil? Quem disse que *era* fácil crescer? Kent Hughes escreve:

> Homens, se vocês são casados, sua esposa precisa ser sua amiga mais íntima, mas dizer "minha esposa é minha melhor amiga" pode ser um subterfúgio. Você precisa também de amigos homens cristãos, que tenham a compreensão do mesmo sexo das passagens sinuosas de seu coração, que não só oferecerão conselho e orarão por você, mas também o manterão responsável aos seus compromissos e responsabilidades quando necessário.[13]

Nunca me esquecerei do dia, talvez há vinte anos, em que um amigo me interrompeu no meio de uma sentença. Havia aço em seus olhos quando ele olhou direto nos meus. Suas palavras foram: "*Por que você não FAZ ISSO? É seu TRABALHO como pai dele*". Era uma declaração de confronto, e, no momento, doeu... Entretanto, eu lhe tinha dado o direito de dizer isso por ser

meu amigo. Suas palavras tocaram fundo e forte, e isso trouxe uma mudança na minha vida.

Transparência é muito real, muito poderosa. Quando você a pratica com um amigo de verdade isso aproxima muito mais o amigo, não afasta. Nós *não* contamos às pessoas o que sentimos porque temos medo que deixem de gostar de nós. Contudo, a Bíblia diz que toda tentação que sofremos, todo pecado com que lutamos, toda desvantagem que amaldiçoa nossa vida *é comum a todos os homens.* Em uma medida ou outra, todos nós lutamos com as mesmas coisas. Por isso, tudo que o está matando existe em algum lugar no peito de todo homem que você conhece. As Escrituras também dizem que tudo que você tem que é um bem, um incentivo, um traço positivo *é um dom recebido de Deus.* Portanto, não temos do que nos vangloriar, do que nos gloriar. Nenhum de nós tem nada sobre o que sentir-se desanimado ou destruído que não seja comum ao homem.

Esses são quatro princípios de amizade. Quatro princípios pregados na face rochosa da vida diária. Bata os pregos até entrarem e se firmarem bem, guerreiros gentis. Nunca sabemos quando não perderemos o pé. Nunca sabemos quando podemos cair. A verdadeira amizade não o deixa bater no fundo.

Notas

[1] Michael E. McGill, *The McGill Report on Male Intimacy* (N.Y.: Holt, Rinehart and Winston, 1985), 157-58.

[2] Como citado por R. Kent Hughes em *Disciplines of a Godly Man* (Wheaton: Crossway Books, 1991), 59. No português, *Disciplinas do homem cristão*, São Paulo, CPAD.

[3] Patrick Morley, *The Man in the Mirror* (Brentwood: Wolgemuth & Hyatt, 1989), 117.

[4] Conforme citado por Dr. Ron Jenson, "High Ground Perspectives" (série de fitas gravadas áudio), San Diego, Calif., Verão 1992.

[5] Harold G. Moore e Joseph L. Galloway, *We Were Soldiers Once... and Young* (Nova York, Random House, 1992), xiv.

[6] Charles Sell, conforme citado pelo dr. Ron Jenson em "High Ground Perspectives."

[7] David W. Smith, *The Friendless American Male* (Ventura: Regal Books, 1983), 15.

[8] Ibid.

[9] Ibid.

[10] De Stu: "Por mais que tentasse, não consegui localizar a fonte original desta apostila mimeografada".

[11] Dr. Ron Jenson, "High Ground Perspectives" (série em fita e áudio), San Diego, Calif., verão de 1992.

[12] David W. Smith, *The Friendless American Male* (Ventura: Regal Books, 1983), 14.

[13] R. Kent Hughes, *Disciplines of a Godly Man* (Wheaton: Crossway Books, 1991), 61. No português, *Disciplinas do homem cristão*, São Paulo, CPAD.

O que é preciso para alcançar os homens

Fortalecer a minoria silenciosa da igreja



Há alguns anos, assisti a um bate-papo na televisão local sobre homens que assistiram um seminário de Robert Bly, autor de *Iron John: A Book about Men* [*João de ferro: um livro sobre homens*]. Eu pensei, *agora saberei do que se trata um movimento de homens. Esses camaradas me mostrarão isso.*

Mas fiquei perplexo ao ver o quanto os homens estavam confusos. Como em um grupo de cura, eles compartilharam suas histórias de desapontamentos e de dores.

Mas não foram além disso — a não ser para dizer: "Foi bom compartilhar".

Eu pensei: *Deve ser necessário mais que compartilhar desapontamentos para ser um homem sadio.*

Esse anseio foi a causa da busca de identidade masculina ter se estendido à arena cristã. Este ano, mais de 250.000 homens participaram dos fins-de-semana dos Promise Keepers [Guardadores da Promessa], em Boulder, Colorado, e outras cidades. Mas isso é mais que uma reação aos ventos seculares dominantes. Esse movimento de homens cristãos é um poço artesiano que irrompe em todos os lugares na superfície de nosso país. É um poço jorrante que não foi criado pela engenharia humana. Ele é nada menos que o Espírito de Deus em operação.

Sempre questionei por que a igreja tinha ministérios tão fabulosos para mulheres, estudantes e crianças, mas nenhum para homens. Quando eu me conecto com outros camaradas sinto-me realizado, focado, vigoroso. À medida

que enxerguei o que acontecia em nossa cultura, um sonho começou a tomar forma em minha mente. Não seria formidável reunir uns cem homens que têm prazer em ser homens? E não seria ótimo fazer isso na igreja local?

Hora certa, lugar certo

Não sabia como iniciar isso, assim, decidi pregar uma série sobre a família e começar com os homens. O que se iniciou como três mensagens sobre o que significa ser homem transformou-se em oito mensagens. Não posso explicar por que, mas o assunto mexeu muito com nossa congregação. Naqueles domingos de manhã, sentia-se a vibração de todos. Percebi as pessoas inclinarem-se para a frente a fim de escutar melhor.

A média normal de pedidos das fitas gravadas do sermão (de nosso ministério simples da igreja) era de trinta a quarenta fitas por semana. Nas semanas em que falei sobre os princípios da masculinidade, os pedidos de fitas subiram para trezentos (o que diz mais sobre a fome deles que sobre minha pregação). Mas eu não podia continuar a pregar sobre homens para sempre.

Permita-me um aparte, no último domingo de pregação sobre homens, eu disse: "No próximo sábado, às 9:00 horas, estarei aqui na igreja. Os homens que estiverem interessados em discutir mais sobre o que significa ser homem venham nesse horário, e conversaremos mais sobre o assunto".

Entenda o que eu acabava de pedir aos nossos homens. O Oregon e Washington são o 49º. e o 50º. estados em comparecimento a cultos per capita. A cultura local é do tipo no meu território eu sou pioneiro. As manhãs de sábado são especialmente sacrossantas no Oregon. Eu esperava o comparecimento de dez ou doze homens.

No sábado seguinte, trezentos homens compareceram. Fiquei pasmo. Conversamos até o meio-dia, e antes de todos saírem, eu disse: "Iniciaremos um ministério para homens. Vocês estão me dizendo para fazer isso".

Prepare, prepare, prepare

Vale a pensa se preparar para algo compensador. Não queríamos iniciar um ministério de homens de maneira incorreta. O caminho mais rápido para um início incorreto seria dizer: "Aproveitemos o entusiasmo, reunamos alguns homens, façamos um churrasco e vejamos quanto tempo o grupo dura".

Um ministério real exige liderança.

Mas eu sabia que eu não poderia dirigir o ministério. Como pastor, eu já estava ocupado demais. Comecei a orar e me comprometi a achar dois ou três líderes leigos com visão para fazer isso.

Apareceram dois rapazes, na casa dos trinta anos, que eram amigos íntimos um do outro. Um deles é mais o tipo de pessoa de ficar na frente; o outro é mais do tipo de ficar atrás da cena. Ambos são crentes sólidos como a rocha, e a amizade deles tem sido uma salvação nas águas turbulentas da vida deles, e, por isso, eles entendem o poder da amizade masculina.

Eu, esses dois líderes leigos e um dos pastores da própria igreja que supervisionaria o ministério participamos de um fim de semana dos Promise Keepers [Guardadores da Promessa], em Boulder, Colorado. A conferência e o culto com 50.000 homens foram de tirar o fôlego; os fogos espirituais foram espetaculares. A parte que mais ajudou, porém, foi a conferência, de três dias, sobre liderança que antecedeu a conferência do fim de semana. O treinamento forneceu-nos uma visão para nosso ministério.

Durante aquela semana, nosso grupo dizia: "Isso é formidável, mas como se adequaria a nossa igreja?" Não queríamos copiar os Promise Keepers [Guardadores da Promessa], embora essa organização forneça um material excelente; queríamos ser a Igreja da Comunidade do Bom Pastor. Deus muda a história quando as pessoas pequenas de lugares pequenos fazem o que devem. Queríamos ser os homens de Deus na pequena Gresham.

Por isso, procuramos um pouco mais longe e cavamos um pouco mais fundo. Também aproveitamos muito do ministério Cross Trainer [Treinador da Cruz], em Des Moines, Iowa, que tem sido eficaz em reunir homens de muitas denominações.

Ocupar a terra alta

No outono, antes de nossa estréia em janeiro, convidamos de doze a quinze homens para uma série de reuniões de planejamento. Alguns eram idosos, outros estavam na casa dos quarenta anos, alguns eram do tipo executivos, e outros, operários. Eles ajudaram-nos a formular nosso objetivo e nossos planos para o evento inicial.

A cultura em que vivemos cutuca os homens. Sentimos que a melhor maneira de motivar um homem é apontar para a terra alta e dizer: "É isso que o Senhor quer de nós e ainda não chegamos lá. Andemos de braços dados, inclinemos-nos para suportar o vento e subamos juntos a montanha".

Não queríamos jogar culpa sobre os homens nem pressioná-los a entrar em grupos de avaliação. A chave para nós era a afirmação e a aceitação. Aprenderíamos juntos a ser homens. Nossa declaração de propósito era: apontar os homens em direção à terra alta das intenções de Deus no relacionamento dos homens com ele, e no relacionamento uns com os outros, em seus lares, em sua igreja e em seu

mundo, fornecendo-lhes ensinamentos bíblicos, encorajamento eficaz, desafios motivadores e responsabilidade mútua.

Para iniciar o ministério, conseguimos um conferencista bastante conhecido que compareceria na noite de sexta-feira e na conferência do sábado. Havia uma fila de homens para registrar-se no evento com antecedência. Até vendemos, na nossa igreja, certificados para as mulheres darem de presente aos homens cujo anúncio dizia: "Homens, estamos planejando fazer isso (um grupo de homens comparecerá). Por falar nisso — filhas, esposas, mães — se vocês querem que seu homem esteja aqui, pague e dê o certificado de registro como um presente".

Os homens corresponderam, e um número surpreendentemente grande apareceu para o evento inicial realizado em nossa igreja.

Pelotão

Tudo bem em ir a uma reunião de batalhão, mas a maior parte do combate ocorre no pelotão. No final de nosso fim de semana de abertura, anunciamos: "Faremos nossas reuniões todas as terças-feiras de manhã, às 6:15 horas, na igreja". Na fase de planejamento, decidíramos que precisávamos formar grupos menores, mas queríamos dar-lhes liberdade para que tomassem essa decisão no tempo deles.

Chamamos essas reuniões das manhãs de terça-feira de "Terra Alta" porque nós vivemos no Oregon, em que todos amam subir montanhas. Eis como fizemos na primavera do ano passado.

Das 6:15 às 6:30 horas, os homens chegavam e ficavam à vontade, comiam bolachas e tomavam café. Das 6:30 às 6:55 horas, um instrutor, geralmente eu ou outro membro do pessoal da igreja, lecionava. Em uma manhã, por exemplo, contei a respeito de um de meus melhores amigos que, na manhã de abertura da estação de caça no Oregon, morreu enquanto eu estava ajoelhado ao seu lado na mata. Ele deixou um filho de dezessete anos, uma filha de treze e um filho de oito. Eu perguntei: "O que ele fizera que tivesse real importância em sua vida?" No caso dele, ele deixara um legado poderoso. Ele era compromissado de todo coração tanto com sua família como com a família de Deus.

Depois da mensagem de 25 minutos, encerramos a reunião dando quatro opções aos homens:

Sair. Alguns homens precisavam ir para o trabalho; outros ainda não estavam confortáveis com a intimidade de um grupo menor. Nós dizíamos: "Não são nem 7:00 horas; você ainda pode chegar no serviço no horário. Mas se você quiser ficar, há outra opção que dura apenas trinta minutos".

Assistir a um grupo de recém-chegados. Esse é um tempo informal em que os homens são guiados em direção ao grupo, conhecem os líderes e fazem perguntas.

Participar de uma roda de conversa. São grupos informais (de dez a quinze homens cada) em que têm oportunidade de discutir o assunto estipulado para aquela manhã. Os homens podem apenas sentar-se e escutar a conversa ou entrar na discussão. Cada grupo tem um líder com perguntas preparadas sobre a palestra da manhã.

Participar de uma equipe 4-A. Esses grupos, de dois a cinco homens, reúnem-se uma vez por semana (na terça-feira de manhã ou em outro horário). Esse constitui-se claramente o próximo estágio de compromisso, e queremos que todos os homens terminem aqui. Dizemos a eles que a terra mais alta é a amizade profunda com outro homem.

O objetivo é tornar-se responsável com os outros membros da equipe 4-A. O regulamento subentendido é: confidencialidade que permite que os homens falem sobre assuntos difíceis.

Na terça-feira seguinte ao fim de semana inicial, mais de um terço dos que assistiram à conferência apareceram logo cedo. Reunimos-nos a cada manhã de terça-feira até o dia primeiro de junho. (No Oregon, os verões não têm limites. Você não briga com isso; você se adéqua a isso.)

Aprender a nadar

Nosso ministério de homens é novo; entramos na água apenas até as canelas. Mas vários princípios têm nos ajudado.

Modele tanto o fracasso como a convicção. Na primavera passada, eu contei a nossos homens um de meus fracassos com meu primeiro filho:

"Eu nunca fora pai antes; meu filho nunca fora filho antes; nós aprendíamos juntos. Uma vez ele cometeu o erro de violar as duas regras de meu lar de origem: não responda feio para sua mãe; não responda feio para seu pai. Quando ele fez isso, minha mão 'involuntariamente' bateu no peito dele. Eu digo involuntariamente porque aconteceu antes de eu perceber o que fazia. Eu o derrubei do outro lado do sofá.

"Quando ele caiu, eu percebi o que tinha feito, então eu caí com ele. Quando estávamos deitados no chão, eu comecei a chorar e disse: 'Será que você pode me perdoar?'"

Essa história forneceu um momento de ensino para nossos homens. Falhas de pais, falhas de liderança, falhas de esposo — todo homem já falhou, portanto, eles se identificam com a falha. Quem faz palestras para homens precisa dizer: "Eis o que aconteceu comigo. Eu erro com freqüência".

Mas transparência não é suficiente; você tem que dar o modelo de convicção franca, aberta, o compromisso de crescer para além da falta e em Cristo. As duas ênfases precisam estar presentes.

Conheça os homens que você tenta alcançar. Sempre lembramos os homens do fato de que têm uma escolha; nós queremos que eles se movam para as equipes 4-A, mas, talvez, eles precisem testar as águas e talvez não fiquem na primeira equipe 4-A que escolhem. No entanto, alguns ministérios para homens exigem um alto grau de compromisso já de início. Por exemplo, os homens não participarão a não ser que tragam, pelo menos, um amigo e se comprometam a assistir todas as sessões do ano.

Creio que a diferença em assumir compromisso seja resultado de uma diferença cultural. Uma congregação com membros do tipo executivo pode responder a um chamado de compromisso de alto nível logo de início; eles não se sentem ameaçados com isso porque, como executivos, assumem desafios todos os dias.

Mas em outras congregações, uma abordagem mais aberta, em que permite-se aos homens proceder de acordo com seu ritmo funciona melhor. O ponto é que cada igreja precisa avaliar seu público a fim de criar o programa certo para alcançar os homens.

Um mito de ministério de homens é que eles não se juntam. Eles se comprometem, sim, se não forem forçados, e se a causa valer à pena.

Torne mais fácil para os homens entrarem em relacionamentos mais profundos. Recomendamos aos homens de nossas equipes 4-A que moderem suas expectativas, que esse não é um grupo milagroso. É um grupo de homens comprometidos com os melhores interesses um do outro. Não é uma questão de se ser aprovado ou reprovado.

No início de cada novo grupo, sugerimos que os homens façam uma lista de quatro perguntas, pessoais e específicas, que querem que lhes façam a cada semana. Assim, eles podem dar essa lista a alguém de seu grupo no próximo encontro.

Isso ajuda a acabar com o desajeitamento que atrapalha os primeiros estágios da intimidade. E permite momentos de aproximação incrível: "Ah, você também? Eu achava que era o único!".

Fale sobre os assuntos deles. Parece óbvio, mas os homens precisam ouvir a respeito de homens. Por exemplo, tentamos alcançar a questão da paternidade. Recentemente, a fim de fazer isso, contei aos homens sobre meu filho mais novo.

"Meu filho mais novo é o caçula de três meninos. Os dois mais velhos têm muita energia; o terceiro, embora não tenha pouca energia, é o caçula. A pessoa não tem muito como se destacar nos esportes quando tem um irmão que já conquistou o título disso, e outro que conquistou o título daquilo.

"Como pai, eu me preocupava com o nosso caçula. Ele é o mais sensível dos três. Com o intuito de incentivá-lo, passei muito tempo com ele ao ar livre — acampando, caçando, pescando. Qualquer pessoa que já praticou essas atividades sabe que o canivete é um equipamento essencial — o homem com a melhor lâmina consegue completar o serviço. Assim, seja onde for que acampe você sempre precisa do canivete.

"Meu filho Ryan tinha um canivete que se tornou sua identidade. Seus irmãos mais velhos sempre pediam o canivete dele quando estávamos armando o acampamento. Esse tornou-se o *status* dele na tribo. Ele era o homem com a faca boa.

"Certo ano, em meu aniversário, minha família planejou uma festinha para mim. No início daquela tarde, meu caçula entrou em meu escritório quando eu estudava. A princípio eu não o ouvi; eu o senti — pude sentir sua presença — e me virei.

"Ele escolheu esse momento para me procurar porque queria me dar um presente de aniversário, mas não na festa. Queria que estivéssemos apenas ele e eu. Ele me deu o presente, e eu o abri — era seu canivete. Quando meus olhos se levantaram para os dele, os olhos dele estavam fixos nos meus. Esse foi um desses raros momentos em que o espírito encontra o espírito, e em que não há expressão verbal adequada para transmitir o sentimento profundo que há entre vocês dois."

A história serviu como ponto de partida para que os homens fizessem perguntas sobre os próprios pais e sobre como eles se saem como pais.

Treine líderes. C. S. Lewis escreveu: "Como homem, é doloroso ter que afirmar o privilégio, ou o peso, que o cristianismo põe sobre o meu gênero. Eu estou muito ciente do quanto a maioria de nós é inadequado, em nossa individualidade real e histórica, para ocupar o lugar preparado para nós".

Cremos que os líderes de homens precisam ser seguros de sua masculinidade. Nossos líderes têm que ser capazes de responder à pergunta: "O que significa ser um homem?". Com certeza, se um líder não souber responder essa pergunta, ele não pode ajudar outros homens a celebrarem sua masculinidade.

Para nós, a resposta a essa pergunta está na narrativa da criação do mundo e em outras passagens bíblicas fundamentais. Cremos que Deus considera o homem responsável por aqueles que são mais próximos e queridos dele. O homem casado é chamado a desprender-se de si mesmo para que sua esposa possa ser a mulher que Deus quer que ela seja.

Além disso, os líderes masculinos precisam estar bem seguros na graça de Deus para poder compartilhar seus fracassos, porque é isso que abre o coração dos homens.

Modelar masculinidade

Garrison Keillor diz que a hombridade, que já foi uma oportunidade para realização, hoje é um obstáculo a ser vencido. É por isso que hoje, mais que nunca, os homens precisam saber que devemos celebrar a masculinidade. Eles seguirão qualquer pessoa que diz: "Estou contente que você seja homem, e eu o respeito por ser um."

Um pastor não precisa ser do tipo atlético, vigoroso que vive ao ar livre para liderar homens. O verdadeiro músculo do homem não está em seus ombros ou em seu bíceps. Está em seu coração, em seu caráter.

Na verdade, o homem que eu seguiria até os confins da terra sempre duvidou de sua masculinidade. Seu pai nunca o aprovou, e sua mãe era perfeccionista. Mas eu seguiria esse homem a qualquer lugar, porque ele é autêntico, tem um coração comprometido em fazer o que Deus considera certo.

Esse tipo de modelagem permite que os homens sejam homens. Eles querem saber não apenas que está tudo bem em ser homem, e sim que é crítico ser um homem. É isso que alcança os homens.

Notas

*Este material foi extraído de um artigo de Stu Weber, publicado no *Leadership Journal.*